

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

FLÉGON DE TRALES

HISTÓRIA, HISTÓRIAS E PARADOXOGRAFIA: *OPERA OMNIA*

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora da tradução

Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 2014; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), 2013, Universidade de Coimbra; Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), Universidade de Coimbra, 2013; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (lecionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento); Diretora dos Cursos de Mestrado em Estudos Ibéricos e em Ciências Documentais; Membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

FLÉGON DE TRALES

HISTÓRIA, HISTÓRIAS
E PARADOXOGRAFIA:
OPERA OMNIA

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
REINA MARISOL TROCA PEREIRA
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

História, Histórias e Paradoxografia: *Opera Omnia*
History, Stories and Paradoxography: *Opera Omnia*

AUTOR AUTHOR

Flégon de Trales Phlegon of Tralles

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira

ORCID

0000-0001-9681-8410

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt
Vendas online Online Sales
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by
KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1741-1

ISBN Digital

978-989-26-1742-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1742-8>



POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

© Março 2019

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

FLÉGON DE TRALES PHLEGON OF TRALLES

HISTÓRIA, HISTÓRIAS E PARADOXOGRAFIA: *OPERA OMNIA*

HISTORY, STORIES AND PARADOXOGRAPHY: *OPERA OMNIA*

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade da Beira Interior University of Beira Interior

RESUMO

Autor clássico tardio de expressão grega, Flégon Trales ganhou notoriedade reconhecida por séculos, através de obra mormente perdida para a modernidade, à exceção de alguns fragmentos e secções de *Sobre Maravilhas*, *Acerca de Vidas Longas* e *Sobre as Olimpíadas*. Poderia constituir apenas mais um legado a acrescentar a tantos outros. Porém, a escrita de Flégon mostra-se enriquecedora, permitindo assistir a notas orientais; à assimilação cultural empreendida pelos dominadores militares romanos; à vivência e ao valor de elementos tradicionais pagãos num paradigma judaico-cristão que em certos casos demonstra a apropriação indevida e abusiva de afirmações do historiador traliano. Os temas poderão simplesmente entender-se como matéria leviana de gosto popular, marcada pela exploração de temáticas grotescas e assombrosas. Porém, uma exegese distinta proporcionará uma elevação dos *opuscula* do Traliano, se entendidos como invólucros enigmáticos de realidades sociais com atualidade então e agora.

PALAVRAS-CHAVE

Paradoxografia, história/histórias, mito, a-normalidade(s).

ABSTRACT

Late classical author of Greek expression, Phlegon of Tralles was recognized for centuries, through his work. Most of the books of the emperor Hadrian's freedman are currently lost, with the exception of some fragments and sections of *On Marvels*, *On Long-Lived Persons* and the *Olympiads*. It could be just another legacy to add to so many others. However, the writing of Flégon is enriching, preserving

oriental notes; the cultural assimilation undertaken by the Roman military dominators; the experience and the value of pagan traditional elements in a Judeo-Christian paradigm which in some cases demonstrates the misappropriation and misuse of some statements made by the Historian from Tralles. The themes can simply be understood as light issues of popular taste, marked by the exploration of grotesque and astonishing themes. However, a distinct exegesis will provide the elevation of Phlegon's *opuscula*, as enigmatic containers of social realities maintaining an up-to-date character.

KEYWORDS

Paradoxography, history/stories, myth, (ab)normalities.

AUTORA

Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 2014; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), 2013, Universidade de Coimbra; Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), Universidade de Coimbra, 2013; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (lecionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento); Diretora dos Cursos de Mestrado em Estudos Ibéricos e em Ciências Documentais; Membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos.

AUTHOR

Aggregation in Classical Studies, University of Coimbra, 2014; Post-doctorate (Latin and humanist literature and culture), University of Coimbra, 2013; PhD in letters (linguistics), at the University of Beira Interior, 2003; 2nd PhD (Greek literature) at the University of Coimbra; Master's degree (MA) in Classical Literatures, University of Coimbra, 2000; B.A. at the University of Coimbra, 1997. Assistant Professor, at the University of Beira Interior (2000 -); Director of the master course in Information Sciences (2011 - 2017); Director of the master course in Iberian Studies (until 2011); Member of the Center of Classical Studies and Humanities of the University of Coimbra (CECH); National and International Peer Reviewed Publications.

Aos de sempre, para sempre!

χρημάτων ἄελπτον οὐδέν ἐστιν οὐδ' ἀπώμοτον
οὐδὲ θαυμάσιον [...].

“Nada pode deixar de esperar-se, nada pode afirmar-se ser
impossível, nem ter-se como assombroso [...].”

(Archil. fr. 122.1-2 W)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
1. PROLEGÓMENOS: PARADOXOGRAFIA - APRECIACÕES GERAIS	13
2. FLÉGON: CONSIDERAÇÕES BIOGRÁFICAS DE UM PARADOXÓGRAFO	21
2.1. Flégon: um pagão sob olhares cristãos	23
2.1.1. Flégon e a Paixão de Cristo: corruptelas intencionais	24
a. Orígenes	25
b. Eusébio / S. Jerónimo	32
c. Filópono	36
d. Malalas	37
2.2. Produção Literária	43
2.2.1. Questões de autoria	43
2.2.2. Manuscritos e edições	45
2.2.3. História e histórias	49
2.2.4. <i>Opera</i>	57
a. <i>Sobre Maravilhas</i> , Περὶ θαυμασίων	57
Cultura fantasmagórica em Flégon Traliano: episódios de <i>poltergeist</i> (1-3)	58
Marcas sexuais	
Gestantes/parturientes fora do usual	81
Nascimentos múltiplos	83
Nascimentos a-normais (grotescos)	84
Hibridismo	86
Hipocentauros	88
A-normalidades biológicas humanas	89
Androginia e hermafroditismo	90
Gigantismo	99
Desenvolvimento rápido	102
b. <i>Acerca de Vidas Longas</i> , Περὶ μακροβίων	102
c. <i>Sobre as Olimpíadas</i> , Περὶ τῶν Ὀλυμπίων	107
d. Intertexto - Flégon e Fragmentos Sibílicos	110
Religiosidade(s)	110

TRADUÇÕES	
<i>Sobre Maravilhas</i>	115
<i>Acerca de Vidas Longas</i>	147
<i>Sobre as Olimpíadas</i>	157
BIBLIOGRAFIA	162
<i>INDEX NOMINVM</i>	197

PREFÁCIO

A publicação que ora se apresenta prossegue uma linha de estudos precedente do âmbito da paradoxografia helénica, designadamente Ps. Aristóteles, *Sobre Prodígios Escutados*; também *Paléfato. Heraclito. Anonymus. PERI APISTON (Sobre Fenómenos Inacreditáveis)*. Introdução, Notas, Tradução do Grego, Índices e Bibliografia por Troca Pereira, R. *Journal of Ancient Philosophy* 10.2: 140-302. Dos casos referidos, *De mirabilibus auscultationibus* (Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων), atribuído a Aristóteles, colige 178 apontamentos diversos entre o incrível e o verosímil, distribuídos em agrupamentos temáticos, percorrendo diversas áreas, como etnografia, botânica, geografia, zoologia, mitologia, curiosidades radicadas em alegados saberes tradicionais. A obra seguinte expõe algumas considerações contextualizantes a respeito dessa (chamemos-lhe) modalidade literária, que certamente expressava um gosto popular num misto de curiosidade, mitologia e novelística, que justifica a sua divulgação e cultivo perenes, tanto em grego como em latim. O evidente didatismo sob uma máscara de pseudo-cientificidade aproxima três títulos dessa publicação de autores distintos, em épocas temporais diferentes, sob um mesmo título - *Sobre Fenómenos Inacreditáveis* (Περὶ ἀπίστων).

Na sequência desses testemunhos literários, surge agora espaço para um autor clássico tardio, de naturalidade não europeia, ainda assim no retrato expansionista romano. De expressão grega, o historiador Flégon Trales, da Lídia, ganhou notoriedade reconhecida por séculos, através de obra mormente perdida para a hodiernidade, à exceção de alguns fragmentos, e *Mirabilia* (Περὶ Θαυμασίων). O livro integral poderia constituir apenas mais um espécime a acrescentar a tantos outros. Porém,

a escrita de Flégon mostra-se enriquecedora, permitindo assistir a notas orientais; à assimilação cultural empreendida pelos dominadores militares romanos; à vivência e ao valor de elementos tradicionais pagãos num paradigma judaico-cristão. Os temas poderão simplesmente entender-se como matéria leviana de gosto popular, marcada pela exploração de temáticas grotescas e assombrosas. Porém, uma exegese distinta proporcionará uma elevação dos *opuscula* do Traliano, se entendidos como invólucros enigmáticos de realidades sociais com atualidade então e agora.

Em termos estruturais, divulgam-se algumas noções introdutórias, a título contextualizador da paradoxografia. Seguem-se comentários e considerações de diversa ordem, centradas em Flégon. A tradução aplica-se à obra integral *Περὶ Θαυμασίων* e estende-se a fragmentos de *Περὶ μακροβίων* e *Περὶ τῶν Ὀλυμπίων* incorporados no original grego seguido. Transversalmente, incluem-se notas esclarecedoras. Acrescentam-se, outrossim, indicações bibliográficas que possam ser de utilidade para o leitor, bem como índices facilitadores da consulta.

* * *

Cabe agora prestar devido reconhecimento aos mestres que, desde o início, manifestaram disponibilidade e altruísmo incondicionais na partilha dos seus saberes, nas suas avaliações, comentários, aconselhamentos e, em particular, ao Professor Doutor Delfim Leão, Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Diretor do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH), entidade magistral para divulgar plúrimas análises na área a que se consagra.

27 de novembro de 2017
Reina Marisol Troca Pereira

1. PROLEGÓMENOS: PARADOXOGRAFIA - APRECIACÕES GERAIS

A obra *Περὶ Θαυμασίων* posiciona-se num ‘limbo’ literário entre mito e razão (cf. παραδοξολογέω, ‘contar maravilhas’)¹, enquanto produto do sistema semiótico secundário, apresentado como um registo (pseudo-)histórico de eventos fantásticos², supostamente testemunhados, donde o recurso a formas declarativas como φησί, φασίλέγει, λέγεται. Exemplar de paradoxografia³, género⁴ criado no séc. III a.C., reflete um efeito surpresa através de histórias recolhidas⁵.

¹ Vd. Ziegler 1949; Dodds 1973; D’Ippolito 1980; Hansen 1996; Silva Sánchez 1996; Wenskus — Daston 2000; Thomas 2004.

² Vd. Stramaglia 1999, 2006.

³ O vocábulo ‘paradoxógrafo’ pertence ao bizantino Tzetzes (*H.* 2.151), a propósito de Antémio de Trales. Cf. Giannini 1966.

⁴ Em termos semânticos, o género (cf. literatura do maravilhoso - παράδοξος, ‘incrível’, ‘inesperado’, ‘contra a δόξα maioritária; παραδοξολογία - vd. Aeschin. 72.14; Plb. 3.47; παραδοξολογέω - vd. Strat. 13.4.5; D.S. 1.69; opostamente a ἔνδοξος, ‘esperado’. Cf. Pl. *R.* 472a), recorre a lexemas como θαῦμα (‘assombro’), θαυμάσιος, θαυμαστός, θαυμαστός, παράδοξος, ἄπιστος (‘incrível’. Cf. lat. *Mirabilia/Admiranda*), ἴδιος (‘peculiar’), τερατώδης, (τέρας/*monstrum*); περιττός; ἄξιος (vd. θέης ἄξιος, λόγου ἄξιος, μνήμης ἄξιος). Ainda que a paradoxografia não configure propriamente um género literário, a tradição retrata descrições assombrosas / recontos fantásticos sobre fenómenos naturais, que funcionam como explicações assombrosas (cf. Antig. *Mir.* 60: καὶ πεπειράται ἐξηγητικώτερον ἢ ἱστορικώτερον ἐν ἐκάστοις ἀναστρέφεισθαι, “e tenta tratar-se cada caso de um modo mais explicativo do que descritivo”), à falta de interpretações racionalistas (cf., a título ilustrativo sumário, Archil. fr. 122 West, a respeito do eclipse solar de 648 a.C. Sobre a paradoxografia enquanto género literário, vd. Cavallo 1975; Pugliara 2002; Ferrini 2003; Pajón Leyra 2011, 2012.

⁵ Vd. Jacob 1983; Schepens — Delcroix 1996; Troca Pereira 2016c. Os paradoxógrafos, segundo Apolónio (6.7.3-4), não deveriam limitar-se a reproduzir relatos assombrosos. A este propósito, importará considerar

Na Antiguidade, a paradoxografia conta com diversos autores, cujas obras, na sua maioria, se perderam, tendo chegado à atualidade apenas a sua notícia. Considerando vários textos desaparecidos⁶, outros votados ao anonimato ou velados na pseudoepigrafia⁷, outros remanescentes integralmente ou através de fragmentos de transmissão direta ou indireta contidos em manuscritos medievais, registam-se diversos momentos na paradoxografia da Antiguidade. Desde logo, testemunhos prévios, designadamente nas epopeias ditas homéricas e em Hesíodo. Outros contributos prendem-se também com a colonização grega desenvolvida no Mediterrâneo, c. séc. VIII a.C., e a historiografia jónia⁸. Assim, delimitam-se vários períodos no

termos como συναγωγή, ‘recompilação’ (e.g. Ἀριστοτέλους συναγωγῆς, ‘Recompilação de Aristóteles’ – vd. Arist. *HA* 9) e ἐκλογή, ‘seleção’, uma distinção nem sempre estritamente ativa (cf. Antig. *Mir.* 60. O paradoxógrafo apresenta a sua obra como ἐκλογή, porém o título, no manuscrito *Pal. Gr.* 398, refere-a como συναγωγή: Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Compilação de Histórias Admiráveis*), para definir o trabalho do paradoxógrafo, afinal uma fonte segunda, compiladora de aspetos alheios alegadamente vivenciados e reportados por outros, trabalho que se inscreve no domínio dos catálogos, ditos e *anecdota* alexandrinistas, recolhidos no Período Helenístico. Vd. Susemihl 1891; Tarn — Griffith 1927; Merkelbach 1954; Boissonade 1962. Porém, a exemplo de Antig. *Mir.* 26, a propósito do seu trabalho sobre Ἀριστοτέλους συναγωγῆς, *Recompilação de Aristóteles* – vd. Arist. *HA* 9 -, embora haja quem se classifique como autor de ἐκλογή, a distinção entre ambos os termos parece ter-se dissipado, porquanto o título constante no manuscrito *Pal. Gr.* 398 se assume como συναγωγή.

⁶ E.g. obras atualmente perdidas de Varrão, *Logistorici: Gallus Fundanius de Admirandis vel De Imaginibus de Forma Philosophiae* (Plin. *HN* 31.12. Cf. maravilhas de foro aquático referenciadas por diversos autores, que Plínio recorda (*HN* 31.17-19); Cícero, sob o título *Admiranda, A Propósito de Maravilhas*; Muciano (Muc.), *Mirabilia*. Vd. Schanz — Hosius 1979: 561; Pecere — Stramaglia 1996: 429; Petersson 1963: 351 (paradoxografia romana); Gabba 1981; Beagon 1992; Campbell 1991; Romm 1992; Ash 2007.

⁷ E.g. [Ps. Arist.], Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *De mirabilibus auscultationibus; Paradoxographus Florentinus* 218 (43 *mirabilia*). Vd. Meursius 1622; Vanotti 2007.

⁸ Cf. cidades da Ásia Menor; os ataques de Dario; conhecimento de zonas geográficas distantes, como a Índia; historiadores, a exemplo

âmbito da paradoxografia: um primeiro momento, ainda no séc. IV a.C.⁹, antes do período subsequente, no século III a. C.¹⁰; depois, o período dos séculos III/II a. C.¹¹; também os séculos

de Escílax de Carianda, Hecateu de Mileto, Xanto da Lídia, Heródoto, Tucídides, Ctésias de Cnido (sobre Pérsia e Índia. Vd. Karttunen 1981), Onesícrito, Nearco, Clitarco, Timeu, Antígono de Caristo, Filarco, Dúris de Samos. Vd. Magnani 1992-1993.

⁹ Vd. Éforo de Cime - séc. IV a.C. (e.g. Ἐφιππος, *Ephippos*); Teopompo de Quios - séc. IV a.C. (e.g. Θαυμάσια, *Thaumasias*); Teofrasto - séc. IV/III a.C. (e.g. Περὶ τῶν ἀθρόως φαινομένων ζώων, *Sobre animais que aparecem em grupos*); o físico Estratão de Lámpsaco - séc. IV/III a.C. (e.g. Περὶ τῶν ἀπορουμένων ζώων, *Acerca de animais cuja existência se questiona*; Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζώων, *Sobre animais em mitos*); além de diversos outros.

¹⁰ Vd. Calímaco de Cirene (e.g. Παραδόξων ἐκλογή/Θαυμάσια, *Seleção de Estranhos Eventos/Maravilhas*); Antígono de Caristo (e.g. Θαυμάσια, *Maravilhas*); Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Compilação de Histórias Admiráveis*. Cf. influência de Ps. Arist. Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *Sobre os Prodígios Escutados*; Call. Θαυμάσια, *Maravilhas*); Bolo de Mendes (e.g. Χειρόμηκτα, *Remédios Artificiais*); Fílon de Heracleia (e.g. Περὶ θαυμασίων, *Sobre Maravilhas*); Filostéfano Cireneu (e.g. Περὶ παραδόξων ποταμῶν, *A respeito de Rios Maravilhosos*); Arquelaou de Quersoneso (e.g. Ἰδιοφυή, *Seres de natureza peculiar*; Περὶ τῶν θαυμασίων, *Epigrammata de mirabilibus*); Mirsilo (e.g. Λεσβιακά, *Lesbiaka*); Μόνιμο (e.g. Θαυμασίων συναγωγή, *Coleção de Contos Fantásticos*); e a paradoxografia Alexandrina, em Período Helenístico.

¹¹ Vd. Apolónio de Rodas (cf. Ἀργοναυτικά, *Argonautas*; Γέγραφε Καρική, *História de Cária*; Περὶ Ὀρφέως καὶ τῶν τελετῶν αὐτοῦ, *Sobre Orfeu e os seus Ritos*); Aristandro (e.g. Παράδοξα γεωργίας, *Campos Incríveis*; Ἱστορίαι θαυμάσιαι, *Recontos Maravilhosos*); Lisímaco (e.g. Θηβαικὰ παράδοξα, *Maravilhas Tebanas*); Ninfodoro; Pólemo (e.g. Περὶ ποταμῶν, *Sobre os Rios*; Περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ θαυμαζομένων ποταμῶν, *Acerca de Rios Fantásticos na Sicília*).

II/I a.C.¹²; e ainda o Período Imperial (27 a.C. – 565 d.C.)¹³.

¹² Vd. Agatárquides (e.g. Τῶν κατὰ τὴν Ἀσίαν, *Acontecimentos da Ásia*; Τῶν κατὰ τὴν Εὐρώπην, *Acontecimentos da Europa*; Περί τῆς Ἐρυθρᾶς θαλάσσης, *Sobre o Mar Vermelho*; Ἐπιτομὴ τῶν συγγεγραφότων θαυμασίων, *Compêndio de Escritores de Maravilhas*; Περί ἀνέμων [ἀνθρώπων], *Sobre ventos*); Heraclides Lembo (e.g. Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγὴ, *Histórias Admiráveis*); Isígono (e.g. Ἄπιστα, *Coisas Inacreditáveis*); Nicolau Damasceno, Παραδόξων ἔθῶν συναγωγὴ, *Recolha de usos e costumes admiráveis*; Ἱστορία καθολικὴ, *História Universal*; Ἐθῶν συναγωγὴ, *Compilação de Costumes*); Diófanes.

¹³ Vd. Agatóstenes; Africano (e.g. Κεστοί, *Kestoi*); Alexandre (e.g. Θαυμασίων συναγωγὴ, *Coleção de Maravilhas*); Arístocles; Flégon de Trales (e.g. Ἐκφρασις Σικελίας, *Descrição da Sicília*; Περί τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων, *Topografia Romana*; Περί τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ἑορτῶν, *Sobre Festividades dos Romanos*; Περί θαυμασίων, *Fenômenos Assombrosos*; Ἐπιτομὴ ὀλυμπιονικῶν, *Catálogo de Vencedores Olímpicos*; Περί μακροβίων, *Acerca de Vidas Longas*); Damáscio; Hieráo; [Plutarco], séc. I/II (e.g. Περί ποταμῶν καὶ ὄρῶν ἐπωνυμίας καὶ τῶν ἐν αὐτοῖς εὕρισκομένων, *De fluviis*); Eliano (e.g. Περί ζῶν ἰδιότητος, *Acerca de Características dos Animais*); Luciano (e.g. Ἀληθῆ διηγήματα, *Histórias Verdadeiras*); Protágoras (e.g. Γεωγραφία τῆς οἰκουμένης, *Geografia* - esp. I.6); Sotion; Trófilo. Cf., outrossim, Cláudio Eliano, séc. I /II (Περὶ ζῶν ἰδιότητος, *De Natura Animalium*); Antémio de Trales, séc. V/VI (Περὶ παραδόξων μηχανημάτων, *Sobre máquinas fantásticas*); no séc. XI, Pselo (Περὶ παραδόξων ἀκουσμάτων, *Sobre maravilhas escutadas*). Cf., a propósito de produção literária do maravilhoso disponível, Phot. *Bibl.* 130: Ἀνεγνώσθη Δαμασκίου λόγοι δ', ὧν ὁ μὲν πρῶτος ἐπιγραφὴν ἔχει περὶ παραδόξων ποιημάτων κεφάλαια τνβ', ὁ δὲ δεύτερος παραδόξων περὶ δαιμονίων διηγημάτων κεφάλαια νβ', ὁ δὲ τρίτος περὶ τῶν μετὰ θάνατον ἐπιφαινομένων ψυχῶν παραδόξων διηγημάτων κεφάλαια ξγ', ὁ δὲ τέταρτος καὶ παραδόξων φύσεων κεφάλαια ρε'. Ἐν οἷς ἅπασιν ἀδύνατά τε καὶ ἀπίθανα καὶ κακόπλαστα τερατολογήματα καὶ μωρὰ καὶ ὡς ἀληθῶς ἄξια τῆς ἀθεότητος καὶ δυσσεβείας Δαμασκίου, ὃς καὶ τοῦ φωτὸς τῆς εὐσεβείας τὸν κόσμον πληρώσαντος, αὐτὸς ὑπὸ βαθεῖ σκότῳ τῆς εἰδωλολατρείας ἐκάθευδε. “Li uma obra de Damáscio, em quatro livros, o primeiro dos quais, com 352 capítulos, intitulado *Acerca de Acontecimentos Incríveis*; o segundo, com 52 capítulos, *Acerca de Incríveis Recontos de Demônios*; o terceiro, com 63 capítulos, *Sobre Inacreditáveis histórias de Almas aparecidas após a Morte*; o quarto, com 105 capítulos, *Sobre Inacreditáveis Aspectos Naturais*. Continham todos recontos impossíveis, inacreditáveis, monstruosidades, feitos de insensatez, como se fossem verdades, dignos do homem ateu e ímpio que foi Damáscio, o qual, quando a luz da piedade alumia o mundo, se

Pese embora algumas novidades e experiências científicas¹⁴ proporcionadas pelas conquistas de Alexandre Magno (e.g. espaços, rios, plantas, animais, pedras, meteorologia, etnografia), o aproveitamento literário do maravilhoso e do fantástico¹⁵ conta com alguma falta de explicações facultadas pela ciência¹⁶, donde a recuperação de certos testemunhos antigos e linhas de pensamento (e.g. estoicismo: Zenão, Antístenes). Faltando outras justificações de índole mais racional, assiste-se à acumulação de

escondeu sob a profunda treva da idolatria.” Já na Era Cristã, o género tem continuidade, com o retrato de *mirabilia*, não raro associados a metamorfoses, proliferando também em contexto latino (e.g. Lucrécio; Vitruvius - cf. 8.3.4, 12, 14, 17; Ovídio - cf. *Met.* esp. 15; Séneca; Plínio - cf. *HN* 2.230; Júlio Obsequente, *Liber Prodigiorum*).

¹⁴ Vd. Edelstein 1967.

¹⁵ A paradoxografia reflete conexões de grande proximidade com outros géneros literários, designadamente com a novelística, já que, na época bizantina (séc. III), influencia a novela helenística. Cf. também apontamentos de mitografia e a literatura periéutica, decorrente de períplos diversos (vd. exploradores, e.g. Píteas de Messala; Ninfodoro de Siracusa, *Περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ θαυμαζομένων*, *Sobre as Maravilhas na Sicília*; *Περίπλοι*, *Períplos*; Megástenes, Deímaco. Cf. África e Ásia). Considerem-se Ath. 6.88, 7.118, 13.55, 89; *schol. Od.* 12.301. Importa atentar no Manuscrito *Palatinus Graecus* 398 (séc. IX, Bibl. Universidade de Heidelberg) como reunião coerente de algumas obras de cariz periéutico (fls. 11r-16v: Anónimo, *Periplus Ponti Euxini*; fls. 30v-40r: Flávio Arriano, *Periplus Ponti Euxini*; fls. 40v-54v. Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei*; fls. 55r-56r: Hanão de Cartago, *Periplus*. Cf. fls. 56v-59v: Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis*) e paradoxográfico (fls. 216r-236r: Flégon Traliano, *Mirabilia*; fls. 236v-243r: Apolónio, *Historiae mirabiles*; fls. 243v-261v: Antígono Carístico, *Historiarum mirabilium collectanea*), além de temáticas e formas dispersas (sc. narrativas amatórias, mitológicas, epístolas, natureza, geografia e história). Vd. Reitzenstein 1906; Sambursky 1963; Hägg 1983; Pajón Leyra 2009; Shannon 2013. Cf. Gómez Espelosín — Pérez Largacha — Vallejo Girvés 1994.

¹⁶ Considere-se a investigação de Aristóteles e dos seus discípulos (cf. Escola do Liceu. Vd. Teofrasto, *Estratão de Lâmpsaco*, Agatárquides de Cnido, Nicolau de Damasco), em diversas áreas científicas, constituindo fontes para a paradoxografia, juntamente com Calímaco (*Pinakes*), no âmbito da Biblioteca de Alexandria.

opiniões emergentes a partir da curiosidade, do exotismo¹⁷, das preocupações e atrocidades. Procura-se, em termos gerais, verossimilhança/plausibilidade (cf. ‘comum’, τὸ εἰκόσ; ‘plausível’, τὸ πιθανόν, face à ‘verdade’, ἀλήθεια), esbatendo-se as fronteiras entre verdade e ficção. Ainda assim, concomitantemente às informações de plausibilidade tradicional (cf. εἰκόσ) contempladas na literatura paradoxográfica e às lições proporcionadas pela mitologia¹⁸, em toda a sua proficiência e com todo o seu cariz simbólico, assiste-se a atitudes de racionalização¹⁹ de *mirabilia* (logografia), através de interpretações/explicações/ formas de conhecimento histórico-científicas (cf. alegorismo)²⁰;

¹⁷ Cf. a paradoxografia enquanto produto exótico, gerador de curiosidade face a diferenças culturais, numa linha de confronto entre resistência e popularidade/populismo, também presente na literatura convivial/ de simpósio, conforme se depreende a partir do testemunho de Gell. 9.4 (e.g. Pl. *Smp.*; Gell. *Noctes Atticae*; Plutarco, *Quaestiones conviviales*; Ateneu, Δειπνοσοφισταί, *Deipnosophistai*; Macróbio, *Saturnalia* 7. Cf. a lista de Tzetzes, *H.* 7.621-760, contendo igualmente autores de testemunhos literários reduzidos a fragmentos). Cf. Wittkower 1942; Martin 1968; Vickers 1978; Vetta 1995; Hammer 2004; Matthäus 1999-2000.

¹⁸ Importa considerar diversas fases no tocante ao tratamento da mitologia. Por um lado, como um ramo da genealogia, historiografia ou filosofia. Assim Xenófanes, séc. VI a.C.; Hecateu, final séc. VI a.C., *Genealogias*; Teágenes de Régio, séc. VI a.C., tratando os deuses como personificações de qualidades (cf. faltas também) ou elementos morais; Acusilau, Ferécides; Helânico. Numa segunda fase, o tratamento do mito de forma racionalista ou pragmática (Evémero. Cf. Paléfato, Heraclito) e alegórica, pretendendo vislumbrar mais num mito do que a história parece aparentar à primeira vista; alterações motivadas por questões literárias e continuado por filósofos do final do século VI a.C. (Estesícoro, Xenófanes) [Estesícoro filósofo?]. Vd. Protágoras; Pródico de Ceos; filósofos estoicos, cínicos (método alegórico); Heródoto; Herodoro (método pragmático). Já no Período Helenístico, constata-se que os autores se limitam mormente a compilar, não a interpretar. Vd. Eratóstenes, Partênio, Cónon, Antonino Liberal; no cenário latino, Higino e Ovídio.

¹⁹ Vd. Wipprecht 1902. Sobre ‘racionalização’, ‘desmistificação’, vd. Miller 2014.

²⁰ Cf., numa aceção racionalista, ‘mito’ enquanto erro/mal-entendido da história, corrigido por força de disciplinas científicas/domínios do

ἀνέκδοτα (factos pouco conhecidos, não publicados, não atribuídos); teorias de evemerismo²¹; alegoria e etimologia²². Aliás, o entendimento do mito, como veículo ligado ao maravilhoso (cf. Arist. *Metaph.* 1.982b: ὁ γὰρ μῦθος σύγκειται ἐκ θαυμασίων, “na realidade, o mito é composto de maravilhas”), permitindo a consciencialização da ignorância, proporciona um incremento filosófico²³. Importa, além disso, contemplar a apreciação de acontecimentos e fenómenos eventuais aparentemente inexplicáveis do ponto de vista científico/racional - uns alegadamente fruto de determinações do destino/divinas, outros

saber - maioritariamente do foro da Natureza, nos quais se imiscui (viz. história, filosofia, geografia, zoologia, botânica, meteorologia; zoologia; orologia; hidrografia, entre outros). Mais ainda, em termos generalistas, poderá encontrar-se algum relacionamento entre historiografia, na sua dimensão etnográfica; os estudos do Liceu (cf. Aristóteles; Teofrasto) e paradoxografia/*mirabilia* (cf. Hdt. 1.1). Vd. Wehrli 1892; Pépin 1958; Mueller 1972; Lloyd 1973; Sordi 1987; Callebat 1988; Barnes 1994; García Moreno 1994; Gómez Espelósín 1996.

²¹ Cf. teoria racionalista de Evémero, no século IV a.C. Consideram-se as divindades enquanto divinização de heróis, após a sua morte. Assim, cidadãos comuns, como Menécrates; suseranos com hábito de elevar-se com títulos divinos - Clem. Al. *Protr.* 4.54.3: Καὶ οὐτὶ γε βασιλεῖς μόνον, ἀλλὰ καὶ ἰδιῶται θείας προσηγορίας σφᾶς αὐτοὺς ἐέμνυνον, “Tanto reis como pessoas privadas exaltavam-se, intitulado-se a si mesmos deuses”. Também a nobilitação de pessoas e localidades através de uma linha genealógica de cariz mitológico, como as casas dos tantáidas (de Tântalo), estafilina (de Estáfilo), toante (de Toas), maronesa (de Máron), a dinastia de Ptolomeu, alegadamente descendente de Diónisos; ou ainda o historiador Hecateu, que postulava pertencer à décima geração de um ramo parental de proveniência mitológica, segundo relata Hdt. 2.143. Cf. Vaillant 1701: 564-598; Langer 1926; Spyridakis 1968, a propósito do evemerismo; Mattiussi 1988; Burkert 1992: 96-99; Dowden 2006: 99-106; Honigman 2009; Némethy 2010 [1889]; Troca Pereira 2013b; Winiarczyk 2013: 140; Hawes 2014: 137.

²² Cf. racionalização de figuras divinas; encontrar a ὑπόνοια do mito (Pl. *R.* 378d), ou seja, o subentendido do mito (ἀλληγορία); desfazer equívocos/confusões vocabulares. Vd. Hes. *Th.* 144-145, 197-199. No oposito, cf. Cic. *N.D.* 1.36-37, 3.39-40. Vd. Palaeph. 7, 15, 20, 24. Cf. 1, 9, 19. Veja-se Wipprecht 1892; Schraeder 1894.

²³ Vd. Bandinelli 1977.

como milagres²⁴. Assim, explicações de cariz religioso sobre os assombros.

No global, reconhece-se, na multiplicação de escritos de cariz paradoxográfico, o mesmo equivale a afirmar, no âmbito do tétrico fantástico, assombroso, demoníaco²⁵ e macabro, um deleite popular generalizado²⁶, que tardiamente Fócio (*Bibl.* 130) descreve, partindo de Damáscio de Alexandria (séc. V/VI), numa época em que a idolatria pagã parecia cobrir a piedade cristã, num fôlego de vitalidade resistente.

²⁴ Cf. milagre, transversalmente a credos clássicos (e.g. curas medicinais; Asclépio) e ao paradigma judaico-cristão, ligando-se à hagiografia; recontos de *poltergeist* (*poltergeist* – ‘espírito ruidoso’; aparições - εἶδωλον -(F)εἶδος, ‘forma’, εἶδω, ‘ver’, perf. οἶδα – subst. ὄψις; εἶδομαι, ‘parecer’; ψυχή, σκιά, ἴνδαλμα, φάσμα / φάντασμα. Cf. φάω, φαίνω, ‘ver’ / *monstrum, manes, umbra, effigies, simulacrum, imago*); magia, tautologia e até a credices populares sacrílegas/apóstatas; superstições (vd. Petron. 62); cobardice (perante o sobrenatural). Partindo da imortalidade da alma, vd. orfismo, estoicismo, *Od.* 11.219-222; *Pl. Men.* 81b, experiências de quase-morte; sonhos, *omina*, fraudes; remorso; justiça; religiosidade (cerimónias místicas/propiciatórias a entidades ctónicas vd. *Thphr. Char.* 16.1-2); monstruosidades e magia (cf. *Pselo* 72-74). Vd. Alderink 1981; Lateiner 1989; Gager 1992; Kingsley 1995; Mudry 2004; Patera 2014; Petsalis-Diomidis 2010: 153.

²⁵ Vd. Bremmer 2012.

²⁶ Cf. Pecere — Stramaglia 1994; Schepens — Delcroix 1996.

2. FLÉGON: CONSIDERAÇÕES BIOGRÁFICAS DE UM PARADOXÓGRAFO

Protagonista de uma vivência tão rica quanto complexa, Flégon²⁷, julgando a partir do retrato bizantino condensado na enciclopédia *Suda* (φ527)²⁸, natural de Trales, no atual território

²⁷ Moisés de Corene, historiador armênio do século V (*História da Armênia* 2.13, onde transcreve - sem reproduzir o alegado espécime grego, nem mencionar a fonte - um excerto de Flégon sobre o rei dos Partos, Ardaques, o que, segundo Pajón Leyra 2012: 150, poderia relacionar-se com *Mir*. 3), menciona o historiador Flélton, provavelmente um erro dos copistas, segundo Victor Langlois 1869: 87, que traduz o texto, grafando “Phléton (Phlégon)”. Vd. Stearns 1908.

²⁸ A enciclopédia é parca nas informações transmitidas, embora nela conste a referência a obras atualmente perdidas, como Ἐκφρασιν Σικελίας (*Descrição da Sicília*), Περί τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ἑορτῶν (*Dos Festivais dos Romanos*), Περί τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων καὶ ὧν ἐπικέκληται ὀνομάτων (*Topografia e Onomástica de Roma*), Ἐπιτομὴν ὀλυμπιονικῶν (*Epítome dos Vencedores Olímpicos*) e se sinta algum desconforto na gestão entre o pagão e o cristão. Importará, outrossim, constatar a divergência de opiniões quanto à pertença de Flégon - se a Augusto ou a Adriano, pese embora a inexistência de comentário face ao facto de Augusto ter falecido no ano 14, o que adulteraria em muito a cronologia associada ao Traliano. Eis pois φ527: Φλέγων, Τραλλιανός, ἀπελευθέρος τοῦ Σεβαστοῦ καίσαρος, οἱ δὲ Ἀδριανοῦ φασιν: ἱστορικός, ἔγραψεν Ὀλυμπιάδας ἐν βιβλίοις ιϛ': ἔστι δὲ μέχρι τῆς σκθ# ὀλυμπιάδος τὰ πραχθέντα πανταχοῦ: τὰ δὲ αὐτὰ ἐν βιβλίοις ιη': Ἐκφρασιν Σικελίας, Περί μακροβίων καὶ θαυμα- σίων, Περί τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ἑορτῶν βιβλία γ', Περί τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων καὶ ὧν ἐπικέκληνται ὀνομάτων, Ἐπιτομὴν ὀλυμπιονικῶν ἐν βιβλίοις β', καὶ ἄλλα. τούτου τοῦ Φλέγοντος, ὡς φησι Φιλοσόργγιος, ὅσον τὰ κατὰ τοὺς Ἰουδαίους συμπεσόντα διὰ πλείονος ἐπεξελεθῆν τοῦ πλάτους, Φλέγοντος καὶ Δίωνος βραχέως ἐπιμνησθέντων καὶ παρενθήκην αὐτὰ τοῦ οἰκείου λόγου ποιησαμένων. ἐπεὶ τῶν γε εἰς εὐσέβειαν καὶ τὴν ἄλλην ἀρετὴν ἐλκόντων οὐδ' ὅτιοῦν οὐδ' οὗτος δείκνυται πεφροντικῶς, ὄνπερ οὐδ' ἐκεῖνοι τρόπον. τούναντίον μὲν οὖν ὁ Ἰώσηπος καὶ δεδοικότε ἔοικε καὶ εὐλαβουμένῳ ὡς μὴ προσκρούσειεν Ἕλλησι. “Flégon, de Trales. Liberto de Augusto César, embora alguns refiram Adriano [viz. Vopisco *Saturnino* 7; Phot. *Bibl.* 97]: historiador. *Regidigiu Olimpíadas*, em 16 livros. Até à 229ª Olimpíada contém o que se fez em toda a parte. E estas [obras] em 8 livros: *Descrição da Sicília, Sobre Vidas Longas, Sobre as*

turco de Aydin, destacou-se como autor de uma vasta obra²⁹, em grego, cuja singela e exígua porção remanescente se traduz neste livro, designadamente *Περὶ Θαυμασίων* (*Sobre Maravilhas*), fragmentos de *Περὶ Μακροβίων* (*Acerca de Vidas Longas*) e *Περὶ τῶν Ὀλυμπίων* (*Sobre as Olimpíadas*).

São escassas as informações referentes à biografia de Flégon³⁰, além de ter sido trazido como escravo da localidade da Cária (Lídia), na Ásia Menor, por Públio Élio Adriano, tornando-se um *libertus* letrado³¹ desse Imperador, sob o nome de Públio Élio Flégon, no século II.

Festas dos Romanos - 3 livros, *Sobre os lugares em Roma e os nomes por que são chamados*, *Epítome dos vencedores olímpicos*, em dois livros, e outras coisas. Sobre este Flégon, conforme refere Filostórgio para reportar completamente ao pormenor o que aconteceu com os Judeus, ao passo que Flégon e Dío mencionaram brevemente e fizeram deles um apêndice das suas narrativas. Uma vez que este indivíduo não exhibe prudentemente os que conduzem à piedade e outras virtudes, tal como os outros também o não fazem. José, pelo contrário, é como alguém que teme e cuida para não ofender os Gregos [pagãos].” Cf. Filostórgio, *História Eclesiástica* 1.1. Vd. Hansen 1998.

²⁹ Vd. Schöll 1824; Santoni 2000; Brodersen 2002b; Samson 1989.

³⁰ Cf., a título ilustrativo, Tillemont 1691: 266-268.

³¹ Importa considerar, na Roma de um período de helenização, após a conquista militar da Grécia, algumas notas de anti-helenismo, num sentido seguido por Catão, o Antigo (ou Censor, séc. III/II a.C.), ou seja, condenando uma aculturação extrema. Cf., mais próximo de Flégon no tempo, Juvenal (séc. I/II), ao dar voz a críticas de tom discriminatório e xenófobo próprio das civilizações da Antiguidade Clássica, mediante as quais todo o cidadão externo se integra na ‘barbárie’. Aproveita, em particular, o uso de cativos recolhidos sobretudo em zonas mais orientais do Império Romano, como sendo gregos. Vd., neste sentido, excertos da terceira sátira (60-61, 69-71). Cf., de igual modo, ainda que com justificadas reservas, algum intuito da obra de Flégon, condicente com a Segunda Sofística Romana (autores gregos, desde Nero até c. 250). Vd. Anderson 1993; Whitmarsh 2013; König 2013.

2.1. FLÉGON: UM PAGÃO SOB OLHARES CRISTÃOS

Na generalidade, Flégon deverá contemplar-se como uma figura que viveu numa fímbria transitória, espelhando³² de certa forma a hegemonia imperial romana³³ sobre territórios orientais. Por um lado, segundo a mencionada *Suda*, passou de escravo a liberto. Portador de notável cultura, pela habilidade literária manifestada, refletiu perspetivas, dúvidas e incongruências de quem passou por um período de transição entre o paradigma clássico e o judaico-cristão, deveras difundido no governo de Adriano, conforme denota Eusébio, *Pamphili Praeparationis Evangelicae* 4.17: μέχρι τών Αδριανού χρόνων [...] Οὔτος δὴ μάλιστα ἦν ὁ χρόνος, καθ' ὃν ἡ σωτήριος εἰς πάντας ἀνθρώπους ἤκμασε διδασκαλία. “No tempo de Adriano [...], a religião cristã floresceu diante de todos os homens”. Em termos latos, Flégon prima por reportar-se ou pelo menos aproximar-se, tanto quanto possível, da sua atualidade. Nesse sentido, parece continuar a seguir traços do contingente tradicional pagão, que marcava também outros paradoxógrafos contemporâneos. De facto, pela obra, a sua atividade posiciona-o como historiador. Todavia, reproduz o assombro da mudança certamente comum à época, o que o liga literariamente à paradoxografia. Acumulavam-se descobertas a vários níveis e multiplicavam-se explicações - umas racionais/científicas, que procuram desfazer medos e clarificam; outras, religiosas. Neste foro, porém, as crenças diversificam-se, desde recontos tradicionais, imbuídos de mitologia e ramificações filosóficas, à nova crença, que desconstrói tradições pagãs e reconstrói as artérias filosóficas em que vem a encontrar assento³⁴. Deste panorama, importaria

³² Cf. Vernant 1980; Rudhardt 1992.

³³ Vd. Chaudon 1737-1817.

³⁴ Cf. Nash 2003.

verificar o que corresponderá à crença pessoal de Flégon e (ou) à gestão prudente do seu material literário, face ao contexto que o circundava e determinaria a exposição de certas perspetivas.

2.1.1. Flégon e a Paixão de Cristo: corruptelas intencionais

São vários os autores que recordam afirmações de Flégon em relação a Cristo. Convém inferir, por um lado, a importância e o reconhecimento social tidos pelo Historiador, entre os seus contemporâneos; por outro lado, considerar a forma como Flégon, nas suas observações, gere a informação, conjugando aspetos como crença, religião, milagre e assombro. Em comum, as alusões referem um episódio de escuridão súbita registado por diversos autores³⁵. Flégon, neste assunto, não introduziu nenhum facto novo, limitando-se a engrossar o número dos relatores *a posteriori*. Todavia, a consideração dessa obscuridade³⁶ como um eclipse, a julgar pelos fragmentos de que dispomos, não é feita por Flégon³⁷. De igual modo, constata-se, da parte dessas fontes

³⁵ Cf. Lardner 1764: 374, mediante o qual Tertuliano (*Apol.* 21) é a mais vetusta fonte literária a relatar o evento, não nomeando Flégon (cf. Huet, *Dem. Ev. Prop.* 3.8; Grotius, *De Verit. Rel. Christ.* 1.3.14), mas quiçá baseando-se no registo remetido por Pôncio Pilatos ao Imperador: *Eodem momento dies medium orbem signante sole subducta est. Deliquium utique putauerunt qui id quoque super Christo praedicatum non scierunt. Et tamen eum mundi casum relatum in arcanis [al. archivis] vestris habetis.* “Nessa ocasião, ao meio-dia, houve uma grande escuridão. Pensaram tratar-se de um eclipse, eles que não sabiam que isto foi previsto no tocante a Cristo. E alguns negaram-no, desconhecendo a causa de tal escuridão. E não obstante, tendes este notável acontecimento registado no teu arquivo”.

³⁶ Vd. Steele 2012. Cf. Tertuliano, *Apologeticum* 21.18-20, sobre o eclipse e quem, desconhecendo as profecias, julgou sobre a impossibilidade da sua ocorrência, mediante as leis da Natureza. Ainda assim, o relato foi conservado. Sobre a ‘escuridão’, vd. Anonymus 1733.

³⁷ Considerem-se, ainda assim, notas e contestações sobre a ‘escuridão’ recordadas em bibliografia oitocentista: Sykes 1732, 1733, 1734; Wilmot 1733; Dawson 1734; Chapman 1735. Cf. Whiston 1734.

posteriores ao Traliano, a preocupação em associar o suposto ‘eclipse’ à crucificação de Cristo, qual alegoria, remetendo para uma ‘rebelião’ dos elementos da Natureza³⁸. Incluem-se, entre os testemunhos desse teor, o equivo Orígenes (séc. II/III), Eusébio de Cesareia (séc. III/IV), o gramático de Alexandria Filópono (séc. V/VI) e Malalas (séc. VI/VII).

a. Orígenes

Sem citar diretamente o apontamento de Flégon, o grego Orígenes Adamâncio dá conta da notícia do Traliano, com um pendor crítico notoriamente faccioso, da parte de um teólogo face a um pagão. Logo de início, ressalta de Orígenes um conhecimento, quiçá generalizado, sobre a obra de Flégon, que menciona de memória, porquanto incapaz de creditar com exatidão a informação na obra de Flégon, ainda que tenha reiterado a alusão – “livro treze ou catorze das *Crônicas*”³⁹. Eis, seguidamente, a passagem

³⁸ Cf. alguma preocupação propagandística no relato de assombros miraculosos. Vd., nesse sentido, o relato de Dio Cássio 71.9, relativo ao recurso de Marco Aurélio (ano 172) ao grupo de Cristãos (*legio XII: legio fulminata*) que integravam a sua tropa, face a uma derrota quase inevitável, sendo conhecido que o Deus cristão acedia ao pedido dos seus fiéis, donde os raios e a chuva que se abateriam sobre os inimigos. Eis, ἄλλ’ οἱ Ἕλληνες, ὅτι μὲν τὸ τάγμα κεραυνοβόλον λέγεται, ἴσασι καὶ αὐτοὶ μαρτυροῦσι, τὴν δὲ αἰτίαν τῆς προσηγορίας ἤκιστα λέγουσι. “Mas os Gregos, embora soubessem que a divisão se chamava ‘fulminada’ e eles mesmos tivessem assistido ao evento, não dizem nada acerca da razão do seu nome.” Subentende-se, assim, a existência de um confronto entre a divindade que garantia a soberania romana (Júpiter) e a divindade cristã (Deus), com a primazia desta última. Já com autores assumidamente cristãos, a questão assume contornos miraculosos, obtidos graças a preces dos cristãos, conforme terá reconhecido o próprio Imperador Marco Aurélio (Tert. *Apol.* 5. Cf. Eus., *Historia Ecclesiastica* 5.5). Vd. Charles — Demy 2010.

³⁹ Cf. *Cels.* 2.14 e, adiante, 2.33: Περὶ δὲ τῆς ἐπὶ Τιβερίου Καίσαρος ἐκλείψεως, οὗ βασιλεύοντος καὶ ὁ Ἰησοῦς ἔοικεν ἑσταυρῶσθαι, καὶ περὶ τῶν μεγάλων τότε γενομένων σεισμῶν τῆς γῆς ἀνέγραψε καὶ Φλέγων ἐν τῷ τρισκαιδεκάτῳ ἢ τῷ τεσσαρεσκαιδεκάτῳ οἶμαι τῶν

em *Contra Celsum* 2.14 (cf. *FGrHist* 16e):

Φλέγων μέντοι ἐν τρισκαιδεκάτῳ ἢ τεσσαρεσκαιδεκάτῳ οἴμαι τῶν Χρονικῶν καὶ τὴν περί τινων μελλόντων πρόγνωσιν ἔδωκε τῷ Χριστῷ, συγχυθεὶς ἐν τοῖς περὶ Πέτρου ὡς περὶ τοῦ Ἰησοῦ, καὶ ἐμαρτύρησεν ὅτι κατὰ τὰ εἰρημένα ὑπ' αὐτοῦ τὰ λεγόμενα ἀπήντησε. Πλὴν κάκεῖνος καὶ διὰ τῶν κατὰ τὴν πρόγνωσιν ἄκων ὡσπερὶ οὐ κενὸν θειοτέρας δυνάμεως ἀπεφήνατο εἶναι τὸν ἐν τοῖς πατράσι τῶν δογμάτων λόγον.

“Flégon, no décimo terceiro ou décimo quarto livro, ao que julgo, das *Crônicas*, não apenas atribuiu a Cristo um conhecimento de eventos futuros, embora confundindo algumas coisas referentes a Pedro⁴⁰, como se se referissem a Jesus, mas também declarou que o resultado correspondeu às previsões Dele. Assim, ele também, através das previsões relativamente ao futuro, como que forçado, deu a sua opinião de que as doutrinas ensinadas pelos padres do nosso sistema não estavam arredadas de poder divino.”

Orígenes atribui ao historiador grego tónicas de cristianismo alegadamente reportadas a contragosto (ἄκων), o que, liminarmente, afasta qualquer possibilidade de imaginar uma conversão de Flégon ao novo credo. Na realidade, Orígenes apenas faz convergir claramente o eclipse e os abalos sísmicos no tempo de Tibério com a crucificação de Jesus, adscrevendo tal associação

Χρονικῶν. “E relativamente ao eclipse no tempo de Tibério César, em cujo reinado Jesus parece ter sido crucificado, e aos grandes sismos que então tiveram lugar, também Flégon, ao que julgo, escreveu, no décimo terceiro ou décimo quarto livro das *Crônicas*.”

⁴⁰ Teria sido confusão de Orígenes referir Pedro em detrimento de Jesus. Cf. Lardner 1764: 128.

a Flégon⁴¹, o mesmo já não se repetindo em 2.33.

Não obstante as diferenças, Orígenes (2.59) reconhece a credibilidade de Flégon⁴², apoiando-se, quando necessário, nas declarações do Traliano a respeito dos fenômenos naturais ocorridos aquando da crucificação de Cristo, já que alguns julgavam tratar-se de uma invenção dos Cristãos:

οἷται δὲ τετρατεῖαν εἶναι καὶ τὸν σεισμὸν καὶ τὸν σκοτον-
περὶ ὧν, κατὰ τὸ δυνατὸν, ἐν τοῖς ἀνωτέρω ἀπελογησάμεθα,
παραθέμενοι τὸν Φλέγοντα, ἱστορήσαντα κατὰ τὸν χρόνον
τοῦ πάθους τοῦ σωτῆρος τοιαῦτα ἀπηντηκέναι.

“Ele [Judeu] também julga que tanto o sismo como a escuridão eram uma invenção. Acerca disso, fizemos, nas páginas anteriores, a nossa defesa, de acordo com a nossa possibilidade, acrescentando o testemunho de Flégon, que relata que estes acontecimentos sucederam na altura do sofrimento do Salvador.”

Na realidade, há que destacar posições distintas

⁴¹ Sobre a afirmação de Flégon acerca dos poderes de Cristo usados no auxílio de outros, vd. Orígenes, *Cels.* 2.14. Cf. Jarvis 1845: 419-427.

⁴² Ainda mais tardiamente, as afirmações de Flégon parecem persistir com similar credibilidade. Cf., pois, as palavras em árabe de Agápio, *História do Mundo* 10, séc. X/XI, na tradução de Shlomo Pines 1971: 7-8: “[Al-Maribijj] afirmou: encontrámos em muitos livros dos filósofos que referem o dia da crucificação de Cristo e que se espantaram com isso. O primeiro é o filósofo Iffāṣn, que afirma, no décimo terceiro capítulo da obra que escreveu acerca dos reis: «no reinado de [Tibério] César, o sol escureceu e tornou-se noite por nove horas; e as estrelas apareceram. E houve um grande e violento tremor de terra em Niceia e em todas as cidades próximas. E aconteceram coisas estranhas.” O excerto ganha pertinência neste ponto ao considerar-se a n.r. 7 de Pines 1971, mediante a qual *Iflātūn* corresponde a ‘Platão’, uma referência anacrônica, quicá uma confusão do escriba, com ‘Phlegon’. Em termos semânticos, embora Flégon não fosse necessariamente reconhecido como filósofo, as restantes informações quanto aos fenômenos naturais irregulares foram de facto transmitidas pelo Traliano.

concomitantes, face a uma linha exegética cristã maioritária e perene ao longo de séculos, relativamente a afirmações de Flégon. Assim, a exposição de Júlio Africano⁴³ (séc. II/III), em *Chronographiae* 18.1(2), transcrita por Sincelo (séc. IX)⁴⁴: Ἀφρικανοῦ περὶ τῶν κατὰ τὸ σωτήριον πάθος καὶ τὴν ζωοποιὸν ἀνάστασιν:

Καθ' ὅλου τοῦ κόσμου σκότος ἐπήγετο φοβερώτατον, σεισμῶ τε αἰ πέτραι διερρήγνυντο καὶ τὰ πολλὰ Ἰουδαίας καὶ τῆς λοιπῆς γῆς κατερρίφθη. Τοῦτο τὸ σκότος ἔκλειψιν τοῦ ἡλίου θάλλος ἀποκαλεῖ ἐν τρίτῃ τῶν ἱστοριῶν, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, ἀλόγως, Ἑβραῖοι γὰρ ἄγουσι τὸ πάσχα κατὰ σελήνην ἰδ', πρὸ δὲ μιᾶς τοῦ πάσχα τὰ περὶ τὸν σωτήρα συμβαίνει. Ἐκλειψις δὲ ἡλίου σελήνης ὑπερλθούσης τὸν ἥλιον γίνεται· ἀδύνατον δὲ ἐν ἄλλῳ χρόνῳ, πλὴν ἐν τῷ μεταξύ μιᾶς καὶ τῆς πρὸ αὐτῆς κατὰ τὴν σύνοδον αὐτὴν ἀποβῆναι. Πῶς οὖν ἔκλειψις νομισθεῖη κατὰ διάμετρον σχεδὸν ὑπαρχούσης τῆς σελήνης ἡλίω; ἔστω δὴ, συναρπαζέτω τοὺς πολλοὺς τὸ γεγεννημένον καὶ τὸ κοσμικὸν τέρας ἡλίου ἔκλειψις ὑπονοεῖσθω ἐν τῇ κατὰ τὴν ὄψιν πλάνη. Φλέγων ἱστορεῖ ἐπὶ Τιβερίου Καίσαρος ἐν πανσελήνῳ ἔκλειψιν ἡλίου γεγονέναι τελείαν ἀπὸ ὥρας σ' μέχρις θ', δηλον ὡς ταύτην. τίς δ' ἢ κοινῶν σεισμῶ καὶ ἐκλείψεσι, πέτραις τε ῥηγνυμέναις καὶ ἀναστάσει νεκρῶν, τοσαύτη τε κίνησις κοσμική;

⁴³ Cf. Jacoby 1954: §256 (*Thallus*); Allison 2005: 91.

⁴⁴ Também Sincelo, *Ecloga Chronographica* 391 reputa ao liberto de Adriano de nome Flégon, autor de um *Sylloge Olympionicarum et Chronicorum*, a ocorrência de um eclipse solar portentoso, c. da sexta hora do dia (c. 10/11h), no segundo ano da ducentésima segunda Olimpíada, aquando do governo de Tibério César e coincidente com a crucificação de Cristo. Vd. *FGrHist* 16b.

“Uma escuridão terrível abateu-se sobre todo o mundo, as rochas ficaram despedaçadas por um tremor de terra e muitos lugares, quer na Judeia quer no resto do mundo foram destruídos [cf., unicamente, sem corroboração, *Mt.* 27:51-53]⁴⁵. No terceiro livro de *Histórias*, Talo⁴⁶ chama esta escuridão de eclipse solar [*FGrHist* 256 F 1], sem razão, ao que julgo. Com efeito, os Hebreus celebram a Páscoa [Judaica] na Lua 14, e o que sucedeu ao Salvador aconteceu um dia antes da Páscoa [*Ex.* 12:6; *Jo* 19:31]. Porém um eclipse do sol ocorre quando a lua passa sob o sol. A única ocasião em que isto pode suceder é no intervalo entre o primeiro dia de lua nova e o último dia da lua antiga, quando eles estão em conjunção. Então, como poderia alguém acreditar que um eclipse aconteceu quando estava quase oposta ao sol? Seja. Deixe-se que o ocorrido entretenha as massas e que este magnífico sinal ao mundo seja considerado um eclipse solar através da ótica. Flégon [*FGrHist* 257 F 16] afirma que, durante o governo de Tibério César houve um eclipse solar total na lua cheia, da sexta à nona hora: é evidente que seja este⁴⁷.

⁴⁵ Historicamente, não há notícia, nos primeiros anos da Era de Cristo, de sismos tão devastadores (cf., anteriormente, o grande sismo de Jericó, 31 a.C.). Cf. Williams — Schwab — Brauer 2012. Porém, alguns autores apresentam provas de ocorrência sísmica na zona do Mar Morto, designadamente sedimento laminado (aragonite e sílica), em exposição em Wadi Ze’elim, datando as fissuras de c. 65 anos (\pm 5 anos) após o terramoto de 31 a.C., o que validaria o sismo de sexta-feira, 3 de abril de 33 (cf. *Mt.* 27:51-54; no dia 5 de abril, junto ao túmulo, *Mt.* 28:2). Vd. Austin 2010.

⁴⁶ Sobre a identidade deste autor, cujo antropónimo necessita de desambiguação, seria ele um liberto samaritano de Tibério? Poderá Talo ter escrito depois de Flégon? Eis uma questão sem esclarecimento cabal. Em termos gerais, recorda-se como autor do séc. I (cf. *Mc.* 15:33), cuja obra (e.g. história, desde a queda de Troia, até à Olimpíada 167 - 112-109 a.C.) não subsistiu. Cf. Rigg 1941; Carrier 2011-2012. Sobre Flégon e o eclipse reportado por Talo, vd. Routh 1814: 335-338; Hall 1913: 193-197; Miévis 1934; Renehan 1969: 36 §32; West 1973: 28; Marcovich 1994.

⁴⁷ A tratar-se do mesmo, seria no 15º ano de Tibério / 1º da 202ª Olimpíada, o sismo de 24 de novembro de 29.

Mas o que têm os eclipses a ver com um tremor de terra, rochas a separarem-se, a ressurreição dos mortos e uma perturbação universal deste tipo?”

O comentário dessacraliza e racionaliza o evento também retratado por Flégon, entre outros, aproveitado e aumentado no âmbito do Cristianismo⁴⁸. Face aos fenómenos ocorridos aquando do governo de Tibério, censura o suposto eclipse relatado por Talo. A insurreição de Africano aparece justificada com vivacidade. Interpreta eclipse e sismo como elementos maravilhosos/cientificamente impossíveis⁴⁹ de um retrato populista sob um prisma judaico-cristão, que permite uma ligação e o seu entendimento abusivo como sinais de alegoria filosófico-religiosa, suscitando *topoi* regulares da Cristandade⁵⁰, como ressurreição⁵¹ e *simpatia* universal, qual reação da Natureza revoltosa

⁴⁸ Vd. Prigent 1978.

⁴⁹ O Africano racionaliza a ocorrência anormal de escuridão, apelidada de ‘eclipse solar’ erradamente, em virtude da impossibilidade da ocorrência de um eclipse no perigeu da lua / lua cheia, situação que se verificava na Páscoa. Vd. Carrier 1998.

⁵⁰ Cf., a propósito de Flégon e do filósofo Ūr.s.y.w.s., o sírio do século XII Miguel, I, pp. 143-144. Vd. adiante, Pines 1971, com referência a Miguel, na tradução de p. 52, n. 184, focando a alusão de Flégon, em *Olimpiadas*, ao escurecimento prolongado e a sismos. Embora refira Flégon como secular, coloca o Traliano a referir eventos de um contexto cristão, designadamente, na sexta-feira de Páscoa, com o reviver de mortos: “Flégon, um filósofo profano, escreveu assim: O sol obscureceu e a terra tremeu; os mortos ressuscitaram, entraram em Jerusalém e amaldiçoaram os Judeus. Na obra que escreveu sobre os tempos das Olimpíadas, referiu, no livro 13, «no quarto ano da terceira Olimpíada [certamente corruptela] houve um escurecimento na sexta hora do dia, uma sexta-feira, e as estrelas apareceram. Niceia e toda a região da Bitínia foram estremecidas e muitos outros lugares foram derrubados.” Vd. Chabot 1899.

⁵¹ Sendo matéria de discussão a alusão à ressurreição de mortos e, consequentemente, a integração de Cristo nesse lote, Flégon aludiu à ressurreição de uma jovem logo no primeiro capítulo da sua obra parodoxográfica *Mirabilia*. Cf. autores tardios, do séc. II, votados a essa temática, viz. Atenágoras, *De Resurrectione Mortuorum*; Tertuliano, *De*

e simpática face ao sofrimento (cf. neoestoicismo). Em suma, as palavras de Júlio Africano legadas por Sincelo transmitem uma crítica que se pretende afastada de facciosismos religiosos na interpretação de sinais naturais, como presságios e milagres.

Embora o discurso não ataque diretamente o Traliano, refere-o como uma fonte que também divulga as ocorrências censuradas em Talo. Convém, neste sentido, cogitar a possibilidade de a referência a Flégon atribuída a Júlio Africano se tratar de uma interpolação tardia⁵². Não parece ser um ataque religioso, embora a informação também disponibilizada por Flégon corrobore textos bíblicos⁵³. Na realidade, efetuando-se, com as devidas reservas, uma datação correspondente, mesmo tomando por base o início das Olimpíadas⁵⁴, em 776 a.C., a ducentésima segunda Olimpíada reportar-se-á a c. 30 (entre 1 de julho 32 e 30 de junho de 33. Páscoa: sexta-feira, 3 de abril de 33/23 de abril de 34?) e, no ano de 33, a ciência destaca dois eclipses solares⁵⁵. Todavia,

ressurrectione carnis / De resurrectione mortuorum. Cf. Addison 1807; Endsjø 2009; Bryan 2011.

⁵² Cf. Routh 1814: 335-338. Para o carácter habitual de interpolações em textos antigos, vd. Hall 1913: 193-97; Maas 1958: 14, 34-35; Renahan 1969: 36; West 1973: 28; Marcovich 1994.

⁵³ Cf. Evangelho de Mateus (*Mt.* 27:45): Ἐπὶ δὲ ἑκτῆς ὥρας σκότος ἐγένετο ἐπὶ πᾶσαν τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης. “Do meio dia às três da tarde a escuridão espalhou-se por toda a terra.” De modo similar, na sequência da crucificação, *Mc.* 15:33: Καὶ γενομένης ὥρας ἑκτῆς σκότος ἐγένετο ἐφ’ ὅλην τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης. “Na sexta hora, adveio escuridão sobre toda a terra, até à nona hora.” E também *Lc.* 23:44-45: Καὶ ἦν ἡδὴ ὥσει ὥρα ἑκτη καὶ σκότος ἐγένετο ἐφ’ ὅλην τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης | τοῦ ἡλίου ἐκλιπόντος, “Era agora aproximadamente a sexta hora e a escuridão apareceu sobre toda a terra até à nona hora, pois o sol deixou de brilhar”.

⁵⁴ Vd. Clinton 1830.

⁵⁵ Dos eclipses solares, apenas um total, a 19 de março, com a duração de pouco mais de 4 min. Visível no norte África, na zona de Cairo e Jerusalém / latitudes de Judeia e Bitínia, o de 29 de novembro de 24, c. 2 min. Cf. Newton 1733; Maier 1968; Humphreys — Waddington 1983, 1989, 1990; Murdock 2009.

poderia Flégon ter-se referido ao eclipse visível em Jerusalém, a 24 de novembro do ano 29, uma ocorrência que ultrapassava os limites do natural⁵⁶, seguido de abalo sísmico, afastando-se, assim, o fenómeno da Paixão de Cristo?

b. Eusébio / S. Jerónimo

O escrito onde Flégon descreve a ocorrência desapareceu (cf. *FGrHist* p. 1165), restando apenas uma citação direta por Eusébio *verbatim* (c. 311) e a conseqüente tradução latina de Jerónimo (*Chronicon* 2.5-6)⁵⁷, do séc. IV/V, sobre a obra de Eusébio, a propósito da ducentésima segunda Olimpíada⁵⁸. Eis, pois, Flégon, *Olympicorum et Chronicorum* 13 *apud* Eusébio, *Chronicon* 1.1:

‘Ο Ἰησοῦς ὁ χριστὸς, ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ [cf. Mt. 16:16], ὁ κύριος ἡμῶν κατὰ τὰς περὶ αὐτοῦ προφητείας ἐπὶ τὸ πάθος προήει ἔτους ιθ’ τῆς Τιβερίου βασιλείας, κατ’ ἐν καιρὸν καὶ ἐν ἄλλας μὲν Ἑλληνικοῖς ὑπομνήμασιν ἔϋρυμεν ὡς ὀρέμενα κατὰ λέξιν ταῦτα: ὁ ὕλιος ἐξέλιπεν, Βιθύνεια ἐσειήθη, Νικαῖας τὰ πολὰ ἔπεσεν ὡ καὶ συνάθει τοῖς περὶ τὸ πάθος τοῦ σωτῆρος ὑμῶν συμβεβόικοσι. Γράφει δὲ καὶ λέγει ὁ τὰς Ὀλυμπιάδας ... περὶ τῶν αὐτῶν ἐν τῷ ιγ’, ῥήμασιν αὐτῶς τάδε: τῷ δ’ ἔτει τῆς σβ’ Ὀλυμπιάδος ἐγένετο ἐκλειΐψις ἡλίου

⁵⁶ Cf. testemunho do hieromártir grego mencionado (cf. astrónomo - *Atos* 17:34), Dionísio Areopagita (séc. I) 1081a, 268, acompanhado então pelo sofista pagão Apolófanes. Dionísio subscreve-se com Apolófanes, mencionando ter testemunhado um eclipse, na cidade egípcia de Heliópolis, aquando da Paixão de Cristo. O texto, porém, é julgado espúrio e tardio (c. séc. V/VI), segundo Lardner 1788: 371. Vd. Matyszak 2017. Cf. *Epist.* 7. A indicação do facto é reiterada por Hilduin de S. Denis (séc. VIII/IX), *Areopagita sive Sancti Dionysii vita* 14 (*PL* 106: 33). Vd. Rorem 1993: 13; Mosshammer 2008; Nothaft 2011.

⁵⁷ Cf. Habermas 1996: 217; Jeanjean — Lançon 2004.

⁵⁸ Cf. Samuel 1972. Vd. Ogg 2014.

μεγίστη τῶν γνωρισμένων πρότερον. καὶ νύξ ὥρα σ' τῆς ἡμέρας ἐγένετο, ὥστε καὶ ἀστέρας ἐν οὐρανίῳ φανῆναι, σεισμός τε μέγας κατὰ Βιθυνίαν γενόμενος τὰ πολλὰ Νικαίας κατεστρέψατο, καὶ ταῦτα ὁ δηλωθεὶς ἀνήρ.

Ou, na versão latina de S. Jerónimo (séc. IV), relativa à 202^a Olimpíada⁵⁹:

Jesus Christus secundum Prophetias, quae de eo fuerunt prolatae, ad passionem venit anno Tiberii 18 quo tempore etiam in aliis Ethnicorum Commentariis haec ad verbum scripta reperimus: Solis facta defectio: Bithynia terrae motu concussa, et in urbe Nicaea aedes plurimae corruerunt, Quae omnia his congruunt, quae passione Domini acciderant. Scribit vero super his et Phlegon, qui Olympiadum egregius supputator est, in tertio decimo Libro ita dicens: Quarto autem anno CCII Olympiadis⁶⁰ magna et excellens inter omnes quae ante eam acciderant defectio solis facta; dies hora sexta⁶¹ ita in tenebrosam noctem versus ut stellae in caelo visae sint terraeque motus in Bithynia Nicae[n]ae urbis multas aedes subverteret. Haec supra dictus vir.

“Jesus Cristo, segundo as profecias proferidas antecipadamente a seu respeito, teve a sua Paixão no 18^o ano de Tibério, altura em que também encontramos estas coisas escritas, noutros comentários dos pagãos, que aconteceu um eclipse do sol; que a Bitínia sofreu um tremor de terra e que, na cidade de Niceia, muitos edifícios colapsaram, concordando todos com o que sucedeu na Paixão do Salvador. De facto, Flégon, excelente

⁵⁹ Cf., com diferenças, a lição divulgada em Migne 1845: 1121.6.

⁶⁰ Ano 32/33.

⁶¹ A sexta hora de luz do dia corresponderia a c. meio-dia, o que coincide com a versão dos evangelistas e a escuridão referida nos evangelhos (Mt. 27:51, 52; Lc. 23:44-45).

calculador das Olimpíadas, também escreve sobre estas coisas assim, no seu livro 13: com efeito, no quarto ano da ducentésima segunda Olimpíada, aconteceu um eclipse do sol, maior e mais grandioso do que todo o ocorrido antes⁶²; na sexta hora, o dia tornou-se noite escura, de modo que se viam estrelas no céu, e um terremoto na Bitínia fez ruir muitos edifícios na cidade de Niceia. Isto [refere] o homem acima mencionado.”

Importa, à partida, começar por considerar, a respeito destas fontes anteriores, que, originalmente, Eusébio julga a Paixão de Cristo no 19º ano⁶³ do governo de Tibério (agosto de 14 + 19 = morte de Cristo, c. 32/33). Por seu turno, a tradução de S. Jerónimo reporta o 18º ano do governo de Tibério, quarto ano da 202ª Olimpíada (ano 32), fazendo recuar a data da morte de Cristo para c. 31/32, e adicionando esse período de tempo à tomada de posse do Imperador (agosto de 14).

Poderia, pois, ter-se tratado de um erro de tradução, conforme denotam alguns comentadores⁶⁴, e além disso, Eusébio,

⁶² Sykes 1732: 79-96 apresenta várias considerações a propósito deste eclipse, a partir de autores orientais (viz. China), que também reportam o evento como um fenómeno não natural, por ocasião similar aos autores cristãos.

⁶³ Cf. Sincelo, *Ecloga Chronographica* 394. Vd. Eusébio *Chronicon apud* Sykes 1732:42.

⁶⁴ Sykes 1732: 70 comenta uma observação que julga ter sido efetuada pela primeira vez por Kepler. De facto, Kepler 1615: 87, escrevendo a Calvício, efetua uma crítica a respeito de Jerónimo (*quid igitur, si et ipse est hallucinatus?*), que terá traduzido *quarto anno*, lendo τῷ δὲ δ' ἔτει por δὲ τῷ δὲ ἔτει e, por tal, tomando a letra δ por numeral para datar o eclipse ocorrido c. meio-dia, ou duas horas antes, no dia 25 de novembro da 202ª Olimpíada (74º ano Juliano) celebrada a 9 de julho. Além disso, adiante, Kepler 1615: 126 retoma o caso, afirmando a confusão circundante a Jerónimo, que traduz, a partir de Eusébio, a ocorrência do eclipse no 4º ano da 202ª Olimpíada. Contudo, efetua a mesma indicação no 2º ano da Olimpíada, afastando-se então de Eusébio, que não gravara tal acontecimento nessa ocasião. As dúvidas ficam assim expostas face a Jerónimo, mas também à ambiguidade e incerteza do texto de Eusébio,

História Eclesiástica 1.10.1-2 não data a Paixão face aos anos de governo de Tibério. Apenas situa o início da pregação de Cristo, com c. 30 anos⁶⁵, no 15º ano de Tibério, por um período inferior a 4 anos. Na realidade, constata-se a divergência de datas relativas à Paixão de Cristo⁶⁶. Ora, a ter Jesus falecido no 15º ano de Tibério, data do eclipse reportado por Flégon, tratar-se-ia não do quarto ano da 202ª Olimpíada (cf., entre 1 de julho de 29 e 33, apenas o eclipse de 24 de novembro de 29), mas sim da 201ª Olimpíada, quando ocorreu um eclipse total - mais exatamente ainda, porque a festividade se celebra a partir de julho, no primeiro ano da 202ª Olimpíada, facto que suscita críticas⁶⁷ face ao “absurdo” de Eusébio e Jerónimo considerarem a morte de Cristo no 3º ou 4º ano da 202ª Olimpíada, valendo-se da autoridade de Flégon. Quiçá Flégon referiu apenas a 202ª Olimpíada e, posteriormente, autores cristãos, considerando a

que permite a transformação da data no 4º / 3º / 2º ano da Olimpíada em causa. A propósito, Sykes 1732: 74 conclui que teria sido possível Flégon, no original, ter referido o 1º ano da 202ª Olimpíada, havendo depois a transformação do numeral A em Δ. Cf., todavia, transcrições com o numeral por extenso τετάρτω, denotando o suposto ano da crucificação de Cristo. Cf. Whiston 1732.

⁶⁵ Considerando, à semelhança de Orígenes, que Cristo teria pregado apenas durante 1 ano (*Philocal.* 1), contaria então com c. 30 anos.

⁶⁶ Tertuliano (séc. II/III) *ad Judaeos* 8; Africano (séc. II/III) *apud Hieronymum* in Daniel 9 (Paixão: sexta, 23 de março de 31) referem o 15º ano de Tibério para o *passus Christi*. Diferentemente, Clemente de Alexandria (séc. II/III) *Strom.* 1.145-146, advoga o 25º dia de famenot (Φαμενώθ) - 3 de abril - do 16º ano de Tibério, aludindo também a outras versões, relativas ao 19º; outros, ao 25º dia de farmuti (Φαρμουθί) - 27 de abril e 3 de maio, respetivamente. Lactâncio (séc. III/IV) 4.10 precisa a informação cronológica, afirmando que eram cônsules, no sétimo dia das calendas de abril, os dois Géminos. No séc. IV, Epifânio (*Panarion* 51.23) situa a Paixão no dia 13 das calendas de abril (20 de março), no consulado de Vinício e Longino Cássio, seguindo a tradição, ao postular a morte de Cristo aos 33 anos. Também diferindo de Jerónimo (séc. IV/V), Beda (séc. VIII), *DTR* 47 refere o batismo de Cristo aos 30 anos e um período de pregação por 3 anos e meio, antes da sua morte.

⁶⁷ Cf. Sykes 1732: 18.

Paixão em 33, alteraram o 1º ano e fixaram o 4º ano da 202ª Olimpíada. Na realidade, a informação traduzida por S. Jerónimo credibiliza-se com referências bíblicas de João, relativas à pregação levada a cabo por Jesus durante três anos após o 15º do governo de Tibério (*Lc.* 3:1); e do historiador judeu do século I, Flávio Josefo (cf. *Guerras Judaicas*, evangelhos, atos e prodígios) sobre tremores de terra⁶⁸ e sons, na altura em questão (cf. *Mt.* 27:51). Porém, Flégon não apresenta uma conexão entre os eventos irregulares da Natureza e a crucificação de Cristo. Tão só dá conta de uma ausência súbita de luz solar, linguisticamente denominada de ‘eclipse’, e de abalos sísmicos na Bitínia e em Niceia. Pertence a exegeses imbuídas de cristianismo aproximar a informação de Flégon dos evangelhos⁶⁹, da crucificação de Cristo e da Judeia.

c. *Filópono*

Similarmente, Filópono, *De opificio mundi* 2.21 (cf. *FGrHist* 16c) faz coincidir os eventos naturais retratados por Flégon com a Paixão de Cristo. Denota-se, todavia, alguma inconsistência na computação dos anos das Olimpíadas:

⁶⁸ De facto, parece ter ocorrido, na região, um sismo, a 3 de abril do ano 33. Vd. Williams — Schwab — Brauer 2012.

⁶⁹ Cf., designadamente, o evangelho segundo *Mc.* 15:33, embora João 19, ao aludir à morte de Cristo, não faça menção dele; *Mt.* 27:45; *Lc.* 23:44-45. Cf., posteriormente, os evangelhos apócrifos, e.g. de Nicodemo. Seria o eclipse (e o sismo - *Mc.* 27:51-53) uma forma alegórica não histórica de retratar a morte de Cristo, uma semelhança simbólica paralela à tradição pagã (e.g. *Hdt.* 7.37; *Plu. Pel.* 31.3, *Aem.* 17.71; *D.C.* 55.93), entendida como superstição (*Arist. Mete.* 367.b.2, *Plin. HN* 2.195, *Verg. G.* 2.47.478-480), ou fruto da invenção (quiza de Marco) para cumprir a profecia (cf. *Amos* 8:9). No excerto não é possível constatar, sem margem de dúvida, o que Talo efetivamente escreveu. Terá o autor referido um eclipse solar no terceiro livro de *Histórias*, quiza associado com Jesus, ou será mais uma inferência abusiva de Júlio Africano, à semelhança do efetuado com Flégon? Vd. Carrier 2011–2012.

Τούτου δὲ τοῦ σκότους [...] καὶ Φλέγων ἐν ταῖς ὀλυμπιάσιν ἐμνήσθη. λέγει γὰρ ὅτι τῷ δ' ἔτει τῆς διακοσιοστῆς δευτέρας ὀλυμπιάδος ἐγένετο ἡλίου ἔκλειψις μεγίστη τῶν οὐκ ἐγνωσμένων πρότερον, καὶ νύξ ὥρα ἔκτη τῆς ἡμέρας ἐγένετο, ὥστε καὶ ἀστέρας ἐν οὐρανῷ φανῆνα. ὅτι δὲ τῆς ἐν τῷ σταύρῳ τοῦ δεσπότης Χριστοῦ γενομένης τοῦ ἡλίου ἐκλείψεως καὶ οὐχ ἑτέρας ἐμνήσθη καὶ Φλέγων, πρῶτον μὲν ἐκ τοῦ λέγειν μὴ ἐγνωσθαι τὴν τοιαύτην ἔκλειψιν τοῖς πρότερον χρόνοις, ἐστι δῆλον, [...] καὶ ἀπ' αὐτῆς δὲ τῆς περὶ Τιβερίου Καίσαρος ἱστορίας δείκνυται. βασιλεύει μὲν γὰρ αὐτόν φησιν ὁ Φλέγων τῷ δευτέρῳ ἔτει τῆς ἑκατοστῆς ἐνενηκοσῆς {ὀγδόης} ὀλυμπιάδος, τὴν δὲ ἔκλειψιν γεγενῆσθαι ἐν τῷ τετάρτῳ* ἔτει τῆς διακοσιοστῆς δευτέρας ὀλυμπιάδος.

“Desta escuridão [...] Flégon também fez referência, em *Olimpíadas*. Com efeito, diz que, no quarto ano da ducentésima segunda Olimpíada, ocorreu um eclipse do sol de uma magnitude nunca antes conhecida, e, na sexta hora do dia era noite, pelo que surgiram estrelas no céu. E ficou claro que foi o eclipse do sol que aconteceu quando Cristo estava na cruz, que Flégon mencionou, e não outro, primeiramente em virtude de ele afirmar que um tal eclipse não se conhecera anteriormente [...] e também por ser retratado na história relativa a Tibério César. Na realidade, Flégon afirma que ele se tornou rei no segundo ano da centésima nonagésima oitava Olimpíada, embora o eclipse acontecesse no quarto ano da ducentésima segunda Olimpíada.”

d. Malalas

Um pouco mais tarde, Malalas, *Chronographia* 10.101d (O310) apresenta a ocorrência do eclipse universal, complementando com

uma citação de Flégon, também registada por autores anteriores, que restringe o evento, ainda que grandioso, no tempo. Na generalidade, queda espaço para se colocarem considerações sobre a autoridade do Traliano, epitetado de σοφώτατος, ‘sapiéntíssimo’; o carácter corrente de um trecho da sua obra relativo ao eclipse; bem como a permanência do seu escrito sobre as Olimpíadas, por altura de Malalas:

καὶ ἐσκοτίσθη ὁ ἥλιος, καὶ ἦν εἰς τὸν κόσμον σκότος· περὶ οὗ σκότους συνεγράψατο ὁ σοφώτατος Φλέγων ὁ Ἀθηναῖος εἰς τὴν ἰδίαν αὐτοῦ συγγραφὴν ταῦτα. Τῷ ὀκτωκαιδεκάτῳ ἔτει τῆς βασιλείας Τιβερίου Καίσαρος ἐγένετο ἔκλειψις ἡλίου μεγίστη πλεόν τῶν ἐγνεσμένων πρότερον· καὶ νύξ ὑπῆρχεν ὥρα ἕκτη τῆς ἡμέρας, ὥστε καὶ τοὺς ἀστέρας φαίνεσθαι.

“E o Sol escureceu, e houve escuridão sobre o mundo. A propósito de tal escuridão, o mui sábio ateniense Flégon escreve assim: «No décimo oitavo ano do governo de Tibério César, houve um grande eclipse do sol, maior do que os ocorridos anteriormente: e fez-se noite na sexta hora do dia, de forma a terem surgido as estrelas.»”

Posteriormente, nos séculos XVII-XVIII, diversos autores de autoridade reconhecida pela Igreja divulgariam essas mesmas fontes do início da Cristandade, incluindo, igualmente, Flégon, ainda do paganismo, que grafou o evento para memória futura – posição típica de um historiador⁷⁰, com o desenrolar dos séculos

⁷⁰ Vd. Lahode 1749: 62.28. Com efeito, é possível cogitar a possibilidade de Flégon ter ouvido acerca do evento, dada a proximidade geográfica de Trales à Palestina. Cf. Addison 1807: 27.

apenas conservada em Eusébio⁷¹, segundo palavras do oitocentista Weiss⁷². Seguir-se-iam sucessivas publicações em resposta acerca das afirmações de Flégon, ora por parte de Sykes, ora de Whiston, envolvendo testemunhos recuados (viz. evangelistas; Orígenes; Eusébio; Celso; Júlio Africano; *Chronicon Paschale*, *Chronicum Alexandrinum*, *Chronicum Constantinopolitanum*, *Fasti Siculi*. Cf. Sincelo, Malalas, Escáliger). Em termos gerais, constata-se a referência ao episódio do escurecimento súbito do dia, denominado como ‘eclipse’. Ainda assim, destaca-se a relevância de proceder à distinção entre, por um lado, quem interpretava o fenómeno como uma expressão da natureza face à Paixão de Cristo, qual ‘dupla noite’ (*duplex nox*): uma natural (*una ordinaria*), outra sobrenatural (*altera extraordinaria*), conforme retrata, no séc. XVI, Lefèvre, *De Triduo Christi*⁷³, transcrevendo um excerto de Eusébio, com a nota de Flégon sobre o escurecimento. Tal anormalidade⁷⁴ surge contemplada como um milagre - afirmação abusivamente atribuída por Iohannes Jacobus Lauth (séc. XVIII)⁷⁵ a Flégon (*miraculi fecit mentionem*), já que o Traliano não mais terá reportado, além da descrição de um assombro/ maravilha, algo distinto de ‘milagre’⁷⁶, num sentido judaico-cristão. Consequentemente, cabe à atualidade efetuar uma avaliação crítica da questão. Dos autores que citam diretamente Flégon, tê-lo-ão feito a partir do próprio, ou transcrito de fontes segundas? Tê-lo-ão feito corretamente? Até quando terão subsistido as obras atualmente perdidas de Flégon? Existiriam na época da bizantina *Suda*? Poderão existir

⁷¹ Cf. Mosshammer 1979.

⁷² Cf. Schmidt — Weiss 1744: 2.3.

⁷³ Vd. Porrer 2009: 292.

⁷⁴ Vd. Pompanazzi 1929.

⁷⁵ Vd. Lauth 1743: 17.

⁷⁶ Cf. Fisher 1900: 9. Vd. milagres relativos à alteração da ordem da Natureza (e.g. *Mt.* 8:23-27; *Jo.* 6:16-21).

erros? Terão respeitado o contexto original em que se encontravam inscritos os excertos em causa? Terá Flégon cometido tamanha imprecisão astronómica⁷⁷ relativamente ao eclipse, ou terá simplesmente observado a escuridão em pleno dia, seguindo-se depois uma comparação com a ‘escuridão’ motivada pela morte de Cristo, juntamente com os fenómenos sobrenaturais retratados pelos evangelistas? Na realidade, alguns autores do século IV e seguintes (e.g. August. *C.D.* 3.15) referem o fenómeno não natural de *defectio solis*, seguida de tempestade, embora não associem tal impossibilidade a Flégon. Teria de facto Flégon confundido Pedro com Jesus, como refere Orígenes? Teria o eclipse anunciado a escuridão resultante do sofrimento de Cristo, ocorrido só no quarto ano da Olimpíada⁷⁸? E para além de um acontecimento irregular e impossível em lua cheia, como terá durado c. três horas (da sexta à nona hora. Cf. *Mc.* 15:33; *Lc.* 23: 44-45), estendendo-se por todo o mundo? Ou tratar-se-á apenas da Judeia a referência a ‘mundo’, conforme expressam os evangelistas e escritores sacros?⁷⁹

Questões similares parecem ter sido equacionadas ainda na medievalidade. A exemplo, veja-se Máximo (séc. VI/VII), numa anotação sobre a obra de Ps. Dionísio Areopagita (séc. V/VI), *schol. apud* Dionys. Areop. 4.425, sobre o carácter nada usual do eclipse, não especificando, contudo, a natureza alegadamente

⁷⁷ Cf. Kennedy 1762: 685. Vd. Máximo *apud* Sykes 1734: 27, mencionando que Flégon não registou um eclipse do sol em lua cheia, mas que houve um eclipse não natural. Reitera-se, assim, a informação transmitida por Orígenes (*Op.* Ed. Ben. t. 3: 923): *Et Phlegon quidem in Chronicis suis scripsit, in principatu Tiberii Caesaris factum, sed non significavit in luna plena hoc factum*, “E o próprio Flégon, que escreveu, nas *Crónicas*, que tal evento ocorreu no reinado de Tibério César, não nos afirmou que sucedeu em lua cheia”. Vd. Sykes 1732: 69; Jarvis 1845: 424.

⁷⁸ Cf. Sykes 1734: 6.

⁷⁹ Cf. *Lc.* 4:25; *Mt.* 24:30. Vd., a propósito, Vóssio, *Harm. Ev.* 1. z, cap. X.

sentida por Flégon a respeito dessa particularidade:

Μέμνηται μὲν καὶ Φλέγων ὁ Ἑλληνικὸς χρονογράφος ἐν τρισκαιδεκάτῳ «Χρονογραφιῶν» ἐν τῇ ργ' Ὀλυμπιάδι, τῆς ἐκλείψεως ταύτης, παρὰ τὸ εἰωθὸς αὐτὴν λέγων γενέσθαι οὐ μὴν τὸν τρόπον ἀνέγραψε. Καὶ Ἀφρικανὸς δὲ ὁ ἡμέτερος ἐν πέμπτῳ «Χρονογραφιῶν», καὶ Εὐσέβιος ὁ Παμφίλου ἐν ταῖς αὐταῖς μέμνηται τῆς αὐτῆς ἐκλείψεως.

“O gentílico cronógrafo Flégon, no décimo terceiro livro de *Cronografias*, na ducentésima segunda Olimpíada, refere este eclipse, afirmando que aconteceu de maneira invulgar: mas não refere de que maneira. E Africano, no quinto livro de *Cronografia*, e Eusébio Pânfilo, similarmemente, nas suas [*Crónicas*], mencionam este eclipse.”

Em termos gerais, se o retrato resulta de interpretações moldadas pelo fervor da crença católica, onde posicionar a alusão dos eventos pelo historiador não crente Flégon? Quicá as suas afirmações se inscrevam na divulgação de circunstâncias invulgares, instigadoras de assombro, que merecem empolgação e ênfase capazes de transformar, através de associações, o maravilhoso de fenómenos sobrenaturais e assombrosos em portentos. Em suma, atestada a apetência do Traliano para o registo literário de maravilhas ao longo de toda a sua obra⁸⁰, estaria o eclipse de certa forma integrado entre os múltiplos fenómenos invulgares relatados? Com efeito, Celso já partilhava

⁸⁰ Vd., neste sentido, sem citar diretamente Flégon, Estêvão de Bizâncio (séc. VI), *Ethnica*. Refere, na entrada a propósito da cidade italiana de Tarracina, o prodígio de uma criança que, com vinte e quatro dias de vida, chamava e respondia, na 181ª Olimpíada, retratado por Flégon de Trales. Consta-se, pois, a consideração, sobrevivente no decurso do período medieval, do Traliano como relator de prodígios.

de tal opinião diversa de Orígenes, apoiado em Flégon, por certo enquanto historiador, mas importa não obliterar a sua faceta simultânea de paradoxógrafo (Orígenes, *Cels.* 2.59). Lê-se assim em relação a Celso: Οἴεται δὲ τερατείαν εἶναι καὶ τὸν σεισμὸν καὶ τὸν σκότον. “[Celso] também julga que tanto o sismo como a escuridão eram contos maravilhosos”.

De qualquer forma, não se encontrando o espólio literário de Flégon completo e apenas restando citações por terceiros, com todos os riscos advenientes em termos de contextualização e transcrição, resultam contradições e inconsistências, mesmo nos autores que citam o Traliano, desde a Olimpíada em causa à datação, extensão, durabilidade⁸¹ e local do fenómeno. Os autores de crónicas contam-se no âmbito do Cristianismo, justificando alguma apropriação semântica imprópria e até a alteração de factos, como a substituição dos locais atingidos pelo sismo, na versão de Flégon: Niceia, após um eclipse do sol⁸², visto na Bitínia, nunca tendo afirmado Judeia, nem associado tais fenómenos como ocorrências simultâneas aquando da Paixão de Cristo. Na generalidade, Flégon e os eventos por ele relatados não constam em muitos escritores cristãos de referência, que podem cingir-se aos eventos, mas não adscvem a sua veracidade a Flégon (e.g. Taciano, Atenágoras, Arnóbio). Tampouco surgem nas homilias de Crisóstomo, que considera, a propósito de *Mt.* 27:45, a escuridão não como um eclipse, mas como um sinal / manifestação do sofrimento de Cristo (88: ὀργιζομένου γὰρ ἦν

⁸¹ Cf. a durabilidade invulgar do fenómeno, segundo o testemunho presencial do cristão convertido Dionísio Areopagita, ΠΟΛΥΚΑΡΠΩΙ ΙΕΡΑΡΧΗ Heil-Ritter, da nona hora até ao anoitecer.

⁸² Cf. Escáliger, *Animadv.* in Euseb. p. 186a, relativamente à ocorrência de um eclipse parcial (in Euseb. *Chron.*), a 19 de abril do 4º ano da 74ª Olimpíada. Importa, outrossim, atender a outras versões que admitem o eclipse como tendo sido total, ao ponto de se verem estrelas (e.g. Xifilino *apud* Sykes 1732: 77g).

ἐπὶ τοῖς τολμωμένοις τὸ σκότος ἐκεῖνο).

Poderá toda esta discussão em torno de Flégon e do retrato do obscurecimento tratar-se de uma falsa questão gerada a partir de uma confabulação exegética construída por um conjunto reduzido mas significativo de autores da medievalidade? Tal parece constituir o retrato da situação, com a confluência de dois tipos de posicionamento ainda vigentes no século XVII: por um lado, a crença no significado do eclipse aquando da Paixão de Cristo, com base nas palavras unânimes dos antigos autores do Cristianismo⁸³; por outro, a questionação de todo o caso, ao perceber a fragilidade das fontes em que radicava tal crença, na realidade apenas um reduzido número de autores cristãos, posteriores à leitura de Eusébio⁸⁴.

2.2. PRODUÇÃO LITERÁRIA

2.2.1. Questões de Autoria

Flégon gozou de algumas oportunidades para comunicar eventos peculiares que regista na sua coletânea fantástica (cf. *Mir.* 35), ele que foi um escravo autor⁸⁵ e conviveu de perto com membros do núcleo imperial (viz. Alcibíades⁸⁶, a quem dedica *Olimpíadas*). Desta aproximação provém uma suspeita relativa à autoria de alguns dos escritos atribuídos, expressa em *Scriptores Historiae Augustae*, por Eusébio, mais concretamente na *Vita Hadriani* 16.1: *Famae celebris Hadrianus tam cupidus fuit ut libros vitae suae scriptos a se libertis suis litteratis dederit, iubens ut eos suis nominibus publicarent. nam et Phlegontis libri Hadriani esse dicuntur.* “O célebre Adriano, tão desejoso de fama, que

⁸³ Cf. Dionísio Petávio, *De Doctrina Temp.* 12.21.

⁸⁴ Tillemont 1691: 449, n. 35.

⁸⁵ Vd., no séc. V, a alusão ao facto por Élio Eusébio, *Vita Severi* 20.

⁸⁶ Vd. Phot. *Bibl.* 97.2.e.

deu a escravos seus libertos ilustrados livros acerca da sua vida escritos por si, com ordem de publicá-los com os seus próprios nomes.” Com efeito, a julgar por esta fonte, os escritos de Flégon seriam na realidade de Adriano⁸⁷. Pese embora a controvérsia que rodeia tal afirmação, atribuir a autoria a um historiador menor, Flégon, também não acrescentaria necessariamente o seu valor. De facto, a *Vita Hadriani*, baseada em informações das perdidas *Memoriae*, apresenta-se à maneira de um retrato biográfico, com cariz de um folhetim popular divulgador de uma personagem propagandística. O recurso à pseudonímia autoral expressa uma falsa modéstia de Adriano, ao pretender vencer o anonimato a que parecia votá-lo a inexistência de escritos biográficos similares a outros Césares, por parte de escritores do séc. I/II, como Plutarco (em grego) ou Tácito e Suetónio (em latim). Assim, sobre Adriano, além da primeira biografia de *Historia Augusta*, conserva-se apenas o relato de Dio Cássio, na *Historia Romana*. Porém, a questão ganha diferentes tonalidades com o autor alemão do séc. XVI/XVII, Tobias Magirus⁸⁸, que suscitaria um comentário, a título crítico e corretor, de Bayle⁸⁹. A seu ver, colmatando um registo escrito deplorável, Magirus parece ter entendido erradamente ou mesmo pervertido o excerto de *Scriptores Historiae Augustae* 1.16.1. Pertence ao germânico a seguinte afirmação: *Eos [libros de mirabilibus, Olympiadibus & longaevis] tanti aestimavit Hadrianus, famae percelbris cupidus, ut pro suis vendidit, ut colligere licet ex Aelis Spartanom in Vita Hadriani*. “Adriano, que tinha uma grande sede de fama,

⁸⁷ Vd. exemplo da versão corrente, Fabrício 4.15.7 (1796: 258), a propósito dos *Libri de Vita Hadriani Imp.: ab ipso Imperatore scripta et sub Phlegontis nomine edita*. Vem este facto ao encontro da informação reportada por Esparciano.

⁸⁸ Vd. Magirus 1597: 659.

⁸⁹ Vd. Bayle 1739: 384 n.r. C.

estimava de tal forma os livros respeitantes a coisas maravilhosas, às Olimpíadas, e a pessoas com grande longevidade, que as apresentava como sendo suas, conforme pode deduzir-se a partir de *Vida de Adriano*, em Élio Esparciano.” Na realidade, mediante esse entendimento, haveria que inverter a situação e considerar que o Imperador estaria a colocar o seu próprio nome (Adriano) em obras da autoria de Flégon.

2.2.2. Manuscritos e Edições

Autor tardio em língua helénica, o Traliano compôs a sua obra no século II, estimando-se o limite *post quem* para a finalização total das obras em 116, conforme julga Stramaglia⁹⁰.

A produção literária conhecida de Flégon é transmitida por um manuscrito bizantino único (*codex unicus*) do século IX (c. 850-880), a saber, o *codex uetustissimus*⁹¹ *Heidelbergensis Palatinus Graecus* 398 (P)⁹², fls. 216r-236r, por escribas de Constantinopla. Após o f. 215v em branco, não contendo nada, o f. 216r começa com texto, de *De Mirabilibus Libellus*, *Livro das Maravilhas*, autoria de Flégon de Trales, desprovido de cabeçalho e de introdução. Findo o texto, em 234v, apresenta-se a descrição do conteúdo anterior, com a *subscriptio*: φλέγοντος τραλλιανού ἀπελευθέρου καίσαρος περὶ θαυμασίων καὶ

⁹⁰ Stramaglia 2011: VII. Importa, a propósito, efetuar uma leitura crítica de fontes como Owen — Johnston 1784: 339, que estendem a vida literária de Flégon até, pelo menos, ao 18º ano do Imperador Antonino Pio (156), cujos cônsules são supostamente mencionados, facto que não se confirma.

⁹¹ Assim se designam os *codices* elaborados até ao século X.

⁹² Composto por 321 folhas de pergaminho (25x17cm) conta-se entre os manuscritos reunidos por J. de Ragusa (séc. XV). Qual coletânea antológica, reúne vários autores de épocas distintas, por áreas, designadamente: geógrafos, mitógrafos e paradoxógrafos e epístolas. Cf. Mioni 1973: 63; Longo — Perria — Luzzi 1997: 205. Vd. Sellheim 1930; Leroy 1961; Musso 1976; Glénisson — Bompaire — Irigoien 1977; Temporini 1982; Kavirus-Hoffmann — Bravo García 2010.

μακροβίων, “Flégon Traliano, liberto do Imperador, sobre maravilhas e vidas longas”.

Ainda em 234v, linhas 30-31, surge uma nova entrada, respeitante ao texto disposto até 236r, para φλέγοντος ἀπελευθέρου ἀδριανουῦ καίσαρος περὶ τῶν ὀλυμπίων, “De Flégon, liberto do Imperador Adriano, sobre as Olimpíadas”. Segundo Stramaglia 2011: V, trata-se apenas do início mutilado de uma obra de maiores dimensões, ὀλυμπιάδες (uel ὀλυμπιονικῶν καὶ χρονικῶν συναγωγή, uel Χρονικά).

Da autoria de Flégon, consta o remanescente coligido de Περί Θαυμασίων (216r-230r); Περί Μακροβίων (230r-234v); Περί τῶν Ὀλυμπίων (234v-236r). Neste último caso, apenas um residual fragmentário. O *corpus* de Flégon mostra-se, assim, reduzido e deveras incompleto. *Olimpiadas*⁹³, da primeira à 229^a, ou até à época de Adriano (cf. Fócio); ou até ao 4^o ano de Antonino Pio (Escáliger. *Animadv.* in Euseb. *Chron.*: 185). Porventura ficou incompleta, no ano 138 (morte de Adriano).

A *editio princeps* da obra restante de Flégon, composta por dois opúsculos de maior extensão: *Sobre Maravilhas* (Περὶ Θαυμασίων) e *Acerca de Vidas Longas* (Περὶ μακροβίων), foi tardia. (1568). Pertenceu a iniciativa de uma versão bilingue (grego-latim) a Xilandro⁹⁴. A lição grega correspondente a Flé-

⁹³ Vd. Lardner 1764: 127.

⁹⁴ Cf. *Antonini Liberalis* Transformationum Congeries. *Phlegontis Tralliani* de Mirabilibus et Longaevis Libellus. *Eiusdem* de Olympiis Fragmentum. *Apollonii* Historiae Mirabiles. *Antigoni* mirabilium narrationum congeries. *M. Antonini Philsophi Imp. Romani*, de uita sua Libri XII. *ab innumeris quibus antea scatebant mendis repurgati, et nunc demum uere editi*. Graece Latineque omnia, Guil. Xylandro Augustano interprete: cum Anotationibus et Indice. Basileae, per Thomam Guarinum, MDLXVIII chartis octonis min. [*Antonini Liberalis* Μεταμορφώσεων Συναγωγήν. *Phlegontis Tralliani* Ἐπὶ Θαυμασίων καὶ Μακροβίων, *Eiusdem* Ἐπὶ τῶν Ὀλυμπίων Fragmentum: *Apollonii* Ἱστορίας Θαυμασίας et *Antigoni* Ἱστοριῶν Πραδόξων Συναγωγήν *continentem, eosque*

gon contém anotações do lado esquerdo⁹⁵. As mesmas anotações não se repetem em grego, cabendo nas margens desta versão escassas alterações/correções (cf. *Adnotatiunculae*, Stramaglia 2011: XXIV), antecedidas de pequenos sinais de chamada⁹⁶.

Seguir-se-ia a reedição da obra, como *Phlegontis Tralliani Quae extant opuscula. G. Xylandro interprete, por I. Meursius recensuit et notas addidit*, Lugduni Batauorum, apud I. Elzevirium, primeiro em 1620, depois em 1622. No final de século (1697)⁹⁷, “De rebus mirabilibus liber, graece cum interpretatione latina Guilielmi Xylandri, ac recensione notiisque Joannis Meursii”

Graece, et Latinitate a se donatos, addito, quem decennio ante ediderat, Marco Antonino, de Vita sua, in unum corpusculum redactos typis descripsit, Basileae, A. MDLXVIII. *Sed Adnotationes, uti ad reliquos scriptores raras, sic Antoninum, septanarium numerum non superant, quia adnotando omnia persequi noluerat, neque erat otium, sed uere, quia, ut Thuani uerbis utar, non famae scriberat, sed fami*]. O livro, estruturalmente, começa por apresentar a versão latina (no caso, *Phlegontis qui Adriani imperatoris fuit libertus, de Olympiis fragmentum*: 65-68, finalizando com indicação da falta de parte - *cetera desunt*) e *Phlegontis Tralliani, caesaris liberti, de Mirabilibus et longaevis Libellus* (pp. 69, com indicação da falta do início: *deest principio*; as histórias são apresentadas sucessivamente, por vezes sem parágrafo de espaçamento; transita de imediato para abordar casos de longevidade, p. 97, agrupados por títulos - *DE HIS QVICENTVM annos vixerunt; QVI AB ANNIS C ET IV usque ad CX protraxisse vitam annotati sunt; QVI AB ANNIS CX VSque ad CXX progressi, in Commentariis memorantur; QVI AB CXX ANNS usque ad CXXX vixisse annotati sunt* - p. 105, com *finis*). O texto grego segue-se à tradução da coleção de textos latinos (p. 353), dando início a nova paginação (p. 55 [409] - ΦΛΕΓΟΝΤΟΣ ΤΡΑΛΛΙΑΝΟΥ ΑΠΕΛΕΥΘΕΡΟΥ ΚΑΙΣΑΡΟΣ ΠΕΡΙ ΘΑΥΜΑΣΙΩΝ ΚΑΙ ΜΑΚΡΟΒΙΩΝ. Apenas o sinal ¶, sem ser antecedido ou prosseguido de parágrafo separatório, dá início à listagem *Acerca de vidas longas*, com iniciais capituladas, com acentuação, aspiração subsequente às vogais e separação do texto restante por].

⁹⁵ E.g. p. 91, *Mir.* 11, *Ida Herois caput*; identificação do passo de Homero com *Il.* 1.554.

⁹⁶ E.g. p. 78, *Mir.* 10A.468: *lego* αὐτὰ, à margem de * αὔται; p. 80, *Mir.* 10B.494: † *lego* ἔνθα νομιστὸν, ao lado de † ἔνθ' ἀνόμιστον; *Mir.* 10B.504: a *lego* αἶκε b *lego* ὡς, na margem do verso αἶ κε γένει^a προφερέστεραι^b ὡς' ἐνὶ λαοῖς.

⁹⁷ Cf. Hoffmann 1845: 84.

in Graevii et Gronovii *Thesaurus Antiquitatum Graecarum*, 8, Lugdunum Batavia: 2690 sq.; “De longaevis libellus, graece cum interpretatione latina Guilielmi Xylandri, ac recensione notiisque Joannis Meursii” in *Graevii et Gronovii Thesaurus Antiquitatum Graecarum*, 8, Lugdunum Batavia: 2727 sq.; “Olympiis fragmentum, cum latina interpretatione Joannis Meursii” in *Graevii et Gronovii Thesaurus Antiquitatum Graecarum*, 9, Lugdunum Batavia: 1289 sq. Em 1775, nova edição da coletânea de Xilandro, com recensão de Meursio e índices e anotações de Franz: *Phlegontis Tralliani Opuscula, graece et latine, e recensione Iohannis Meursii, accesscrunt eiusdem et Guilielmi Xylandri animadversiones atque Iohannis Meursianii de longaevis epistola iterum edidit, animadversiones indicesque adiecit I. G. F. Franzius, apud I. Ch. Hendel*. A partir de Meurse, praticamente sem alterações face à lição de Xilandro, Johann Franz, com a publicação de *Phlegontis Tralliani. Opuscula Graece et Latine e Recensione Ioannis Meursii cum eiusdem et Guilielmi Xylandri animadversionibus edidit, annotationei et indices adiecit J. G. F. Franz. Editio secunda emendatior et F. Iac. Bastii observationibus aucta. Hai., Hen., 14: 290 sq.*, já no século XIX (1822). Nessa publicação, também o apêndice-comentário de Friedrich Bast (142-154), no ano 1805. 16 Gr.: 142-154: *Bastii notae, quae sunt variae lectiones codicis msti Paris, emendationes aliaequae animadversiones: Lettre critique*, Paris: 44 sq. De 1839, a edição de Westermann, com aparato crítico. Dez anos depois, a edição de Müller, acrescentada em 1851; de 1877, a de Keller. Jacony, em 1929, edita o texto e complementa, no ano seguinte, com comentário. Em 1966, a versão de Giannini; em 1995-6, a de Sissaz. No século XXI, Brodersen (2002) e Stramaglia (2011). A tradução que seguidamente se apresenta segue o original grego disponibilizado por Stramaglia (2011), relativamente a *Sobre Maravilhas e Acerca de Vidas Longas*, as únicas obras

contempladas. No tocante a *Sobre as Olimpíadas*, a tradução segue o original grego de *Fragmenta Historicorum Graecorum* 3: 603-604.

2.2.3. História e Histórias

Em termos gerais, Flégon inscreve-se num estilo peculiar de narração longe do retrato imparcial, antes exploratório do assombro, que condiciona, à partida, a reação dos leitores⁹⁸.

Primacial para definir o estilo de Flégon revelou-se Fócio. Do capítulo consagrado a Flégon torna-se possível constatar a avaliação crítica de um autor cujo testemunho importa considerar. Desde logo porque, ainda que tardio, terá mais propriedade do que os atuais, porquanto, no tocante às *Olimpíadas*, o texto ainda existia, o que confirma algumas informações destacadas por Fócio⁹⁹, desde sismos, guerras, nascimentos ilustres, piratas. Quanto ao estilo, esta fonte abalizada pela leitura integral do escrito é deveras crítica. Além de não reconhecer um estilo ático no Traliano, mas somente corrente, considera desagradável a leitura do seu escrito, pejado de uma acumulação de factos históricos misturada com a inapropriada inserção de oráculos. Poder-se-á, ainda assim, alegar que o julgamento de Fócio (*Bibl.* 97) se centra apenas numa obra, deixando por referir as demais (atualmente fragmentárias ou perdidas por completo. Cf. *Suda*

⁹⁸ Cf., neste sentido, Plu., *De Herodoti malignitate* 855b, acerca da “narração maliciosa” (κακοήθους διηγήσεως), oposta à “cândida” (καθαράς), exemplificando com a superstição de Nícias e com o discurso de Cléon. Aplicando, *a posteriori*, a afirmação de Lívio a vários autores do âmbito da paradoxografia (e porque não a Flégon), suscitam-se, no mínimo, dúvidas face aos factos que os autores em causa demonstram contínuas preocupações em credibilizar enquanto reais.

⁹⁹ Sykes 1734: 8 refere que J. Chapman coloca dúvidas sobre o conhecimento de Fócio (séc. IX) acerca da obra de Flégon - se terá lido a obra completa, ainda existente nessa altura, ou apenas parte. Vd. Chapman 1734.

φ527), cujas temáticas poderão ter condicionado um estilo diverso.

Ἔστι δὲ τὴν φράσιν οὔτε λίαν χαμαιπετῆς οὔτε τὸν Ἀττικὸν ἐς τὸ ἀκριβὲς διασφύζων χαρακτῆρα. Ἄλλως τε δὲ καὶ ἡ περὶ τὰς Ὀλυμπιάδας καὶ τὰ ἐν αὐταῖς τῶν ἀγωνισμάτων ὀνόματα καὶ πράξεις καὶ ἡ περὶ τοὺς χρησμοὺς ἄκαιρος φιλοπονία τε καὶ φιλοτιμία, εἰς κόρον ἀπάγουσα τὸν ἀκροατὴν καὶ μηδὲν ἄλλο τῶν ἐν τῷ λόγῳ σχεδόν τι προκύπτειν συγχωροῦσα, ἀηδῆ τε τὸν λόγον δεικνύει καὶ χάριτος οὐδὲν ἔχειν παρατίθησι. Χρησμοῖς δὲ παντοίοις ἐς ὑπερβολὴν ἐστι κεχρημένος.

“O estilo do autor, ainda que não muito mau nem vulgar, nem sempre preserva o carácter ático. Porém, a sua inoportuna, se bem que laboriosa diligência em dar conta das Olimpíadas, as suas listas de nomes de vitoriosos e dos seus feitos, e as suas considerações dos oráculos, não apenas desagradam o leitor, uma vez que não admitem que nada mais apareça, mas também tornam a linguagem desagradável e destituem-na de toda a elegância. Também atribui uma importância indevida a oráculos de todos os tipos.”

Flégon apresenta casos incríveis e assume-se enquanto historiador¹⁰⁰. Mas mais do que meramente informar, o paraxógrafo deve fornecer plausibilidade, transmitindo histórias por conhecimento corrente/popular/de credibilidade incontestável (cf. #1; #16: παρειλήφαμεν; #19, bárbaros locais; #32, Crátero,

¹⁰⁰ Vd. Marincola 1997; Munson 2001; Darbo-Peschanski 2007. Sobre a continuidade ou o afastamento do conceito de ‘história’, no séc. V a.C., face a οἶδα, ‘ver, conhecer’ (vd. ἴστωρ, ‘sábio, juiz’, *Il.* 18.501, 23.486), cf. Hartog 2001.

irmão do Rei Antígono); por vezes também de origem incógnita (#12, 15); em alguns casos assumindo como fontes¹⁰¹ diversos autores de distintos panoramas literários, embora se contem alguns historiadores, facto que torna crível a informação e (ou) faz ponderar sobre a noção de ‘historiador’. Designadamente, Homero¹⁰², *Il.* 9.558-560 (#11); Hesíodo - c. séc. VIII/VII a.C. (#4); filósofo peripatético Antístenes - séc. VI/IV a.C. (#3); historiador Megástenes - séc. IV/III a.C. (#33); historiador Hipóstrato - c. séc. III a.C., *Sobre Minos* (#30); Antígono - séc. III/II a.C. (#28); historiador Êumaco, Περιήγησις, *Descrição Geográfica* - séc. III/II a.C. (#18); Doroteu, *Hypomema* - c. séc. I a.C. (#26); Hierão de Alexandria/Éfeso - séc. I (#2). Importa, outrossim, considerar Apolónio¹⁰³ (ὁ γραμματικός (?) - cf. #11, 13, 14, 16, 17. Vd. #17: ὁ δὲ αὐτὸς φησιν); Teopompo de Sinope, Περί Σεισμῶν, *Sobre Sismos* (#19). *Peri Macrobian* comporta, de igual modo, algumas fontes literárias, partindo também do princípio de que os nomes arrolados possuíam existência histórica. Na sequência herodótica, como coletor de episódios, refere a evidência (μαρτυρία) empírica (cf. Arist. *A.Pr.* 1.30.46a, 1.27.43b), sem tomar partido. Neste sentido, conjuga, indistintamente, casos mitológicos com eventos alegadamente

¹⁰¹ Vd. Sanz Morales 1998.

¹⁰² A complexa ‘questão homérica’, enquanto conjunto de dúvidas relativas à existência, proveniência e datação de Homero (cf. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), à autoria, forma de composição das epopeias que lhe são comumente atribuídas (viz. *Iliada* e *Odisseia*), existência factual de alguns conteúdos, não parecia colocar-se na Antiguidade. As dúvidas suscitadas por estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários são dados muito posteriores. Vd. Buffière 1956; Wace — Stubbings 1963; Jensen 1980; Nagy 1996; Tuner 1997; Burgess 2003; Troca Pereira 2009, 2016a.

¹⁰³ Autor de identidade incerta. Stragmalia 2011: 46 recusa tratar-se de Apolónio paradoxógrafo, de Apolónio sofista ou de Apolónio Díscolo.

factuais¹⁰⁴, desfazendo a dicotomia *mythos / logos*¹⁰⁵, como que conferindo existencialidade evemérica, com cunho de exemplaridade paradigmática, a figuras tradicionais. Como tal, à maneira de uma linha de paradoxógrafos, a exemplo de Paléfato (séc. IV a.C.), *Περὶ ἀπίστων (ἱστορίων)*, não desconstrói, racionalizando¹⁰⁶ a tradição mitológica com uma versão alternativa,

¹⁰⁴ Vd. Brillante 1990; Barash 2011.

¹⁰⁵ Vd. contraste de ‘mito’, enquanto ficcionalidade/confabulação literária, e factualidade, Plu. *De gloria Atheniensium* 348a-b: ἀλλ’ ὅτι μὲν ἡ ποιητικὴ περὶ μυθοποιῶν ἐστὶ καὶ Πλάτων εἴρηκεν. ὁ δὲ μῦθος εἶναι βούλεται λόγος ψευδῆς εἰκῶς ἀληθινῶν διὸ καὶ πολὺ τῶν ἔργων ἀφέστηκεν, εἰ λόγος μὲν ἔργου, καὶ λόγου δὲ μῦθος εἰκῶν καὶ εἰδωλόν ἐστι. “Que a poesia tem a ver com a composição de assuntos mitológicos, também Platão já tinha afirmado. Ora, um mito pretende ser uma história falsa, parecendo ser verdadeira. Assim, encontra-se bastante afastado dos factos reais, se uma história não é mais do que um cenário e uma imagem do sucedido, e um mito um cenário e uma imagem de uma história.” Vd. Baeten 1996.

¹⁰⁶ Vd. uma lógica mais baseada em analogias e valias, enquanto lições supostamente históricas, numa dicotomia elitista *mythos*-falsidade-tradição-canonização popular / *logos*-veracidade/plausibilidade-história/etnografia (literatura oral). Linguisticamente, os termos utilizados para estabelecer o apartamento desses vetores passam, a título exemplificativo visível em Paléfato, *Περὶ ἀπίστων (ἱστορίων)*, *De Incredibilibus*, séc. IV a.C, por ἐγὼ δὲ γιγνώσκω ὅτι, praef.; δοκεῖ δέ μοι ταῦτα εἶναι, 33; ἐμοὶ δὲ δοκεῖ ἀμήχανον, 34. Outrossim, por expressões adversativas similares, introduzidas por δὲ e ἀλλά, ‘mas’, com o sentido de ‘mas a verdade é esta’ (e.g. τὸ δὲ [δ'] ἀληθὲς ἔχει ὧδε, 1-2, 6-9, 23, 28, 30, 41-42; τὸ δὲ ἀληθὲς οὖν ἐστὶ τοῦτο, 3; [ἔχει οὖν] ἡ ἀλήθεια ὧδε, 4, 18; ἐγένετο δέ τι τοιοῦτον, 5; ἡ δὲ ἀλήθεια [ἔχει ὧδε] αὕτη, 10, 16, 20, 22; ἡ δὲ ἀλήθεια ἦδε, 45; τὸ [ἦν] δὲ ἀληθὲς τοιοῦτον, 13, 21; τὸ δὲ ἀληθὲς [ἔχει ὧδε] οὕτως, 15, 19; ἦν δὲ τοιοῦτον, 24; [ἀλλ'] ἐγένετο [δέ] [τι] τοιόνδε τι, 26, 39, 40; ἔχει δὲ ὧδε τὸ ἀληθὲς οὕτως, 27; ἐγένετο οὖν τοιοῦτόν τι, 31; ἐγένετο δέ τι οὖν τοιοῦτόν, 43. Cf. anotações, como μάταιον, “ridículo”, 4, 27, 38; ἐστὶ δὲ εὔηθες, “isto é uma tolice”, 5; τοῦτο δὲ ψευδές, “isso é falso”, 9, a título ilustrativo). As causas apontadas para repor a verdade (cf. plausibilidade) dos acontecimentos varia na introdução de cada fenómeno retratado (e.g. 37: ἀλλ’ ἦν τοῦτο, “Eis como aconteceu”; 38: ἦν οὖν τοιοῦτον, “Eis o que sucedeu”). Sobre a apresentação, por parte dos paradoxógrafos, de duas versões do mesmo mito: uma tradicional, outra racionalizada, vd. Nestle 1942; Douglas 1953; Lévi-Strauss 1955; Kirk 1973; Poser 1979; Schneiderman 1981; Shelburne 1988; Gill

explicando a causa da deturpação sucessiva dos recontos, dando azo à ‘linguagem mitológica’. De uma forma geral, é breve, linear e objetivo, quicá denotando o conhecimento corrente das situações reportadas.

Embora não se datem (e.g. #21) nem localizem (e.g. #20, 21) todas as ocorrências, é ainda assim evidente o cuidado do autor em facultar, na estrutura dos episódios supostamente verídicos, dados de plausibilidade¹⁰⁷, o que retira o cunho fantasioso/fantástico e apela até à credulidade de alguns possíveis cétricos. Para tanto, serve-se de diversos expedientes de creditação, como a intervenção de altos dignatários (cf. #35), o envio, a alimentação, o processo de morte-embalsamento, o acondicionamento, a coleção¹⁰⁸ e a exposição¹⁰⁹ (cf. #15).

— Wiseman 1993; Lincoln 1999; Walker 2001; Jamme 2004; Ricoeur 2004; Rank — Richter — Lieberman 2004; Brodersen 2005; Sulimani 2005; Segal 2011; Kim 2010: 73; Scodel 2014: 126.

¹⁰⁷ Pese embora #21, em completo anonimato; #25, onde nenhuma das parturiantes é identificada, e #33, em sítio não descrito, Flégon, servindo-se de autoridade epistémica, por vezes testemunha (e.g. #1, 9) e na generalidade prefere disponibilizar valimento, indicando outros depoimentos (povo, figuras reconhecidas do cenário político e social, escritores), o contacto com figuras sociais de referência (e.g. Imperadores - Tibério Nero: séc. I a.C./I d.C., #13, 14; Nero - séc. I, #20. Cf. alusão a Filipe II da Macedónia - séc. IV a.C.; Trajano - séc. I/II, e Adriano - séc. II: #29) e dados contextuais (e.g. data, localização, realidade política, eventos naturais, identificação/nominalização de algumas figuras contempladas). Assim, a consideração do valor profético para o desenrolar de contendas militares (#2) e a alusão a Hierão de Alexandria ou de Éfeso, a propósito da Etólia (#1); ao filósofo peripatético Antístenes (#2); a Polícritto (#2); a Buplago, comandante de cavalaria sírio, morto por romanos nas Termópilas, em 191; ao general Públio (#3); a Antíoco (#3); a Agripina Augusta, casa de (#7); ao pretor Récio Tauro, c. 69 (#22); ao geômetro Pulcro (#14); a Cornélio Galicano (esposa, #23).

¹⁰⁸ E.g. Augusto teria uma coleção particular (Suet. *Aug.* 72).

¹⁰⁹ Na realidade, constatam-se algumas divergências sobre a autenticidade de certas maravilhas, como pigmeus (vd. *Il.* 3.5; Eust. *ad Hom.* p. 372. Arist. *HA* 8.14 identificava-os com uma tribo no Egito. Cf. Gerana, *Ant. Lib.* 16; sátiros (vd. Plu. *Sull.* 27, sobre dois sátiros um exemplar

De notícias diatópicas e etnológicas contempladas e (ou) indicadas para localizar eventos, ressalta diversidade, complementada com algum exotismo bárbaro e orientalidade, em consonância com o teor da matéria abordada: #1 Anfípole (cf. Macates - Pélia); #2, Etólia. Cf. #3, sacrifícios na Etólia; #3, Termópilas, Elateia, Éfeso, Roma #6; #5 - “terra dos Lapitas”, i.e., Tessália; #6, Antioquia, junto ao rio Meandro; #7, Mevânia - Itália, Esmirna; #8, Epidauro; #9, Laodiceia - Síria; #10, 22, 23, 25 - apenas um dos episódios contemplados, Roma; #11, Messene; #12, ‘Caverna de Ártemis’, Dalmácia; # 13, cidades da Ásia Menor, Templo de Afrodite, Fórum Romano - Roma; #14, cidades de Sicília, Régio; #15, Nítria, Egito; #19, Mar Meótis, sismo, no Bósforo Cimeriano; #16, Rodes; #17: fortificações, numa ilha perto de Atenas; #18: trincheira defensiva pelos Cartagineses; #24, Trento, Itália; #25, rio Tibre; #26, 28, 29, Alexandria, Egito; #27 - embora de contexto romano (escravo de um soldado), ocorre em solo germânico, sob Alexandria (#28-29); #33, Pândia; #34, Sauna - Arábia. Embora se contem poucos casos sem localização (e.g. Ctesébio/104a, Gaio Pompúcio/107a, Jerónimo/104a, *Macr.* 2), a indicação da cidade, associada com a longevidade, afigura-se um elemento estruturante, que permite ao leitor confirmar a veracidade das

vivo, capturado em 83 a.C. e mostrado a Sila; outro, preservado em sal - cf. Jerónimo, *Vita S. Pauli Primi Eremitae* 8 = Migne *PL* 23:24, mostrado ao Imperador Constantino, em Antioquia. De igual modo, alguns povos que habitavam África, segundo Plin. *HN* 5.8 (viz. Egípcios, sátiros); Nereidas; Tritões (Plin. *HN* 9.4; cidadãos de Gades também teriam avistado um Tritão - *marinum hominem*. Vd. Ael. *NA* 13.21). De outro modo, humanos selvagens (Paus. 2.21.6-7, acerca de um exemplar capturado na Líbia e enviado para Roma. Considere-se, ficcionalmente, Ps. - Callisth. 2.33). Sobre a captura do dionisíaco Sileno, Hdt. 8.138; X. *An.* 1.2.13; Theopomp. *Hist. Philippika* 8 (*FGrHist* 115F 75); Plu. *Num.* 15.3-4; Paus. 1.4.5; Philostr. *VA* 6.27; na tradição romana, Ov. *Fast.* 3.291-326.

informações e desambiguar nomes comuns de indivíduos. Os sítios indicados¹¹⁰ não se inscrevem apenas na Itália, mas, tal como o Império, estendem-se por províncias exteriores: Abdera - 1H/104a; Apilocário, cidade - 1H/100a; Arimino (hoje Remini) - 1H/100a; Basileia - 2: 1H/100a +1M/100a; Beleia - 3: 2H/100a+1M/102a; Belia - 2/100a: 1H+1M; Bononia (hoje Bolonha) - 13: 5H/100a+1H/101a+2H/105a+1H/106+1H/135+1M/100a+1M/101+1M/110; Brixelo (hoje Brescello) - 2H/100a; *Conimbrigesia* (Conímbriga?) - 2H/100a; Cornélia (hoje Ímola?) - 7: 2H/100a+1H/111+1H/114+2M/101a+1M/103a; Corsiolo - 1M; Etósia - 1M/100a; Favência (hoje Faenza) - 2: 1H/105a+1M/100a; Fidência - 1H/100a; Iburobisingésia - 1H/100a; Interamnésia, cidade, Lusitânia: 3H/100a; Ortísia - 1M/100a; Macedónia - 6: Anfípole - 1H/100a+1M/100a, Filipos - 1H/100a+1M/100a, Paricópole - 4H/100a; Nicomédia, na Bitínia - 1H/100a; Parma - 9: 4H/100a+1H/102+1H/105a+1M/100a+2M/101a; Placência - 14/100a: 13H + 1M; Polésia - 1H/100a; Ponto e Bitínia (tianos) - 4: 3H/100+1M/100a; Ravena - 2: 1H/100a+1H/113a; Régio (hoje Reggio) - 6: 4H/100a+1H/102+1M/110a; Sabina - 1H/136a; Sinope - 1H/100a; Tanetana, cidade - 1H/105a; Tartésios, região dos - 1H/150a; Veleia - 1H/100a. Por último, a sibila de Eritreia : ἐβίωσεν ἔτη ὀλίγον ἀποδέοντα τῶν χιλίων, “niveu um pouco menos de mil anos (*Macr.* 6.1)¹¹¹. Além desta forma direta de apresentar a idade, expressa-se também com recurso a ‘vidas’ (10x110 anos), donde ἐν δεκάτῃ γενεᾷ, “décima idade” (*Macr.* 6.1); ἐτῶν ἑκατὸν δέκα , “cento e dez anos” (*Macr.* 6.3); εἰς ἐτέων ἑκατὸν δέκα κύκλον ὁδεύσας, “tendo gozado ciclo de cento e dez anos” (*Macr.* 6.3).

¹¹⁰ Legenda: H - homem; M - mulher; a - anos.

¹¹¹ Cf. Lact. *Diu. Inst.* 6.8-12, sobre várias sibilas.

A disposição dos governantes, militares, arcontes e cônsules em funções, por altura de algumas ocorrências, com poucas exceções (e.g. #8 não tem indicações), participa de uma estratégia dúplice selecionada pelo Traliano, conferindo credibilidade e proporcionando datação, a partir das fontes e testemunhos, aos episódios em que são aduzidos, em termos gerais, do séc. I/ II. Eis, no ano 45, #6: arconte ateniense - Antípatro, cônsules romanos - Marco Vinício, Tito Estatílio Tauro (Corvino), Imperador - Cláudio; no ano 49, #22: arconte - Demófilo; cônsules - Quinto Verânio, Gaio Pompeio Galo; no ano 53, #7: arconte ateniense - Dionosoro, cônsules romanos - Décimo Júnio Silano Torquato, Quinto Hatério Antonino; no ano 56, #27: comando militar de Tito Curtílio Mância, arcontado de Cónon; consulado de Quinto Volúcio Saturnino, Públio Cornélio Cipião; no ano 61, #20: Imperador - Nero, arconte ateniense - Traslo, cônsules romanos - Públio Petrónio Turpiliano, Cesénio Peto; no ano 65, #23: arconte ateniense - Demóstrato, cônsules romanos - Aulo Licínio Nerva Silariano, Marco Vestino Ático; no ano 83, #24: arcontado ateniense vacante, nono consulado de Domiciano César e segundo de Petílio Rufo), no ano 112, #25: arcontado de Adriano, antes de ser imperador, cônsules romanos - imperador Trajano (6ª vez) e Tito Sexto Africano; no ano 116, #9: arconte ateniense - Macrino, cônsules romanos - Lúcio Lâmia Eliano, Sexto Carmínio Vetero; no ano 125, #10¹¹²: arconte ateniense - Jasão, cônsules romanos - Marco Plautio Hipseu, Marco Fúlbio Flaco; no ano 191, #3: côsul Acílio Glábrio, legados - Pórcio Catão, Lúcio Valério Flaco.

¹¹² No respeitante a este episódio, aparece regularmente datado do ano 125. Contudo, Diels 1890: 90-91, referindo a possibilidade de tratar-se de um mesmo prodígio, mas de estarem misturados dois oráculos diferentes, talvez as datações dos oráculos se situem em 200 e 207. Cf., igualmente, a recolha de *Livros Sibilinos* após incêndio no Capitólio, em 83.

A apresentação de testemunhos credíveis continua a ser prática em *De Longaevis*, ainda que de forma menos corrente. Sob alçada dos dados recolhidos pelo censo¹¹³ dos anos 73-74, destaca ainda reconhecidos autores gregos bastante antigos que fornecem a mesma informação - séc. V a.C.: Heródoto 1.163.2 e Anacreonte, fr. 4 Gentili - *PMG* 361, para os 150 anos de Argantônio; do séc. II a.C.: Apolodoro, *Crónica* - cf. *FGrHist* 244 F49, sobre Ctesébio, com 104 anos¹¹⁴; Agatárquides [de Cnido], *Acontecimentos da Ásia* 9 - cf. *FGrHist* 86 F4, a propósito dos 104 anos de Jerónimo [de Cardia, *FGrHist* 154 T2]¹¹⁵).

2.2.4. *Opera*

a. *Sobre Maravilhas* (Περὶ θαυμασίων)

Retrata *thaumata* que pervertem a ordem natural dos elementos: morte-vida; género (em vários aspetos, desde sexo, parto, morfologia, dimensões); humano-não humano. Diversas fontes, umas citadas diretamente, embora algumas obras análogas latinas dispostas em distintas formas literárias, mormente durante o Período Trajânico e Adriânico¹¹⁶ nunca sejam objeto de menção direta, designadamente Plínio, *HN*, por certo do seu conhecimento.

No âmbito do *topos* do fantástico sobrenatural, o escravo liberto letrado de Adriano apresenta uma obra paradoxográfica Περὶ Θαυμασίων, *Sobre Maravilhas*, conferindo continuidade

¹¹³ Cf. Mommsen 1877; Kubitschek 1899.

¹¹⁴ Apollod. fr. 103 Müller contém excertos de autores que abordaram o *topos* da longevidade, designadamente Luc. *Macr.* 22 e Phleg. *Macr.* 2, no respeitante a este caso.

¹¹⁵ Cf. o próprio Flégon/Imperador Adriano, para Fausto, *Macr.* 4.

¹¹⁶ Outros autores também não citam diretamente Plínio, ainda que reportem maravilhas similares. Como exemplo, Lívio (28-33) recorda crianças hermafroditas consideradas portentosas, mortas em conformidade com rituais. Vd. Kowalzig 2007. Assim também Plínio, quanto a tempos passados (*HN* 7.3.34, rapaz tornado mulher - exilado. Cf., para mais, Obsequente, séc. IV, *Liber de prodigiis*). Vd. Bayet 1971.

a múltiplos escritos de teor similar, conforme indica Flégon, ao nomear Hierão de Alexandria (ou de Éfeso), a propósito da Etólia, na história inicial de *Mirabilia*. Estruturalmente, a obra compreende várias categorias de *thaumata*. O f. 216r começa com uma lacuna inicial. Depois, o texto, distinguindo-se, no *opusculum*¹¹⁷, diferentes secções: prodígios¹¹⁸ de almas de mortos entre os vivos (1-3); maravilhas várias (1-35), das quais andróginos (4-10), ossadas humanas de dimensões extraordinárias (11-19), questões relativas ao nascimento, e.g. partos, fecundidade (20-31), envelhecimentos prodigiosos (32-33), hipocentauros (34-35)¹¹⁹. A junção de *topoi* denota algum cuidado estrutural. O gosto popular pela matéria parece incontornável, não se iniciando com, nem tampouco restringindo Flégon. Importará, desde logo, constatar fraudes reconhecidas à época¹²⁰.

Cultura Fantasmagórica em Flégon Traliano: Episódios de poltergeist (1-3)

De início, a obra *Περὶ Θαυμασίων* dispõe um conjunto de três histórias de cariz novelesco¹²¹, fazendo reavaliar a ideia de morte, através de pessoas jovens que retornam à vida (1-3),

¹¹⁷ Cf. alusões de Keller 1877: VIII. Vd. Stramaglia 2011: VI - *capp.* 1-3: *mortui quidam inter vivos paulisper reversi aliaque prodigia cum his apparitionibus conexas*; *capp.* 4-35: *mirabilia varia ad humanam naturam spectantia*: a. 4-10: ἀνδρόγυνοι; *feminae in mares versae*; b. 11-19: *maiora quam quae hominibus convenient ossa fortuito reperta*; c. 20-31: *partus varie prodigiosi; matres mire prolificae*; d. 32-33: *pueri statim senescentes et sim.*; e. 34-35: ἵπποκένταυροι.

¹¹⁸ Vd. Bloch 1963; MacBain 1982.

¹¹⁹ Cf. Stramaglia 2011: VI.

¹²⁰ Cf. caso reconhecido como fraude (Plin. *HN* 10.2.5: *quod actis testatum est, sed quem falsum esse nemo dubitaret*, “isto foi atestado pelos anais, todavia ninguém duvida que era uma fénix inventada”. Tac. *Ann.* 6.28: *haec incerta et fabulosa aucta*, “tudo isto é duvidoso e um exagero fabuloso”. Cf. D.C. 58.27.1). Vd. Madsen — Lange 2016.

¹²¹ Cf. Bergua 1964; Anderson 1984; Pinheiro — Perkins — Pervo 2012.

tomadas como modelo para composições literárias futuras¹²². A primeira, um episódio doméstico; a segunda, relativa a Polícrito, face à atitude discriminatória dos seus compatriotas - povo e profetas conselheiros, perante o seu descendente hermafrodita nascido após a sua morte, profecia de um futuro calamitoso, caso não obedecessem à assombração, refletindo uma clivagem entre justiça popular tradicional, selvagem, xenófoba, mundana, e justiça do além, por um destino divino calamitoso. De tudo, a situação desenhada funciona como um expediente que funciona como motivo de crítica moralista, perante a realidade de relacionamentos interculturais. Por último, acontecimentos, tendo por base a figura do filósofo peripatético Antístenes, militarmente derrotado por Pórcio Catão e Lúcio Valério Flaco: profecias e morte de Buplago; realização de sacrifícios a Zeus *Apotropaios*; consulta do oráculo de Delfos; abandono da guerra; loucura profética de desgraças futuras, por parte do general Públio, num estado de *enthousiasmos* motivado por Apolo Linceu; teatralização ritualística/folclore, com o surgimento de um lobo (cf. Λύκος, Linceu, Lício) que ataca e devora o general; pacto com Antíoco; construção de um templo a Apolo Lício (Λύκιος) e de um altar onde jazia a cabeça remanescente do general.

¹²² Vd., na Antiguidade, obras similares: Antígono de Caristo, Θαυμάσια; Aristandro, Ἱστορίαι θαυμασῖαι; Mónimo, Θαυμασίων συναγωγή; Filon de Heracleia, Περὶ θαυμασίων; Ps. Aristóteles Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων; Arquelau de Quersoneso, Περὶ τῶν θαυμασίων; Apolónio, *Mirabilia / Historiae Mirabiles*. Vd., proximamente, Plin. 7.27, com histórias de aparições espíritas, passando por *topoi* de 'profecias de morte', da 'aparição', da 'casa assombrada', na exploração do horror e macabro credibilizada com o envolvimento de figuras conhecidas no panorama social, como Cúrtio Rufo, de início governador de África; o filósofo recém-chegado - Atenodoro; um escravo pessoal de Plínio, que lhe terá movido um processo. Cf. Westermann 1839; Vanotti 1981; Lanza — Longo 1989; Brodersen 2002; Stramaglia 1995, 2011.

O testemunho da trilogia, embora irrecuperavelmente truncado, não obsta à percepção do conteúdo semântico essencial dos perturbados cenários, configurando panoramas perturbados, nos quais se prefigura um misto com elementos repetidos nos três episódios introdutórios. Assim, notas de assombro, estranheza, terror, curiosidade, romance, tragédia, sentimentalismo, secretismo, *anagnorisis*, rituais, oráculos, profecias, crueldade, sacrifícios, empregues por forma a constituir uma gradação progressiva em termos terríficos e pormenores tétricos, no derradeiro caso, onde se prefigura um misto com elementos repetidos nos três episódios introdutórios. Transgridem também a normalidade casos de hermafroditas e mudanças de sexo (4-10); outrossim, a listagem de ossadas de grandes dimensões (11-19); de nascimentos inusuais (20-21, 25), descendência humana animalesca (22-24); notícias de gestações masculinas (26-7); nascimentos múltiplos (28-31); envelhecimento (32-33); centauros (34-35).

A credibilização é conferida, por um lado, por aspetos religiosos, já que as supostas aparições fantasmagóricas ocorreriam com permissão dos novos senhores ctónicos, aos quais passaram a obedecer as almas dos defuntos, como está patente em *Mir* 1: οὐ γὰρ ἄνευ θείας βουλήσεως ἦλθον εἰς ταῦτα. “É que não foi sem existir vontade divina que eu vim até aqui.” Por outro lado, num plano secular, pelo autor, através da referência a autoridades literárias, como Antígono, Antístenes, Apolónio (ὁ γραμματικός), Dicearco, Doroteu, Êumaco, Hesíodo, Hipóstrato, Calímaco, Clearco, Crátero, Megástenes, Teopompo; e pelo apelo a confirmações pessoais. Na realidade, ganha importância atestar credibilidade às informações transmitidas. Afinal, no caso particular de Flégon, similarmente a outros, tratava-se de um historiador, cujas histórias reportadas deveriam engrandecer-se acima da mera fantasia literária. Com

efeito, convinha entender-se algum didatismo imiscuído nessas mensagens enigmáticas, alegóricas, cujo assombro preserva na memória, envolvendo o homem (diversas categorias e estatutos sociais); o divino; a comunicação com o divino e o além, através de oráculos, profecias, profetas¹²³.

O livro *Sobre Maravilhas* inicia-se com um cenário assombroso, qual chamariz num mecanismo literário popularista pré-*kitsch* no horror. A exploração do terror no seu expoente máximo conjuga um pressuposto e uma associação. De facto, ao perfilharem-se certas matrizes filosóficas, como o epicurismo, e, conseqüentemente, crenças religiosas, a morte é absoluta¹²⁴, retirando assim, nesse entendimento supostamente elevado e algo elitista, espaço de desenvolvimento de crenças, receios e credences populares. Porém, no referente a Flégon e num contexto social marcado pela implementação de um paradigma judaico-cristão, parte-se, desde logo, de algumas bases neoplatónicas, designadamente, da aceitação do dualismo ontológico

¹²³ Importa atentar sobre considerações antigas que, não sendo necessariamente blasfemas, por não desautorizarem as revelações divinas, colocam dúvidas acerca da credibilidade e do sentido ético de alguns profetas, uma questão presente na literatura (cf. E. IA 520-521: Ἀγαμέμνων - τὸ μαντικὸν πᾶν σπέρμα φιλότιμον κακόν. | Μενέλαος - † κούδέν γ' ἄχρηστον, οὐδὲ χρήσιμον παρόν. †, “Agamémnon - Toda a classe de profetas constitui uma praga pela sua ambição. Menelau - Sim, imprestável e sem serventia, quando entre nós.” Em sentido similar, vd. IA 956-958: τίς δὲ μάντις ἔστ' ἀνὴρ, | ὃς ὀλίγ' ἀληθῆ, πολλὰ δὲ ψευδῆ λέγει | τυχών, “O que é um profeta, além de um homem que, ocasionalmente, profere por vezes a verdade, mas muitas vezes mentiras”. Cf., de igual modo, Apul. *Met.* 2.28, sobre Zatchlas, profeta que propunha trazer de novo à vida figuras mortas, pelos honorários a combinar. Vd. Souter 1936; Altizer *et al.* 1962; Westmoreland 2007; Troca Pereira 2013c, 2015a.

¹²⁴ Cf. Epicur. *apud* D.L. 10.124-126. Vd. Jaeger 1959.

do ser de raça humana¹²⁵ e da sobrevivência da alma¹²⁶ após o natural e imperioso (cf. Pi. O. 1.82) óbice de compensar a culpa ancestral titânica (Pl. *Men.* 81b: ποινη παλαιή. Cf. E. *Andr.* 1271-1272: πᾶσιν γὰρ ἀνθρώποισιν ἦδε πρὸς θεῶν | ψῆφος κέκρανται κατθανεῖν τ' ὀφείλεται, “Na realidade, este é o julgamento decidido pelos deuses que pende sobre todos os mortais e a morte a sua dívida a pagar.” Vd. D. 258; Opp. *H.* 5.4-7)¹²⁷ vigente na componente física, através do fim da vida, igualando, dessa forma, diferenças individuais de género, idade, condição social, riqueza, cultura (cf. ὁμῶς ἅπαντες; Pi. *I.* 7.42), após uma existência mais ou menos demorada no tempo.

Por outro lado, os episódios de ressurgimentos associam o *topos* da morte ao do desconhecimento, que cria temor desarrazado¹²⁸. E além do mais, caso se pondere a questão sob matrizes órficas, poderá entender-se a realidade tradicionalmente

¹²⁵ As raças divina e humana distinguem-se, desde logo, pelo facto de a primeira ser imortal (cf. ἀθάνατοι) e a segunda corresponder aos mortais (θάνατοι/βρότοι) - *h.Cer.*11: ἀθανάτοις θεοῖς | θνητοῖς ἀνθρώποις, “deuses imortais | homens mortais”. Existem, todavia, formas de garantir a imortalidade possível para um ser humano. Vd. Sourvinou-Inwood 1981; Redfield 1991.

¹²⁶ Cf. Pl. *Men.* 81b: φασὶ γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, “diz-se que a alma humana é imortal”.

¹²⁷ Cf. dívida ancestral contraída pelos antepassados titânicos, em virtude do desmembramento (σπαραγμός) de Zagreu/Diónisos (cf. *OF* 320; A. fr. 228 Radt) e herdada pelos descendentes humanos (cf. Opp. *H.* 5.4-7). Vd. Comparetti 1873; Bianchi 1966; Alderink 1981; Zeitlin 1991; Brisson 1995; Bernabé 2002; Rudhardt 2002; Henrichs 2010.

¹²⁸ Cf. Pl. *Ap.* 29a-b: τὸ γὰρ τοὶ θάνατον δεδιέναι, ὧ ἄνδρες, οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ δοκεῖν σοφὸν εἶναι μὴ ὄντα: δοκεῖν γὰρ εἰδέσθαι ἐστὶν ἃ οὐκ οἶδεν. οἶδε μὲν γὰρ οὐδεὶς τὸν θάνατον οὐδ' εἰ τυγχάνει τῷ ἀνθρώπῳ πάντων μέγιστον ὄν τῶν ἀγαθῶν, δεδίασι δ' ὡς εὖ εἰδότες ὅτι μέγιστον τῶν κακῶν ἐστὶ. “É que temer a morte, senhores, nada mais consiste do que julgar-se sábio, quando assim não é, pois trata-se de pensar que alguém conhece o que desconhece. Com efeito, ninguém sabe se a morte não é até a melhor bênção para os homens, mas eles temem-na como se soubessem que é o maior dos males.” Cf. Rose 1936.

apelidada de ‘morte’, não como uma perda derradeira, mas antes como uma etapa existencial, qual metamorfose, à semelhança de outras anteriores (viz. nascimento, crescimento, envelhecimento), marcada por mudanças (e.g. de estado, condição, lugar) refletidas em libertação, verdade (ἀλήθεια. Cf. Pl. *Phaed.* 65b), felicidade (εὐδαιμονία). Transata a ‘vida’, marcada por simulacro, dolo, contingência (cf. Heraclit. fr. B 62) e aprendizagem a partir de múltiplos sofrimentos advenientes da τύχη (cf. πάθει μάθος, A. *Ag.* 177, 928-929; S. *OT* 1528-1530), o novo período iniciado com a ‘morte’ traduzir-se-ia pelo prosseguimento evolutivo do ciclo existencial (cf. *OF* 463: βίος, θάνατος, βίος | ἀλήθεια | Διό(νυσος, “Vida, morte, vida | verdade | Díonisos [renascido. Cf. πάλιν γίγνεσθαι]). E tomada esta linha de pensamento um pouco mais adiante, introduz-se o paradoxo decorrente de um ceticismo gnoseológico. Ora, por um lado, o terror diário que pende sobre todos: a morte, como perda / fim, quiçá, mediante a tradição pagã, início de sofrimentos no tenebroso Hades, ou de cumprimento de suplícios eternos. Concomitantemente, explica-se a ‘morte’ infligida a deuses (entidades à partida imortais), como Úrano e Cronos, relegados para o Tártaro; Zagreu/Díonisos. Por outro, a convicção da morte como uma utopia da vida. Por último, o desconhecimento enquanto algo positivo, ideia corrente no séc. V a.C., expressa em autores, a exemplo de E. fr. 833 Kannicht: τίς δ’ οἶδεν εἰ ζῆν τοῦθ’ ὃ κέκληται θανεῖν, | τὸ ζῆν δὲ θνήσκειν ἐστί; “Quem sabe se a vida não é morte e a morte não é vida?”¹²⁹.

Ora, considerando a sobrevivência da alma¹³⁰, mesmo antes do advento do paradigma judaico-cristão, torna-se viável

¹²⁹ Cf., no mesmo sentido, Pl. *Grg.* 493a; E. fr. 638 Kannicht, fr. 833 Kannicht.

¹³⁰ Cf. D.L. prlg. 9. Vd. De Jong 1997.

prosseguir para questões como o diálogo entre o plano dos vivos e dos mortos; aparições e até a ressurreição, milagre e *mirabilia* hagiográficos relacionados¹³¹, aliando, por um lado, conceções tradicionais de imortalização da alma; por outro, ideologias órficas, pitagóricas e a suposição de um ciclo de três episódios evolutivos de reincarnação¹³²/transmigração da alma (cf. metempsicose), conforme expõe Píndaro (fr. 133 Page); por outro ainda, em certa medida, o evemerismo. Com as devidas reservas, cabe considerar, neste ponto, o δαιμόνιος τόπος¹³³ (Procl. 2.133.8-15 Kroll), local etéreo, espaço divino, misterioso, assim como um espaço de ascensão das almas, relativamente ao ilusório mundo sensível (cf. caverna, Pl. *R.* 514a-517a), sobre o qual pairam¹³⁴, em experiências simbolicamente oníricas¹³⁵ de

¹³¹ Cf., na ficção novelesca, renascimentos devidos a taumaturgos, uns ficcionados, outros considerados reais, cujo impulsionamento se atribui ora a divindades (cf. Asclépio: Apul. *Fl.* 19; Orígenes, *Cels.* 3.24), ora a médicos/curandeiros/ervas (vd. a propriedade de certas ervas, Plin. *HN* 25.5.14. E.g. Palaeph. 26. Cf. Ísis: D.S. 1.25). Considere-se, a propósito da ressurreição, no cenário clássico, Hdt. 4.13-16, 94-96; Pl. *Chrm.* 156d; Apollon. *Mir.* 2.2, relativamente à ressurreição de Zalmoxis, episódio que justifica o paralelismo com Jesus. Cf. Orígenes, *Cels.* 2.55, face à compreensão de milagres (cf. Apolónio de Tiana) e o processamento de alguns *mirabilia* hagiográficos. A reparação ou resgate (cf. Ar. *Ran.*) inclui figuras lendárias (e.g. Er: Pl. *R.*10.614-621) / mitológicas ficcionadas (e.g. Eurídice: Apollod. 1.3.2) e outras reais (e.g. Nero: Tac. *Hist.* 1.2, 2.8; Suet. *Nero* 57. Para outros casos, vd. Plin.; Plu.).

¹³² Sobre reincarnação, vd. Pl. *Phaed.* 78b-84b. Vd. Brisson 1992.

¹³³ Cf. Strózyński 2008; Mariev — Stock 2017: 193.

¹³⁴ Cf. Hdt. 7.16b2. Vd. Lucr. 5.724, substituindo *phantasmata* pelo vocábulo latino *simulacra*, para designar entidades voláteis, ainda assim imagens materiais, atómicas (vd. 4.49-53. Cf. Epicuro, *eidola*). Partículas emitidas pelos corpos humanos prevalecem no ar, configurando imagens até de mortos. O visionamento de tais imagens, quais memórias visuais, de dia, em estado de vigília, mas sobretudo de noite, aterroriza (4.30-41). Vd. Sedley 1999; Maggi 2008: 115; Holmes — Shearin 2012.

¹³⁵ Cf. o simbologismo da relação de irmandade gémea (vd. Hes. *Th.* 759. Cf. Paus. 18.1) entre *Hypnos* ('Sono') e *Thanatos* ('Morte'), duas esferas associadas com o negrume; a primeira, porém, transitória. Ainda

quase-morte (cf. xamanismo) de πορεία (cf. Pl. *R.* 514b-e)¹³⁶.

Não é casual associar grande parte das aparições, por natureza¹³⁷ já figuras escuras¹³⁸, sombras negras, com vestes pretas (Paus. 6.6.11), por vezes com marcas físicas resultantes de mortes violentas (*Il.* 23.64. Vd. aparição onírica de Heitor a Eneias, Verg. *A.* 2.270-279; de Siqueu a Dido, *A.* 1.353-356), à falta de luminosidade / noite e silêncio - factores que aumentam o cariz temeroso, tornando também difícil limitar a alegada ocorrência do sono e sonho¹³⁹, aspeto especialmente destacado no parecer epicurista, mediante a qual a percepção enganadora (ἀπατηλός) e mutável através dos sentidos, juntamente com o pensamento (διάνοια), permite a sua transformação/moldagem em qualquer forma, ainda que sem existência real (vd. Plu. *Brut.* 37.1: μεταβάλλειν ἀπ' οὐδενὸς ὑπάρχοντος ἐπὶ πᾶσαν ἰδέαν), qual invólucro de cera contendo a alma humana, durante a

assim, o sono não deixa de constituir, de certo modo, um momento de morte, enquanto distanciamento da vida quotidiana.

¹³⁶ Cf. Plu. *De sera numinis vindicta* 563b-568, a respeito da experiência de quase-morte de Tespésio de Soloi. Vd. comentários de Proclo (*R.* 2.113.22 sq.), referindo Aristes do Proconneso, Hermodoro de Clazómenas, Epiménides de Creta. Importa, outrossim, constatar um exemplo de 'reincarnação', designadamente Platão, com Er (*Pl. R.* 10.614-621), segundo retrato de Sócrates a Gláucon, sobre o referido herói, morto em batalha, porém, não tendo ingerido água do esquecimento, a partir de Lete, acordou, regressando ao corpo (10.621b: εἰς τὸ σῶμα ἀφίκοιτο) jazente numa pira, decorridos doze dias da sua morte e contou a experiência. Ora, no caso, assiste-se a uma alma que efetua um périplo de consciencialização (νόησις) para o seu interior. Cf. Strózyński 2008.

¹³⁷ Por vezes resumem-se apenas a sons (Paus. 1.32.4. Cf. Luc. *Pharsalia* 1.568, 569: *gemuerunt ossibus urnae; fragor armorum*), adensando a imaginação e, com ela, o pavor. Cf. *poltergeist* – 'espírito ruidoso'.

¹³⁸ Cf. Paus. 6.6.11. Exemplifique-se, para falta de luz e ruídos em ambiente normalmente silencioso, vd. Plu. *Cim.* 1.6; Paus. 9.38.5; Luc. *Philops.* 15.

¹³⁹ O *topos* de ἀνίστημι e ἐγείρω (*Il.* 2.42 e o simples erguer/levantar do sono). Ἠγέρθη, 'levantou-se' [do sono]; ἀνέστη, 'levantou-se' [do local onde estava]. Cf. gramático Amónio, séc. I/II, *De adfinitium vocabulorum differentia* §216 (BT 56.15–16 Nickau).

imaginação onírica (cf. Plu. *Brut.* 37.2), conforme exemplifica Plutarco¹⁴⁰.

O desconhecimento, a invulgaridade e a falta de explicações racionais motivam sensações de assombro, terror extremos¹⁴¹ e até conotações de cobardice (cf. Thphr. *Char.* 16.1-2), bem como alguma instabilidade/perturbações políticas, sociais, religiosas (viz. cerimónias necromânticas/místicas/propiciatórias a figuras/entidades ctónicas. Cf. invocação de Dario, A. *Pers.* 681-693); oráculos (cf. Hdt. 5.92g.2), donde também a ocorrência de fraudes e oportunismos.

O antropomorfismo que tradicionalmente caracteriza as ψυχάι ('almas') humanas¹⁴² acentua a estranheza das aparições, face à reversão do fatalismo da morte. De igual forma, a reencarnação constitui, outrossim, um desvio que perturba a ordem natural, importando, neste sentido, distinguir aparições pontuais e ressuscitação/renascimento permanente, e apreçar as consequências, porquanto o preço de uma vida implica outra (e.g. Alceste, por Admeto, E. *Alc.*; os Dióscoros, Plin. *HN* 2.5.17).

De tudo, ficará por saber até que ponto relatos desta natureza corresponderiam a um gosto generalizado de uma audiência literária/teatral, a título fictício (cf. *topos* da 'casa abandonada' e.g. Plu. *Cim.* 1.6; Suet. *Aug.* 6; Luc. *Philops.* 30-31; Pl. *Most.*

¹⁴⁰ Cf., a título ilustrativo, Cássio, o epicurista *vs.* Bruto, que alega ter visto, ouvido e falado com uma aparição fantasmagórica (τὸ φῶσμα), na sua tenda, na noite anterior, a avançar com o exército para a Ásia (Plu. *Brut.* 36.3-37.2).

¹⁴¹ E.g. Petron. 62: *Qui mori timore nisi ego? [...] Vt larua intraui, paene animam ebullui, sudor mihi per bifurcum uolabat, oculi mortui, uix unquam refectus sum.* "Alguém poderia estar mais morto de medo do que eu? [...] Entrei [em casa] como um cadáver e quase perdi a alma; o suor escorria pelas minhas pernas, os meus olhos estavam mortíços; dificilmente poderia ser reavivado."

¹⁴² Cf., outrossim, relatos de animais que ressuscitam (e.g. Plu. *De sollertia animalium* 973e-974a). Cf. Dodds 1951.

497-504) ou a título (pseudo-)histórico¹⁴³, ou a um *topos* de aproveitamento literário de folclore tradicional¹⁴⁴, ou implicariam também crença. Logo, por certo enquanto habilidade retórica, pugna-se em extremo por criar credibilização, sugerindo-se autópsias e testemunhos¹⁴⁵. De facto, convém, na paradoxografia, ultrapassar o antagonismo generalista e tradicional *mythos/logos*, entendendo e descodificando a linguagem enigmática¹⁴⁶ capaz de preservar a memória de certos eventos, fazendo uso da imaginação, do fantástico e do empolamento.

Afinal, não seria impossível, para quem crê na ressurreição (cf. ἀνίστημι, ἐγείρω) de Cristo, decorrido o terceiro dia da sua morte, julgar plausíveis outros reaparecimentos¹⁴⁷. Vislumbra-

¹⁴³ Cf. a manifestação da alma de Agripina diante do seu filho Nero (Suet. *Nero* 34; Apul. *Met.* 9.31).

¹⁴⁴ Cf. Pl. *R.* 2.381e, a respeito da falsidade (ψευδέσθων) de aparições fantasmagóricas noturnas de figuras divinas sob forma humana, efetuadas por poetas.

¹⁴⁵ E.g. Phleg. *Mir.* 35: εἴ τις ἀπιστεῖ, δύναται ἱστορησαίς, “quem for cético, pode examinar pessoalmente”.

¹⁴⁶ Vd. Plu. 8.8.3: τούτοις Ἑλλήνων ἐγὼ τοῖς λόγοις ἀρχόμενος μὲν τῆς συγγραφῆς εὐηθείας ἔνεμον πλέον, ἐς δὲ τὰ Ἀρκάδων προεληλυθὼς πρόνοιαν περὶ αὐτῶν τοιάνδε ἐλάβανον: Ἑλλήνων τοὺς νομιζομένους σοφοὺς δι’ αἰνιγμάτων πάλαι καὶ οὐκ ἐκ τοῦ εὐθέος λέγειν τοὺς λόγους. “Quando comecei a escrever a minha história, estava inclinado a considerar estas lendas como absurdas, mas, ao chegar à Arcádia, ganhei um maior apreço por elas, que é este: nos antigos tempos os que eram considerados sábios entre os gregos expunham os seus dizeres não de forma directa, mas por enigmas.” Vd. Segal 1996, 1998.

¹⁴⁷ Cf. uma representação bíblica simbólica da morte e ressurreição de Cristo (vd. Johnson 2006) na morte de Jonas, engolido por um peixe durante três dias (*Mt.* 12:49, *Jn.* 2:1). Numa dimensão mitológica disponibilizada anteriormente por Platão, com matizes simbólicas, morais e didáticas, vd. mito de Er, reincarnado, acordando após um sono/experiência onírica de morte, Pl. *R.* 10.614-621. Vd. sonho de *Cupido Crucificado*, écloga tardia já por Ausónio. A bem ver, em última instância, o acordar poderá equiparar-se a uma ressurreição, correspondente ao reassumir de um estado de consciência temporariamente substituído pelo cenário onírico. Cf. Strózyński 196-1957; Frutiger 1976; Thayer 1988; Brisson 1998; Janka — Schäfer 2002; Dillon 2004; Partenie 2009;

-se, com este universo da paradoxografia, uma ponte entre a tradição clássica pagã e o paradigma judaico-cristão, construída com bases de orfismo; pitagorismo; filosofia estoica, platonismo¹⁴⁸, proporcionando outra coloração à morte¹⁴⁹.

Collobert — Destrée — Gonzalez 2012; Troca Pereira 2015b.

¹⁴⁸ Cf. E. *IA* 1211-1214, *Bacch.* 561-564; A.R. 1.26-31; Prop. 3.2.3-4; Ov. *Met.* 11.41-46; D.S. 4.25.2; Cónon 45.3; Apollod. 1.3.2; Eratosth. *Cat.* 24.

¹⁴⁹ Pese embora a obrigatoriedade/necessidade da morte (Pi. O. 1.82. θανεῖν δ'ἴσιν ἀνάγκη), nunca devendo considerar-se a sua chegada inesperada (cf. E. fr. 964 Nauck), nem sequer injusta, importa ponderar sobre a imortalização de humanos concedida por deuses, ou, parcialmente, pela memória de obras ou feitos. Conquanto fizesse parte dos desígnios da *moira*, acima mesmo de vontades divinas, vislumbra-se a possibilidade de protelar o seu momento (cf. Zeus, relativamente a Sarpédon, *Il.* 16.439-449). Com Orfeu e Eurídice adiciona-se ainda um traço novelesco, tornando-se um modelo comportamental para outras figuras literárias. Vd. Linforth 1941; Segal 1989; Schlesier 1992. Revela-se uma ligação muito próxima do mito a um culto, com Orfeu enquanto figura conectada com o misticismo e ligado a rituais, cultos e cerimónias em larga medida desconhecidas e 'enigmáticas'. Mais ainda, numa aliança pouco provável aliando-se mito, ciência e transgressão (cf. Ps. - Eratosth. séc. III a.C., *Cat.* 1.6D), avançam-se nomes relacionados com a medicina: Asclépio (Phld., séc. II a.C., *De pietate* 131), Poliido, Hércules. Ora, a tradição mitológica contempla casos como o de Sísifo, que engana momentaneamente Tântato (cf. Eustath. *ad Hom.* pp. 631, 1702); Alceste (cf. E. *Alc.* 357-362), que entrega a sua vida pela do esposo, Admeto - vida por vida, preço para não perturbar a ordem natural (cf. Dióscoros: Plin. *HN* 2.5.17). Também divindades, entidades supostamente imortais, poderiam 'renascer'. Vd, pois, Diónisos, Osíris. Paléfato afirma corrigir a tradição de um "mito ridículo", μῦθος παγγέλιος (Vd. A. *Eu.* 723-728. Cf. A. **Cressae*, fr. 116-120 *TrGF*; Apollod. 3.3.1, todavia, cf. 3.10.3; Hyg. *Fab.* 136; Tz. *ad Lyc.* 811), na sua obra (ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ 26), a propósito do ressurgimento de Glauco, mediante a aplicação de ervas. Ainda assim, episódios tradicionais preservados pela mitologia, continuam a ser recordados mediante autores tardios, como Agatárquides, *De mari Erythraeo* 7, no séc. II, a propósito de três figuras: Alceste, Glauco, Protesilau, a primeira baixa heroica grega em Troia (cf. Philostr. *Her.* 2.7-11, acerca de duas ressurreições de Protesilau; Ps-Apollod. 3.30, sobre a breve volta de Protesilau do Hades, com permissão de Hermes, por misericórdia e para contentamento da viúva Laodamia, símbolo grego de devoção feminina, a par da romana Árria (cf. *ILS* 6261/*CIL*

Por vezes, os espíritos instáveis - atormentados e atormentadores¹⁵⁰ - incorrem na transgressão do normal afastamento de planos (vivos e mortos), com anuência divina, prefigurando uma continuidade entre ambas as esferas, espreado-se além de espaços macabros, como túmulos dos mortos (Pl. *Phaed.* 81d). Incapazes de total abnegação do mundo sensível, em termos de (res)sentimentos, posses e de acontecimentos¹⁵¹, pretendem completar questões não resolvidas em vida, como experiências; arrependimento; inveja/ressentimento (Luc. *DMort.* 29); reparação/direitos (viz. honras pessoais, celebrações¹⁵²), com um certo saudosismo e (ou) sentido justiceiro, por vezes aconselhando retificação, face a faltas/crimes); justiça cósmica (por vezes com contornos de vingança - e.g. Liv. 3.58.11: Virgínia), revelando-se até maléficos¹⁵³. O motivo das aparições reflete, por um lado, o

10.5920). Vd., neste sentido, *carmina epigraphica femininos* - ILS 8451/ *CIL* VI 19128; *CIL* II2/7, 540. Vd. Luc. *DMort.* 28.1-2; Córduba séc. I/ II. Cf. Phot., *Bibl.* 250.7, 443b; Eneias de Gaza, *Theophrastus*, no século VI, o que denota a força da tradição e do gosto popular acima da razão. Vd. Popescu 2009; Johnson 2017.

¹⁵⁰ Cf. Luc. *Pseudol.* 21.

¹⁵¹ E. g. Dido, Verg. *A.* 4.450-476; Ájax, Luc. *D.Mort.* 23 Fowler.

¹⁵² Vd. Prosérpina, em Paus. 9.23. Considere-se a exigência de honras fúnebres por parte de Pátroclo a Aquiles (*Il.* 23.65-92); o sacrifício de Políxena, requerido pela sombra de Aquiles (*E. Hec.* 35-41).

¹⁵³ Vd. aparição que surgiu a Bruto, que se apresenta como um δαίμων κακός, “gênio do mal” (Plu. *Brut.* 36.4). cf. ἀλάστωρ, ‘espírito mau’, A. *Pers.* 354. Tradicionalmente, cf. o fantasma (εἶδωλον) de Clitemnestra, figura sedenta de justiça retributiva, acordando as Erínias para a perseguição do seu filho Orestes, pelo matricídio, A. *Eu.* 94-139. Cf. Stesich. fr. 219 *PMG*, A. *Ch.* 549-550, E. *Or.* 618. Cf. Cic. *Div.* 1.27; Cass. 68. 25; Apul. *Met.* 8.8. Cf. relatos de atos maléficos perpetrados por algumas almas (e.g. Paus. 6.6.8, a propósito do espectro de um companheiro de Ulisses, em Temesa). De notar, casos de ‘magia negra’ (vd. Apul. *Met.* 9.29-30) e evidências miásmáticas / pessoas possuídas (vd. o filho de uma mulher, possuído pelo espírito de um homem falecido havia já três anos, porém, ressentido com o novo matrimónio da esposa, Philostr. *VA* 3.38), conduzindo a cerimónias (e.g. Festival Romano de *Pales*) e rituais de purificação (*februa*, Ov. *Fast.* 2.19-28). Cf. Fowler 1911; Burriss 1931;

desejo humano de imortalidade, mesmo que interrompido pelo óbito físico. Por outro, retira o cunho fatalista à vida, votada ao perecimento¹⁵⁴. O encontro plasmado com espíritos não carece do ritualismo que assistia à tradição literária dita homérica.

O primeiro episódio deste tipo contemplado por Flégon surge corrompido na sua parte inicial, faltando informação que pode ler-se pelas palavras de Proclo¹⁵⁵, o que denota o

Burkert 1985; Faraone 1991; Ogden 2002; Mudry 2004; Luck 2006.

¹⁵⁴ Na realidade, na sua catábase, Ulisses segue as instruções de Circe (*Od.* 10.516-540, 571-572) para possibilitar a comunicação entre mundos: as almas apenas iriam reconhecê-lo e revelar-lhe a verdade, caso o herói de Ítaca os deixasse sorver sangue negro (αἷμα κελαινεφές. Cf. 11.49-50, 98-99, 141-155, 228-234, 390), como veículo facilitador da comunicação. De facto, os mortos encontravam-se fracos, especialmente se resultantes de morte violenta, na qual perdessem sangue (cf. μέλαν αἷμα, na morte de Trasímedes), descrito com o mesmo epíteto da morte (cf. “*keres* negras”, *Od.* 2.283: ἴσασιν θάνατον καὶ κῆρα μέλαιναν). Vd. Calvo Martínez 2000.

¹⁵⁵ Com Proclo, já mais avançado no Período Medieval, continuam a constatar-se características gerais da paradoxografia, a exemplo da preocupação de credibilizar as histórias, com referências temporais (e.g. Polícrito, ἐπὶ τῶν ἡμετέρων πάππων, “no tempo dos nossos avós”; Eurino, οὐ πρὸ πολλοῦ, “não muito antes”; Rufo, χθές γεγονότα “nascido apenas ontem”), geográficas, dados biográficos (cf. carácter: e.g. Polícrito - ἐπιφανέστατον Αἰτωλῶν, “o mais distinto dos etólios”), fontes (viz. Naumáquio, o epirota) e testemunhos abalizados, também com o propósito de dessacralizar e desficcionalizar o assombro, apresentando um historiador. Assim, no tocante a Polícrito, o testemunho do “efésio Hierão e outros historiadores”. É igualmente evidenciada a morfologia do plano terreno e do mundo ctónico, onde existem as almas após a morte física, representando a ressurreição um movimento de elevação com autorização de divindades ctónicas (cf. Rufo, ὑπὸ τῶν χθονίων ἀναπεμφθεῖν θεῶν, “enviado de volta pelos deuses ctónicos”). O tempo que mediava entre o óbito e o regresso à vida não era muito apartado: nove meses, no caso de Polícrito; 15 dias, para Eurino; três dias, para Rufo. Outrossim, a justificação do retorno, enquanto processo transitório não equivalente a uma divinização, mas apenas como instrumento de revelação, aconselhamento e esclarecimento (cf. Polícrito e Rufo), porém não necessariamente, já que Eurino se encontrava proibido de qualquer revelação. Em termos gerais, quedam notas de esperanças face ao final da vida, com a apresentação de um espaço ctónico de continuidade, conhecimento e maravilhoso, não

conhecimento de uma história de ἀναβιῶναι não inventada nem tampouco conhecida apenas pelo Traliano, mas por certo inscrita no folclore tradicional de relatos assombrosos, longamente memorizados. O Neoplatónico (*R.* 2.115), que aliás refere outros conhecedores do caso, começa por ilustrar a temática de ἀναβιῶναι com três casos de indivíduos que regressaram à vida, após terem falecido, a saber, o etólio Polícrito¹⁵⁶; Euríno em Nicópolis; Rufo de Filipos, na Macedónia (Tessalónica), reservando para último o caso que hierarquiza como de topo. Eis, pois, os momentos introdutórios expostos no comentário à obra *República* de Platão (2.116 Kroll), contendo valiosos detalhes contextualizadores, como a situação civil, o nome do esposo, a época; a data das aparições, a identificação do novo relacionamento amoroso da jovem e a sua origem. Depois um sumário dos acontecimentos descritos de forma mais alargada por Flégon. Por fim, notícia de testemunhos e de várias fontes escritas a consultar:

Καὶ τὸν κολοφῶνα τούτων ὑπάρχειν Φιλίν-(f.57v.)νιον κατὰ τοὺς Φιλίππου βασιλεύσαντος χρόνους. εἶναι δὲ αὐτὴν θυγατέρα Δημοστράτου καὶ Χαριτοῦς τῶν Ἀμφιπολιτῶν νεόγαμον τελευτήσασαν· ἐγγάμητο δὲ Κρατερῶ. ταύτην δ' οὖν ἔκτω μὴνὶ μετὰ τὸν θάνατον ἀναβιῶναι καὶ τι

inexoravelmente fora de comunicação, sob gestão divina. Importa, em suma, distinguir entre esperança de existência além da morte e desejo de uma existência melhor, sobre bases órficas, que poderia conduzir à prática de suicídios, de modo a atingir mais rapidamente esse momento. Assim, o seguimento de tónicas epicuristas ou a dúvida seria o mais prudente, já que, se a morte configurasse uma situação melhor do que a vida, que motivo levaria uma mãe divina a procurar obter uma vida longa e até a eternidade para os seus filhos (*Il.* 1.357 sq., 18.35 sq. Cf. Apollod. 3.13.6; Lyc. *fr.*178), bem como o afastamento de nefandos combates? Vd. Festugière 1970.

¹⁵⁶ Herão Ateniense, fr. 1 M ap. Phleg. *Mir.* 2, *de spectro Polycriti*.

νεανίσκῳ Μαχάτῃ, παρὰ τὸν Δαμόστρατον ἀφικομένῳ ἐκ Πέλλης τῆς πατρίδος, λάθρα συνείναι διὰ τὸν πρὸς αὐτὸν ἔρωτα πολλὰς ἐφεξῆς νύκτας καὶ φωραθεῖσαν αὐθις ἀποθανεῖν, προειποῦσαν κατὰ βούλησιν τῶν ὑποχθονίων δαιμόνων αὐτῇ ταῦτα πεπραῆχθαι, καὶ ὄρασθαι πᾶσι νεκρὰν ἐν τῇ πατρῷᾳ προκειμένην οἰκίαν· καὶ τὸν πρότερον αὐτῆς δεξάμενον τὸ σῶμα τόπον ἀνορυχθέντα κενὸν ὀφθῆναι τοῖς οἰκείοις, ἐπ’ αὐτὸν ἐλθοῦσιν δι’ ἀπιστίαν τῶν γεγονότων· καὶ ταῦτα, δηλοῦν ἐπιστολὰς τὰς μὲν παρὰ Ἰπάρχου, τὰς δὲ παρὰ Ἀρριδαίου γραφείσας τοῦ τὰ πράγματα τῆς Ἀμφιπόλεως ἐγκεχειρισμένου πρὸς Φίλιππον. καὶ ταῦτα μὲν τὰ ἐκ τῶν ἱστοριῶν.

“O caso por excelência é Filínon, durante o reinado de Filipe. Filha dos anfipolitanos Demóstrato e Caristo, morreu recém casada. O seu marido fora Crátero. No sexto mês após a sua morte, voltou à vida e por muitas noites consecutivas relacionou-se com um jovem - Macates, em virtude do amor que sentia por ele. Ele havia vindo até Demóstrato, desde a sua cidade natal, Pélia. Ela foi detetada e morreu novamente, após declarar que o que fez fora de acordo com a vontade das divindades ctónicas. O seu corpo foi visto por todos, ao repousar no estado, na casa do seu pai. Desacreditando do que acontecera, os membros da família dela foram até ao local que anteriormente recebera o seu corpo; escavaram o local e encontraram-no vazio. Os acontecimentos encontram-se descritos em numerosas cartas, algumas escritas por Hiparco e outras por Arrideu (que estava encarregado de Anfípole) para Filipe.”

Porventura conferindo prosseguimento a informações introdutórias de conhecimento tradicional, ainda retratadas posteriormente por Proclo, o relato de Flégon retira o carácter

de um certo vampirismo¹⁵⁷ à história. Teria ocorrido em Anfípole, no reinado de Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre Grande. Se o caso da esquiva Filínion¹⁵⁸ denota a comunicação transespacial motivada por desejos físcos, não detém o objetivo sanguinário das lâmias¹⁵⁹. Ainda assim, a jovem conserva desejos e necessidades lascivas não conseguidos em vida, embora recém-casada, que procura concretizar nessa ‘segunda oportunidade’. Aparentemente, uma situação novelesca, de uma paixão correspondida, desenvolvida num erotismo desmedido, incontrolado e desviante, de tom improvável e cariz ‘anormal’. E se o seu surgimento é transitório, seguindo-se nova morte, como se o

¹⁵⁷ Vd. Gripari 1977.

¹⁵⁸ Vd. Philostr. *VA* 4.45 e a ressurreição de uma rapariga. Cf. Ogden 2002.

¹⁵⁹ Cf. traços de vampirismo, com alguma similitude na atualidade, em figuras femininas, como Lâmia (de Corinto), Empusa, Murmólice. Cf. Philostr. *VA* 4.25, sobre uma história bastante conhecida, envolvendo uma lâmia, uma bela mulher e a exploração de desejos eróticos, face ao garboso e atlético jovem lício, Menipo, para uma finalidade vampírica: ἐρᾶσθαι δὲ τὸν Μένιππον οἱ πολλοὶ ὦντο ὑπὸ γυναιίου ξένου, τὸ δὲ γύναιον καλὴ τε ἐφαίνετο καὶ ἰκανῶς ἀβρὰ καὶ πλουτεῖν ἔφρασκεν, οὐδὲν δὲ τούτων ἄρα ἀτεχνῶς ἦν, ἀλλὰ ἐδόκει πάντα. “Ora, muitos supunham que Menipo era amado por uma mulher estrangeira bela e bastante delicada, e afirmaram que ela era rica. Embora fosse verdade, não só uma dessas coisas, apenas o era aparentemente.” Cf. distinção entre ‘parecer’ e ‘ser’, δοκεῖν/εἶναι. Vd. *A. Ag.* 788; *Pl. R.* 1.334c. Tendo trocado declarações de amor, numa estrada a caminho de Cêncreas, ela prometeu-lhe cantigas, vinho e uma vida em conjunto (βιώσομαι δὲ καλὴ ξὺν καλῷ). A lição advém da racionalidade, pois só um filósofo conseguiria desfazer a macabra ilusão e desvendar a verdade. Apesar de ser filósofo, o jovem ainda não conseguira afastar-se suficientemente de desejos, prazeres e ilusões, cabendo esse feito a Apolónio. Primeiramente, procurou elucidar o jovem e, de seguida, desmascarou a lâmia. “E que te apercebas da realidade do que afirmo, que esta bela noiva é um vampiro, ou seja, um dos seres dados aos prazeres de Afrodite, mas em particular à carne dos seres humanos, e seduzem com tais prazeres os que pretendem devorar nos seus banquetes”. Por fim, fê-la admitir que era um vampiro, habituado a alimentar-se de sangue puro de belos corpos. Vd., com contornos similares, Síbaris, *Ant. Lib.* 8.

ato fosse repetível (cf. τσαῦτα εἰποῦσα παραχρῆμα ἐγένετο νεκρά ἔξετέατό τε ἐπὶ τῆς κλίνης ἐμφανὲς τὸ σῶμα. “Logo após dizer estas palavras, morreu e o seu corpo ficou estendido sobre a cama.”), depois de longa vida (Eurino), ou no fim do seu objetivo (Rufo); com Filínion os aparecimentos seguiam uma cadência sucessiva, até à descoberta. De seguida, o caos ditado pela consciência e entendimento racional sobre os factos, maculado negativamente por sentimentos intoleráveis: assombro, terror, curiosidade, estranheza/anormalidade sentidos no nervosismo da ama e na inadequação de atitudes manifestada pelos progenitores, desde falta de parcimónia, respeito por regras e repetição de faltas (vd. Carito, mãe da jovem - soltou um grito, rasgou as roupas, retirou a touca da sua cabeça e caiu no chão sem palavras e em pânico com a aparição). Por fim, a repetição de sofrimento e dos rituais associados. Embora também surja mediante autorização divina, contrariamente a outros recontos, Filínion não visa revelar factos sobre o mundo desconhecido. Para credibilizar, Flégon apresenta-se como testemunho presencial de grande parte da ocorrência. Trata-se de um pré-esboço de um relatório que o seu interlocutor poderia decidir expor por escrito para o Rei, caso que Flégon se voluntaria a credibilizar, enviando-lhe analistas que teriam examinado o caso. Proclo, por seu turno, dá conta de que Hiparco e Arrideu teriam comunicado o sucedido a Filipe, por carta. O retrato assombroso segue, em termos gerais, *topoi* recorrentes, designadamente o espanto e incredibilidade dos testemunhos; a procura desesperada por entendimentos racionais/necessidade de confirmação; a pouca iluminação; o secretismo¹⁶⁰; espectro com feições e roupas

¹⁶⁰ Cf. Parténio, Ἐρωτικὰ Παθήματα (2: Polimela, 5: Leucipo, 17: Periandro; 31: Dimetes, 35: Eulímene). Considere-se, na literatura romana tardia, o mito de Cupido e Psique (Apul. *Met.* 4. 28 - 6. 24).

análogas à da jovem falecida; fome e sede; desengano e cena de *anagnorisis*¹⁶¹ conducente ao término trágico do relacionamento erótico (suicídio do amado) e reposição da ordem perturbada: a morte da jovem (re)ocorre; os elementos de *anagnorisis* outrora facultados pelo hóspede à sua amada são vistos no túmulo vazio¹⁶², no lugar do corpo (anel de ferro, copo dourado de vinho); realização de rituais fúnebres a conselho do profeta Hilo (cremação; purificação dos presentes; sacrifícios apotropeicos a Hermes Ctônio; às Euménides; a Hermes, Zeus *Xenios* e Ares).

De entre a alusão à sua bibliografia, a história *Mir.* 1 parece ter sido a mais marcante, pese embora a existência de aparições, no mesmo escrito, conduzindo à interpretação do episódio da ressurreição como demoníaco¹⁶³. A história perpetrou vários séculos, ainda que reconstruída, influenciando obras, como a demonológica *Die Braut von Korinth, A Noiva de Corinto*, de Goethe (1797).

Os dois episódios seguintes são distintos. Ainda que com alguns elementos repetidos, manifestam um incremento de terror e de pormenores tétricos. Ainda assim, as mensagens parecem extrapolar o sensacionalismo imediato, integrando, entre assombro e religião, evidentes conotações de foro político-social.

O segundo caso alude a Polícrito, eleito etolarca por três anos. De novo o *topos* matrimonial, num enlace de pouca duração: apenas três noites - uma história fantasmagórica e

¹⁶¹ Cf. inversão no *topos* tradicional do relacionamento amoroso: é a jovem que deixa ao hóspede (Macates) elementos facilitadores do seu reconhecimento (viz. anel de ouro, cinta de peito).

¹⁶² Vd. ressurreição como algo físico, que implica corpo. Cf., *mutatis mutandis*, 1Co. 15:3-5 e a controvérsia sobre o túmulo vazio de Cristo. Importaria também averiguar se a jovem estava de facto morta. Plínio refere vários episódios de pessoas que regressaram à vida *HN* 7.53 (52). Cf. Asclepiades ao assistir a uma procissão fúnebre constatou que o defunto não estava para enterrar-se (Cels. *De Medicina* 2.6.15).

¹⁶³ Cf. Tillemont 1691: 288 sobre a ilusão da ressurreição.

profética, face à atitude discriminatória dos seus compatriotas. Também falecido pouco depois do matrimónio (quatro dias) diante da *koine ekklesia* dos Etólios teve, ainda assim, ocasião de consumá-lo, já que a esposa lócria ficaria grávida. A exposição apresentada por Proclo¹⁶⁴ é deveras sumária, omitindo pormenores terríficos. Quiçá o episódio assente sobre bases históricas relativas a dissídios entre Etólia e Acárnia, em meados do século III a.C. (IG 9.1.3a), o que possibilitaria a identificação de Polícrito de Cálío¹⁶⁵. Quiçá uma mensagem propagandística reabilitadora de uma Etólia objeto de estereótipos étnicos negativos e assustadores ou até uma advertência de Hierão de Éfeso a estrangeiros da Etólia. Segundo Proclo, Hierão de Alexandria ou Éfeso, entre outros, reportou o caso em missivas ao rei Antígono¹⁶⁶. Mais ainda, o descendente de Polícrito, além de provir

¹⁶⁴ Procl. 2.115: Ταῦτα μὲν ὁ Κλεάρχου λόγος· ἱστορεῖ δὲ καὶ Ναυμάχιος ὁ Ἡολύκριτον Αἰτωλὸν ἐπιφανέστατον Αἰτωλῶν καὶ γεγονώς, Πολύκριτον Αἰτωλὸν ἐπιφανέστατον Αἰτωλῶν καὶ Αἰτωλαρχίας τυχόντα καὶ ἀποθανεῖν καὶ ἀναβιῶναι μὴνὶ μετὰ τὸν θάνατον ἐνάτῳ, καὶ ἀφικέσθαι εἰς ἐκκλησίαν κοινὴν τῶν Αἰτωλῶν καὶ συμβουλευσαὶ τὰ ἄριστα περὶ ὧν ἐβουλεύοντο· καὶ τούτων εἶναι μάρτυρας Ἰέρωνα τὸν Ἐφέσιον καὶ ἄλλους ἱστορικοὺς Ἀντιγόνῳ τε τῷ βασιλεῖ καὶ ἄλλοις ἑαυτῶν φίλοις ἀποῦσι τὰ συμβάντα γράψαντας “Ο ἐπίροτα Ναυμάκιος, um homem que viveu no tempo dos nossos avós, relata que o etólio Polícrito, o mais distinto dos etólios e um etolarca, faleceu e regressou à vida no nono mês após a sua morte. Apareceu na assembleia geral dos etólios, onde lhes deu um excelente conselho relacionado com os assuntos sobre os quais estavam a deliberar. O efésio Hierão e outros historiadores testemunharam estes acontecimentos e escreveram sobre eles ao rei Antígono e a outros amigos seus, que estavam noutra sítio.” Cf. Hierónimo de Cárdia, por Hierão - Almagor — Skinner 2013: 124.

¹⁶⁵ Antropónimo vulgar no mundo grego, mas não necessariamente na Etólia. Cf. Polícrito de Cálío, notável por ter pilhado o Santuário de Posídon em Mantínea, c. 240 a.C. Vd. Crawford 2000; Scholten 2000; Brisson 2002; Rzepka 2009: 9. Cf. Almagor — Skinner 2013, acerca do *ethos* etólio.

¹⁶⁶ Vd. Antígono I da Macedónia, séc. IV a.C., segundo Brisson 1978: 89-101. Cf. Antígono II, no século III a.C.

também de uma estrangeira mostrava-se distinto dos progenitores, logo, um *topos* de teratologia - uma monstruosidade, no dizer aristotélico (GA 767b: καὶ γὰρ ὁ μὴ εἰκῶς τοῖς γονεῦσιν ἤδη τρόπον τινὰ τέρας ἐστίν. “quem não se parecer ao progenitores é, de certa forma, uma monstruosidade”). Além disso, a voz de Polícrito sobrepunha-se a um antigo poder familiar de integrar um recém-nascido na família ou, pelo contrário, de matá-lo, designadamente *ex silentio*, pela exposição, em casos de doença, debilidade, deformidade¹⁶⁷.

O curso do episódio assenta num desvio da natureza / ocorrência monstruosa¹⁶⁸, desta feita equivalente a um prodígio¹⁶⁹ que assume contornos públicos (*prodigium publicum*, Liv. 1.56.5)¹⁷⁰, tornando-se uma responsabilidade de estado, carente de escolha de purificação (Liv. 43.13.6), por vezes exposição, rituais funestos, mediante vontade divina. Desencadeia-se então

¹⁶⁷ É caso ilustrativo Esparta, a cujo respeito Plu. *Lyc.* 16.1 retrata o encaminhamento de recém-nascidos doentes e deformados, rumo ao Monte Taigeto (*Apothetai*), por determinação dos anciãos das tribos. Pl. *Th.* 160e-161a expressa o facto de o recém-nado ser digno de ser criado ou não (cf. *topos* περὶ τῶν ἄκριτων). Cf. Plu. *De Curiositate* 10, *Mor.* 520c; Júlio Obsequente, *Liber Prodigiorum*.

¹⁶⁸ Cf. θήρ. Na versão latina, vd. *Monstrum*. Considere-se, a propósito, o título da comédia plautina *Mostellaria* (*Comédia do Fantasma*): *mostellum* ('espetro'), um diminutivo de *cum - mo(n)stellum*, com o sufixo *-aria*. O *topos* do assombro terrífico motivado por aparições fantasmagóricas é de veras explorado na Antiguidade, em diversos géneros literários, através de descrições, mas também na arte dramática, tanto em tragédias (e.g. Sen. *Thy.* iniciando com *Thyestes umbra*) como em comédias, pelo seu reconhecido efeito (e.g. Pl. *Most.*, enquanto motivo do fantasma inventado pelo escravo Tranião, como forma de encobrir ao *senex* os gastos desmesurados do seu filho). Vd. Dingwall 1930; Hickman 1938; Platt 1999; Felton 2010; Troca Pereira 2014, 2016b.

¹⁶⁹ Cf. prodígio como desvio da natureza, sinónimo de monstro (*teras*), segundo Arist. GA 4.767b. Vd. Louis 1975; Bianchi 1981; Doroszewska 2012.

¹⁷⁰ Distingam-se prodígio público e prodígio privado. Vd. Brisson 1978; Roux 2016: 289-290.

a justiça. Por um lado, a justiça popular, absoluta, selvática, erradicadora da diferença, no intuito de repor a ordem alterada. Por outro, um sentido justiceiro mais concessivo, harmonioso, conciliador. De tudo, sobressaem notas críticas, relativamente à feição popular, marcada por maiorias e tradições, tanto na justiça como na religião, nem sempre as mais adequadas. Assim, a sombra de Polícrito, envergando vestes pretas, manifesta uma atitude que varia, desde aparição conciliante da sombra (“eu desculpo-vos”); à crítica do povo e de profetas conselheiros (cf. οὐ γὰρ ἐνδέχεται μοι περιδεῖν κατακαυθὲν τὸ παιδίον ὑφ’ ὑμῶν διὰ τὴν τῶν ὑμῶν μάντεων ἀποπληξίαν, “É que não me é permitido deixar que a criança seja fulminada por vós, simplesmente devido à loucura dos profetas que vos anunciaram isso”); à profecia de um futuro calamitoso, caso não obedeam; até uma resolução radical (“não me é permitido demorar muito, devido aos que mandam debaixo da terra”). Assiste-se, pois, ao confronto entre medidas selváticas de justiça popular (cf. fulminação; lapidação) e a justiça ‘do além’, inicialmente na figura do espectro, que põe cobro, desmembra e degusta¹⁷¹ a ‘diferença’/criança hermafrodita; e, de seguida, com a parte remanescente do desmembramento - a cabeça do jovem, que emite profecias de desaire (noite; chuva de sangue, morte). Em suma, o jovem hermafrodita parece representar um expediente que simboliza o fruto resultante de relacionamentos interculturais, que dá azo ao desenvolvimento de atitudes por parte de um povo fechado, tirânico e elitista. A atitude à época considerada mais apropriada apresenta-se enquanto justiça irrevogável de um destino divino calamitoso predeterminado, divulgada pelas figuras falecidas.

Na generalidade, verifica-se a exposição de atitudes extremamente discriminatórias face à diferença, conforme apanágio

¹⁷¹ Cf., *mutatis mutandis*, Titás e Zagreu. Vd. Henrichs 2011.

de civilizações da Antiguidade Clássica e a autoridade crítica apresentada sob contornos religiosos. Por fim, imbuído de inspiração divina, Polícrito, ora em prosa, ora em verso, revela a profecia que dava conta, após a vitória romana na Ásia Menor, sobre Antíoco III, da invasão da Itália por um rei oriental. E depois da previsão de que um lobo iria devorá-lo, a sua cabeça revela a vitória asiática sobre Roma. Porque no seu caso pessoal a profecia teve concretização quase imediata, restaria apenas precaver o futuro funesto que certamente se avizinharia. Polícrito poderia então representar o *iuuenis fatalis dux huiusce belli* (Liv. 22.53.6), Cipião Africano (séc. III/II a.C.).

Por fim, a última das três histórias de aparições, com a autoridade do filósofo Antístenes. Ramificada por eventos distintos, possui como estrutura condutora a figura de Antíoco. Ainda que militarmente derrotado por Pórcio Catão e Lúcio Valério Flaco, o seu futuro fica conectado com as atitudes que viriam a desenvolver-se de episódios fantásticos. Primeiramente, as profecias e morte de um dileto seu - Buplago (Βούπλαγος). Na sequência da realização dos rituais, a loucura do general Públio revela-se profética de desgraças futuras, em versos, depois clarificadas¹⁷² num discurso em prosa, num estado de *enthousiasmos* (ἐνθουσιασμός)¹⁷³ motivado por Apolo Linceu, conforme se entende pelos derradeiros momentos. De facto, há um lobo (λύκος) que ataca e devora o general, assistindo-se, no final, à celebração de um pacto com Antíoco; à construção de um templo a Apolo Lício (Λύκιος) e de um altar onde jazia a cabeça remanescente do general. A mensagem divina

¹⁷² Cf. ambiguidade. Vd. McGing — Parke 1988.

¹⁷³ Um estado de *enthousiasmos*, mediante o qual um deus, ou uma entidade com qualidades sobre-humanas (e.g. *psyche* de Pátroclo, *Il.* 23.62) entra num corpo humano (cf. a loucura profética de Cassandra, *A. Ag.* 1072-1330). Vd. Heirmann 1975.

premonitória apresentada conduz os Romanos, de início, a procurar a sua confirmação, através da realização de sacrifícios a Zeus *Apotropaios* e a inquirir o oráculo de Delfos, donde o abandono da guerra e a celebração de sacrifícios na Etólia.

Dos três episódios de Flégon aqui em apreço, de forma particular, como recontos alegóricos de sentidos e mensagens cujo assombro ajuda a cativar na memória, compreende-se a vitalidade transversal do *topos*, de certa forma ainda com alguma vigência na atualidade. A bem ver, o enfoque das histórias fantasmagóricas detém-se sobre o homem. Acreditando-se ou não nas aparições reportadas, fica patente, nessas mensagens enigmáticas de propensões didáticas, a insolência generalizada dos vivos (figuras das mais diversas categorias e estatutos sociais, e.g. povo, militares, governantes, profetas, pais). Do outro lado, o cariz justiceiro das almas dos mortos, já livres das afeções do corpo e mais próximas do divino, donde a exposição de profecias. O seu uso não é blasfemo nem desrespeitoso, porquanto ficam salvaguardados e afastados destes recontos fantásticos divindades e oráculos de referência (cf. oráculo de Delfos). Para garantir a aceitabilidade/plausibilidade, importa, todavia, aceitar, quer a componente de escolha, culpa e responsabilidade humanas; quer o conceito base de destino (*moira*), ao qual os humanos não poderão escapar, revelando-se reparador, face aos comportamentos desadequados que apresentam. Além disso, desenhavam-se tónicas que faziam suspeitar de alguns avisos encapotados de uma próxima superiorização militar do oriente face ao poder romano instituído.

Marcas Sexuais

Em termos gerais, perpassam as maravilhas apresentadas com um cariz erógeno que se estende com alguma transversalidade, desde desejos sexuais a aspetos relativos ao género, permitindo

vislumbrar quiçá algum cuidado na disposição das histórias. Assim, pois, os enlaces matrimoniais nos dois episódios iniciais e o relacionamento extra-matrimonial da história de abertura, bem como na descendência, donde os *topoi* relativos ao nascimento (e.g. partos, fecundidade: #20-31), a andróginos (#4-10) e outros humanos diferenciados, a crer em ossadas de dimensões extraordinárias (#11-19).

Serão as diferenças de género sexual resultantes de convenções/acordos culturais e sociais¹⁷⁴, condições anatómicas e emocionais, configurando oposições binárias de opostos não graduáveis? Ou existirá apenas um modelo de um sexo, como pretendem alguns autores¹⁷⁵, com diferenças gradativas, resultando a masculinidade/feminilidade da prevalência de sinais de ar, movimento, voz (cf., no séc. III, Polemo 2.1.192), possuindo todos os seres os mesmos *genitalia* posicionados diferentemente (vd. Galeno)?

Gestantes/Parturiantes fora do usual

O ‘nascimento’ assume-se como um *topos* de grande desenvolvimento tradicional, de início (Hes. *Th.* 123: ἐκ Χάεος) longe da normalidade de tratar-se de um foro exclusivamente feminino. Partindo a Criação com um modelo reprodutivo assexuado, até à individualização incestuosa do par masculino urânico (Hes. *Th.* 132-133), que se arroga, no relacionamento, de uma primazia com reflexos em sociedades de cariz patriarcal, relegando a

¹⁷⁴ Cf. martírio de Policarpo, bispo de Esmirna, aludindo a uma voz vinda do Céu (*Historiae Ecclesiae* 1.4.15 / *Mart. Pol.* 9.1: Ἴσχυε, Πολύκαρπε, ἀνδρίζου, “sê forte, Policarpo, e um homem” - exortação estranha, pois Policarpo seria já homem). Diferentemente, a verdadeira natureza do corpo humano, no sonho de Perpétua que a faz ver-se, em sonhos, a lutar em corpo de homem (*Pass. Perp.* 10.7). Vd. Cobb 2012: 24.

¹⁷⁵ Cf., neste sentido, Laqueur 1990.

componente feminina para uma falaciosa marginalidade. É pela normalização de comportamentos marcados pelo dolo/engano, convencimento, capacidade de garantir a continuidade do poder através de uma linha genealógica legítima e afazeres domésticos (casa e educação doméstica da prole) que a vertente feminina expõe o seu verdadeiro poder. Pervertendo a definição natural, constatam-se alguns casos mitológicos de partos masculinos¹⁷⁶. Não repetindo casos tradicionais, Flégon não se retém apenas nas particularidades de recém-nascidos, mas retoma tradições vetustas, ao mencionar dois casos de partos masculinos.

A preocupação de conferir-lhes credibilidade, afastando-os do folclore, centra-se nas fontes e nos testemunhos inventariados. O exotismo do primeiro caso ocorrido em Alexandria (#26) terá merecido a comprovação médica de Doroteu, numa obra hoje perdida. Da informação extremamente linear nada se adianta a respeito da concepção (para além do facto de tratar-se do elemento passivo do relacionamento homoerótico - κίναϊδος¹⁷⁷), da gestação e do parto. De novo a atenção é remetida sobre o neonado, cujo sexo e longevidade não são discutidos, mas cujo

¹⁷⁶ As ocorrências não se restringem à antiguidade grega (vd., na tradição egípcia, o primeiro deus Atun, criador, com o seu sémen, dos dois deuses seguintes). Vd., na mitologia helénica, a génese de Afrodite Pânfla, emanada da espuma do mar, na sequência da imersão do esperma pertencente ao membro viril de Úrano, seccionado por Cronos (vd. Hes. *Th.* 180-181, 188-200); na teoria órfica, Zeus, que teria ejaculado o éter (fr. 8 Bernabé - Papiro de Derveni); Atena, Diónisos, a partir de Zeus. Cf. expedientes vários, como vómito - e.g. Cronos; moldagem - e.g. Pandora. Vd. Paley 1861: 179-180; Austin 1990: 49-108.

¹⁷⁷ Na realidade, existia um tipo de atitude particular recorrente dos *kinaedoi* (cf. D.C.80.16.1-5; Phaed. 4.15-16, 5.1; Cael. 4.9). Por um lado, o excesso de cuidados estéticos femininos (trajes, depilação, tatuagens. Cf. D.L. 6.46). De outra parte, costumes particulares (e.g. coçar a cabeça com um dedo, para não estragarem os penteados, Sen. *Con.* 7.4.7; Juv. 9.130-134a). Também, neste sentido, na esfera humana, se desenhava, por conseguinte, um quadro deveras crítico e um campo pronto à sátira. Vd. Dover 1978; Veyne 1987; Richlin 1993; Hubbard 2004.

corpo embalsamado ainda se conservava na altura de Flégon. Do segundo caso (#27), ainda mais tácito do que o anterior, só ressalta uma nota similar que nem sequer encabeça o texto: τὸ αὐτὸ τοῦτο ἐγένετο, “a mesma coisa aconteceu”. Não havendo nenhuma descrição de transsexualidade, nem de prática cirúrgica (e.g. cesariana), uma gestação sem útero e um parto masculinos são de um exotismo assombroso, especialmente porque se trata de uma génese biológica e não propriamente de uma gravidez (intelectual) masculina em metáfora (cf. Diótima platónica e menção de ‘gravidez de virtudes e sabedoria’)¹⁷⁸. O *topos* desenvolvido na mitologia tradicional, detendo até carácter divino, ganha assombro com alegadas evidências factuais. Seria pseudo-hermafroditismo?

Nascimentos Múltiplos

A rubrica que comporta quatro episódios de nascimentos múltiplos (#28-31)¹⁷⁹, distinguindo, como habitual, face a outros *topoi*, eventos reais, seguidos de outros mitológicos. Apresenta, primeiramente, duas ocorrências factuais ocorridas em Alexandria, a partir de parturientes não identificadas. Ainda que não apresentem disfunções, o que faz integrar este tópico que combina esses quatro episódios na obra é tão só o número de nascidos de uma mulher: vinte em quatro partos (#28); outra, com cinco (3 rapazes e 2 raparigas) e depois mais três gémeos (#29). De salientar, neste ponto, o apoio social do Imperador Trajano (#29). No geral, nota-se o assombro gerado por nascimentos gemelares, perspetivam-se dificuldades financeiras para onerar os gastos e vislumbra-se a questão da mortalidade infantil, por afirmações como τὰ πλεῖστα τούτων

¹⁷⁸ Cf. Zwierlein 2011; Leitao 2012.

¹⁷⁹ Cf., anteriormente, (Ps.) Arist. *Mir.* 80; Plin. *HN* 7.3.33-34.

ἐκτραφῆναι, “a maior parte deles foi criada” (#28). Esta secção prossegue com episódios mitológicos de nascimentos múltiplos, a partir de uma única mulher, designadamente, Egito (#30) e Dânao (#31), com 50 filhos cada. Deveras sucintos, apenas no primeiro caso é indicada a fonte (Hipóstrato, *Sobre Minos*). As informações aduzidas respeitam a ascendência das esposas, afinal ambas filhas de Nilo; e o sexo das crianças #30 - rapazes; #31 - raparigas). Os restantes contornos do mito não importam para o caso, no parecer de Flégon.

Nascimentos a-normais (grotescos)

Um outro *topos* engloba diferentes casos relacionados com o afastamento divino (e.g. Hefesto, monstros, gigantes, híbridos) e humano, face aos cânones de beleza. Designadamente, seres humanos detentores de características que se desviam da normalidade generalizada, o equivalente a ‘monstros’, no entendimento clássico¹⁸⁰, que não distinguia liminarmente entre deficiência/incapacidade e deformidade¹⁸¹, referenciando andróginos/hermafroditas, gigantes e híbridos. Assistia-se à divulgação do grotesco, a partir de bases à partida meramente factuais, de descrições etnográficas e geográficas¹⁸². O popularismo

¹⁸⁰ Cf., a propósito do conceito de τέρας enquanto criatura distinta dos seus progenitores, incluindo andróginos - seres com a conjugação de partes humanas e de animais (Emp. fr. 57-61D-K; Aeschin. *Contra Ctesifonte* 111; Arist. *GA* 4.3.767b; Lucr. 5.837-854). Cf. Hld. *Aethiopika* 4.8, acerca de uma filha branca, nascida de um casal negro, exposta, por julgar-se de um caso de adultério.

¹⁸¹ Vd. Garland 1995; Laes — Goodey — Rose 2013.

¹⁸² Veja-se, a respeito, Plin. *HN* 6.181, 184; Sen. *NQ* 6.8.3, acerca da expedição na época de Nero à Etiópia; Plin. *HN* 7.16-18, na sequência de expedições exploratórias de África (cf. por ordem de Augusto, Etiópia e outros lugares - Strat. 16.4.22-24). Considerem-se, a título exemplificativo, pígmeus, pela sua pequenez, nos limites da Índia (vd. Suet. *Aug.* 83); e canibailismo entre tribos de Citas (Strat. 7.3.6; Plin. *HN* 7.9). Cf. Evans 1999; Woolf 2010; Trentin 2011; Laes 2017.

conetado com a diferença física espelhava concomitantemente o carácter discriminatório característico das civilizações da Antiguidade Clássica, refletido literariamente e em espetáculos populares circenses de mostras de aberrações (*paradoxa*), aproximando-se, *mutatis mutandis*, de exibicionismos também efetuados na atualidade¹⁸³. Constata-se a exploração aumentada do bizarro e grotesco na época Imperial, numa promoção em que a decadência física espelha a decadência moral¹⁸⁴, em particular no Período em causa (cf. *Longino Subl.* 44.5)¹⁸⁵. No grupo dos outros/monstros, do sub-humano/não humano conjugam-se, no mundo romano, deformidade e deficiência: *deformis, deformitatus, distortus, retortis, informis*. Denota-se, assim, o não

¹⁸³ Vd. a promoção de combates de anões (*pumiliones*). Vd. Finley 1978; Romm 1992; Dasen 1993.

¹⁸⁴ Vd. Dutsch — Suter 2015.

¹⁸⁵ Seguindo o princípio de καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, “belo e bom”), ao procurar associar valores meritórios à beleza física, os Imperadores perversos possuiriam uma deficiência, sinais de carácter imoral (cf., a respeito, Suet. *Tib.* 68, retratando Augusto, que tenta justificar alguns jeitos de Tibério, perante o povo e o senado, alegando que defeitos naturais não procediam de nenhuma depravação da mente: *professus naturae uitia esse, non animi*. Cf. Suet. *Ner.* 51, *Galb.* 21.1; *Vit.* 17, *Dom.* 18.2. Vd. casos de crueldade monstruosa, Suet. *Calig.* 32.2; 27; *Tib.* 60), dando credibilidade a tratados de fisiognomonía (vd. Polem. *Phgn.* 1.210. Cf. Ps. Arist. *Phgn.*). Vejam-se, pois, a este respeito, alguns traços físicos disformes de Imperadores, viz. o corpo do *maculosus* Augusto - séc. I a.C./I d.C. (Suet. *Aug.* 80.1); Calígula - séc. I, como ‘monstro’ (Suet. *Calig.* 22.1); Cláudio - séc. I, enquanto monstro físico (Sen. *Apoc.* 5.1-3); o corpo fétido de Nero (Suet. *Nero* 51); a calvície de Calígula, que condenava com falta capital quem o olhasse de cima (Suet. *Calig.* 50.1), e Júlio César, que tomava a calvície um sinal de dignidade - Suet. *Jul.* 45.2 (cf. Mart. *Ep.* 5.49, 6.57, 10.83 e a sátira a calvos); a barriga redonda do Vitélio - séc. I, como sinal de gluttonia (Suet. *Vit.* 17); as duas concundas de Cómodo - séc. II (*Scriptores Historiae Augustae, Commodorus* 11.1) e a sua conotação como *monstrum* (cf. Cássio, séc. II). Cf. a “forma misturada e o prodígio disforme”, σύμμικτον εἶδος κάποφώλιον τέρας (E. fr. 996 Nauck, a propósito do Minotauro. Vd. σύμμικτον εἶδος κάποφώλιον βρέφος. Plu. *Tes.* 15.2). Vd. Evans 1941; Cohen 1991a,b.

usual e feio (cf. Hefesto, *Il.* 1.599-600) de eunucos, efeminados, mulheres obesas, homens corcundas, anões. Gerava assombramento, perplexidade, em exposições, mas também causava riso (*ridiculorum genera*, Cic. *De Or.* 2.239, Quint. *Inst.* 6.3.7) e chega inclusive a entender-se como sinónimo de preciosismo/exotismo, que entretinha a elite e a corte imperial¹⁸⁶, por vezes até com aproveitamento comercial¹⁸⁷.

Hibridismo

Autores anteriores a Flégon chegaram a reportar casos ‘quase-lendários’, resultantes de relacionamentos entre humanos e outros animais¹⁸⁸, inscrevendo-se numa vasta tradição mito-

¹⁸⁶ Considerem-se banquetes com humanos tidos como monstruosos, enquanto sinal de poder e reflexo de decadência e exotismo. Também o gosto por anões, entre mulheres romanas da sociedade. Note-se o anão Canopas, pertença de Júlia, sobrinha de Augusto (Plin. *HN* 7.75; Plu. *Mor.* 726a). Cf. ligação a atos de barbárie e feitiçaria. Outrossim, o exemplo de Gegânia (Plin. *HN* 34.6), mulher que recebe, com a compra de um dispendioso candeiro (50 mil sestércios), um escravo corcunda, *impudentia libidinis*, de nome Clésipo. Fazia questão de apresentá-lo nu, em festas, e contemplou-o no seu testamento, donde a inscrição *CIL* 1(2) 1004: *Clesipis Geganius, Mag[ister] Capi[tolinus], mag[ister] Luperc[orum], uiat[or] tr[ibinicius]*. De igual modo, o costume de promover banquetes hilariantes para os quais eram convidadas pessoas com diferenças físicas (viz. anões, aleijados, negros, carecas, obesos, surdos) - vd., com as reservas que um documento considerado por muitos fictício acarreta, *Scriptores Historiae Augustae* (séc. IV), *Heliogab.* 29.3, *Alexander Severus* 34.2-4. Vd. Veyne 1968; Syme 1972. Cf. Trentin 2011; Laes — Goodey — Rose 2013.

¹⁸⁷ Cf. ‘mercado de monstros’, referente ao mercado de escravos com deficiência (περὶ τὴν τῶν τεράτων ἀγορὰν, Plu. *Mor.* 520c); e até a produção de deficiências em escravos, para satisfazer o gosto dos donos (cf. o uso de *glottokomae* para criar situações de nanismo). Será porventura até incorreto destacar exclusivamente reações da cultura romana face à deformidade, pois tribos africanas, da Eurásia, da América, integram nas suas culturas uma tradição de práticas rituais de criação de deformidades físicas, como o alongamento de pescoços (e.g. tribo Kayan/Padaung - território: Mianmar/Burma) e lóbulos (Cf. Tutankamon). Vd. Trentin 2011.

¹⁸⁸ E.g. Plin. *HN* 7.3.34, sobre Alcipe, grávida de um paquiderme; Tat. *Or.* 33.15-17, acerca de Glaucipe, grávida de um elefante (cf., sobre

lógica¹⁸⁹ e lembrando também comportamentos sexuais desregrados, ‘desviantes’ e *contra naturam* / perversos decorrentes de desejos eróticos incontrolados, expressando a frivolidade do *eros* vulgar concretizados em relacionamentos de zoofilia, no caso, quiçá como reflexos da degeneração comportamental / excessos associados ao Período Imperial Romano. E, embora a literatura se manifeste a propósito da impossibilidade de tais concepções, a sua indicação multiplicava-se. Em termos gerais, desenha-se a peleja entre dois polos: de um lado, selvajaria e barbárie; do outro, civilização.

Em Flégon, reportam-se casos de nascimentos a partir de humanos, com formas total ou parcialmente animais. Terão sucedido na Itália Romana, facto que, pela proximidade e não incorporando elementos extraordinários, confabulados, próprios de um exotismo estrangeiro (viz. #22: Roma; #23: perto de Roma; #24: Tridentino), remontavam ao século precedente.

Em jeito titular, desprovido de desenvolvimento quanto ao desenrolar da situação, #22, sobre o nascimento de um macaco gerado por uma criada de uma distinta família romana (pretor Récio Tauro), apresentado como um *omen* (σημείον); #24 génese de natureza ofíδια, a partir de uma mulher não identificada pelo Traliano. Do episódio #23 não se verifica uma zoomorfia total no recém-nado, mas algumas notas até de deificação, porquanto a sua cabeça seria de Anúbis - divindade egípcia com cabeça canina.

As parturientes circulavam no seio de um estatuto social elevado, facto que aumentava o assombro, a credibilização e a

o nascimento de uma criança com cabeça de elefante, caso integrado no âmbito do hermafroditismo, Liv. 27.11.5); Apul. *Met.* 1.9, a respeito de uma mulher com gravidez similar; Aesop., a propósito de Ío. Cf. Kalkmann 1887.

¹⁸⁹ Vd., ilustrativamente, Penélope>Pá; Pasífae>Minotauro. Vd. Borgeaud 1979.

memória (#22: criada da esposa da família pretoriana de Récio Tauro; #23: esposa de Cornélio Galicano). Apenas um dos episódios queda em completo anonimato.

Hipocentauros

Esta secção de duas histórias parece apresentar-se como uma sequência mitológica (Hipocentauros) de hibridismos, ainda que distanciada daquela na estrutura da obra.

Contrariamente à posição racionalizadora de alguns paradoxógrafos¹⁹⁰, a criatura é retirada do fantástico (#34), pelo

¹⁹⁰ Vd. Centauro preservado em mel, ofertado a Cláudio (Plin. *HN* 7.35). Cf. Fulg. 2.14, sobre a etimologia de Centauro, a partir de *centum*: ‘cem’. Considere-se Luc. *DDeor.*, acerca do engano de Ixíon por Zeus, que substituiu Hera, então desejada pelo insolente mortal, por uma nuvem, dando origem a Centauro(s). Vd. Pi. *P.* 2.21-48; D.S. 4.69.4-5; Apollod. *Epit.* 1.20, reportando os Centauros como filhos do arrogante Ixíon com a nuvem. Cf. Serv. *A.* 6.286. Para a racionalização do mito dos Centauros (Hipocentauros), enquanto cavaleiros, vd. a versão de Palae-ph., *Περὶ ἀπίστων* 1, séc. IV a.C., rejeitada por outras fontes, a exemplo do autor tardio Tz. *H.* 7.10-48. D.S. 4.70.1 contempla a versão que dá conta dos Centauros criados por Ninfas, no Monte Pélion, e dos progenitores dos Hipocentauros, criaturas metade humanas, metade equinas, na sequência do relacionamento com éguas. Assim, a impossibilidade biológica do Hipocentauro e, extensivamente, do hibridismo: εἴ τις οὖν πείθεται τοιοῦτον γενέσθαι θηρίον, ἀδύνατον· οὔτε γὰρ ἄλλως αἱ φύσεις σύμφωνοι ἵππου καὶ ἀνδρός, οὔτε ἡ τροφή ὁμοία, οὔτε διὰ στόματος καὶ φάρυγγος ἀνθρωπέου δυνατὸν ἵππου τροφήν διελθεῖν. εἰ δὲ τοιαύτη ἰδέα τότε ἦν, καὶ νῦν ἂν ὑπῆρχε. “Ora, para o caso de alguém acreditar que tal criatura existiu, trata-se de uma impossibilidade. As naturezas do cavalo e do homem não se combinam, a sua alimentação não é a mesma e não é possível que o alimento do cavalo passe pela boca e garganta humanas. Ademais, se tivesse existido tal forma então, também existiria agora.” Também, em sentido similar, sobre monstruosidades híbridas, que julga impossíveis em essência, existindo apenas similitudes aproveitadas por comediógrafos e fisiognomónicos (Arist. *GA* 4.769b.13-25). Outra tradição concerne aos (Hipo)Centauros, filhos de Ixíon e Néfele. Vd. Heraclit. 5; X. *Cyr.* 4.3.19-20, denotando a dificuldade de os Centauros poderem usufruir de muitas benesses criadas para os homens; Plin. *HN* 7.202 (7.81). Cf., aliás, Lucr. 5.878-891, a propósito da impossibilidade de alguma vez terem existido criaturas híbridas, como os

episódio que dá conta da captura de um exemplar vivo (#35).

Em suma, Flégon inicia as suas colações admiráveis com um caso sobrenatural que afirma ter veracidade e finda com outro ápice de *mirabilia*, com a factualização da mitologia.

A-normalidades biológicas humanas

A juntarem-se aos outros desvios da natureza humana reportados por Flégon, surgem três casos (#20, 21, 25) de infantes com deformidades, não agrupados pelo Traliano. Os eventos são apresentados de forma jornalística, desprovidos de conotação pejorativa/discriminatória, donde uma criança com quatro cabeças¹⁹¹ e igual número de membros (#20)¹⁹²; outra com uma cabeça a emergir do ombro esquerdo (#21); outra com duas cabeças (#25). Apenas o último caso comporta desenvolvimento. Poderá entender-se que, percebido o seu carácter ominoso, por aconselhamento dos sacerdotes, foi atirado ao rio Tibre, conforme a prática executada na Antiga Roma¹⁹³.

Centauros. Vd. Banier 1740; Fritsch 1789; Ernesti 1816; Festa 1890; Von Blumenthal 1942; Osmun 1956; Sanz Morales 1999; Brodersen 2002a; Fowler 2006; Ramon Garcia 2009; Torres Guerra 2010; Renz 2011; Priestley 2014; Troca Pereira 2016c; Stern 1996, 2003.

¹⁹¹ Considere-se uma inversão de um motivo etiológico exótico descrito/explorado historicamente, a propósito de lugares como a Líbia, onde existiriam criaturas fantásticas e homens sem cabeça (Hdt. 4.191.4). A crer na veracidade literal do caso, porque não o seu inverso (pessoa com várias cabeças)?

¹⁹² Cf. caso similar ocorrido em 163 a.C., em Capoue (Cápua), reportado posteriormente por Obsequente, *LP* 14.

¹⁹³ No seguimento da informação dos textos Sibilinos (#4), apreende-se, a partir do episódio #25, o destino reservado a desvios biológicos face à normalidade, monstruosidade horrífica, reflexo da confusão de espécies. Expição ou afogamento e execução de sacrifícios e rituais eram as soluções habituais. Flégon segue, na generalidade, indicações já reportadas anteriormente, prosseguindo comportamentos remotos (cf. Obsequente, *Liber Prodigiorum* 25, ainda que autor posterior, reporta um caso bastante recuado - o nascimento de um jovem, no consulado de L. Fúrio e S. Atílio Serrano (136 a.C.) com membros e órgãos em

Androginia e Hermafroditismo

Não pode conferir-se um estatuto binário ao género, mas antes ponderar um visionamento triádico, constituindo o hermafrodita o terceiro género¹⁹⁴. Já Lívio postulava, no séc. I, a maior propriedade da língua grega para denotar casos de anormalidade genética (cf. 27.11.5). Além disso, o termo ‘andrógino’ (ἀνδρόγυνος)¹⁹⁵ apresenta maior antiguidade do que

número duplicado, interpretado como ominoso, donde à falta de outras causas para desastres como o incêndio em Régio e a derrota humana pelos aqueus foi queimado por ordem dos arúspices, que o consideravam um sinal funesto (cf. Liv. 27.37.5) e as suas cinzas lançadas ao mar (vd. Liv. 31.12.7. Cf. 27.11.6). Cf. Cantarella 2000a; Troca Pereira 2016b.

¹⁹⁴ Qual o estatuto legal de um hermafrodita e dos seus herdeiros, em sociedades misóginas, poderia ser uma questão a que o direito romano responde, não com a conotação de monstruosidade, mas entendendo o ‘terceiro sexo’ a partir da secção dominante (masculina ou feminina). Vd. Pomeroy 1975; Schiavone 2003.

¹⁹⁵ Quanto à duplicidade sexual, a versão não é, todavia, una. A cosmologia órfica apresenta o ovo protogínico de Fanes (Orph. *A.* 15; Lact. *Inst.* 1.5), detentor de dois sexos, no início da Criação. Outro ser primacial com dois sexos conhece-se como Agdístis/Cibebe, resultante da união de Zeus com a Terra, após o Crónida ter depositado o seu sémen sobre uma rocha, ou quiçá após a secreção ter caído no solo (Ov. *Fast.* 4.227, 240; Paus. 7.10, 17.11-12). Nenhum destes casos individuais, todavia, proporciona uma explicação válida para a raça humana como Aristófanes platónico (Pl. *Smp.* 189d-e). O *topos* da androginia relaciona-se, de certa forma, com o da castração. Ora, no seguimento mitológico, verifica-se a castração preventiva de Agdístis, pelos deuses (ou quiçá apenas Diónisos). Fora do cenário mitológico, reconhece-se a prática da castração, por vezes com fins religiosos (*steriles uiri*). Cf. autoemasculação de Átis - exemplo para os varões que participavam do culto a Cibebe - Ov. *Fast.* 4.240), aos seguidores de Valésio (séc. III); outras, conotadas com uma certa elevação de eunucos e castrados, enquanto guardiães da pureza feminina (cf. Strat. *AP* 12.236) de plena fiabilidade. Afastados, porém, desse paradigma de emasculação face aos desejos carnis, poderiam, quer eunucos, quer castrados, contrair laços matrimoniais. Além disso, destaca-se a atração de mulheres por eunucos, (vd. Archil. fr. 294W; Juv. 6.366-378). No contexto literário judaico-cristão, postulam-se três tipos de eunucos (por nascimento; por ação de outrem; por escolha de vida) - *Mt.* 19:12. Vd. Guthrie 1957; Delcourt 1961; Daston — Park 1996; Brisson 1997; Cantarella 2000b; Valk 2000; Cantarella 2002,

‘hermafrodita’ (ἑρμαφρόδιτος)¹⁹⁶, segundo reconhece Plínio (*HN* 7.3.34), cuja definição apresenta ambos os termos como sinónimos: *Gignuntur et utriusque sexus quos hermaphroditos uocamus, olim androgynos uocatos et in prodigiis habitos, nunc uero in deliciis*, “Nascem por vezes indivíduos que pertencem a ambos os sexos; designam-se hermafroditas; antes chamavam-se andróginos e eram vistos como monstros”. O vocábulo

2005; Betegh 2004; André 2006; Swancutt 2007; Edmonds 2009; Troca Pereira 2013a; Turner 2001: 24.

¹⁹⁶ Considere-se a vetusta temática de raízes tradicionais de composição mitológica, no tocante à androginia. Eis o mito etiológico respeitante a Hermafrodito, figura epónima do hermafroditismo. Devendo-se ao relacionamento atípico entre Hermes e Afrodite (D.S. 4.6.5. Vd. Hermafrodito e a fertilidade - Paus. 1.19.2), é no retrato de Ovídio (*Met.* 4.285-388) que se encontra a perseguição que lhe move a ninfa Sálmacis, seguidora, não de Diana, mas de Vénus, até ao mergulho nas águas da fonte com o mesmo nome (cf., atualmente, Halicarnasso, na Cária), que atendem ao rogo da ninfa por uma união indelével. Assim, um ser de género híbrido, Hermafrodito (cf. Luc. *DDeor.* 3 Macleod). Vd. representação artística, sobretudo na arte helenística do séc. IV a.C. Já na segunda metade do segundo milénio a.C., figuras de deusas Sírias de uma figura feminina, em trajes, seios, e genitais masculinos, geralmente com um falo ereto, representando Hermafrodito *anasyromenos*. A revelação através da elevação das vestes (cf. ἀνασύρομαι) torna-se essencial para comprovar o género, ainda que salvaguardado o código de representação artística de nu nas partes femininas. Cf. costume egípcio descrito por Heródoto, a propósito de mulheres que, no âmbito do festival a Ártemis em Bubaste, navegavam no Nilo, entre danças, cânticos, ruídos, levantavam as suas vestes (2.60) e gritavam obscenidades à assistência feminina nas margens. Vd. Ajootian 1997. Outrossim, a consideração de ‘Afrodite, sob a forma de herma’, aproveita ao entendimento do nome ‘Hermafrodito’. Além do mais, a figura vai ao encontro da duplicidade/indeterminação sexual, no sentido de uma potencial bissexualidade, conforme depreendido a partir da referência aristofânica a um ‘Afrodito’ gravado nas palavras de Macróbio (3.8.2-3. Cf. Catul. 68.51: *duplex Amathusia*). Eis, pois, o culto a uma Vénus andrógina, barbada, em Chipre, portadora de vestes femininas e genitais masculinos (vd. Paus. 1.19.2; Macr. 3.8.2, com referência de Calvo Ateriano; Aristófanes - Ἀφρόδιτον; Levino; Filócoro, acerca de sacrifícios realizados na Ática, por homens, com vestes femininas). Vd. Brisson 1973; Pontalis 1973; Boardman 1978; Burkert 1979; Winkler 1990; Myers 1994.

ἀνδρόθηλυς viria a ser exposto por Filóstrato (*VS* 489), séc. II/III, aplicado ao filósofo do séc. II, Favorino, eunuco e hermafrodita¹⁹⁷. Flégon opta pelo primeiro termo, para reportar ocorrências de portentos do género (designadamente casos de pseudo-hermafroditismo masculino e feminino)¹⁹⁸ - ‘desvios’, que alguns autores procuram explicar¹⁹⁹. O Traliano segue outros autores precedentes (e.g. *D.S.* 32.10.2-9; *Liv.* 24.10.6-13, 27.11.4-5; *Ps. Callisth.* 22.11.1-4; *Plin. HN* 7.4.36; *Gell.* 9.4.15; *August. C.D.* 3.31), o que denota um gosto literário extenso pelo *topos*. Também, a crer nas fontes arroladas, a multiplicação, conhecimento e divulgação de casos. Outrossim, uma interpretação das ocorrências como curiosidades (vd. *Plin. HN* 11.262) e até portentos divinos de carácter ominoso, na iminência de ataques sobre os Romanos, desde 209 a.C. a 92 a.C., envolvendo expiações, oferendas e rituais, normalmente a Deméter, Ceres, Core e (ou) Perséfone²⁰⁰.

Flégon denota casos de de duplicidade sexual física (indivíduos com *genitalia* masculinos e femininos), sem distinção entre androginia (sexo indeterminado, parcialmente masculino e feminino) e hermafroditismo (detentor, em simultâneo, de *genitalia* masculinos e femininos). Porém, apenas o filho de Polícrito nasce com os dois tipos de *genitalia*. Os restantes casos nascem de um género (feminino, à exceção de Tirésias) e, qual metamorfose (dádiva divina, #5; doença, #6), verifica-se a

¹⁹⁷ Vd. *Suda* φ 4. Cf. *Luc. Demon.* 13, *Eun.* 7, acerca de Favorino imberbe (πύγωννα), eunuco (εὐνοῦχος) e até desprovido de testículos.

¹⁹⁸ Cf. Trombetta — Liguori — Bertolotto 2015: 16-17.

¹⁹⁹ Parménides (fr. B18.231-240) menciona um incidente inibidor de uma ‘correta’ união dos elementos de proveniência masculina e feminina no momento concetivo, donde as atitudes efeminadas em homens, supra viris em mulheres (cf. *Sen. Ep.* 20.122.7) e o surgimento de tríades. Vd. Krenkel 1989

²⁰⁰ Cf. Brisson 2002: 28.

manifestação de *genitalia* masculinos. Na generalidade, não se constata o acompanhamento das mudanças físicas com ambivalência sexual psicológica/mental²⁰¹ e, em #9, enquanto ainda mulher, o indivíduo era casado.

Na generalidade do *corpus* de episódios em apreço, constam casos mitológicos e outros alegadamente factuais/reais²⁰², nem todos denominados (e.g. #7, 10), verificados em várias regiões territoriais maioritariamente orientais, o que denota algum exotismo e barbarismo da situação. Desde logo, Tirésias (#4) deverá entender-se como um caso mitológico paradigmático, ocorrido na Montanha Cilene, inverso ao sentido maioritário das ocorrências (mulher>homem)²⁰³. Relativamente aos eventos mitológicos (#4 Tirésias; #5 Cénis), a explicação para os ‘desvios’ desse tipo mencionados por Flégon prende-se com a vontade divina, embora o Traliano se mostre algo parco nos pormenores fornecidos também por outros autores enquanto metamorfoses²⁰⁴. No respeitante aos alegadamente históricos/

²⁰¹ Vd. Polemo (*Phys.* 2.1.192), contemporâneo de Flégon, no séc. II, mediante o qual masculinidade e feminilidade se definiam em função do corpo e do comportamento, facto aliás patente nos tratados de fisiognomonía que grassaram na Antiguidade.

²⁰² Cf. Creuzer 1836: 297.

²⁰³ Vd. Plin. *HN* 7.36, acerca da veracidade de mudança de sexo mulher>homem: *Ex feminis mutari in mares non est fabulosum*. “Os casos de mulheres que se tornaram homens não são fábulas”. Cf. Money — Hampson — Hampson 1955; Laqueur 1990; Herdt 1990; Kent 2011: 13; Thatcher 2016.

²⁰⁴ Cf., a título ilustrativo, resguardadas as devidas reservas quanto à datação, Ant. Lib. *Met.* 17. Neste episódio, o autor pretende, no seguimento de Nicandro, *Met.* 2, retratar a transformação de Leucipo em Galateia (cf., com contornos similares, Ífis, *Ov. Met.* 9.665-796), por atendimento divino perante solicitação, no templo de Leto. Contemplam-se igualmente, a propósito, outros casos, a saber, Cénis, filha de Átrax/Elatos, por influência de Posídon (cf. *Ov. Met.* 12.190), tornada Ceneu de Lápita, tendo regressado ao género sexual original, após a sua morte (cf. *Serv. A.* 6.448); o adivinho Tirésias, durante algum tempo; a prostituição de Hipermnestra e o travestismo, por *philia* paterna. Vd. Cameron 2004.

factuais, são apresentados como evidências estranhas, mão não é avançada explicação sobrenatural. De facto, as mudanças registadas compreendem transformação física inexplicável (#6 Hermafrodita de Antioquia, #7: Filótis), seguida de alteração de nome, em conformidade (#8: Sinferusa>Sinferonte; #9: Etete>Eteto). Mais ainda, tratava-se de um fenómeno transversal a várias classes sociais (#7). Por vezes, Flégon refere fontes, noutros casos não, embora, por coesão de conteúdo, possam aventar-se as mesmas.

O *topos* do hermafroditismo dá igualmente azo aos oráculos sibilinos, em #10. De início, reporta-se o nascimento de um hermafrodita em Roma, merecedor de um tratamento diferenciado, o mesmo equivale a dizer, urbano e legalista, associando-se a religião. Juntava-se, assim, o poder civil, que legava ao religioso os afazeres necessários, determinando, desde logo, o seguimento de oráculos Sibilinos²⁰⁵. Trata-se, pois, de orientação divina, mostrando variação e reforço dúplice da descrição de diretrizes relativas a rituais expiatórios / propiciatórios a realizar, para Deméter, Perséfone e também para Zeus e Hera, Hades, Apolo, com participação de grupos de mulheres, como forma de proceder com hermafroditas. Quais receituários em hexâmetros obscuros, dispõem os seguintes rituais: no primeiro, recolha de fundos para ofertar a Deméter (445-452), sacrifício de animais (453: três grupos de nove bois; 461-465): vacas brancas, por raparigas), acompanhados de súplicas (464 - ἄθανάτην βασιλίσσαν, „rainha imortal“ - Hera?); sacrifícios, ofertas, libações, torchas a Deméter (466-470); as mesmas ofertas por todas as mulheres a Perséfone (471-475); apresentação de fundos, por rapazes e raparigas (476); no segundo, ofertas a Perséfone: roupas (482-483), o que de mais belo (484-486); sacrifício de bois

²⁰⁵ Vd. Diels 1890; Santangelo 2013.

a Hades, seguido de procissão em trajes engalanados (489-492); afastamento de descrentes (483-495); sacrifício animal (cabra) a Apolo (497-499); súplica a Apolo para libertar do mal (500-501); vaca branca sacrificada a Hera (502-503); entoação de hino por raparigas (504); Cumas e o culto de Hera (507-510); sacrifícios e libações a Hera (512-513); sacrifícios a entidades ctónicas (515); atendimento das súplicas (516-522). O segundo oráculo finaliza com uma consideração que faz supor um estado de transe da Sibila, que assume ter-se desviado do assunto. Cabe pois, ponderar se apenas após os dois versos anteriores (523-524), onde se junta como efeito dos rituais mencionados o advento libertador do ‘Troiano’; ou se os rituais expostos se destinavam à obtenção de outras súplicas e só nos versos que se seguem (malgradadamente perdidos) se responderia ao assunto do hermafrodita. De toda a forma, resulta a afirmação de um destino determinista, mediante o qual o mal não pode ser evitado, mas apenas adiado (511: ἴξει δ’) e destacam-se alguns procedimentos constantes, como a exposição de súplicas, apresentação de ofertas às divindades e sacrifícios animais.

Fica patente, pela preocupação de apresentar, primeiramente, casos mitológicos e depois alegadamente históricos datados do Período Imperial Romano, por um lado, apontar paralelos mitológicos para retirar estranheza total e instigar a formulação de juízos a partir dos modelos tradicionais. Embora não se trate de uma obra de fôlego e intenção erudita, parece existir algum sentido didático subliminar, que garantia o gosto popular, ao abordar questões de conhecimento geral, que quiçá preencheriam conversas correntes, num período de alguns excessos comportamentais e exotismo, face a valores tradicionais romanos (cf., neste sentido, casos de homens efeminados e

emasculados²⁰⁶ - ἀνδρόγυνοι e ἡμίανδροι; mulheres masculinizadas²⁰⁷; bestialidade²⁰⁸). Mais ainda, um traço de confluência

²⁰⁶ O Período em que Flégon se inscreve posiciona-se no íterim de comportamentos efeminados até no seio Imperial - um traço de atualidade para o leitor hodierno, como que juntando-se a outros excessos, degenerações e exotismos no âmbito dos relacionamentos. Vd., anteriormente, a bissexualidade manifestada por Nero, em 67 - noivo' de Esporo, um ator castrado (cf. Suet. *Nero* 28-29; Juv. 2.117-142); no séc. III, o Imperador Elagábalo/Heliogábalo/Sardanápalo/Ps. Antonino - Marco Aurélio Antonino Pio (D.C. 80.13.2), com desejo de mudança cirúrgica de sexo, para uma vagina (D.C. 80.16.7) - traço de feminidade e orientalismo. Flégon não retrata casos de transexualidade com intervenção cirúrgica, pese embora a sua ocorrência. Vd. Groneberg 2003; Icks 2011.

²⁰⁷ Vd. Plin. *HN* 11.109.262, quanto a mulheres masculinizadas como monstruosidades. Considere-se a remota consideração de que o νόσs feminino se distinguiu do masculino, em Semon. fr. 7 Bergk 1-2: Χωρίς γυναικὸς θεὸς ἐποίησεν | νόον τὰ πρῶτα, “O deus [Zeus] criou o carácter da mulher diferentemente, no início”). Porém, a inversão do polo dominante da dicotomia masculino/feminino, no virilizado contexto social da Antiguidade, conduz à mudança hierárquica de onde emerge tal figura feminina, que institui uma ginecocracia (cf. tríbadas, Amazonas, mulheres de matriz viril; exemplo mitológico de Clitemnestra, A. *Ag* 11: γυναικὸς ἀνδρόβουλος, “mulher de máscula vontade”. Vd. D. 46.16, acerca do homem dominado por uma mulher - ἄκυρος). Trocava-se, então, a descrição biológica/médica imbuída de contornos civilizacionais misóginos que apresentava a mulher como um ser fisicamente inferior (cf. Hp. *Virg.*: ἀθυμότερη γὰρ καὶ ὀλιγωτέρη ἡ φύσις ἢ γυναικείη, “por natureza, a mulher tem um cariz mais fraco, menos coragem [do que o homem]”, reproduzindo o entendimento de Arist. *GA* 775a: ἀσθενέστερα γὰρ ἐστὶ καὶ ψυχρότερα τὰ θήλεα τὴν φύσιν, καὶ δεῖ ὑπολαμβάνειν ὥσπερ ἀναπηρίαν εἶναι τὴν θηλυτῆτα φυσικὴν, “Porque as mulheres são mais fracas e mais frias na sua natureza, deveríamos olhar para o estado feminino como uma deformidade, ainda que ocorra no curso normal da Natureza”. Vd., no contexto romano, V. Max. 9.1.3), o que socialmente se refletia numa condição aparentemente redutora, passiva e marginalizada/secundária. Cf. Blundell 1995.

²⁰⁸ Espelhando o *eros* ‘vulgar’, também a zoossexualidade ou zoofilia constituía um ato de bestialidade praticado desde tempos vetustos, em diversas culturas (e.g. Egito: uniões com cabras; burras; mulas e até de mulheres e de homens com crocodilos. Cf. Hdt. 2.46). Ora reprovados, ora aceites, na Antiga Roma denotavam a falência dos *mores* tradicionais (e.g. Semíramis, com o seu cavalo - Plin. *HN* 8.64[42]; Aristodeme, mãe

entre tradição e modernidade, caso se ponderem as constatações biológicas do século II, que não efetuavam uma divisão tão apartada entre gêneros. Com efeito, Galeno de Pérgamo, prosseguindo estudos anteriores (viz. Alexandrino Herófilo, séc. III a.C., condição intersexual / tese de dois gêneros a partir de um único sexo), nega o radicalismo na diferenciação anatômica dos *genitalia* (órgãos sexuais) masculinos e femininos. A seu ver, recuperando Aristóteles, seriam antes homólogos e os *genitalia* masculinos constituiriam apenas a inversão dos femininos²⁰⁹

de Arato, com uma serpente (Paus. 4.14), assim como a mãe de Cipião e a progenitora de Alexandre), com o intuito único de atender a uma libido sexual incontida e mais do que selvática, porquanto ultrapassa o comportamento de qualquer animal (vd. Macr. 2.5.10. Cf. Hdt. 2.46; Plin. *HN* 8.64[42]). Isso mesmo denunciavam espetáculos teatrais promovidos sob o beneplácito de Nero, proporcionando aos olhos do povo a contemplação de cenas de acasalamento de mulheres e homens, envergando peles de animais, o que denotava o gosto popular de então (Suet. *Nero* 29). No mesmo âmbito, partem da mitologia envoltimentos de natureza zoofílica. Não obliterando o teromorfismo reconhecido nas representações mais vetustas das divindades, as metamorfoses animais facultam um meio relevante no que respeita às ligações entre deuses e mortais (e.g. Apolo-lobo - Cirene, Zeus-águia - Astéria-codorniz, Deméter-égua - Posídon-cavalo, Teófane-carneiro - Posídon-carneiro, Bóreas-cavalo - Erinia-cavalo, Posídon-delfim - Melanto, Zeus-cisne - Némesis-gansa, Zeus-fogo - Egina, Zeus-serpente - Perséfone, Apolo-tartaruga - Dríope, Éaco - Psâmata-foca, Europa - Zeus-touro, Cronos ou Quíron-égua - Fílira, Tífon - serpente Equidna, Pasífae - touro, Aristodeme - Asclépio-dragão, Posídon-pássaro - Medusa, Zeus-águia - Ganimedes, Astéria e quiçá Egina, Zeus-cisne - Leda, Zeus - Ío-vitela, Zeus-sátiro - Antíope, Neptuno-touro - Cànace, Neptuno-carneiro - Teófane, Neptuno-cavalo - Ceres). A descendência refletia a união, em aspetos vários, desde a forma de nascimento (e.g. ovo: Clitemnestra/Helena/Pólux/Castor), até à morfologia do neonado, com traços de bestialidade, por vezes sinal de embarço, vergonha e até perigo. Na realidade, a prole resultava de aproximações forçadas (cf. Pã < Penélope - Hermes-bode, Luc. *DDeor.* 2 Macleod) ou funcionava inclusivamente como forma de castigo (e.g.: Minotauro < Pasífae - touro). Vd. Foucault 1984; Keuls 1985; Halperin — Winkler — Zeitlin 1990; Calame 1996.

²⁰⁹ Cf. Gal. *UP* 14.6: παντ' οὖν, ὅσα τοῖς ἀνδράσιν ὑπάρχει μόρια, ταῦτα κἀν ταῖς γυναιξίν ἰδεῖν ἔστιν, ἐν ἐνὶ μόνῳ τῆς διαφορᾶς οὐσης

motivada pela superioridade térmica dos corpos masculinos. Assim, a vagina corresponderia a um pênis interior, os *labia* ao prepúcio, o útero ao escroto, os ovários aos testículos, metaforizados como δίδυμοι, ‘gêmeos’²¹⁰, falando, assim, de sémen feminino²¹¹. Seria pois possível, de certa forma, interpretar o entendimento médico contemporâneo de Flégon proporcionado por Galeno de Pérgamo, no seguimento do texto platónico que dá a humanidade como originariamente andrógina²¹².

αὐτοῖς [...] ὡς ἔνδον μὲν τὰ τῶν γυναικῶν ἐστί μόρια, τὰ δὲ τῶν ἀνδρῶν ἔξω, “todas as partes que os homens têm, as mulheres também têm, sendo a diferença delas uma [...] que as partes das mulheres estão no interior [do corpo], enquanto as dos homens estão no exterior”. Vd. Palmieri 2003; King 2016.

²¹⁰ Cf. Herophil. *apud* Gal. *De Semine* 2.1: Επιπεφύκασι δὲ τῇ μήτρᾳ καὶ δίδυμοι ἐκ τῶν πλαγίων, ἐξ ἑκατέρου μέρους, ἐπ’ “Nasceram testículos no útero, nos lados, em cada uma das duas partes, diferindo um pouco dos do macho”. Vd. Thomas 1990.

²¹¹ Cf. críticas a teorias precedentes, Preus 1977.

²¹² Aristófanis-Personagem refere (Pl. *Smp.* 189d-e) terem existido inicialmente três géneros: homens, mulheres e um terceiro já desaparecido - andrógino, descrito como uma mistura de ambos: ἀνδρόγυνον γὰρ ἔν τότε μὲν ἦν καὶ εἶδος καὶ ὄνομα ἐξ ἀμφοτέρων κοινὸν τοῦ τε ἄρρενος καὶ θήλεος, νῦν δὲ οὐκ ἔστιν ἀλλ’ ἢ ἐν ὀνειδίει ὄνομα κείμενον, “Com efeito, ‘homem-mulher’ era então uma forma unitária, como o nome, composto de ambos os sexos e partilhando igualmente homem e mulher; embora agora se tenha tornado um nome de reprovação.” De forma redonda (στρογγύλον), formado cada indivíduo por um compósito de quatro braços, pernas, ouvidos duas faces sobre um pescoço cilíndrico e assim sucessivamente - καὶ αἰδοῖα δύο, “duas partes privadas”. Assim, de início, todos os humanos eram andróginos; hoje, apenas fatias/secções do sexo composto (191d). Porém, a lição platónica prossegue (190b), adscrevendo a origem do sexo masculino nessa forma ao sol; do feminino à terra e dos andróginos à lua (sobre o duplo sexo da lua, vd. Orph. 9.4; Macr. 3.8). Até que Zeus (190c-e) fende a unidade humana em duas partes, castigando a rebelião intentada de Efiltes e Oto (cf. *Od.* 5.306-321). Curada a ferida por Apolo, e reposicionadas as partes íntimas, as metades procurariam o seu par para se multiplicarem, caso a parte masculina encontrasse uma feminina (cf. 191a-c), ou a parte respetiva dos originais andróginos, refletindo relacionamentos homoeróticos (Cf. 192a acerca da superioridade da conjugação de partes masculinas). Todavia, o amor não deve entender-se primacialmente como desejo erótico (vd. Pl. *Lg.* 1.636c:

Gigantismo

A exploração do grotesco retratada por Flégon segue assim com descobertas de marcas de figuras gigantes, o que atemoriza o comum dos mortais de tamanho inferior, particularizando com pseudo-historicidade eventos retratados tradicionalmente, no panorama mitológico (cf. *Il.* 21.407, a propósito de Ares. Gigante Títio, *Od.* 11.577). A temática não é, pois, inovadora, encontrando-se em diversos autores²¹³ e por vezes associada com a *kalokagathia*, no respeitante à grandiosidade de corpo e de alma reconhecida em heróis e

ἀκράτεια ἡδονῆς, “debilidade do prazer”, como nos relacionamentos homoeróticos masculinos e femininos, percecionados como vergonhas - τόλμημα antinaturais) a título de consequência de um comportamento faltoso na forma tentada, um anseio de reunião primitiva/reversão ao estado natural, mas sobretudo, seguindo o entendimento de Diótima, face a Eros, de maneira de certo modo assexuada, enquanto *daimon* (204b1–c5), salientando-se o carácter positivo do amor, em detrimento de resumir-se meramente à tradição folclórica ditada por alguns autores, de simples procura da outra metade (205d-e), o que permite a felicidade e o Bem, física ou mentalmente (206a-e), o mesmo e dizer, a ascensão rumo ao Bom e Bem / Conhecimento e Virtude - virtuosa prole resultante da gravidez mental que assiste a pares homoeróticos (209b8). Este tipo de conceção assexuada, filosófica de *eros*, expressa pela Mulher de Mantinea (Pl. *Smp.* 189d-e), afasta-se, quer de visões protogénicas de Eros, referindo-o no início da criação (Parmen. fr. 13 Diels. Cf. Arist. *Metaph.* 1.984b); quer de entendimentos básicos de *eros* vulgar. Vd. Brisson 1973, 1986; Halperin 1990; Ajootian 1997; Morgan 2000; Groneberg 2005; Boehringer 2007, 2010.

²¹³ Plínio, o Antigo discorre acerca da altura dos seres humanos, a seu ver, com diminuição de altura ao longo das gerações. Ainda assim, casos excecionais, como o de um corpo com 46 cúbitos de altura, encontrado em Creta, com altura equivalente aos mitológicos Oríon ou quicá a Oto (*HN* 7.16.73).

vencedores²¹⁴, de lógica degenerativa²¹⁵.

Os casos de gigantismo reportados por Flégon (#11-19) variam na natureza do seu conteúdo (viz. ossadas descobertas ou em exposição, estátuas) e nas zonas de achamento. Dispõem-se de forma aleatória e unem-se apenas pelo dimensionamento. A reposição das ossadas nos seus locais originais ou recolhidos, embora respeitosa, inibirá, todavia, eventuais buscas quiçá mesmo ainda na atualidade.

Diferentemente da generalidade dos casos, os episódios relativos a humanos são deveras remotos e somente se imagináveis a partir de ossadas encontradas. A materialidade das relíquias e a sua datação a partir de incidentes reconhecidos conferem credibilidade à existência de gigantismo em humanos. A primeira ocorrência (#11) permite convergir mito e factualidade, uma questão tradicional. Concerne a Idas, literariamente retratado, pela força que demonstrou certamente no embate com uma divindade (κάρτιστος), o que posiciona Idas entre “os grandes” (de força e quiçá de tamanho, ao abrigo de uma lógica marcada pela *kalokagathia*. A transcrição apresenta o motivo tradicional do seu esforço: o desejo nutrido pela filha de Eveno, Marpessa, motivara o rapto desta por Apolo e uma subsequente tomada

²¹⁴ Cf., a título ilustrativo, Arist. *Pol.* 7.13.3 = 1.332b; Paus. 6.5.1, sobre o vencedor Olímpico (e.g. Pulidamante de Escotusa, vencedor de pancrácio, que pretendia rivalizar com Hércules em robustez, é descrito artisticamente como o maior homem, à exceção de heróis - 4ª idade hesiódica(?): ὁ δὲ ἐπὶ τῷ βάρῳ τῷ ὑψηλᾷ Λυσίππου μὲν ἔστιν ἔργον, μέγιστος δὲ ἀπάντων ἐγένετο ἀνθρώπων πλὴν τῶν ἡρώων καλουμένων καὶ εἰ δὴ τι ἄλλο ἦν πρὸ τῶν ἡρώων θνητὸν γένος, “A estátua no pedestal é obra de Lisipo e representa o maior de todos os homens, excetuando os chamados heróis e outra raça mortal que tenha existido antes dos heróis”.

²¹⁵ Sobre o declínio progressivo da raça humana, em termos de altura e longevidade, vd. Hes. *Op.* 109–201, em particular 129, respeitante à degeneração da idade da prata, relativamente à precedente. Outrossim, cf. August., *C.D.* 15.9.

por Idas, com auxílio de Posídon. A contenda seria, a mando de Zeus, decidida por Marpessa, que escolhe Idas, por temer, na velhice, o abandono da divindade (cf. Apollod. 1.7.8). A identificação das ossadas não gera discussão, em virtude da inscrição que acompanhava o invólucro funerário (ἐπιγράφω - vd. #11: monossilábica - “Idas”; 17: dois versos de epitáfio, dando Macrosiris enterrado numa pequena ínsula e juntando dois portentos, para um indivíduo gigante e de longa vida - 5000 anos). Flégon situa o encontro das ossadas contidas numa jarra colocada a descoberto aquando de uma tempestade (vd. obra de Díctis Cretense, por ocasião de um sismo, durante o governo de Nero), em Messene. Incluía dentes e uma cabeça de dimensão tríplice (κεφαλὴν τριπλασίαν), identificada, após pesquisa, por uma inscrição que dizia “Idas”. As ossadas receberiam destino idêntico reposto a expensas públicas. Também fazendo uso do *topos* de um abalo sísmico revelador de ossadas, o episódio #14 (Vd. #13. Cf. *Suda* α2634). Outrossim, um sismo, no Bósforo Cimeriano (#19), que facultou a descoberta da estrutura de um esqueleto com 24 cúbitos. Tibério reinante, um sismo devastador arrasou várias cidades da Ásia Menor, Sicília, Régio e Ponto. Enviado um dente ao Imperador, como prova do achado de tamanho descumunal, constata-se, por um lado, de novo, a preocupação de salientar o respeito pelos mortos, evitando o sacrilégio (devolução do dente); por outro, credibilização científica, pelo géometra Pulcro, através da reconstrução de um molde do corpo, a partir das dimensões do dente. Um expediente distinto, relativo à descoberta de caixões de grande tamanho (#17 - 100 cúbitos; #18 - 23 e 24 cúbitos), com corpos ressequidos é a escavação.

Outro caso relacionado com grandes dimensões não se aplica a um ser humano, mas a um tributo (colosso e estátuas) apresentado junto ao Templo de Afrodite, no Fórum Romano,

pela população em homenagem a Tibério Nero, que ordenou a reconstrução, a expensas suas, de cidades da Ásia Menor destruídas por um sismo, segundo denota o gramático Apolónio (#13).

Como se fosse um rumor, o episódio #16 é uma afirmação de Flégon, em 1ª pessoa, dando conta de uma consequência genética da evolução humana - seres muito mais pequenos na atualidade (cf. Plin. *HN* 7.16.73). Aliás, o mesmo princípio é já afinado em #15, com apelo reiterado à aceitação do gigantismo como traço antigo da raça, outrora mais próxima das divindades, qual percurso degenerativo desenhado no ‘mito das idades’ (cf. Hes. *Op.* 109-201; Ov. *Met.* 1.89-150). Fica apenas, com base nos artefactos descobertos, uma constatação e um apelo à credibilidade, embora Flégon não avance com explicações do fenómeno.

Desenvolvimento rápido

Os episódios #32 e #33, ainda que de natureza distinta, denotam casos de desenvolvimento/crescimento acelerado. O primeiro é singular, masculino e anónimo e completa todas as fases de crescimento biológico (do nascimento à paternidade) em sete anos. O segundo regista um fenómeno coletivo - as mulheres de Pândia geram crianças aos seis anos de idade.

b. *Acerca de Vidas Longas* (Περὶ μακροβίων)

A obra Περὶ Μακροβίων poderá também entender-se como um fenómeno invulgar, facto que justifica a edição da obra de Flégon, comportando dois itens distintos. Um deles integrava o livro respeitante a maravilhas e a vidas longas, como se este último se tratasse de uma extensão do primeiro. O propósito da obra, não sendo absolutamente inovador, possui exemplos

anteriores²¹⁶ e a base anecdótica fornecida pelo censo/inventário de cidadãos romanos, preenchido pelo chefe de família, referindo membros, propriedades e posses, para fins militares, estatísticos e de imposto. Assim, o das 14 províncias de Roma (Plin. *HN* 3.66) - 73/74, dos Imperadores Vespasiano e Tito (cf. Plin. *HN* 7.49.162-164), que dão conta de pessoas de longa vida, idades quase bíblicas, um caso também extraordinário, que não quebra a sua obra acerca de portentos. Aliás, no episódio #17, lê-se a inscrição (epitáfio) que acompanhava o caixão de Macrosiris, reportando uma vida de 5000 anos. Os dados contemplados por Flégon nem sempre coincidem com os de outros autores (e.g. Demócrito: 104 anos - Phleg. *Macr.* 2, Luc. *Macr.* 18; 109 anos - D.L. 9.43. Lúcio Terêncio: 135 anos - Phleg. *Macr.* 4, Luc. *Macr.* 4; 132 anos - Plin. *HN* 7.50). Em termos estruturais, trata-se de uma listagem não numerada. Sem apresentar uma sequência alfabética, ainda assim, reúne grupos de antropónimos (e.g. Lúcios, Marcos, Titos, Públios) de pessoas de diferentes classes sociais (e.g. libertos, escritores, sibilas), sexos, localidades, com identificação gentílica, patronímica e toponímica credibilizadores, organizados por categorias de longevidade, com especificação individual da idade dos elementos inseridos num mesmo grupo, cujo número de indivíduos vai diminuindo, com o avançar da idade em causa. Começa pelos 100 anos e prossegue em intervalos de 10 anos. Desde logo, poderia ficar desfeita, para a hodiernidade, a falácia de que a esperança média de vida, até à modernidade, era parca (vd. Hdt 1.30-32). Na realidade, pese embora a existência de grandes conflitos para os quais se exortava a juventude varonil (cf. ideais da época arcaica, séc.

²¹⁶ Cf., ainda que não se trate de uma obra independente, Plin. *HN* 7.153-164, com indicação (*HN* 7.49) de fontes precedentes sobre o mesmo assunto, desde Hesíodo (cf. fr. 304 M-W. Vd., posteriormente, continuação do *topos* Luc., *Macrobii*).

VII/VI a.C. - Callin. fr. 1.5-8 Diehl; Tyrt. fr. 6.7.1-2 Diehl, fr. 9. 32-34 Diehl. Vd. Simon. fr. 121 Diehl) para defesa pública e privada (pátria, família), de modo a vencer o término imperioso da existência mortal, através da *arete* celebrada após a morte física (cf. Ibyc. fr. 282. 47-48 *PMG*).

Seguem-se aos nomes (regra geral dois elementos ou os *tria nomina* típicos dos romanos) apostos de *gens*, sendo por vezes necessário supor o tipo de relação (e.g. *Macr.* 1: “ Creste, [filha] de Antípatro”), localidade e idade de óbito. Os(As) escravos(as) libertos(as) são em número considerável (1 escravo, 11 libertos, 9 libertas). Essencial para justificar o *praenomen* e *nomen* de vários é o nome do seu antigo proprietário (exceções, e.g. Públio Frix, liberto de Lúcio), uma vez que parte da *familia*. E a este propósito constituirá motivo quiçá para refletir sobre o modo de vida que teria salvaguardado tamanha longevidade, porém o resultado não satisfaria mais do que atestar vidas sem trabalhos forçados, alimentação adequada, clima (cf. Plin. *HN* 7.49, acerca da durabilidade da vida humana, referindo Hesíodo, Anacreonte, Teopompo, Helénico, Damastes, Éforo, Alexandre Cornélio, Xenofonte). No caso das mulheres, denominação a partir do *nomen* paterno. São comuns os nomes Públio, Gaio, Marco, Lúcio, Tito, Quinto, a título ilustrativo, o que poderá confundir o leitor, quando não associado a outros elementos. Por certo não seria a mesma pessoa nem ‘quem eram’ (porventura do conhecimento público), para que não se acrescentassem outros dados. Contam-se, todavia, algumas exceções em *Macr.* 1, designadamente duas entradas, com indicação da causa de morte (e.g. Demócrito de Abdera, anorexia (?); Ctesébio, enquanto andava; Jerónimo - feridas de guerra), profissão (e.g. Ctesébio, historiador; Jerónimo, coletor) após a nota etária. Na globalidade, as pessoas em causa são desconhecidas (exceções: e.g. Ctesébio, Demócrito. Cf. Lúcio Fidiclânio, da tradicional

família do senador Fidiculânio, séc. I a.C. - Cic. *Caec.* 28, *Clu.* 103). A verdadeira questão subjacente a toda a obra consiste em atestar a forma como se media o tempo (com notórias divergências etnográficas, na contabilização dos anos), para que se dessem algumas idades de extensão bíblica (e.g. Adão, 930 anos, *Gn.* 5:4-5). São maioritários os casos masculinos. A listagem é póstuma. Ainda assim, lê-se (*Macr.* 3) que Júlia Modestina ainda existia nos dias de Flégon (καθ' ἡμᾶς ἔτι οὔσα), donde a inevitabilidade de questões como - 'ainda viva na altura de Flégon'? E Fausto, visto pelo Traliano, também? Se for o caso, qual a fonte usada para coligir os casos, já que algumas entradas são referidas por autores anteriores à época Cristã?

Reconhecem-se seis capítulos distintos, designadamente 1 - pessoas centenárias (de Lúcio Cornélio a Docúrio, um total de 68 casos, 55 dos quais, homens); 2 - vidas entre cento e um e cento e dez anos (de Gaio Leldio a Munância Prócula, sendo 101 anos: de Gaio Leldio a Búria Licnenis - 6 casos; 102: de Laio Sâmio a Tito António - 3 casos; 103: Cocnânia Musa - 103 anos - 1 caso; 104: de Demócrito de Abdera a Jerónimo - 3 casos; 105: de Gaio Titoneu a Sexto Névio - 5 casos; 106: Lúcio Doroteu - 1 caso; 107: Gaio Montiano - 1 caso; 110: de Pola Donata a Munância Prócula - 2 casos. No total, 21 indivíduos, 18 de terras itálicas, 3 gregos; 14 homens. O terceiro núcleo (5 casos) apresenta-se fragmentado, referindo pessoas de 110-120 anos: com 110 anos, 113 e 114 apenas 1 homem em cada idade; 1 mulher de idade não especificada, por lacuna textual e 1 mulher anónima, ainda viva, aos 120 anos. De facto, a obra não corresponde exatamente a um obituário. Entre 130 e 140 anos, o quarto grupo comporta somente dois indivíduos, um de 135 anos de vida e outro de 136. Em 5º lugar, 1 figura de 150 anos. A obra contém evidentes lacunas, que podem completar-se na leitura de outros autores, designadamente D.L. 1.10.111,

a propósito de Epiménides:

καὶ ἐπανελθὼν ἐπ' οἴκου μετ' οὐ πολὺ μετήλλαξεν, ὥς φησι Φλέγων ἐν τῷ Περὶ μακροβίων, βιούς ἔτη ἑπτὰ καὶ πεντήκοντα καὶ ἑκατόν: ὥς δὲ Κρήτες λέγουσιν, ἐνὸς δέοντα τριακόσια: ὥς δὲ Ξενοφάνης ὁ Κολοφώνιος ἀκηκοέναι φησί, τέτταρα πρὸς τοῖς πεντήκοντα καὶ ἑκατόν.

“Então ele regressou a casa e não muito depois morreu. Seguindo Flégon, em *Acerca de Vidas Longas* [FGrHist 257 F38], ele viveu cento e cinquenta e sete anos; segundo os Cretenses, duzentos e noventa e nove anos. Xenófanes de Cólofon [DK 21 B 20] refere a sua idade como cento e cinquenta e quatro anos, segundo se ouvia dizer.”

Por fim, a Sibila de Eritreia, cuja longevidade é expressa no seu oráculo. Sem nominalização, mostra-se a atribuição de uma característica histórica (idade) a uma figura de tradição mitológica²¹⁷. Embora não constitua motivo primacial, constata-se, no oráculo da sibila²¹⁸, o cuidado de aludir a vários *topoi*, como meios de adivinhação²¹⁹, enquanto *omina*, que esclarece em em prosa, em *Macr.* 6.2; entranhas de animais; voo de aves; duração/ciclo da vida humana, estimado em 110 anos (*Macr.* 6.3), o que, desde logo, levanta dúvidas quanto à credibilidade dos factos supostamente verídicos de ‘vidas longas’ retratados; destino; ritos (participantes e práticas) de celebração a deuses ctónicos; uma ontologia bipartida do corpo humano: corpo/alma; os riscos da falta de enterro e a degustação do corpo por

²¹⁷ Cf. historicidade de Herófila e Fito (?). Vd. Burkert 1985.

²¹⁸ Vd. Bouché-Leclercq 2003.

²¹⁹ Sobre a adivinhação e a necessidade de alguns princípios estoicos, vd. Hankinson 1988.

animais necrófagos; *Ludi Saeculares*, também celebrados com intervalos de um ciclo de vida humana (vd. Hor. *Saec.* 20-21)²²⁰.

d. Sobre as Olimpíadas (Περὶ τῶν Ὀλυμπίων / Ὀλυμπιάδες / Χρονικά)

É absolutamente controverso e deveras dúbio avançar com quaisquer considerações analíticas respeitantes a fragmentos. E de facto, de *Sobre as Olimpíadas*, de Flégon restam não mais do que algumas linhas fragmentárias, que não merecem consideração crítica na recente edição do texto grego de Stramaglia 2011. Restam, todavia, relatos de autores com acesso à obra, nas suas épocas, expostos em fragmentos *FGrHist* 3: 602-608. Assim, no registo Περὶ Πολέων, de St. Byz., séc. V/VI (?), a propósito da cidade Gergis, de onde era natural a Sibila Gergícia - *Olymp.* 1 (*FGrHist* F2), e da cidade de Diosierita, referida em *Olymp.* 1 (*FGrHist* F3). De igual modo, Antímacode Dispôcio, em Pisa, vencedor do στάδιον, 4^a Olimpíada (*FGrHist* F4), Depo, vencedor no pugilato, πύξ, *Eleu, na quadriga. De St. Byz. também referência de Flégon à cidade de Hiperásia, em *Olymp.* 24. Outras alusões ao texto de Flégon efetuam-se a partir do livro 8. Designadamente, Afric. *apud* Eus. *P.E.* 10.10, referindo Flégon, quanto às cidades de Augusta (*FGrHist* F8) e de Creme (*FGrHist* F9), na 8^a Olimpíada. Respeitantes a *Olymp.* 13, Eus., *Chron. ad Ol.* 203.1, a respeito do portento do sol (*FGrHist* F15), Sincelo p. 324, D, *ex Eusebio*, sobre o eclipse solar, no quarto ano da ducentésima segunda Olimpíada (*FGrHist* F15). De observar também as indicações de Orígenes, *Cels.* 2.14 (*FGrHist* F14), a propósito de Cristo, em *Olymp.* 13 ou 14 (?). De *Olymp.* 15, a respeito de Neocesária, lembra St. Byz. (*FGrHist* F16), a cidade siciliana de Terbécia (*FGrHist* F18), a

²²⁰ Cf. Sósimo, *Vita Noua* 2.1; *FGrHist* 257 F40.

cidade Líbia de Furnita (*FGrHist* F19), o Olímpieu, em Delos (*FGrHist* F21); também dos Escoridiscos e Escirtos da Peónia (*FGrHist* F17). Outrossim, Constant. Porphyrog. *Them.* 2. 12 sobre a alusão de Flégon ao Bósforo (Bósforo), sob domínio do rei Cóio do Bósforo (*FGrHist* F20). A partir de livro incerto de *Sobre as Olimpíadas*, St. Byz. menciona a alusão de Flégon às cidades de Dispôncio, a partir de Disponto, filho de Pélops, 4^a vencedor de στάδιον (*FGrHist* F4), cidade de Sinope (*FGrHist* F6), região de Leno, na 48^a Olimpíada (*FGrHist* F7), cidade de Terracina, na 181^a Olimpíada (*FGrHist* F13). Outrossim, de Afric. *apud* Eus. P. E. 10.10, tomando o 45^o ano da Olimpíada para aludir ao persa Ciro, segundo Políbio, *Bibliotheca Diodori in Historiis Thallis et Castoris*, e Flégon (*FGrHist* F7a), de Nisíbis (*FGrHist* F10), na 140^a Olimpíada, de Velitra (*FGrHist* F11), na 174^a Olimpíada. A Fócio pertence uma indicação mais desenvolvida (*FGrHist* F12. Cf. POxy 2082). Menciona o labor do liberto de Adriano, Flégon, a partir da primeira Olimpíada (776 a.C.) - um assunto que atraiu diversos autores, outras tantas versões e muitas contradições, à 177^a - 72-69 a.C. (listagem de vencedores, nas diversas provas), nos cinco livros que leu até essa Olimpíada - o que deixa dúvida quanto à totalidade de livros da composição, quando outros autores referem livros em maior número. Decorreram o cerco de Amiso, por Luculo; um tremor de terra, em Roma; o censo da população; a substituição de Sinatruces, rei dos Partos, por Frates, do epicurista Fedro, por Patro; o nascimento de Virgílio (15 de outubro); a vitória da armada de Tigrano e Mitridates sobre Luculo, no quarto ano da Olimpíada; a consagração do Capitólio em Roma, por Catulo; o ataque de Metelo à ilha de Creta; o pirata Atenodoro²²¹, que

²²¹ Cf. Ormerod 1924.

escraviza os Délcios e destrói estátuas com nomes de deuses²²², também que Triário repara danos e protege Delos. Por seu turno, St. Byz. recorda a alusão de Flégon às cidades de Elbonde (*FGrHist* F22), Picência (*FGrHist* F25), Térina (*FGrHist* F26), Óstia (*FGrHist* F27), Meandrópole (*FGrHist* F23), no 15º livro de *Sobre as Olimpíadas*. Evário, *Hist. Eccl.* 1.20-21, acerca da referência a respeito de colonos enviados a partir de Antioquia grega para Oronte, por parte de Estrabão, Flégon e Diodoro Sículo, entre outros (*FGrHist* F28).

Um fragmento maior, da autoria do Traliano, sumariamente, prende-se com a origem dos Jogos Olímpicos, até à indicação do primeiro vencedor coroado. Ora, diversos autores, na Antiguidade, retrataram os Jogos Olímpicos, festival realizado no complexo de templos (vd. Ὀλυμπιεῖον, Ἡραῖον), altares e estátuas - Olímpia (Élis), em honra de Zeus, de origem controversa e obscura. Uma tradição remota, a partir dos sacerdotes de Eleia, considera a instituição dos Jogos Olímpicos ainda sob o comando de Cronos (vd. Paus. 5.7.6), após Hércules ter vencido os seus irmãos (Peneu, Epimedes, Jásio e Idas) e ter-se dirigido a Olímpia, onde os homens da idade do ouro haviam erguido um templo em honra de Cronos. Hércules instituiu um concurso a realizar-se cada cinco anos - πεντετηρίς (Paus. 5.7.4. Cf. *schol.* Pi. O. 3.35 Boeckh). Após Clímene (descendente de Hércules), Endimion, Pélops, o festival receberia modificações, designadamente a sua consagração a Zeus (vd. celebração por Amitáon, Pélias e Neleu, Hércules, filho de Zeus/Anfitrião, Óxilo - interrupção. Vd. invasão Dória - Ífito, séc. IX a.C.. Cf. Paus. 5.8.1). Versão distinta é a de autores como Pi. O. 10; Strat. 8.3.30, 33; Apollod. 2.7.2; Diod. 4.14, mediante os quais o fundador fora

²²² I.e. deuses pagãos.

Héracles²²³, descendente de Zeus/Anfitrião.

Com Flégon²²⁴, o fragmento *FGrHist* F1 surge com uma apresentação sumária do autor, enquanto liberto de Adriano. Em 1ª pessoa, começa a desenvolver-se o *topos* do Concurso-Festival, em Olímpia, a partir da sua fundação tripartida por Peiso, Héracles, Pélops. Negligenciadas 27 Olimpíadas pelos Peloponésios, a prática de competições desnudas²²⁵ foi restabelecida por Licurgo e Ífito, descritos por demoradas sucessões patronímicas. Segue-se a referência ao armistício, após aprovação délfica (Cf. ἐκεχειρία, ἱερομηνία. Vd. Strat. 8. Cf. infração espartana, Th. 5.49).

Quanto ao prémio instituído por Héracles (Paus. 5.7.4), coroa de oliveira (κότινος, cf. Pi. O. 2.14, 3, 10, 11), na informação de Flégon começou a atribuir-se na oitava Olimpíada (a Decles, corrida), após aprovação do Oráculo de Delfos. O desacordo dos Peloponésios suscitou uma praga divina e conseqüente perda de colheitas, conforme a Pítia esclareceria ao consulente Licurgo, que não obteve crédito, mas foi corroborada em nova consulta.

d. Intertexto - Flégon e Fragmentos Sibilinos

Religiosidade(s)

Não sendo os *opera* de Flégon instrumentos de religiosidade²²⁶ e a presença de divindades se cinja a poucos episódios de natureza mitológica (e.g. #4, 5), ainda assim, o *topos* emerge da coletânea de assombros, espelhando a importância que as

²²³ Cf. Eus. *Chron.* 1.190-194. (e.g. Pi. O. 10). Vd. Niceu. Paus. 5.7.7 - 5.8, iniciando com teomaquias. Strat. 8 atribui a instituição aos Heraclidas, de regresso ao Peloponeso.

²²⁴ Vd. König 2005: 175-176.

²²⁵ Cf. a não presença de mulheres, salvo casos específicos (vd. Paus. 5.6.5, com distinção entre a permissividade conferida a virgens e a proibição de mulheres casadas - Paus. 6.20.6). Cf. Walters 1978.

²²⁶ Vd. Guthrie 1955; Gordon 1981; Fowler 2009.

mensagens divinas assumiam no Estado Romano. De facto, em termos gerais, os portentos parecem consistir em sinais de origem superior prevendo situações de desastre social. Eis, por conseguinte, sacrifícios a Hermes Ctónio, Euménides, Zeus *Xenios* e Ares, e ritos (#1); a construção de um templo a Apolo Lício e de um altar (#3); o altar mandado construir no Capitolino, a Ζεῦς Ἀλεξίκακος, ‘Zeus, que evita o mal’, por Cláudio, em Roma, ano 45 (#6); a ereção de estátuas tributárias a Tibério Nero, junto de um templo (#13); a preocupação do Imperador Tibério de evitar o sacrilégio da profanação de um corpo (#14); sugestões de profetas (#1, 2 - queimar, #25 - afogamento); proclamações proféticas (#2: de Polícrito, da cabeça do hermafrodita; #3: Buplago, de Públio, da cabeça de Públio).

De maior expressividade, os Oráculos Sibílicos²²⁷. Embora o episódio #1 conte a intervenção do profeta (μάντις) e áugure (οἰωνοσκόπος) Hílas; e o episódio #2 ressalte uma crítica aos profetas, próximos do assombro e do medo populares e sem o distanciamento/elevação da alma, como Polícrito evidencia; e, apesar de o episódio #3 retratar revelações da Pítia a enviados, a consulta de oráculos não se tratava apenas de um costume²²⁸ popular de consulta mântica inspirada, mas, no contexto Romano, de um decreto. Inicialmente nomeados dez membros, *decemviri*²²⁹ (cf. 12, *post* 367a.C. - Liv. 6.37.12; 15, *quindecimviri* - Tac. *Ann.* 6.12.1, 3), para guardar e consultar os oráculos, por decisão senatorial e (ou) prodígios. Assim, em #10, referente ao ano de 125 a.C., determina-se a leitura dos Oráculos Sibílicos por dignatários religiosos - ἱερομνήμονες, ‘hierarcas/sacerdotes’. Em *De Longaevitas*, os oráculos da Sibila de Eritreia.

²²⁷ Cf. Geffcken 1902; Haight 1918; Parke 1988; McGing — Parke 1988; Raybould 2016.

²²⁸ Vd. Lang 2007.

²²⁹ Vd. Cancik 1979.

Em termos gerais, importa não confundir²³⁰ os *Libri Sibyllini* ou *Libri Fatales*, referidos por Aulo Gélío (1.19.1) e Dionísio de Halicarnasso (*Antiquitates Romanae* 4.62.4), num conto quase lendário que reporta a sua chegada e depósito num santuário dos Livros a Roma, no séc. VI a.C., a partir de uma profetisa que oferecia, inicialmente, 9 livros, Tarquínio reinante, com os *Oracula Sibyllina*. Neste caso, um *corpus* de textos poéticos, de teor de certa forma propagandístico do judaísmo helénica e, posteriormente, do cristianismo (cf. Orígenes, *Cels.* 5.61, 7.53), em hexâmetros heroicos (gregos), distribuídos por 12 livros (1-8; 8-14, não existindo 9-10), datados entre séc. II a.C. e séc. VII. Mais tardios, os oráculos apocalípticos, desde o séc. IV²³¹. Dos *Libri* restam tão só os oráculos sibilinos conservados por Flégon (#10). Destruídos no incêndio do Capitólio de 83 a.C., após múltiplas dúvidas relativas a falsidades, acrósticos das reconstruções dos *Libri Sibyllini*, desde a reconstrução do templo, em 76 a.C., adviria a destruição final, pelo fogo, por ordem do general Flávio Estílico, séc. V.

A tradição mitológica descreve várias mulheres com habilidades proféticas, designadas sibilas, a primeira das quais filha de Dárdano e Neso (cf. Lyc. 1468). A primeira referência a uma Sibila pertence a Heraclito de Éfeso (fr. 92 D.-K. Cf. *apud* Plu. *Sobre os Oráculos da Pítia* 6), no séc. VI/V a.C., descrevendo (cf. Plu. 404e, acerca do oráculo Pítio) para esse mister de comunicação com o plano divino, a necessidade de interpretação/exegese (vd. Pl. *Ti.* 71e-72b), considerando o estado de *enthousiasmos* da sibila e a ambivalência divina. Desde então até à época de Alexandre, os Gregos apenas consideravam uma Sibila (vd. Pl.

²³⁰ Cf. Roessli 2004.

²³¹ Cf. *Teosofia de Tübingen*, texto do séc. V, transmitindo a etimologia de ‘Sibila’; o catálogo varroniano de 10 sibilas, os *Libri Sibyllini*. Vd. Brocca 2011.

Thg. 124d; *Ar. Pax* 1095. Cf., no século seguinte, *Arist. Pr.* 954 a 34-38), figura não referenciada nas epopeias ditas homéricas, nem em Hesíodo. Heraclides Pôntico (*apud Clem. Al., Strom.* 1.21.108), séc. IV a.C., distingue a sibila Ártemis, da Frígia - Marpesso, e Herófila, de Eritreia, na Jónia, prefigurando, desde logo, um antagonismo entre zonas detentoras da verdadeira sibila. O diferendo patriótico e identitário multiplica-se em número por altura das migrações gregas para a Ásia Menor. O Catálogo varroniano, *apud Lact. Diu. Inst.* 1.6.7-14, editado desde 1465, conferindo expansão ao *topos* (inclusão de Agripa e Europa, em conformidade com a *Crónica Pascal*, texto bizantino), menciona dez sibilas: de Pérsia, Líbia, Delfos, Ciméria, Eritreia, Samos, Cumas, Helesponto, Frígia, Tíbur. Vd. *schol. Phaedr.* 244b). No séc. II, *Paus.* 10.12.1 menciona dez: de Babilónia, Líbia, Ciméria, Samos, Frígia, Helesponto, Eritreia (uma mais antiga, outra mais nova), Delfos (uma mais antiga, outra mais recente), Cumas (quicá correspondente à de Eritreia, *Arist. Mir.* 97) e a Triburtina. De notar ainda, entre os Hebreus, *Sabe. Ael. VH* 12.35, séc. II/III, contava quatro: a de Eritreia, a do Egito, a de Samos e a da Sardenha.

(Página deixada propositadamente em branco)

SOBRE MARAVILHAS

FLÉGON DE TRALES

(Página deixada propositadamente em branco)

[1]

<***>²³² [A ama] foi até às portas do quarto de hóspedes e, à luz da chama de uma lamparina, avistou-a [Filínion] ao lado de Macates. Dado o cariz extraordinário do portento, não conseguindo aguentar ali mais tempo, correu ao encontro da mãe, a gritar em altos brados: “Carito!” e “Demóstrato!” Julgava que eles deviam levantar-se e ir com ela até à filha deles. É que ela estava viva e, graças a alguma vontade divina, encontrava-se com o hóspede, no quarto de hóspedes.

Quando Carito escutou este reconto surpreendente, em primeiro lugar ficou perplexa e desmaiou, devido à grandiosidade da mensagem e à excitação da ama. Porém, rapidamente, lembrou-se da filha e começou a chorar. Por fim, acusou a velha criada de loucura e exigiu-lhe que se retirasse de imediato. Contudo, a ama retorquiu²³³, de forma perentória e reprobatória, que possuía uma mente prudente e sã, contrariamente à sua senhora, que não desejaria ver a filha.

Com hesitação, Carito, em parte convencida pela ama, e em parte pretendendo saber o que realmente sucedera, dirigiu-se à porta do quarto de hóspedes. Uma vez que havia então decorrido um considerável período de tempo – cerca de duas horas –, desde a notícia inicial, já era tarde quando Carito chegou. Com efeito, aqueles²³⁴ já estavam a dormir. A mãe espreitou para o interior e julgou reconhecer as roupas e as feições [da sua filha], mas, enquanto não pudesse atestar a veracidade do facto, decidiu não

²³² Texto inexistente.

²³³ Cf., no original, μετὰ παρρησίας. Cf. παρρησία (‘parrésia’) enquanto direito para usar impunemente de franqueza discursiva, superiorizando até restrições impostas pelo estatuto social (e.g. Eletra, na condição de serva, face a Clitemnestra, E. *El.* 1056). Vd. Schlier 1954; Sluiter – Rosen 2004; Praet 2009; Worthington 2010.

²³⁴ Entenda-se [os ocupantes].

fazer mais nada nessa noite. Pretendia levantar-se cedo ao amanhecer e confrontar a jovem, ou, se chegasse demasiado tarde para tanto, pretendia questionar Macates a propósito de tudo. Ora, ele não iria mentir, caso fosse interrogado acerca de um assunto de tamanha importância. Então, sem mais dizer, retirou-se.

Todavia, de manhã, sucedeu que por vontade divina, ou por acaso, [a jovem] saiu, sem ser notada. Quando [Carito] foi até ao quarto, ficou aborrecida com o jovem, em virtude da partida da rapariga. {Suplicou aos joelhos do hóspede} que lhe contasse tudo do início, dizendo a verdade e sem omitir nada. De início, o jovem estava ansioso, mas, hesitando, revelou que o nome [da rapariga] era Filínion; como as visitas dela haviam começado, o quão grande era o desejo que ela nutria, e que tinha dito que viera ter com ele às escondidas dos progenitores. Pretendendo tornar a questão credível, ele abriu o seu baú e retirou um anel de ouro que tinha obtido dela e a cinta de peito que ela havia deixado na noite anterior. Quando Carito se deparou com estes sinais, soltou um grito, rasgou as roupas, retirou a touca da sua cabeça e prostrou-se no chão sobre os objetos, dando início ao seu sofrimento. Ao observar o que estava a passar-se, como estavam todos a lamentar-se e a gritar, como se estivessem prestes a enterrar um homem, o hóspede ficou atormentado e disse-lhes que parassem, referindo-lhes que ela iria voltar. [Carito] aceitou isto e pediu-lhe que cumprisse a promessa que lhe havia feito.

A noite caiu e era então chegada a hora de Filínion habitualmente vir ter com ele. Eles mantiveram-se alerta, pretendendo saber da sua chegada. Ela entrou à hora habitual e sentou-se sobre o leito. Macates fingiu que não havia nada de errado, pois pretendia investigar o assunto, não acreditando totalmente que estaria a relacionar-se com uma morta²³⁵. Como bebia e comia

²³⁵ Sobre o *topos* da necrofilia, a tradição mitológica confere alguns exemplos (e.g. Dimetes ~ Evope, Parth. 31).

com ele, não conseguia acreditar no que os outros lhe haviam contado e supôs que alguns ladrões de campas haviam escavado o túmulo e vendido as roupas e o ouro ao pai dela. Mas, com desejo de saber exatamente o que se passava, enviou secretamente os escravos para chamá-los²³⁶. Demóstrato e Carito vieram rapidamente e, ao verem-na, ficaram de início sem palavras e em pânico com a aparição, mas depois soltaram altos brados e abraçaram a sua filha. Então Filínion disse-lhes: “Mãe e pai, quão injustamente reclamaram eu ter estado com o hóspede durante três dias na casa paterna, sem ter causado mal a ninguém. Por conseguinte, ireis lamentar do início, porque vos imiscuístes, e eu irei de novo para o lugar que me foi destinado. É que não foi alheia à vontade divina que eu vim até aqui.” Logo após dizer estas palavras, morreu e o seu corpo ficou estendido sobre a cama. A mãe e o pai atiraram-se sobre ela e houve muita confusão e lamentos na casa, devido à calamidade. O infortúnio era insuportável e a visão incrível.

O sucedido espalhou-se rapidamente pela cidade e foi-me contado. Como tal, durante a noite, mantive controlo sobre as multidões que se reuniram na casa, precavendo que não iria haver nenhum problema por causa da notícia. Cedo pela manhã, a assembleia estava cheia. Depois de explicados todos os aspetos particulares, ficou decidido que deveríamos ir primeiramente ao túmulo, abri-lo e ver se o corpo repousava no ataúde ou se iríamos encontrar o local vazio.

Ainda não havia passado meio ano desde a morte da rapariga. Quando abrimos o local em cujo interior todos os membros falecidos da família eram colocados, vimos corpos deitados em urnas, ou ossos, no caso daqueles que haviam falecido há muito, mas no sarcófago onde tinha sido colocada Filínion

²³⁶ Entenda-se [para chamar os pais dela].

apenas encontramos o anel de ferro que pertencera ao hóspede e o copo dourado de vinho, objetos que ela obtivera de Macates, no primeiro dia.

Assombrados e temerosos, fomos de imediato para a casa de Demóstrato, para comprovar se o corpo se via no quarto do hóspede. Depois de contemplarmos que ela jazia aí no chão, reunimo-nos no lugar da assembleia, já que os eventos eram sérios e incríveis. Gerou-se uma vigorosa confusão na assembleia e quase ninguém se mostrou capaz de formar uma opinião sobre os acontecimentos. O primeiro a levantar-se foi Hilo, considerado não apenas o melhor profeta entre nós, mas também um excelente áugure; na generalidade, mostrava considerável percepção no seu mister. Afirmou que o corpo deveria ser cremado fora dos limites da cidade. Ora, não se ganharia nada ao sepultá-la dentro de fronteiras, mas em efetuar-se um sacrifício apotropeico a Hermes Ctónio e às Euménides. De seguida, recomendou que todos se purificassem imediatamente, que se limpassem os templos e se realizassem todos os ritos habituais às divindades ctónicas. Também me falou em particular acerca do rei e dos eventos, para sacrificar a Hermes, a Zeus *Xenios*²³⁷ e a Ares, e para levar isto a cabo com cuidado. Depois de nos comunicar estas coisas, tratámos de fazer o que nos havia prescrito. Contudo, Macates, o hóspede que o fantasma havia visitado, ficou deprimido e suicidou-se.

Se decidires escrever sobre isto ao rei, avisa-me também, de modo a que possa enviar até ti um dos que examinou os cadáveres em detalhe.

Adeus.

²³⁷ Protetor de hóspedes e suplicantes.

2.

Hierão²³⁸ de Alexandria ou de Éfeso refere que um fantasma também apareceu na Etólia.

Ora, Polícrito, um dos cidadãos, foi designado Etolarca²³⁹ da região, por três anos, pelos cidadãos, que o consideraram digno, em virtude da nobreza²⁴⁰ dos seus ancestrais. Enquanto estava no cargo, tomou uma mulher lócria como esposa; viveu com ela durante três noites e morreu na quarta noite. A mulher permaneceu na casa como viúva. Quando decorreu o tempo de gestação, ela deu à luz uma criança com dois tipos de genitais, masculino e feminino, os quais diferiam imensamente. A parte superior dos genitais era dura e viril, ao passo que a secção em redor das coxas era feminina e mais suave. Atordoados, os familiares levaram a criança à ágora, onde convocaram uma assembleia, chamando sacrificadores e também adivinhos. De entre eles, alguns declararam que haveria de apresentar-se um dissídio entre Etólios e Lócrios. Com efeito, a criança havia sido separada da mãe, que era lócria, e do pai, etólio. Outros eram da opinião de que deveriam levar a criança e a mãe para o campo, para além dos limites da cidade, e queimá-los. Enquanto deliberavam, Polícrito, que havia antes falecido, apareceu na assembleia, perto da criança e vestido de negro. Os cidadãos ficaram tomados de espanto pela aparição e muitos começaram a fugir quando ele chamou os cidadãos a demonstrar coragem e a não ficarem confusos na presença do fantasma. Depois de ter posto fim à maior parte da comoção e da confusão, falou, com voz suave, da seguinte forma: “Cidadãos, o meu corpo está morto, mas no que respeita à boa vontade²⁴¹

²³⁸ *PGR* 32 F1.

²³⁹ Autarca da Etólia, no séc. V a.C. Cf., de modo análogo, Boiotarca, enquanto autarca da Beócia. Vd. Brisson 1978: 92-94.

²⁴⁰ καλοκάγαθία.

²⁴¹ εὔνοια.

e bem-aventurança²⁴² que sinto para convosco estou vivo. Estou aqui convosco agora, para vosso proveito, <tendo apelado> aos que mandam sob o solo. E agora digo-vos, porquanto sois meus concidadãos, para não sentirem medo nem repulsa pela presença incrível de um fantasma. Peço-vos a todos, esperando a salvação de cada um de vós, para me entregarem a criança que tive, de modo a que não haja nenhuma violência, como resultado de alguma outra resolução a que cheguem, e que a vossa hostilidade para comigo não dê azo a problemas difíceis e penosos. É que não me é permitido deixar que a criança seja fulminada por vós, devido à loucura dos profetas que vos anunciaram isso. Ora, eu desculpo-vos, pois, assim como contemplan de forma tão estranha uma aparição, estareis perdidos quanto à justa ação a tomar. Além disso, se me obedecerem sem receio, libertar-se-ão do vosso medo presente e impedirão a catástrofe. Mas se chegarem a outra decisão, temo que, devido à vossa falta de confiança em mim, irão incorrer numa calamidade irreparável. Então, graças à boa vontade que tinha quando estava vivo, também agora, no presente, nesta inesperada aparição, previ o que era proveitoso para vós. Por conseguinte, peço-vos que não me desconsiderem por mais tempo, e deliberem de forma correta, obedecendo ao que eu disse, entregando-me a criança de forma auspiciosa. Na realidade, não me é permitido demorar muito, devido aos que mandam debaixo da terra.”

Depois disto, manteve-se um pouco em silêncio, aguardando a resolução que eles iriam tomar relativamente ao pedido. Ora, alguns julgavam que deveriam entregar a criança e apresentar uma reparação, tanto para com o prodígio, como para com o ser sobrenatural que estava presente; mas a maioria discordava, afirmando que não deveriam deliberar apressadamente, uma

²⁴² χάρις.

vez que a questão era de grande importância e o problema não era comum.

Vendo que não estavam a prestar-lhe atenção, mas antes a obstar ao seu desejo, falou de novo: “Concidadãos, em todos os acontecimentos, se vos sobrevier um problema, relativamente à vossa irresolução, não me culpem a mim, mas ao destino²⁴³ que assim vos impele pelo caminho errado, um destino que, apondo-se também a mim, me força a agir injustamente contra o meu filho²⁴⁴.”

As pessoas juntaram-se e estavam a discutir a propósito do portento, quando [o fantasma] pegou na criança, afastou grande parte dos homens e apressadamente desmembrou a criança, membro por membro, e a devorou. Começaram a gritar e a atirar-lhe pedras, numa tentativa de afastá-lo. Não afetado pelas pedras, consumiu o corpo inteiro da criança, à exceção da cabeça, e depois desapareceu subitamente.

Atormentados por estes acontecimentos e num estado de extraordinária perplexidade, pretendiam enviar uma delegação a Delfos, mas a cabeça do infante, que se encontrava no chão, começou a falar, profetizando o futuro num oráculo:

“Ó povo incontável, que habita uma terra famosa em cantigas.

Não vão ao santuário de Febo, ao templo com o seu incenso.

Na realidade, as mãos que elevam no ar não estão limpas de
[sangue²⁴⁵].

A viagem diante dos vossos pés está poluída.

Renunciem à viagem à trípole e considerem, ao invés, o que
[estou a dizer.

De facto, irei recontar todas as ordens do oráculo.

²⁴³ τύχη.

²⁴⁴ τέκνον.

²⁴⁵ Cf. Orfismo: vegetarianismo e a obrigatoriedade de ‘mãos impolutas de sangue’. Vd. Brown — Tuzin 1983; Brisson 1995.

Deste dia a um ano, está determinada a morte de todos,
mas, pela vontade de Atena, as almas de Lócrios e Etólios,
[†viverão†] misturadas.

Também não haverá pausa no mal,
nem sequer brevemente, pois uma chuva de sangue cairá sobre
[as vossas cabeças.

A noite mantém tudo escondido, e um céu negro alastra-se.
Imediatamente, a noite provoca que a escuridão se espalhe por
[toda a terra.

Em casa, todos os enlutados movem os seus membros no solo.
A mulher não cessará de lamentar-se, nem as crianças
deixarão de chorar nas paredes, ao agarrarem-se aos queridos
[pais.

Tal foi a onda que os derrubou, a partir de cima.
Oh, oh, não paro de lamentar os terríveis sofrimentos da minha
[terra
e a minha terrível mãe, que o lamento depois libertou.

Todos os deuses darão por inglório o nascimento do que resta
[da semente
dos Lócrios e dos Etólios, porque a morte não tocou a minha
[cabeça,

nem acabou com todos os membros indistintos do meu corpo,
[mas deixou-me [sobre] a terra.

Mas venham e exponham a minha cabeça ao amanhecer
e não a escondam debaixo da escura terra.

Quanto a vocês mesmos, deixem a região e vão para outra
[zona, para um povo de Atena,
se escolherem uma fuga à morte, em conformidade com o
[destino.”

Quando os Etólios ouviram o oráculo, levaram as suas
mulheres, crianças pequenas e os mais idosos para os locais de
segurança que cada homem conseguia arranjar. Eles mesmos

ficaram para trás, a aguardar o que iria acontecer e, no ano seguinte, os Etólios e os Acarnenses entraram em guerra, com grande destruição de cada um dos lados.

3.

O filósofo peripatético Antístenes²⁴⁶ conta que o cônsul Acílio Glábrio, juntamente com os legados Pórcio Catão e Lúcio Valério Flaco, prepararam uma guerra contra Antíoco, nas Termópilas, e lutaram com nobreza, forçando os homens de Antíoco a largar as suas armas e o próprio Antíoco a fugir com quinhentos guardas, inicialmente para Elateia²⁴⁷, depois do que Acílio o compeliu a retirar-se para Éfeso. Acílio enviou Catão a Roma para informar da vitória, enquanto ele próprio se ocupava da guerra contra os Etólios, em Heracleia, que venceu com facilidade. Neste confronto com Antíoco nas Termópilas, ocorreram presságios muito notáveis para os Romanos. Nos dias seguintes à derrota e fuga de Antíoco, os Romanos ocuparam-se em remover os corpos tombados dos seus para enterrar e na recolha de armas e de outros espólios, assim como de prisioneiros de guerra.

Um certo Buplago, comandante de cavalaria da Síria, que era tido em grande consideração pelo Rei Antíoco, tombou, após ter lutado nobremente. Ao meio-dia, quando os Romanos recolhiam todas as armas dos inimigos, Buplago ergueu-se de entre os mortos, possuindo doze feridas, e foi até ao acampamento Romano, onde proferiu, com voz suave, os seguintes versos:

²⁴⁶ Considera-se Antístenes de Rodes um filósofo peripatético do séc. II a.C. De origem aristotélica, os defensores da escola peripatética (e.g. Teofrasto, Estratão, Aristóxeno, Andronico) andavam enquanto expunham as suas ideias, conforme indica o étimo grego περιπατέω. Cf. *FGrHist* 508 F*2. Vd. Wehrli 1974.

²⁴⁷ Cidade da Fócia, região central da antiga Grécia.

“Parem de despojar um exército que já seguiu para a região do
 [Hades,
 pois Zeus Crónida encontra-se irado com os vossos feitos
 [danosos,
 zangado com o assassinato de um exército e com as vossas
 [movimentações, e
 enviará uma tribo de coração corajoso contra a vossa terra,
 que porá cobro ao vosso governo, e vocês pagarão pelo que
 [forjaram.”

Abalados com estas palavras, os generais rapidamente convocaram a multidão e deliberaram a propósito do fantasma. Decidiram cremar e enterrar Buplago, que morreu logo a seguir à sua mensagem; purificar o acampamento; efetuar um sacrifício a Zeus *Apotropaïos*²⁴⁸ e enviar uma embaixada a Delfos para inquirir a divindade acerca do que deviam fazer. Quando os enviados chegaram a Pito e perguntaram o que fazer, a Pítia²⁴⁹ proferiu o seguinte oráculo:

“Contém-te agora, Romano²⁵⁰, e deixa a justiça habitar contigo, para que Palas não incite um Ares ainda maior contra ti, e torne a ágora mais despojada. E tu, louco, por todo o teu [esforço, percas muita riqueza antes de alcançar a tua terra.”

Ao ouvirem este oráculo, renunciaram inteiramente à ideia de travar guerra com algum povo da Europa. Levantado o acampamento do local acima mencionado, foram para

²⁴⁸ Epíteto de Zeus como divindade apotropeica que acautela os males.

²⁴⁹ Sacerdotisa do oráculo de Apolo.

²⁵⁰ Mensagem de contornos estoico-epicuristas, apelando à contenção material dos Romanos. Assim, a máxima gravada em Delfos, μηδὲν ἄγαν e *aurea mediocritas*, no epicurismo horaciano (*Carm.* 2.10.5).

Náucratis, na Etólia, onde existia um templo comum²⁵¹ dos Gregos e prepararam sacrifícios a expensas públicas e primícias, segundo o costume.

Uma vez cumpridos os rituais, o comandante Públio começou a delirar e a comportar-se de forma demente, proferindo muitas afirmações em estado de posse divina, algumas em verso, outras em prosa. Quando a notícia destes acontecimentos chegou aos soldados, dirigiram-se todos à tenda de Públio, em parte com ansiedade e surpresa de que o melhor homem de entre eles, um líder experiente, tivesse caído em tal estado; e em parte também com desejo de ouvir o que dizia. Em resultado disso, alguns homens apertaram-se de tal forma, que se sufocaram. A seguinte mensagem em verso foi feita por ele, enquanto ainda se encontrava no interior da tenda:

“Ó pátria, que funesto Ares Atena vos trará,
quando assolares a Ásia com a sua grande riqueza e regressares
a solo itálico e às festivas cidades da
Trináquia, adorável ilha, que Zeus fundou.
É que um grande exército, de espírito poderoso virá
da Ásia distante, de onde o nascer do Sol
e o rei, ao atravessar o estreito vau do Helesponto,
consertará tréguas com um governante epirota.
Ele virá para Roma, após reunir um exército incontável,
de todas as partes da Ásia e da agradável Europa,
e dominar-vos-á, tornando desoladas as vossas casas e cidades
[amuralhadas
escravizando-vos, retirando o vosso dia de liberdade,
devido à ira de Atena de grande coração.”

Depois que proclamou estes versos, saiu da tenda com a sua túnica e vociferou o seguinte, em prosa: “Soldados e cidadãos,

²⁵¹ Entenda-se [compartilhado com].

revelo que, passando da Europa para a Ásia, irão vencer o Rei Antíoco em batalhas por mar e terra, e tornar-se-ão senhores de todo o território, nesta secção do Tauro, e de todas as cidades aí estabelecidas, tendo conduzido Antíoco para a Síria; esta região e estas cidades serão entregues aos filhos de Átalo. Os Celtas que habitam na Ásia que vos enfrentarem em batalha levarão a pior e vocês tomarão posse das mulheres, crianças e de todos os bens domésticos deles e trá-los-ão para a Europa. Mas os habitantes nas costas europeias, os Trácios de Proponte e do Helesponto, atacar-vos-ão na zona dos Énios, quando regressarem da vossa campanha, matando alguns dos vossos homens e capturando parte do vosso espólio. Quando os outros tiverem atravessado em segurança e tiverem chegado a Roma, haverá um tratado com o rei Antíoco, de acordo com o qual ele pagará dinheiro e se retirará de uma certa região.” Quando acabou de proclamar isto, gritou o seguinte em alta voz: “Vejo forças com peitos de bronze a atravessarem, vindas da Ásia, reis a reunirem-se num lugar, homens e todas as nações contra a Europa e o barulho de cavalos, o embate de espadas, chacina sanguinolenta, pilhagem terrível, a queda de torres, o arrasamento das muralhas da cidade e a indescritível desolação da cidade.” Depois disto, falou novamente em verso:

“Quando os resplandcentes cavalos de Neseia com as suas
[testeiras de ouro
entrarem pela ilustre terra, abandonando o seu pedestal,
a eles a que outrora, na sumptuosa cidade dos Siracusanos,
Dédalo *Eécion* forjou com a sua arte, fortalecendo uma amizade,
no brônzeo estábulo, aplicou rédeas sobre a rédea
de ouro, e juntou com todas as coisas o filho de Hipérion,
resplandcente no tocante aos raios e olhos.
Nessa altura, Roma, os duros sofrimentos estão todos cumpridos,
pois chegará um grande exército que irá destruir toda a tua terra,

tornando desoladas as praças, arrasando as tuas cidades com fogo, encherá os rios com sangue, e também preencherá o Hades, e trará sobre vós escravidão, lamento, ódio, obscuridade.

Uma esposa não receberá bem o seu esposo de volta, retornando da guerra, mas Hades, vestido de negro sob a terra, segurá-lo-á entre os mortos, juntamente com crianças roubadas
[das suas mães,
e um Ares estrangeiro irá impor o dia da escravidão.”

Depois de dizer isto, ficou em silêncio e, avançando para fora do acampamento, subia a um carvalho. Tendo-o seguido a multidão, ele chamou-os e disse-lhes: “Romanos e demais soldados, cabe-me morrer e ser devorado por um lobo ruivo, neste preciso dia, mas, quanto a vós, saibam que tudo aquilo que disse irá acontecer-vos: tomem a iminente aparição da fera e a minha própria destruição como prova de que falei por intimação divina.”

Afirmando isto, disse-lhes para se afastarem e não tentarem impedir a aproximação da fera, acrescentando que não seria benéfico para eles afastá-la. Tendo a multidão seguido o pedido, não muito depois chega o lobo. Quando Públio o avistou, desceu do carvalho e caiu de costas, pelo que o lobo o rasgou e devorou, enquanto todos olhavam. Tendo consumido o seu corpo, à exceção da cabeça, retirou-se para a montanha. Quando a multidão se aproximou, desejando resgatar as suas relíquias e dar um funeral apropriado, a cabeça, que jazia no chão, proferiu os seguintes versos:

“Não toquem na minha cabeça! De facto, não é apropriado para aqueles em cujos corações Atena colocou fúria selvagem tocarem uma cabeça sagrada. Mas parem e ouçam a profecia, através da qual eu irei declarar-vos a verdade. Para esta terra há de vir um grande e poderoso Ares, que lançará o povo armado para o Hades, sob a escuridão
[ctónica,
despedaçará as torres de pedra e as longas muralhas,

a nossa riqueza, as pequenas crianças e as esposas,
tendo apossado, trará para a Ásia, atravessando as ondas.
Estas coisas o Febo Apolo revelou-te,
Pítio, ele que, tendo-me enviado como seu poderoso servo²⁵²,
me encaminhou para a morada dos bem-aventurados e de Perséfone.”

Ao ouvirem estas coisas, ficaram muito preocupados e, erguendo um templo a Apolo Lício e um altar no qual jazia a cabeça, embarcaram para os seus navios e cada qual navegou para a sua pátria. Tudo o que Públio disse aconteceu.

4.

Diz-se que Hesíodo²⁵³, Dicearco²⁵⁴, Clearco, Calímaco²⁵⁵ e outros autores²⁵⁶ contam as seguintes coisas a propósito de Tirésias. Que Tirésias, filho de Evero, na Arcádia, avistando, em Cilene, umas cobras a copular, feriu uma delas²⁵⁷ e de seguida mudou de forma. Passou de homem a mulher e teve relações com um homem. Apolo informou-o num oráculo que se ele observasse as criaturas a copular e de modo similar ferisse a outra cobra, ele voltaria a ser como era antes. Procurando uma oportunidade, Tirésias fez o que a divindade referiu e assim recuperou a sua natureza antiga.

²⁵² Apolo, epítetado de lobo.

²⁵³ Fr. 275 M-W.

²⁵⁴ Fr. 37 Wherli.

²⁵⁵ Fr. 576 Pf.

²⁵⁶ Cf. Apollod.; Ov. *Met.* 3.316-339; Hyg. *Fab.* 75. Cf. O paradoxógrafo de pendor racionalista, séc. I/II (vd. Eust. *Od.* 4.450), Heraclit. *Incred.* 6: Acerca de Tirésias, sem alongamentos. Veja-se igualmente Ant. Lib. 17.4-5. Também Paradoxógrafo Vaticano 31, autor anónimo de *Περὶ Ἀπίστων*, Sobre *Contos Inacreditáveis*, em *Vaticanus Graecus* 305. Cf. Brisson 1976; Troca Pereira 2016c.

²⁵⁷ Curiosamente, no original, τῶσαι τὸν ἕτερον, “feriu o outro” - quiçá o outro género distinto dele - o feminino. Cf. Brisson 1976. Vd. Eust. *Od.* 10.494.

Como Zeus e Hera tivessem mantido uma discussão, afirmando ele que, na relação sexual, a mulher tinha maior quantidade de prazer do que o homem, e Hera afirmando o oposto, decidiram chamar Tirésias e perguntar-lhe, porquanto ele tinha experimentado ambos. Quando eles o questionaram, ele declarou que, de dez partes, o homem goza de uma e a mulher de nove. Hera, com fúria, arrancou-lhe olhos, tornando-o cego; porém, Zeus concedeu-lhe o dom da profecia²⁵⁸ e viver durante sete gerações.

5.

Os mesmos autores²⁵⁹ referem que, na região dos Lapitas, nasceu uma filha ao rei Elato, de nome Cénide. Depois que Posídon se relacionou sexualmente com ela e anunciou atender a qualquer desejo seu, ela pediu-lhe que a transformasse num homem e a tornasse invulnerável. Posídon atendeu o seu pedido e o seu nome mudou para Ceneu²⁶⁰.

6.

Existia também um andrógino em Antioquia, junto ao rio Meandro, na altura em que Antípatro era arconte em Atenas

²⁵⁸ Cf. Call. *Hymnus* 5.75-136; Apollod. 3.6.7.

²⁵⁹ Cf. Hes. fr. 87 M-W; Call. fr. 577 Pf, Dicearco fr. 38 Wehrli. Cf. metamorfose sexual de Zeus.

²⁶⁰ Cf. Palaeph. 10. A propósito da figura de Ceneu, importa considerar o *topos* da ambivalência sexual e da mudança de sexo, por vontade de Posídon, correspondendo aos desejos da sua jovem amada Cénis (Ceneu). Cf., no panorama da literatura clássica, Hes. fr. 87 M-W; Apollod. *Epit.* 1.22 Considerem-se, outrossim, Tirésias (metamorfose transitória); Hipermnestra, Sípretes (c. Ant. Lib. 17: Leucipo). Vd. Heraclit. 3. No âmbito latino, e.g. Ov. *Met.* 12.189-209, 459-532; Hyg. *Fab.* 14.4.

e Marco Vinício²⁶¹ e Tito Estatílio Touro²⁶², o Corvino, eram cônsules em Roma.

Ora, uma jovem de família ilustre, com treze anos de idade, era bela e tinha muitos pretendentes. Foi entregue ao homem que os seus pais desejaram. Chegado o dia do matrimônio, estava prestes a sair de casa, quando subitamente sentiu uma dor excruciante e gritou. Os familiares cuidaram dela, tratando-a como se tivesse dores de abdômen e cólicas; mas o sofrimento manteve-se durante três dias, sem intervalo, espantando todos quanto à natureza da sua doença, pois as dores não davam tréguas, nem de noite, nem de dia, e apesar de os médicos da cidade tentarem todos os tipos de tratamento, não conseguiam descobrir a causa da enfermidade. Na manhã do quarto dia, as suas dores acentuaram-se, ela gritou com um grande gemido, brotaram genitais masculinos e a jovem tornou-se um homem.

Algum tempo depois, foi levada ao Imperador Cláudio²⁶³, em Roma. Devido a esse sinal, ele consagrou um altar, no Capitólio, a Zeus *Alexikakos*²⁶⁴.

7.

Havia outrossim um andrógino em Mevânia, uma cidade na Itália, na casa de Agripina Augusta, quando Dionisodoro era arconte em Atenas e Décimo Júnio Silano Torquato e Quinto Ha{s}tério Antonino²⁶⁵ eram cônsules em Roma.

Uma jovem chamada Filótis, de origem esmírnea, estava em idade de casar e tinha sido prometida a um homem pelos seus

²⁶¹ Ano 46.

²⁶² Ano 45 .

²⁶³ Anos 41–54 .

²⁶⁴ ἄλεξίκακος; ‘protetor do mal’.

²⁶⁵ Ano 53.

pais, quando lhe apareceram porções masculinas²⁶⁶ e se tornou homem²⁶⁷.

8.

Nasceu um outro andrógino, na mesma altura, em Epidaurro, filho de família pobre, primeiramente chamado Sinferusa²⁶⁸, mas que, quando se tornou um homem, se chamou Sinferonte²⁶⁹. Passou a vida como jardineiro.

9.

Também em Laodiceia da Síria, uma mulher de nome Etete, quando ainda vivia com um homem, mudou de forma e de nome, tornando-se o homem Eteto, quando Macrino [era arconte] em Atenas e Lúcio Lâmia Eliano²⁷⁰ e <Sexto Carmínio>²⁷¹ Vetero eram cônsules em Roma. Isto eu próprio vi²⁷².

10.

Nasceu também um hermafrodita em Roma, quando Jasão²⁷³ era arconte em Atenas e Marco Pláutio {e Sexto Carmínio} Hipseu²⁷⁴ e Marco Fúlbio Flaco²⁷⁵ eram cônsules em Roma.

²⁶⁶ Entenda-se 'genitais masculinos'.

²⁶⁷ Ano 53. Vd. Doroszewska 2013.

²⁶⁸ Cf. Phld. *Sign.* 4 De Lacy.

²⁶⁹ Masculinização do nome.

²⁷⁰ Ano 116.

²⁷¹ Ano 83. Vd. [Sexto Carmínio Valério] Jacoby.

²⁷² Cf. caso similar, Plin. *HN* 7.4.36.

²⁷³ Cf. Tibério Cláudio Jasão Magno. Vd. Clinton 1830.

²⁷⁴ Ano 125 a.C.

²⁷⁵ Ano 264 a.C. Cf. 125 a.C. Vd. Chaudon 1737-1817.

Por esse motivo, o Senado²⁷⁶ decretou que os sacerdotes deveriam ler os *Oráculos Sibílinos*²⁷⁷; e eles expuseram os oráculos. Os oráculos são estes:

A

<O destino do que se segue, todo o lugar para onde alguém
[deve ir,>²⁷⁸
quão grandes prodígios e quão grandes sofrimentos da divini-
[dade Destino
o meu tear irá revelar, se considerares isto na tua mente,
confiando na sua força²⁷⁹. Ora, afirmo que um dia uma mulher
irá conceber um hermafrodita, possuindo todas as partes
[masculinas
e todas as partes que as mulheres apresentam em criança.
Não ocultarei mais, mas revelar-te-ei sacrifícios
consagrados a Deméter e à divina Perséfone²⁸⁰.
Através do meu tear, a deusa soberana trabalha, se obedeceres
à augusta Deméter e à divina Perséfone.
Primeiramente, junta um tesouro em moedas,
tudo o que desejas das cidades de várias raças e de vós mesmos,
e apresenta um sacrifício a oferecer à mãe de Core, Deméter.
Ordeno-te três²⁸¹ vezes nove bois, a expensas públicas
<...>²⁸²
brilhantes, de bons chifres, brancos, para sacrificar, os que
vos parecerem de excelsa beleza.

²⁷⁶ Σύγκλητος.

²⁷⁷ Ano 207 a.C.

²⁷⁸ Verso acróstico. Cf. Diels 31.

²⁷⁹ Cf. Tema recorrente noutros oráculos, e.g. Hdt. 1.66, relativo à Arcádia, após a morte de Licurgo. Vd. 'Ρώμη, 'Roma'; ῥώμη, 'força física'.

²⁸⁰ Deusas ctónicas relativas a fertilidade e morte, respetivamente.

²⁸¹ Número formular.

²⁸² Faltam 7 versos - 13a-g.

Ordena às jovens, tantas quantas disse antes²⁸³, que realizem
 [isso à maneira grega,
 fazendo votos à rainha imortal²⁸⁴ com sacrifícios,
 de maneira solene e pura. De seguida, que recebam
 das vossas esposas sacrifícios contínuos durante a vossa existência,
 e, confiados no meu tear, deixem transportar a luz brilhante²⁸⁵
 para a mui divina Deméter. Em segundo lugar, deixem levar
 [de novo
 três vezes mais ofertas, todas as libações sem vinho, colocando-as
 [no impetuoso fogo
 quantas vezes as anciãs oferecerem um sacrifício de forma
 [apropriada.
 E que as outras, por vontade própria, depois de ter realizado
 [outras tantas coisas a Prosérpina²⁸⁶,
 tantas quantas na idade em que possuem mentes novas,
 jovens, à divina Prosérpina que tudo sabe
 supliquem para permanecer na pátria, quando a guerra prevalecer,
 e, para o esquecimento da sua cidade helénica caída na guerra,
 que os jovens e as raparigas²⁸⁷ levem para dentro o tesouro.
 <...>²⁸⁸”

B²⁸⁹

<***>

No tear divino e com tecelagens multicoloridas,
 que Plutão seja adornado para que haja um controlo contra os
 [males.

²⁸³ Número formular em coros - 3x9.

²⁸⁴ Provavelmente Hera, porque as vítimas eram brancas.

²⁸⁵ Tochas.

²⁸⁶ Cf. Perséfone, esposa de Plutão.

²⁸⁷ Vd. Stieber 2004.

²⁸⁸ Falta 29a-c.

²⁸⁹ Segundo Oráculo: 200 a.C.

Que de forma voluntária o que seja mais belo e desejado na terra
para os mortais verem também seja levado
para a jovem da realeza, como um presente †misturado† com
[o tear.

E quando [se rezar] a Deméter e à divina Perséfone,
para libertar o jugo da vossa terra †para sempre†,
[ofereçam] a Plutão do Hades²⁹⁰, o sangue do boi negro
vestido com esplêndidas vestes, com o auxílio do pastor, que,
desejando confiar, matará ele próprio o boi,
juntamente com todos os outros da pátria que confiam;
que não esteja presente nenhum homem incrédulo nos sacrifícios,
mas fique afastado de onde é costume ficarem os que oferecem
[os sacrifícios,

e que se efetue um sacrifício sem degustação, e nele,
quem aparecer, sabendo dos nossos oráculos,
que lhe seja permitido procurar pelo divino Febo, nos sacrifícios,
tendo queimado zelosamente pingues coxas nos seus altares,
[sacrificando] a mais jovem cabra branca. Além disso - todos
[sabeis -,

que, adornada a cabeça, o suplicante peça a Febo Péan
a libertação do mal que está iminente
e, regressado dessa tarefa, [que suplique] à real Hera,
sacrificando uma vaca branca, de acordo com o costume ancestral
[na pátria.

Cantem, se pertencerem às famílias mais proeminentes de
[entre o povo,

<...>²⁹¹

e os habitantes das ilhas, quando, atacando a terra,
não por engano mas pela força, por vontade própria, na Cumeia²⁹²

²⁹⁰ Αἰδῶνεϊ Πλούτῳνι.

²⁹¹ Falta 52a-b.

²⁹² Ilha grega. Culto de Hera.

residirem, apresentem, segundo os costumes pátrios,
 uma estátua de madeira da venerável rainha Hera e um templo.
 Virá [o mal], se fizerem tudo isto e confiarem nas minhas
 [palavras,
 indo até à mais diva rainha com sacrifícios,
 realizando sacrifícios sem vinho e bem, durante tantos dias
 [quantos tem o ano,
 por muito tempo e no futuro, mas não no nosso [tempo].
 Quem realize estas coisas será sempre poderoso;
 preparando sacrifícios sem vinho e talhando ovelhas, sacrifica-os
 [aos deuses ctônicos.
 Se já tiveres grandes templos de Hera em toda a parte,
 e quando existirem as imagens talhadas e as outras coisas que
 [referi, fica a saber distintamente
 nas minhas folhas²⁹³ - com o tear, um véu em torno
 dos encantadores olhos lancei, ao apanhar as esplêndidas
 folhas da frutífera oliveira verdejante -, a libertação do mal!
 [Quando chegar
 até vós o tempo em que também existam outros neonados,
 então um troiano²⁹⁴ vos libertará dos vossos males e também
 [da terra grega.
 Mas, tendo mudado o assunto, em que direção me incitas?
 <***>

²⁹³ Folhas de palmeira, sobre as quais a Sibila de Cumas escreve as profecias. Cf. Serv. *ad Verg. A.* 3.444: *in foliis palmarum Sibyllam scribere solere testatur Varro.*

²⁹⁴ Sila?

11.

Em Messene, não há muitos anos, conforme refere Apolônio²⁹⁵, sucedeu que uma jarra armazenada feita de pedra se partiu numa forte tempestade²⁹⁶, quando foi fustigada por muita água, tendo saído daí a tripla cabeça de um corpo humano. Tinha dois conjuntos de dentes. Procuraram saber a quem pertencia a cabeça, e a inscrição dizia: “Idas²⁹⁷” estava inscrito. Então os Messenos arranjaram outra jarra de arrecadação, a expensas públicas, colocaram o herói no seu interior e guardaram-no mais cuidadosamente, já que se aperceberam de que se tratava daquele a respeito do qual Homero diz²⁹⁸:

“E de Idas, que dos homens na terra, naquela época era o mais forte. Lançou o seu arco contra o senhor Febo Apolo, para bem da ninfa de belas ancas.”

12.

E na Dalmácia, na chamada Gruta de Ártemis, podem ver-se muitos corpos, sendo os ossos de costela de mais de onze cúbitos²⁹⁹.

²⁹⁵ Autor não identificado. Cf. #13, reportando como fonte o gramático Apolônio.

²⁹⁶ Cf., similarmente, Paus. 1.35.7, alegadamente sobre a descoberta das ossadas de Hilas (1.35.8), com proporções supra-humanas (μέγεθος), na sequência de uma tempestade.

²⁹⁷ Arqueiro notável por força e bravura, daí quiçá esta imagética peculiar (cf. monstros filhos de Gaia - Coto, Briareu, Giges, Hes. *Th.* 147-153). Vd. *Il.* 9.558-559, A.R. 1.151. Já Paus. 3.13.1-2 localiza o seu túmulo.

²⁹⁸ *Il.* 9.558-560. Cf. Apollod. 1.7.8-9.

²⁹⁹ Cúbito ou côvado, c. 0,5m (0,66m?).

13.

O gramático Apolônio dá conta de que, no tempo de Tibério Nero³⁰⁰, houve um tremor de terra³⁰¹, e muitas e conhecidas cidades da Ásia³⁰² desapareceram por completo, as quais Tibério subsequentemente ergueu de novo, a expensas próprias. Devido a isto, tendo-lhe [o povo] erigido uma estátua gigante, consagraram-na junto ao templo de Afrodite, que fica na ágora romana³⁰³, e também colocaram ao lado estátuas de cada uma das cidades.

14.

De entre os locais atingidos pelo terremoto, encontravam-se não poucas cidades da Sicília, assim como as zonas próximas de Régio e numerosos povos no Ponto também foram afetados. Nas fendas da terra, apareceram corpos enormes, que os habitantes locais hesitavam mover, porém, como exemplo, enviaram para Roma um dente de um: não media apenas um metro, mas mais do que esse comprimento. Os delegados mostraram-no a Tibério e perguntaram se desejava que o herói [inteiro] fosse trazido até si. Ele elaborou um plano sagaz, de modo a não ficar privado de um conhecimento desta envergadura e evitou o sacrilégio de despojar mortos. Convocou então um certo géometra não desconhecido, de nome Pulcro, um homem de renome, respeitado pela sua habilidade, e ordenou que fizesse uma cara na proporção do tamanho do dente. O géometra, tendo feito uma estimativa do tamanho que o corpo e a cara teriam, através do

³⁰⁰ Imperador entre 14-37.

³⁰¹ Cf. #19. Sobre tremores de terra reveladores, vd. Díctis, *Efeméride da Guerra de Troia*, e Dares, *Sobre a História da Queda de Troia*. Cf. Phld. *Sign.* 4; Solino 1.91.

³⁰² Entenda-se 'Ásia Menor'.

³⁰³ Entenda-se 'fórum'.

volume do dente, elaborou rapidamente o trabalho e trouxe-o ao soberano. Aquele, afirmando que a imagem bastava, enviou o dente de novo para o sítio de onde tinha vindo.

15.

Não se devia desacreditar esta narrativa, uma vez que também em Nítr<i>a, no Egito, são exibidos corpos que não são mais pequenos do que estes, não estando escondidos na terra, mas encontrando-se descobertos e visíveis na totalidade. Não estão juntos, nem misturados desordenadamente, mas encontram-se distribuídos de tal maneira, que uma pessoa ao vê-los reconhece alguns como ossos das coxas, outros como ossos das canelas, e dos outros membros.

Também não deveria desacreditar-se, ao refletir, pois, no início, quando a natureza estava nos seus primórdios, criava tudo semelhante aos deuses, mas à medida que o tempo passa, o tamanho das criaturas também vai diminuindo.

16.

Também recebemos notícias de ossos em Rodes, tão grandes que, quando comparados, os homens da atualidade, são de tamanho muito inferior.

17.

O mesmo autor refere que existe uma ilha perto de Atenas, que os Atenienses pretendiam fortificar. Ao fazerem as escavações para as fundações dos muros, encontraram um caixão, que tinha cem cúbitos de comprimento, no qual repousava um esqueleto de igual tamanho, sobre o qual se encontrava a seguinte inscrição:

“[Eu,] Macrosiris, estou enterrado numa grande ilha,
Após ter vivido cinco mil anos.”

18.

Êumaco³⁰⁴ conta, em *Periégesis de Cartago*, que, quando [os Cartagineses] estavam a cercar o seu território com uma trincheira, encontraram, durante a escavação, dois esqueletos que jaziam em urnas. Um deles media, no conjunto, vinte e quatro cúbitos e o outro vinte e três.

19.

Teopompo de Sinope³⁰⁵ refere, em *Acerca dos Sismos no Bósforo de Ciméria*, que se verificou, subitamente, um abalo terrestre, na sequência do qual um dos vários cumes dessa região se abriu, revelando grandes ossos. A estrutura do esqueleto tinha vinte e quatro cúbitos³⁰⁶. Ele afirma que os bárbaros habitantes locais atiraram os ossos para o lago Maiotis.

20.

Foi trazida uma criança até Nero, que tinha quatro cabeças e proporcional [número] de outros membros, na altura em que o arconte em Atenas era Trasilo e os cônsules em Roma³⁰⁷ Públio Petrónio Turpiliano e <Lúcio> Cesénio Peto.

³⁰⁴ Historiador de Nápoles, séc. III/II a.C., fr. 2 Müller.

³⁰⁵ Na costa do mar Euxino.

³⁰⁶ Cf. estaturas de #18.

³⁰⁷ Ano 61.

21.

E nasceu outra com a cabeça a crescer para fora do seu ombro esquerdo.

22.

Um prodígio extraordinário ocorreu em Roma³⁰⁸, quando o arconte em Atenas foi Dinófilo e os cônsules em Roma eram Quinto Verânio e Gaio Pompeio Galo. De facto, uma criada das que estimava a mulher de Récio Tauro, pretor, deu à luz um macaco.

23.

A mulher de Cornélio Galicano deu à luz uma criança com uma cabeça de Anúbis³⁰⁹, em Roma³¹⁰, na altura em que o arconte em Atenas era Demóstrato e os cônsules em Roma eram Aulo Licínio Nerva Silaniano e Marco Vestino Ático.

24.

Uma mulher da cidade de Trento, na Itália, deu à luz cobras³¹¹ enroladas em forma de bola, quando³¹² os cônsules em Roma eram Domiciano César, pela nona vez, e <Quinto> Petílio Rufo, pela segunda vez, e em Atenas não havia líder.

³⁰⁸ Ano 49.

³⁰⁹ Divindade egípcia com corpo de homem e cabeça de cão.

³¹⁰ Ano 65. Cf. Liv. 31.12.6-8c, que associa a este *topos* a génese de nascimentos animais híbridos.

³¹¹ Cf. Plin. *HN* 7.3.34, com um relato de índole similar, tomado como portento, no conflito bélico de 91-88 a.C. Vd. App. *BC* 1.83. No séc. IV, Júlio Obsequente, *Liber Prodigiorum*, referiria vários prodígios e monstruosidades, alguns do tipo aludido por Flégon (viz. andróginos), embora passados muito antes (viz. 57, na época de Sila, séc. II/I a.C.).

³¹² Ano 83.

25.

Em Roma, uma mulher deu à luz um feto com duas cabeças, que, por recomendação dos arúspices, foi atirado ao rio Tibre. Isto sucedeu na ocasião em que o governador em Atenas era Adriano, que foi imperador, e os cônsules³¹³ em Roma eram o Imperador Trajano, pela sexta vez, e Tito Sextio Africano.

26.

O médico Doroteu³¹⁴ conta, em *Reminiscências*³¹⁵, que, em Alexandria, no Egito, um homem *kinaidos*³¹⁶ deu à luz e que o recém-nascido foi embalsamado e ainda se preserva, tal foi o portento.

27.

Na Germânia, no exército dos Romanos, o qual se encontrava sob o comando de Tito Curtílio Mância, sucedeu isto mesmo. Ora, um escravo de um soldado deu à luz, quando³¹⁷ Cónon era arconte em Atenas e Quinto Volúcio Saturnino e Públio Cornélio Cipião cônsules em Roma.

28.

Antígono³¹⁸ reporta que, em Alexandria, uma mulher, em quatro partos deu à luz vinte filhos, e que a maior parte deles foi criada.

³¹³ Ano 112.

³¹⁴ Doroteu de Hielópolis, médico egípcio, anterior ao séc. I a.C. .

³¹⁵ Ὑπομνήματα.

³¹⁶ Elemento passivo do relacionamento homoerótico. Vd. Ulrichs 1975; Williams 1999.

³¹⁷ Ano 56.

³¹⁸ *Mirabilia* 110.1, obra de um paradoxógrafo, séc. III a.C.

29.

Outra mulher da mesma cidade deu à luz cinco crianças num parto - três do sexo masculino e duas do feminino -, que o Imperador Trajano ordenou³¹⁹ que fossem criados a expensas suas. De novo, no ano seguinte, a mesma mulher deu à luz outros três.

30.

Hipóstrato³²⁰ refere, em *Sobre Minos*, que Egito gerou de uma única esposa, Eurirro, filha de Nilo, cinquenta filhos³²¹.

31.

De igual modo, Dânao³²² teve cinquenta filhas³²³ de uma mulher, Europa, filha de Nilo.

32.

Crátero³²⁴, irmão do rei Antígono, diz conhecer um homem que, em sete anos, foi criança, jovem, homem, ancião e, depois de ter casado e ter tido filhos, morreu.

³¹⁹ Anos 98-117. Cf. Lei Romana, *Digest of Justinian sobre nascimentos múltiplos*. E.g. *Digesta* 5.4.3, 34.5.7, 46.3.36. Cf. Arist. *HA* 7.4.30.

³²⁰ Historiador, séc. III a.C. Vd. *FGrHist* 568 F 1 = Hipóstrato fr. 1 M = Phleg. *Mir.* fr. 59 (tom. III, p. 623). Autores como Hipóstrato e Dânao reportam o nascimento de cinquenta filhos, a partir de uma mulher, no Egito. Contrariamente, veja-se a tradição de cem filhos de Egito e Dânao, mas a partir de várias mulheres.

³²¹ Flégon não reporta o número de gravidezes.

³²² Irmão de Egito.

³²³ Contraponto feminino de #30. Flégon não reporta o número de gravidezes. Para outros casos, cf. Hes. *Th.* 240-264, 337-370.

³²⁴ Historiador da Macedónia, séc. IV/III a.C. Vd. *FGrHist* 342 T4. Sobre degeneração rápida, cf. *FGrHist* 715 F13c. Vd. Plin. *HN* 6.23.76. Cf., a propósito, Crater. fr. 18 Muller: Phleg. *Mir.* c. 32.

33.

Megástenes³²⁵ refere que as mulheres que habitam em Pandaia procriam quando têm seis anos.

34.

Encontrou-se em Sauna, uma cidade na Arábia, um hipocentauro³²⁶, numa montanha muito alta, pródiga numa droga mortal. A droga tem o mesmo nome da cidade e considera-se a mais rápida e eficaz das substâncias fatais.

O rei, tendo capturado o hipocentauro vivo, envia-o para o Egito, juntamente com outros presentes para o César. O seu alimento era carne. Contudo, não aguentando a mudança de ares, morreu, pelo que o prefeito do Egito o embalsamou e enviou para Roma.

Inicialmente, foi exibido no palácio. A sua face era mais selvagem do que a humana, as suas mãos e dedos eram mais peludos e as costelas estavam ligadas às pernas dianteiras e à barriga. Tinha cascos duros de cavalo e crinas fulvas, embora, em resultado do embalsamento, as crinas estivessem negras, juntamente com a pele. O tamanho não era como as descrições, apesar de também não ser pequeno.

35.

Ora, também diziam que havia outros hipocentauros, na cidade de Sauna anteriormente referida. Mas, quanto ao que foi enviado para Roma, se alguém duvida, pode verificar³²⁷: com

³²⁵ Vd. *FGrHist* 715 F 13. Veja-se Hdt. 3.99. Cf. Megasth. fr. 24 Muller; Phleg. *Mir.* c. 33. Vd. Plin. *HN* 6.22.6. Cf. Polyaen. *Strateg.* 1.3.4, a propósito de Pandaia.

³²⁶ Cf. Arist. *Mir.* 78. Vd. Plin. *HN* 7.3.35, 10.2.5; Tac. *Ann.* 6.28.

³²⁷ ἱστορήσαι.

efeito, permanece embalsamado nas propriedades do imperador, como referi acima.

ACERCA DE VIDAS LONGAS

FLÉGON DE TRALES

(Página deixada propositadamente em branco)

[1] Os Italianos que viveram cem anos, conforme apurei, não de maneira superficial, mas a partir dos censos: Lúcio Cornélio, filho de Lúcio, da cidade de Placência. Lúcio Gláucio Vero, filho de Lúcio, da cidade de Placência. Lúcio Vetústio Segundo, filho de Lúcio, da cidade de Placência. Lúcio Licínio Palo, liberto de Lúcio, da cidade de Placência. Lúcio Acílio Marcelo, filho de Lúcio, da cidade de Placência. Lúcio Vetio, filho de Marco, <da cidade de> Brixelo. Lúcio Cusonio, filho de Lúcio, da cidade de Cornélia. Lúcio Gamínio, filho de Lúcio, da cidade de Beleia. Gaio Hortênsio Fronto, filho de Sexto, da cidade de Bolonha³²⁸. Gaio Nônio Máximo, filho de Públio, da cidade de Brixelo. Gaio Amúrio Tiro, filho de Gaio, da cidade de Cornélia. Gaio Cássio Pude, filho de Tíc{ij}o, da cidade de Parma. Gaio Tí<c>io Cómune, liberto de Gaio, da cidade de Parma. Gaio Váio Tércio, filho de Espúrio, da cidade de Placência. Gaio Júlio Poto, <*** liberto>, da cidade de Ravena. Gaio Valério Primo, filho de Quinto, da cidade de Beleia. Cesélio Ciro, <*** liberto>, da cidade de Placência. Cátia, filha de Gaio, da cidade de Favência. Públio Fúlbio Frix, liberto de Lúcio, da cidade de Polésia. Públio Névio, filho de Lúcio, da cidade de Basileia. Públio Decénio Demóstenes, liberto de Públio, da cidade de Arimino. Petrónia, [filha] de Quinto, liberta de Lúcio, da cidade de Placência. Pólia Pola, filha de Espúrio, da cidade de †Etósia†. Marco Vilónio Severo, <***>, da cidade de Veleia. Marco Terêncio Álbio, liberto de Marco, da cidade de Placência. Marco António, filho de Lúcio, da cidade de Placência. Marco Talpio Vitalis, filho de Marco, da cidade de Placência. Marco Acílio, filho de Marco, da cidade de Bononia. Marco Nirélio, filho de Gaio, da cidade de Parma. Tito Vibio Talbio, filho de Espúrio, da cidade de Parma. Tito Emílio, filho de Quinto, da

³²⁸ Cf. Bolonha.

cidade de Régio. Tito Veterânio, filho de Públio, da cidade de Bolonha. Tito Numério, filho de Tito, da cidade de Placência. Tito Sérvio Segundo, filho de Tito³²⁹, da cidade de Bolonha. Tito Petrônio, filho de <E>spúrio, da cidade de Placência. Tito Antônio, filho de Marco, da cidade de Régio. Tito Erúσιο Pólio, filho de Gaio, da cidade de Bolonha. Tito Camúrio Tércio, filho de Tito, da cidade de Fidência. Turélia Forense, liberta de Gaio, da cidade de Bolonha. Quinto Cássio Rufo, filho de Quinto, da cidade de Régio. Quinto Lucrécio Primo, filho de Quinto, da cidade de Régio. Quinto Vélio, filho de Públio, da cidade de Belia. Antónia Secunda, filha de Públio, da cidade de Belia. Albácia Sabina, <***>, da cidade de Parma. Sálvia Varena, filha de Públio, da cidade de Basileia. Bébica Marcela, filha de Sexto, da cidade de †Ortísia†. Báscia<a>, [filha] de Astícoso, Macedónia a partir de Filipos. Bonzes, [filho] de Tono, de Paricópole, Macedónio. Fronton, [filho] de Albúcio, Macedónio, de Filipos. Sarque, [filha] de Cila, Macedónia, Anfípolitana. Edésio, [filho] de Diza, de Paricópole, na Macedónia. Bitis, [filho] de Dizasto, de Paricópole, na Macedónia. Zecedente, [filho] de Mucaso, paricopolitano, macedónio. Mântis, [filho] de Ceprizo, macedónio, de Anfípole. Alexandre, [filho] de Demétrio, tiano de Ponto e Bitínia. Gaza, [filha] de Timon, tiano de Ponto e Bitínia. Creste, [filha] de Antipatro, tiano. Críson, [filha] de Teófilo, tiana. Hierão, [filho] de Hierão, tiano. Muzaco, [filho] de Mucântio, de Nicomédia, na Bitínia. Lúcio Fidiclânio Nepos, sinópio. Alúcio Apilutas, da cidade de Interamnésia, Lusitânia. Âmbato, filho de Docúrio, da mesma cidade. Câmalo, filho de Cantolgúnio, da mesma cidade. Céltio, filho de Pélio, da cidade de Apilocário. Arrúncio, filho de Ápio, da cidade de

³²⁹ Poderá ficar dúvida, pelos dados dispostos, se seria irmão do anterior.

Conimbrigesia³³⁰. Tãnfo, filho de Céltio, da mesma cidade. Docúrio, filho de Alúcio, da cidade de Ibulobisingésia.

[2] Os registados, desde cem até cento e dez anos: Gaio Leléidio Primo, <*** filho>, da cidade de Bolonha: cento e um anos. Clodia Ptesta, liberta de Gaio, da cidade de Bolonha, cento e um anos. Cusinia Mosque, liberta de Gaio, da cidade de Cornélia, cento e um anos. Cereónia Verecunda, liberta de Públio, da cidade de Cornélia cento e um anos. Lívia Ática, liberta de Públio, da cidade de Parma, cento e um anos. Búria Licnenis, <*** liberta>, da cidade de Parma, cento e um anos. Gaio Sãmio, filho de Gaio, da cidade de Beleia, cento e dois anos. Quinto Cornélio, filho de Quinto, da cidade de Régio, cento e dois anos. Tito António, filho de Tito, da cidade de Parma, cento e dois anos. †Cocnânia† Musa, <*** liberta>, da cidade de Cornélia, cento e três anos. Demócrito de Abdera cento e quatro anos; morreu, após ter-se afastado da comida. Ctesébio, historiógrafo, cento e quatro anos; morreu enquanto caminhava, conforme explica Apolodoro, nas *Crónicas*³³¹. Jerónimo, coletor³³², tendo despendido muito tempo em campanhas militares, tombou e morreu das muitas feridas que havia recebido nas guerras. Viveu cento e quatro anos, conforme refere Agatárquides, no livro nove de *Acontecimentos da Ásia*³³³. Gaio Lália Tiónio, filho de Lúcio, da cidade de Bolonha, cento e cinco anos. Públio †Quisêncio† Efirion, liberto de Públio, da cidade de Bolonha, cento e cinco anos. Tito Cotina Crisanto, liberto de Tito, da cidade de Favência, cento e cinco anos. Marco Pompónio Severo, filho de Marco, da cidade de Tanetana, cento e cinco anos. Sexto Névio, filho de Sexto, da cidade de Parma, cento e cinco anos.

³³⁰ Conímbriga?

³³¹ Cf. *FGrHist* 244 F 49.

³³² Ou historiador. Cf. *FGrHist* 154 T 2.

³³³ Cf. *FGrHist* 86 F 4.

Lúcio Élio Doroteu, liberto de Lúcio, da cidade de Bolonha, cento e seis anos. Gaio Pompúcio, filho de Públio, cento e sete anos. Pola Donata, filha de Sexto, da cidade de Bolonha, cento e dez anos. Munância Prócula, filha de Lúcio, da cidade de Régio, cento e dez anos.

[3] Aqueles registados desde cento e dez até cento e vinte anos: Tito Purénio Tutus, filho de Lúcio, da cidade de Cornélia, cento e onze anos. Lúcio Antísti{c}o Sotérico, liberto de Lúcio, da cidade de Ravena, cento e treze anos. Lúcio, [filho] de †Petro†, da cidade de Cornélia, cento e catorze anos. Júlia Modestina, <***>, da cidade de Corsiolo, <cento e *** anos. ***>, liberta do centurião, ainda viva nos nossos dias, na cidade de Brixelo, cento e vinte anos. <***>

[4] Os registados entre cento e trinta e cento e quarenta anos: Lúcio Terêncio, filho de Marco, da cidade de Bolonha, cento e trinta e cinco anos. Fausto, escravo do Imperador, de Sabina, no pretório³³⁴ Palatino, cento e trinta e seis anos. Eu vi-o quando ele foi mostrado ao Imperador Adriano.

[5] <***> Argantónio, rei dos Tartésios, como refere Heródoto³³⁵ e o poeta Anacreonte³³⁶, cento e cinquenta anos. <***>

[6.1] (5.2) A Sibila de Eritreia viveu pouco menos de mil anos, conforme ela própria afirma no oráculo, da seguinte maneira:

“Mas por que razão, lastimosa pelos sofrimentos de outros,
 profetizo oráculos, correspondendo ao meu louco destino
 e experimentando o meu penoso desejo
 na décima idade, possuo uma velhice penosa,
 delirando³³⁷, entre os mortais, a proferir o inacreditável,

³³⁴ Residência do governador.

³³⁵ Hdt. 1.163.2.

³³⁶ Fr. 361 *PMG* (4 Gentili).

³³⁷ Cf. estado de *enthousiasmos*. Vd. Plu. *De Pyth. Or.* 6.

prevendo, em visões, todas as preocupações da humanidade?
 E então, o glorioso filho de Leto³³⁸, receando
 o meu poder de adivinhação, com o seu coração destrutivo
 [pleno de paixão

libertará a alma prisioneira³³⁹ no lúgubre
 corpo, acertando com setas a carne.

Então a minha alma, esvoaçando no ar
 e misturada com o vento, irá enviar aos ouvidos dos mortais
 presságios³⁴⁰ tecidos com sagazes enigmas;
 porém, o corpo irá fazer vergonhosamente insepulto, sobre
 a mãe terra. É que nenhum mortal irá enterrar-me,
 ou esconder-me com um túmulo; com efeito, irá afundar na
 [vasta terra

o negro sangue, com a passagem do tempo.

De seguida, irá produzir muitos rebentos de erva,
 que entrarão nos fígados de ovelhas de pastagem e
 revelarão a vontade dos imortais através de adivinhação.

E quando as aves vestidas de penas se alimentarem das carnes,
 ocupar-se-ão com a profecia verdadeira para os mortais.”

[2] (3) Neste oráculo, mostra que viveu entre os humanos durante dez períodos de vida³⁴¹ e que depois de partir, a alma levada pelo ar, juntará os ditos das pessoas e preparará os que surgem no discurso; e a carne do corpo insepulto será comida pelas aves, que irão assinalar profecias, através do seu comportamento, enquanto que o resto dela irá amontoar-se na terra, e os rebanhos de carneiros, ao pastar a erva que brota da terra, trarão a arte da adivinhação, através do fígado, à vida.

³³⁸ Apolo.

³³⁹ Vd., a propósito, o conceito órfico de ‘morte’ e o *topos* do corpo enquanto túmulo mortal de uma alma sobrevivente, já em Pl. *Cra.* 400c. Vd. Morford — Bos 2003.

³⁴⁰ Cf. cleidonomania.

³⁴¹ Entenda-se “dez décadas”.

[3] (4) A Sibila conta um ciclo de vida de cento e dez anos, no oráculo para os Romanos que trata os Jogos Seculares, que os Romanos designam *Saecularia*. Quando os aliados e companheiros não obedecem aos tratados, mas mudam frequentemente de posição e entram em guerra com eles, a Sibila profetizou que, uma vez findos os presentes Jogos, os Latinos que se haviam revoltado seriam subdivididos. Os oráculos são como se segue:

“Porém, quando a mais longa duração de vida para os humanos

[passar,

tendo gozado o seu ciclo de cento e dez anos,

lembra-te, Romano, e não escape da tua perção,

mas lembra todas estas coisas: de sacrificar aos deuses imortais,

no campo³⁴² ao longo das águas sem limite do Tibre,

na sua extremidade mais estreita, quando a noite cair sobre a

[terra

e a luz do Sol se tiver ocultado; realiza então

sacrifícios às Moiras que tudo geram, com ovelhas e cabras negras, e agrada também a Ilítia,

que promove nascimentos, com sacrifícios, conforme o costume; nesse local, para Gaia,

sacrifica uma porca negra prenha de leitões.

Conduz todos os bois brancos ao altar de Zeus,

de dia, não à noite. De facto, para as divindades uránicas

os sacrifícios oferecem-se à luz do dia; para que o próprio

sacrifique. Que o brilhante [templo] de Hera

receba de ti um bovino jovem, e Febo Apolo, filho de Leto, também chamado Hélio, igual oferenda

de sacrifícios. E que os cânticos latinos

cantados por rapazes e raparigas ocupem o templo

dos imortais. Que as jovens tenham um local de dança à parte

³⁴² Terento, Campo de Marte.

e os rapazes, progénie masculina, também à parte, mas
 todos tendo progenitores vivos, a geração a florescer de ambos
 [os lados.

Que as mulheres subjugadas pelo jugo do matrimónio se sentem
 [de joelhos

ao longo do altar de Hera celebrado nesse dia
 e supliquem à deusa. Que se deem todas as vontades
 aos homens e às mulheres, em especial às mulheres.

Que todos levem de casa o que é apropriado
 para os mortais transmitirem, ao estar a oferecer as primícias
 favoráveis para os graciosos e abençoados deuses
 urânicos. Que todas estas coisas fiquem armazenadas
 de modo a que, pelos sacrificadores, <***

*** mulheres> e homens,

de seguida lembrando de oferecer. Durante os dias
 e noites subseqüentes, em assentos proféticos,
 haja uma grande multidão, desejosa de uma mistura com riso.
 Lembra-te de conservar sempre isto no coração,
 e toda a região Itálica e toda a região dos Latinos
 terá sempre o jugo no seu pescoço, sob o teu governo.”

(Página deixada propositadamente em branco)

SOBRE AS OLIMPIADAS

FLÉGON DE TRALES

(Página deixada propositadamente em branco)

Julgo que devo explicar a forma como os Jogos Olímpicos foram fundados. Sucedeu da seguinte maneira: depois de Peiso, Pélops e Hércules³⁴³, os primeiros que estabeleceram o festival e a competição em Olímpia, os Peloponésios abandonaram o culto religioso por algum tempo, durante vinte e oito Olimpíadas, julga-se que de Ífito ao eliano Córibo; e, depois que negligenciaram a competição, houve uma revolta no Peloponeso.

O lacedemónio Licurgo, filho de Prítane, filho de Eurípon, filho de Soos, filho de Procles, filho de Aristodemo, filho de Aristomaco, filho de Cleodeu, filho de Hilo, filho de Hércules e Dejanira; e Ífito, filho de Hémon (ou, como referem alguns, de Praxónides, um dos descendentes de Hércules), um eliano; e Cleóstenes, filho de Cleónico de Pisa, pretendendo restabelecer a concórdia e a paz na população, decidiram restaurar o Festival Olímpico nos seus costumes antigos e fazer uma competição de ginástica.

Foi enviada uma delegação a Delfos, a fim de questionar a divindade³⁴⁴ se aprovava que levassem a cabo os seus projetos. A divindade referiu que seria melhor fazê-lo. Ordenou que anunciassem um armistício para as cidades que quisessem participar na competição. Quando a mensagem se divulgou, o disco³⁴⁵ foi inscrito para os Helanódicos, segundo o qual deveriam seguir os Jogos Olímpicos. Quando os Peloponésios, desgostosos com a competição, não deram o seu aval, abateu-se uma praga sobre eles e sofreram a perda das suas colheitas. Então, enviaram Licurgo e os seus de novo pedir a cessação da praga e a sua cura. A Pítia emitiu o seguinte oráculo:

“Habitantes da acrópole do Peloponeso

³⁴³ Vd. Cuartero 1998.

³⁴⁴ Apolo.

³⁴⁵ Vd. Paus. 5.20.1, acerca da proclamação de tréguas inscrita, não horizontalmente, mas em círculo.

conhecida em toda a terra, embaixadores e mais excelsos de
 [todos os mortais,
 considerem o oráculo que a divindade profere.
 Zeus está irado convosco devido aos rituais que revelou através
 [do oráculo,
 porquanto estais a desonrar os Jogos Olímpicos
 de Zeus, governante universal - Peiso foi o primeiro que fundou
 e instituiu a sua veneração e depois dele, Pélops, quando chegou
 a terras Gregas, estabelecendo um festival e concursos em
 [honra do falecido
 Enómao; e, depois daqueles, em terceiro lugar, o filho de Anfitrião,
 Héracles, introduziu um festival e um concurso para o seu
 [falecido [tio] materno,
 o tantálida Pélops - a competição e rito que vós estais
 a abandonar. Irritado com isto, causou
 uma fome terrível entre vós e uma praga, que podem
 findar ao restabelecer de novo o festival.”

Quando ouviram isto, contaram aos Peloponésios. Contudo, eles não acreditaram no oráculo e, através de um decreto geral, enviaram-nos novamente para obter da divindade uma resposta mais específica. A Pítia falou da seguinte forma:

“Habitantes do Peloponeso, em torno de um altar,
 efetuem sacrifícios e obedeçam ao que os profetas disserem,
 instituindo o costume dos pais elianos³⁴⁶.”

Depois de receberem este oráculo, os Peloponésios permitiram que os Elianos instituíssem o concurso do Festival Olímpico e anunciassem uma trégua com as cidades.

Seguidamente, os Elianos, pretendendo auxiliar os Lacedemónios quando estavam a sitiá-los em Helos, enviaram uma delegação a Delos para consultar o oráculo. A Pítia forneceu o seguinte oráculo:

³⁴⁶ Cf. santuário de Pélops em Olímpia (Pi. O. 1.90-93). Vd. celebrações e ritos dos Elianos.

“Guias das leis dos vossos ascendentes, guardem a vossa terra,
[abstenham-se da guerra,
e orientem os Gregos numa comunhão com o direito comum,
sempre que o quinto ano chegar.”

Assim que receberam o oráculo, abstiveram-se da guerra e cuidaram dos Jogos Olímpicos. Ninguém foi coroado nas cinco primeiras Olimpíadas; mas, na sexta, decidiram consultar um oráculo para saber se deveriam conceder coroas aos vencedores. Enviaram o rei Ífito até à divindade. O deus disse o seguinte:

“Ífito, atribui não o produto das ovelhas à vitória,
mas entrega a oliveira selvagem e frutífera
que agora está envolta em teias de aranha.”

Ele foi então a Olímpia, onde há muitas oliveiras selvagens no santuário e, encontrando uma que estava envolta em teias de aranha, construiu um muro à sua volta e deu-se a coroa, a partir daí, aos vencedores. O primeiro a ser coroado foi Decles de Messene, que ganhou a corrida de estádio, na sétima Olimpíada.

BIBLIOGRAFIA

- Addison, J. (1807), *The evidences of the Christian religion*, London: Printed for F. C. & J. Rivington; T. Cadell & W. Davies; [and] Longman, Hurst, Rees, & Orme.
- Ajootian, A. (1997), “The Only Happy Couple: Hermaphrodites and Gender”, in Koloski-Ostrow, A., Lyons, C. (eds.), *Naked Truths: Women, Sexuality and Gender in Classical Art and Archaeology*, New York: Routledge: 220–242.
- Alderink, L. (1981), *Creation and Salvation in Ancient Orphism*, American Classical Studies 8, Chico, Scholars Press.
- Allison, D. ed. (2005), *Studies in Matthew: Interpretation Past and Present*, Grand Rapids, Baker Academic.
- Almagor, E., Skinner, J. (2013), *Ancient Ethnography: New Approaches*, London/New York, Bloomsbury Publishing.
- Altizer, T. et al. ed. (1962), *Truth, Myth and Symbol*, Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall.
- Anderson, G. (1984), *Ancient fiction. The novel in the Graeco-Roman world*, London, Croom Helm.
- (1993), *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman world*, London/New York, Routledge.
- André, C. (2006), *Caminhos do Amor em Roma. Sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I. a.C.*, Lisboa, Edições Cotovia.
- Anonymus (1733), *Phlegon’s Testimony Shewn to Relate to the Darkness Which happened at our Saviour’s Passion, In a Letter to Dr. Sykes*, London.
- Ash, R. (2007), “The wonderful world of Mucianus”, in Levick, B., Bispham, E., Rowe, G., Matthews, E. (eds.), *Vita Vigilia Est: Essays in Honour of Barbara Levick*, London, Institute of Classical Studies, University of London: 9-18

- Austin, N. (1990), *Meaning and being in myth*, University Park, Pennsylvania State University Press.
- Austin, S. (2010), "Greatest Earthquakes of the Bible", *Acts & Facts* 39 .10: 12-15.
- Baeten, E. (1996), *The Magic Mirror: Myth's Abiding Power*, Albany, State University of New York Press.
- Bandinelli, R. (1977), *La cultura ellenistica. Filosofia, scienza, letteratura*. Milano, Bompiani.
- Banier, M. (1740), *The mythology and fables of the ancients, explain'd from history*, London, A. Millar.
- Barash, J. (2011), "Myth in History, Philosophy of History as Myth: On the Ambivalence of Hans Blumenberg's Interpretation of Ernst Cassirer's Theory of Myth", *H&T* 50.3:328-340.
- Barnes, T. ed. (1994), *The Sciences in Greco-Roman Society*, Edmon-ton, Academic Printing and Publishing.
- Bayet, J. (1971), *Croyances et rites dans la Rome antique*, Paris, Payot.
- Bayle, P. (1739), *A General Dictionary: Historical and Critical: in which a New and Accurate Translation of that of the Celebrated Mr. Bayle, with the Corrections and Observations Printed in the Late Edition at Paris, is Included; and Interspersed with Several Thousand Lives Never Before Published. The Whole Containing the History of the Most Illustrious Persons of All Ages and Nations Particularly Those of Great Britain and Ireland, Distinguished by Their Rank, Actions, Learning and Other Accomplishments. With Reflections on Such Passages of Bayle, as Seem to Favor Scepticism and the Manichee System*, Pierre Desmaizeaux, 8, London, James Bettenham.
- Beagon, M. (1992), *Roman Nature: The Thought of Pliny the Elder*, Oxford, Clarendon Press.
- Bergua, J. (1964), *La novela romana*, Madrid, Ediciones Ibéricas y L.C.L.

- Bernabé, A. (2002), “ La toile de Pénélope : a-t-il existé un mythe orphique sur Dionysos et les Titans ?”, *RHR* 219.4: 401-433.
- Betegh, G. (2004), *The Derveni Papyrus: Cosmology, Theology and Interpretation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Bianchi, E. (1981) “Teratologia e geografia. L’uomo monstruosus in autori dell’antichità classica”, *Acme* 34: 227-249.
- Bianchi, U. (1966), “Pèché original et pèché ‘antecedent’”, in *RHR* 170. 2: 117-126).
- Bloch, R.(1963), *Les prodiges dans l’Antiquité classique. «Mythes et Religions»*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Blundell, S. (1995), *Women in Ancient Greece*, London, British Museum Press.
- Boardman, J. (1978), *Greek Sculpture: The Archaic Period : a Handbook*, London, Thames and Hudson.
- Boehringer, S. (2007), “Comment classer les comportements érotiques? Platon, le sexe et érôs dans le *Banquet* et les *Lois*”, *Études Platoniciennes* 4: 45-67.
- (2010), “La sexualité a-t-elle un passé? De l’érôs grec à la sexualité contemporaine: questions modernes au monde antique” *Recherches en psychanalyse* 189.10: 189-201.
- Boissonade, J. (1962), *Anecdota Graeca e cod. Regiis*. Hildesheim, G. Olms.
- Borgeaud, P. (1979), *Recherches sur le dieu pan*, tese, Genève, Droz.
- Bouché-Leclercq, A. (2003), *Histoire de la divination dans l’antiquité: divination hellénique et divination italique*, Grenoble, Editions Jérôme Millon.
- Bremmer, J. (2012), “Greek Demons of the Wilderness”, in Feldt, L. (ed.), *Wilderness in Mythology and Religion. Approaching Religious Spatialities, Cosmologies, and Ideas of Wild Nature*, Berlin/New York, De Gruyter: 25-53.

- Brillante, C. (1990), "History and the Historical Interpretation of Myth", in Edmunds, L. (ed.), *Approaches to Greek Myth*, Baltimore, Johns Hopkins University Press: 93-138.
- Brisson, L. (1973), "Bisexualité et médiation en Grèce ancienne", in Pontalis, J.-B. (ed.) *Bisexualité et différence de sexes*, Paris, Gallimard: 33-64.
- (1976), *Le mythe de Tirésias: essai d'analyse structurale*, Leiden, Brill.
- (1978), "Aspects politiques de la bisexualité. L'histoire de Polycrite (Phlégon, De mirab., chap. 2; Proclus, In Remp., II, II5.7-15 Kroll)", in De Boer, M., Edridge, T. (eds.), *Homages to M. J. Vermaseren*, 1, Leiden, Brill. 80-122.
- (1986), "Neutrum utrumque. La bisexualité dans l'Antiquité gréco-romaine", in *L'Androgyne*, Paris, Albin Michel: 31-61.
- (1992), "Le corps 'dionysiaque': l'anthropologie décrite dans le *Commentaire sur le Phédon de Platon* (1, par: 3-6) attribué à Olympiodore est-elle orphique?", *ΣΟΦΙΗΣ ΜΑΙΗΤΟΡΕΣ*: 493-494
- (1995), *Orphée et l'Orphisme dans l'Antiquité Gréco-Romaine*, Ashgate, Aldershot Variorum. Edmonds, R. (1999), "Tearing Apart the Zagreus Myth" in *CLAnt* 18. 1: 36-73.
- (1997), *Le sexe incertain. Androgyne et hermaphrodisme dans l'Antiquité gréco-romaine*, Paris, Les Belles Lettres.
- (1998), *Plato the Myth Maker*, Chicago, University of Chicago.
- (2002), *Sexual Ambivalence. Androgyny and Hermaphroditism in Graeco-Roman Antiquity*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Brocca, N. (2011), *Lattanzio, Agostino e la Sibylla Maga: Ricerche sulla fortuna degli 'Oracula Sibyllina' nell'Occidente latino. Studi e Testi TardoAntichi 11*, Roma, Herder editrice e libreria.

- Brodersen, K. (2002a), *Die Wahrheit über die griechischen Mythen: Palaiphatos' Unglaubliche Geschichten*, Stuttgart, P. Reclam.
- (2002b), *Phlegon von Tralleis, Das Buch der Wunder und Zeugnisse seiner Wirkungsgeschichte*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- (2005), "Das aber ist eine Lüge: Zur rationalistischen Mythenkritik des Palaiphatos", in von Haehling, R. (ed.), *Griechische Mythologie und frühes Christentum*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft: 44-57.
- Brown, P., Tuzin, D. (1983), *The Ethnography of Cannibalism*, Washington DC, Society for Psychological Anthropology.
- Bryan, C. (2011), *The Resurrection of the Messiah*, New York/Oxford, Oxford University Press.
- Buffière, F. (1956), *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*, Paris, Les Belles Lettres.
- Burgess, J. (2003), *The Tradition of the Trojan War in Homer and the Epic Cycle*, Baltimore, JHU Press.
- Burkert, W. (1979), *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*, Berkeley, University of California Press.
- (1985), *Greek Religion*, Cambridge, Harvard University Press.
- (1992), *The Orientalizing Revolution*, Cambridge, Harvard University Press.
- Burriss, E. (1931), *Taboo, Magic, Spirits: A Study of Primitive Elements in Roman Religion*, New York, Macmillan.
- Buxton, R. ed. (1999), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, Oxford University Press.
- Calame, C. (1996), *Eros dans la Grèce antique*, Paris, Berlin.
- Callebat, L. (1988), "Science et Irrationnel – Les *mirabilia aquarum*", *Euphrosyne* 16: 155-167.

- Calvo Martinez, J. (2000), "The katábasis of the hero", in Pirenne-Delforge, V., Suarez De La Torre, E. (eds.), *Héros et héroïnes dans les mythes et les cultes grecs. Actes du Colloque organisé à l'Université de Valladolid du 26 au 29 mai 1999*, Liège, Centre International d'Étude de la Religion Grecque Antique: 67-78.
- Cameron, A. (2004), *Greek Mythography in the Roman World*, Oxford, Oxford University Press.
- Campbell, M. (1991), *The witness and the other world: exotic European travel writing, 400-1600*, Ithaca, Cornell University Press.
- Cancik, H. (1979), "Libri Fatales. Römische Offenbarungsliteratur und Geschichtstheologie", in Hellholm, D. ed., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Uppsala, Tübingen: 562-563.
- Cantarella, E. (2000a), *Les Peines de mort en Grèce et à Rome. Origines et fonctions des supplices capitaux dans l'Antiquité classique*, Paris, Albin Michel.
- (2000b), "L'Hermaphrodite. Mythe et réalité", in Cantarella, E. (ed.), *Pompéi. Les visages de l'amour*, Paris, Albin Michel: 96-97.
- (2002), *Bisexuality in the Ancient World*, New Haven, Yale University Press.
- (2005), "The Androgynous and Bisexuality in Ancient Legal Codes", *Diogenes* 52: 5-14.
- Carrier, R. (1998), *Cultural History of the Lunar and Solar Eclipse in the Early Roman Empire*, Diss., Columbia University.
- Carrier, R. (2011-2012), "Thallus and the darkness at Christ's death", *JGRChJ* 8: 185-191.
- Cavallo, G. ed. (1975), *Libri, editori e pubblico nel mondo antico. Guida storica e critica*, Roma/Bari, Laterza.

- Chabot, J. (1899), *Michel le Syrien: Chronicle*, Paris, Syriac Text.
- Chapman, J. (1734), *Phlegon examined critically and impartially. In Answer to the late Dissertation and Defence of Dr. Sykes: To which is added a Post script, explaining, a Passage in Tertullian*, Cambridge/London, Cambridge University Press.
- (1735), *Phlegon re-examined: in answer to Dr. Sykes's Second defence of his Dissertation concerning Phlegon*, Cambridge, Cambridge University-Press.
- Charles, J., Demy, T. (2010), *War, Peace, and Christianity: Questions and Answers from a Just-War Perspective*, Wheaton, Crossway.
- Chaudon, L. (1737-1817), *Dictionnaire universel, historique, critique, et bibliographique*, 20, Paris, De l'Impr. De Mame frères.
- Clinton, H. (1830), *From the CXXIVth Olympiad to the death of Augustus*, 3, Oxford, University Press.
- Cobb, L. (2012), *Dying to Be Men: Gender and Language in Early Christian Martyr Texts*, New York, Columbia University Press.
- Cohen, D. (1991a), *Law, Sexuality and Society: The Enforcement of Morals in Classical Athens*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1991b), "Sexuality, Violence and the Athenian Law of *Hybris*", *Greece and Rome* 38: 171–188.
- Collobert, C., Destrée, P., Gonzalez, F. eds. (2012), *Plato and Myth: Studies on the Use and Status of Platonic Myths*, Leiden/Boston, Brill.
- Comparetti, D. (1873), "Die Strafe des Tantalus bei Pindar", *Philologus* 32, 227-251.
- Crawford, M. (2000), "Mirabilia and Personal Names", in Hornblower, S., Matthews, E. (eds.), *Greek Personal Names: Their Value as Evidence*, Oxford, Oxford University Press: 145–148.

- Creuzer, E. (1836), *Symbolik und Mythologie der alten Völker: besonders der Griechen, Völker*, Leipzig/Darmstadt, C.W. Leske.
- Cuartero, F. (1998), "Hèracles, fundador de sacrificis: l'heroi de les tres funcions", *Faventia* 20/2: 15-25.
- Darbo-Peschanski, C. (2007), *L'Historia. Commencements grecs. Collection Folio essais*, Paris, Éditions Gallimard.
- Dasen, V. (1993), *Dwarfs in ancient Egypt and Greece*, Oxford/New York, Clarendon Press/ Oxford University Press.
- Daston, L., Park, K. (1996), "The Hermaphrodite and the Orders of Nature Sexual Ambiguity in Early Modern France", in Fradenburg, L., Freccero, C. (eds.), *Premodern Sexualities*, New York/London, Routledge. 117-136.
- Dawson, D. (1734), *An Appeal to the genuine Records etc. against Dr. Sykes's Dissertation upon the eclipse mentioned by Phlegon*, London.
- De Jong, A. (1997), *Traditions of the Magi: Zoroastrianism in Greek and Latin Literature*, Leiden/New York/Koln, Brill.
- Delcourt, M. (1961), *Hermaphrodite: Myths and Rites of the Bisexual Figure in Classical Antiquity*, London, Longacre Press Ltd.
- Diels, H. (1890), *Sibyllinische Blätter*, Berlin, Georg Reimer.
- Dillon, J. (2004), "Plato's Myths in the Later Platonist Tradition", in Partenie, C. ed. (2009), *Plato. Selected Myths*, Oxford, Oxford University Press.
- Dingwall, E. (1930), *Ghosts and spirits in the ancient world*, London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- D'Ippolito, G. (1980), "Narrativa fantascientifica nel mondo greco-latino", in Russo, L. (ed.), *La fantascienza e lacritica*, Milano, Feltrinelli: 151-165.
- Dodds, E. (1951), *The Greeks and the Irrational*, Berkeley, University of California Press.

- (1973), “Supernatural Phenomena in Classical Antiquity”, in *The Ancient Concept of Progress and other Essays on. Greek Literature and Belief*, Oxford, Clarendon Press: 156-210.
- Doroszewska, J. (2012), “Between the monstrous and the divine: Hermaphrodites in Phlegon of Tralles’ *Mirabilia*”, *Acta antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 53.4: 379–392.
- (2013), “... and She became a Man”: Sexual Metamorphosis in Phlegon of Tralles’ *Mirabilia*”, *Prace Filologiczne. Literaturoznawstwo* 3.2: 223-241.
- Douglas, W. (1953), “The Meanings of ‘Myth’ in Modern Criticism”, *Modern Philology* 4: 232-242.
- Dover, K. (1978), *Greek Homosexuality*, Cambridge, Harvard University Press.
- Dowden, K. (2006), *Zeus*, London/New York, Routledge.
- Dutsch, D., Suter, A. (2015), *Ancient Obscenities: Their Nature and Use in the Ancient Greek and Roman Worlds*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Edelstein, L (1967), *The Idea of Progress in Classical Antiquity*, Baltimore, Johns Hopkins Press.
- Edmonds, R. (2009), “A Curious Concoction: Tradition and Innovation in Olympiodorus’ ‘Orphic’ Creation of Mankind”, *AJPh* 130. 4: 511-532.
- Endsjø, D. (2009), *Greek Resurrection Beliefs and the Success of Christianity*, New York, Springer.
- Ernesti, J. (1816), *Paläphatus, Von unglaublichen Begebenheiten, griechisch: mit erklärendem Wörterbuche nach den Kapiteln des Paläphatus : sowohl zum Schulgebrauche als zum Selbstunterricht*, Leipzig, Bey Gerhard Fleischer dem Jüngern.
- Evans, E. (1941), “The Study of Physiognomy in the Second Century A.D.”, *Transactions and Proceedings of the American Philologi-*

- cal Association* 72: 96-108.
- Evans, R. (1999), "Ethnography's freak show: The grotesques at the edges of the Roman earth", *Ramus* 28.1: 54-73.
- Faraone, A. (1991), "Binding and Burying the Forces of Evil: The Defensive Use of 'Voodoo Dolls' in Ancient Greece", *ClAnt* 10: 165-220.
- Felton, D. (2010), *Haunted Greece and Rome: Ghost Stories from Classical Antiquity*, Austin, University of Texas Press.
- Ferrini, M. (2003) "Θαῦμα: guarigione e meraviglia nella cultura greca", *Veleia* 20: 361-372.
- Festa, N. (1890), *Intorno all'opuscolo di Palefato de incredibilibus. Considerazioni*, Florencia/Roma, tipografia dei fratelli Benicini.
- Festugière, A. (1970), *Proclus. Commentaire sur la République de Platon*, 3, Paris, Vrin.
- Finley, M. ed. (1978), *Studies in ancient society*, London, Routledge and Kegan Paul.
- Fisher, G. (1900), *Manual of Christian Evidences*, New York, Charles Scribner's Sons.
- Foucault, M. (1984), *Histoire de la Sexualité II. L'usage des plaisirs*, Paris, Gallimard.
- Fowler, R. (2006), "How to tell a myth: genealogy, mythology, mythography", *Kernos* 19: 35-46.
- (2009), "Thoughts on myth and religion in early Greek historiography", *Minerva* 22: 21-39. Fowler, R. (2011), "Mythos and logos", *JHS* 131: 45-66.
- Fowler, W. (1911), *The religious experience of the Roman people, from the earliest times to the age of Augustus; the Gifford lectures for 1909-10*, London, Macmillan and Co.

- Fritsch, C. (1789), *Palaephati de Incredibilibus, Graece sextum edidit, ad fidem Cod. Mosquensis aliorumque, et libri Aldini, denuo recensuit, emendavit, explicavit, indicemque verborum graecorum copiosissimum adjecit* Jo. Frid. Fischerus. Accessere Pro-lusiones quatuor in Palaephati fabulas una cum orationibus duabus, Lipsiae, Sumtu Caspari Fritchii.
- Frutiger, P. (1976), *Les Mythes de Platon*, New York, Arno Press.
- Gabba, E. (1981), "True History and False History in Classical Antiquity", *JRS* 71: 50-62.
- Gager, J. (1992), *Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*, New York/Oxford, Oxford University Press.
- García Moreno, L. (1994), "Etnografía y paradoxografía en la historiografía latina de la República y época augustea", *Polis* 6:75-92.
- Garland, R. (1995), *The Eye of the Beholder. Deformity and Disability in the Graeco-Roman World*, Ithaca, Cornell University Press.
- Geffcken, J. (1902), *Die Oracula Sibyllina*, Leipzig, Hinrichs.
- Giannini, A. ed. (1966) *Paradoxographorum Graecorum reliquiae*, Milano, Istituto editoriale italiano.
- Gill, C., Wiseman, T. ed. (1993), *Lies and Fiction in the Ancient World*, Exeter: University Exeter Press.
- Glénisson, J., Bompaire, J., Irigoín, J. (1977), *La paléographie grecque et byzantine. Actes du Colloque international organisé dans le cadre des Colloques internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique à Paris du 21 au 25 octobre 1974*, Paris, Editions du C. N. R. S.
- Gómez Espelósín, F. (1996), *Paradoxógrafos griegos: rarezas y maravillas*, Madrid, Gredos.
- Gómez Espelósín, F., Pérez Largacha, A., Vallejo Girvés, M. (1994), *Tierras fabulosas de la Antigüedad*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá.

- Gordon, R. ed. (1981), *Myth, Religion, and Society*, New York, Cambridge University Press.
- Gripari, P. (1977), *Pedigree du vampire*, Lausanne, L'AGE D'HOMME.
- Groneberg, M. (2003), "À propos du sexe de l'âme", *Studia Philologica* 62: 197–209.
- (2005), "Myth and Science around Gender and Sexuality: Eros and the Three Sexes in Plato's Symposium", *Diogenes* 208: 39–49.
- Guthrie, W. (1955), "The Religion and Mythology of the Greeks", *Cambridge Ancient History*, 2-2, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1957), *In the Beginning: Some Greek Views on the Origins of Life and the Early State of Man*, Ithaca, Cornell University Press.
- Habermas, G. (1996), *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ*, Missouri, College Press Publishing Co. Joplin.
- Hägg, T. (1983), *The novel in antiquity*, Oxford, B. Blackwell.
- Haight, E. (1918), "An 'Inspired Message' in the Augustan Poets", *AJPh*. 39.4: 341-366.
- Hall, W. (1913), *A Companion to Classical Texts*, Oxford, Clarendon Press.
- Halperin, D. (1990), "Why is Diotima a Woman?", in Halperin, D., *One Hundred Years of Homosexuality*, New York, Routledge: 113–152..
- Halperin, D., Winkler, J., Zeitlin, F. (1990), *The Construction of Erotic Experience in the Ancient World*, Princeton, Princeton University Press.
- Hammer, D. (2004), "Ideology, the Symposium and Archaic Politics", *AJPh* 125.4: 479-512.

- Hankinson, R. (1988), "Stoicism, science and divination", *Apeiron* 21.2: 123-160.
- Hansen, W. (1996), *Phlegon of Tralles' Book of Marvels*, Exeter, University of Exeter Press.
- (1998), *Anthology of Ancient Greek Popular Literature*, Bloomington, Indiana University Press.
- Hartog, F. (2001), *Le miroir d'Hérodote : essai sur la représentation de l'autre*, Paris, Gallimard.
- Hawes, G. (2014), *Rationalizing Myth in Antiquity*, Oxford, Oxford University Press.
- Heirmann, L. (1975), "Kassandra's *Glossolalia*", *Mnemosyne* 28: 257-267.
- Henrichs, A. (2010), "Mystika, Orphika, Dionysiaka: Esoterische Gruppenbildungen, Glaubensinhalte und Verhaltensweisen in der griechischen Religion", in Bierl, A., Braungart, W. (eds.), *Gewalt und Opfer. Im Dialog mit Walter Burkert. Mythos Eikon Poiesis*, 2, Berlin/New York, Walter De Gruyter: 87-114.
- (2011), "Dionysus Dismembered and Restored to Life: the Earliest Evidence (OF 59 I-II)", in Herrero de Jáuregui, M. et al. (eds.), *Tracing Orpheus: Studies on Orphic Fragments in Honour of Alberto Bernabé*, Berlin/Boston, De Gruyter: 61-68.
- Herdt, G. (1990), "Mistaken Identity: Alpha-Reductas, Hermaphroditism and Biological Reductionism in Sexual Identity Reconsidered", *American Anthropologist* 92: 433-446.
- Hickman, R. (1938), *Ghostly Etiquette on the Classical Stage*, Iowa, Torch Press.
- Hoffmann, S. (1845), *Bibliographisches lexikon der gesammten litteratur der Griechen*, 3, Leipzig, A. F. Böhme.

- Holmes, B., Shearin, W. (2012), *Dynamic Reading: Studies in the Reception of Epicureanism*, New York, Oxford University Press.
- Honigman, S. (2009), "Euhemerus of Messene and Plato's Atlantis", *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 58.1: 1-35.
- Hubbard, T. (2004), *Homosexuality in Greece and Rome. A Sourcebook of Basic Documents*, Berkeley, University of California Press.
- Humphreys, C., Waddington, W. (1983), "Dating the Crucifixion," *Nature* 306: 743-746.
- (1989), "Astronomy and the Date of the Crucifixion" in Vardaman, J., Yamauchi, E. (eds.), *Chronos, Kairos, Christos*, Wiconona Lake, Eisenbrauns: 165-181.
- Humphreys, C., Waddington, W. (1990), „Crucifixion Date“ *Nature* 348: 684.
- Icks, M. (2011), *The Crimes of Elagabalus: The Life and Legacy of Rome's Decadent Boy Emperor*, New York, I.B.Tauris.
- Jacob, C. (1983), "De l'art de compiler a la fabrication du merveilleux. Sur la paradoxographie grecque", *Lalies* 2: 121-140.
- Jacoby, F. (1954), *Fragmente der griechischen Historiker*, Leiden, Brill.
- Jaeger, W. (1959), "The Greek Ideas of Immortality", *HTHR* 52: 135-147.
- Jamme, C. (2004), "Portraying Myth More Convincingly: Critical Approaches to Myth in the Classical and Romantic Periods", *IJPS* 12.1:29 – 45.
- Janka, M., Schäfer, C. eds. (2002), *Platon als Mythologe. Neue Interpretationen zu den Mythen in Platons Dialogen*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Jarvis, S. (1845), *A Chronological Introduction to the History of the Church: Being a New Inquiry Into the Birth and Death of Our Lord and Savior, Jesus Christ; and Containing an Original Harmony of the Four Gospels*, New York, Harper & brothers.

- Jeanjean, B., Lançon, B. (2004), *Saint Jérôme Chronique. Continuation de la Chronique d'Eusèbe années 326-378. Suivie de quatre études sur les chroniques et chronographies dans l'Antiquité tardive (IVe-VIe siècles)*. Actes de la table ronde, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- Jensen, M. (1980), *The Homeric Question and the Oral-formulaic Theory*, Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- Johnson, S. (2006), "Greek Wonders: Classical Models for Christian Miracle Collections", in *The Life and Miracles of Thekla: A Literary Study*, Cambridge, Harvard University Center for Hellenic Studies: 172-220.
- (2017), "Many (Un)Happy Returns: Ancient Greek Concepts of a Return from Death and their later Counterparts", in Tappenden, F., Hughes, C. (eds.), *Coming Back to Life: The Permeability of Past and Present, Mortality and Immortality, Death and Life in the Ancient Mediterranean*, Montreal, McGill University: 17-36.
- Kalkmann, A. (1887), "Tatians Nachrichten über Kunstwerke", *RhM* 42, 1887, 489–524.
- Karttunen, K. (1981), "The reliability of the Indika of Ctesias", *SCO* 50: 105-7.
- Kavrus-Hoffmann, N., Bravo Garcia, A. (2010), "From pre-bouletée to bouletée: Scribe Epiphanius and the codices Mosq. Synod. gr. 103 and Vat. gr. 90", in *The Legacy of Bernard de Montfaucon: Three Hundred Years of Studies on Greek Handwriting. Proceedings of the Seventh International Colloquium of Greek Palaeography (Madrid - Salamanca, 15-20 September 2008)*, Turnhout, Brepols: 55-66, 693-700.
- Kennedy, J. (1762), *A Complete System of Astronomical Chronology Unfolding the Scriptures*, London, Allen.
- Kent, S. (2011), *Gender and History*, London, Palgrave Macmillan.

- Kepler, J. (1615), *Eclogae chronicae*, Frankfurti, Typi Ioannis Bring-
eri.
- Keuls, E. (1985), *The Reign of the Phallus*, New York, Harper & Row
Publishers.
- Kim, L. (2010), *Homer between History and Fiction in Imperial Greek
Literature*, Cambridge/New York, Cambridge University
Press.
- King, H. (2016), *The One-Sex Body on Trial: The Classical and Early
Modern Evidence*, New York, Routledge.
- Kingsley, P. (1995), *Ancient Philosophy, Mystery, and Magic*, Oxford,
Oxford University Press.
- Kirk, G. (1973), *Myth: its meaning and functions in ancient and oth-
er cultures*, Berkeley/Los Angeles, University of California
Press.
- König, J. (2005), *Athletics and Literature in the Roman Empire*, Cam-
bridge/New York, Cambridge University Press.
- (2013), *Greek Literature in the Roman Empire*, London, A&C
Black.
- Kowalzig, B. (2007), *Singing for the gods: performances of myth and
ritual in archaic and classical Greece*, Oxford, Oxford Univer-
sity Press.
- Krenkel, W. (1989), “Tribaden”, *Wissenschaftliche Zeitschrift der Wil-
helm-Pieck-Universität Rostock. G-Reihe* 38: 49–58.
- Kubitschek, W. (1899), “Census”, *R.E.* 3.2: col. 914-1924
- Laes, C. ed. (2017), *Disability in Antiquity. Rewriting Antiquity*, Lon-
don/New York, Routledge.
- Laes, C., Goodey, C., Rose, M. eds. (2013), *Disabilities in Roman
Antiquity: Disparate Bodies A Capite ad Calcem. Mnemosyne,
supplements. History and archaeology of classical antiquity*,
Leiden/Boston, Brill.

- Lahode, I. (1749), *De die et anno ultimi paschatis Christi dissertatio: quam viro plurimum reverendo doctissimo atque amplissimo Petro Schulzio ... obtulit*, Halae Magdeburgicae, Litteris Iohannis Christiani Grunerti.
- Lang, A. (2007), *Custom and Myth*, Lexington, BiblioBazaar, LLC.
- Langer, C. (1926), “Euhemerus und die Theorie der φύσει und θέσει θεοί”, *Angelos* 2: 53-59.
- Lanza, D., Longo, O. eds. (1989), *Il meraviglioso e il verosimile tra antichità e medioevo*, Firenze, L.S. Olschki.
- Laqueur, T. (1990), *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*, Cambridge/London, Harvard University Press.
- Lardner, N. (1764), *A Large Collection of Ancient Jewish and Heathen Testimonies to the Truth of the Christian Religion: With Notes and Observations*, 2, London, J. Buckland and T. Longman and J. Waugh.
- (1788), *The Works of Nathaniel Lardner: Containing Credibility of the Gospel History, Jewish and Heathen Testimonies, History of Heretics, and His Sermons and Tracts : with General Chronological Tables, and Copious Indexes*, 7, London, J. Johnson.
- Lateiner, D. (1989), *The Historical Method of Herodotus*, Toronto, University of Toronto Press.
- Lauth, I. (1743), *Dissertatio historico astronomica de eclipsi solis, quae tempore passionis Christi acciderat, supernaturali atque miraculosa*, Strassburg, Typis Melchioris Pauschingeri.
- Leitao, D. (2012), *The Pregnant Male as Myth and Metaphor in Classical Greek Literature*, Cambridge/New York, Cambridge University Press.
- Leroy, J. (1961), “Le probleme de l’origine de la minuscule”, *Scriptorium* XV: 55-60.

- Lévi-Strauss, C. (1955), "The Structural study of myth" *Journal of American Folklore* 68: 428–444.
- Lincoln, B. (1999), *Theorizing Myth: Narrative, Ideology, and Scholarship*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- Linforth, I. (1941), *The Arts of Orpheus*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- Lloyd, G. (1973), *Greek science after Aristotle*, London, Chatto & Windus.
- Longo, A., Perria, L., Luzzi, A. (1997), *Byzantina et Italograeca*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura.
- Louis, P. (1975), "Monstres et monstruosités dans la biologie d'Aristote", in Bingen, J., Cambier, G., Nachtergaeel, G. (eds.), *Pensée, littérature, histoire, documents. Hommages à Claire Préaux*, Bruxelles: 277-284.
- Luck, G. (2006), *Arcana Mundi: Magic and the Occult in the Greek and Roman Worlds: A Collection of Ancient Texts*, Baltimore, JHU Press.
- MacBain, B. (1982), *Prodigy and expiation: a study in religion and politics in Republican Rome*, Bruxelles, Latomus.
- Madsen, J., Lange, C. (2016), *Cassius Dio: Greek Intellectual and Roman Politician*, Leiden/Boston, BRILL.
- Maggi, A. (2008), *In the Company of Demons: Unnatural Beings, Love, and Identity in the Italian Renaissance*, Chicago, University of Chicago Press.
- Magnani, S. (1992-1993), "Una geografia fantastica?: Pitea di Mas-salia e l'immaginario greco", *RSA* 22-23: 25-42.
- Maier, P. (1968), "Sejanus, Pilate, and the Date of the Crucifixion", *Church History* 37: 3-13.
- Marcovich, M. (1994), *Patristic Textual Criticism*, Atlanta, Scholars Press.

- Mariev, S., Stock, W. eds. (2017), *Byzantine Perspectives on Neoplatonism*, Boston/Berlin, Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Marincola, J. (1997), *Authority and Tradition in Ancient Historiography*, New York, Cambridge University Press.
- Martin, J. (1968), *Symposion: Die Geschichte einer literarischen Form*, New York, Johnson Reprint Corp.
- Matthäus, H. (1999-2000), “Das griechische Symposion und der Orient”, *Nürnberger Blätter zur Archäologie* 16: 41-64.
- Mattiussi, L. (1988), “La fonction du merveilleux dans l’historiographie de l’empire”, *SSor* 13: 3-28.
- Matyszak, P. (2017), *24 Hours in Ancient Rome: A Day in the Life of the People Who Lived There*, London, Michael O’Mara Books.
- McGing, M.; Parke, H. (1988), *Sibyls and Sibylline Prophecy in Classical Antiquity*, London/New York: Routledge.
- Merkelbach, R. (1954), *Die Quellen des griechischen Alexanderromans*, München, Beck.
- Meursius, J. (1622), *Historiarum mirabilium auctores Graeci*, Lugduni Bataurorum, Apud Abraham Elzevirium.
- Miévis, I. (1934), “A propos de la correction “Thallos” dans les “Antiquités Judaïques” de Flavius Josèphe”, *Revue Belge de Philologie et d’Histoire* 13: 733-740.
- Migne, J. (1845), *Patrologiae cursus completus: sive Bibliotheca universalis*, Parisiis, Lyon Public Library
- Miller, J. (2014), “Ancient Greek Demythologizing”, in Callendar Jr., D. (ed.), *Myth and Scripture*, Atlanta, SBL Press: 213-228.
- Mioni, E. (1973), *Introduzione alla paleografia greca*, Pádua, Liviana.
- Mommsen, R. (1877), *Römisches Staatsrecht*, Leipzig, S. Hirzel.
- Money, J., Hampson, J., Hampson, J. (1955), “Hermaphroditism: Recommendations Concerning Assignment of Sex, Change

- of Sex, and Psychologic Management!, *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital* 97: 284-300.
- Morford, M., Bos, A. (2003), *The soul and its instrumental body: a reinterpretation of Aristotle's philosophy of living nature*, Leiden, Brill.
- Morgan, K. (2000), *Myth & Philosophy from the Presocratics to Plato*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Mosshammer, A. (1979), *The Chronicle of Eusebius and Greek Chronographic Tradition*, Lewisburg, Bucknell University Press.
- (2008), *The Easter Computus and the Origins of the Christian Era*, Oxford, OUP.
- Mudry, P. (2004), "Mirabilia" et "magica": essai de définition dans l' *Histoire naturelle* de Pline l'Ancien", in Bianchi, O. et al. (eds.), *Conceptions et représentations de l'extraordinaire dans le monde antique - Actes du colloque international*, Lausanne, Bern/Berlin/Bruxelles/Frankfurt am Main/New York/Oxford/Wien, Peter Lang: 239-252.
- Mueller, K. (1972), *Geschichte der antiken Ethnographie und ethnologischen Theoriebildung, I: Von den Anfängen bis auf die byzantinischen Historiographen*, Wiesbaden, Steiner.
- Munson, R. (2001), *Telling Wonders. Ethnographic and Political Discourse in the Work of Herodotus*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Murdock, D. (2009), *Christ in Egypt: The Horus-Jesus Connection*, Seattle, Stellar House Publishing.
- Musso O. (1976), "Sulla struttura del cod. Pal. Gr. 398 e deduzioni storico-letterarie", *Prometheus* II: 1-10.
- Myers, K. (1994), *Ovid's Causes: Cosmogony and Aetiology in the Metamorphoses*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Nagy, G. (1996), *Homeric Questions*, Austin, University of Texas Press.

- Nash, R. (2003), *The Gospel and the Greeks: Did the New Testament Borrow from Pagan Thought?*, Phillipsburg, P & R Pub.
- Némethy, G. (2010 [1889]), *Euhemeri Reliquiae*, Whitefish, Kessinger Publishing.
- Nestle, W. (1942), *Vom Mythos zum Logos. Die Selbstentfaltung des griechischen Denkens von Homer bis auf die Sophistik*, Stuttgart, Alfred Kröner.
- Newton, I. (1733), “Of the Times of the Birth and Passion of Christ” in *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John*, London, J. Darby and T. Browne: 144-168.
- Nothaft, C. (2011), *Dating the Passion: The Life of Jesus and the Emergence of Scientific Chronology (200–1600) Time, Astronomy, and Calendars*, Leiden, BRILL.
- Ogden, D. (2002), *Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook*, New York, Oxford University Press.
- Ogg, G. (2014), *The Chronology of the Public Ministry of Jesus*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Ormerod, H. (1924), *Piracy in the Ancient World*, Liverpool/London, Liverpool University Press.
- Osmun, G. (1956), “Palaephatus. Pragmatic Mythographer”, *CJ* 52.3: 131-137.
- Owen, W., Johnston, W. (1762), *A New and General Biographical Dictionary: Containing an Historical and Critical Account of the Lives and Writings of the Most Eminent Persons*, 9, London, Printed for G.G. and J. Robinson [etc.].
- Pajón Leyra, I. (2009), *Paradoxografía Griega: Estudio de un Género Literario* (tese Dout.), Madrid, Universidad Complutense de Madrid.
- (2011), “Extraordinary Orpheus. The Image of Orpheus and Orphism in the Texts of the Paradoxographers”, in Herrero

- de Jáuregui, M. et al. (eds) *Tracing Orpheus: Studies of Orphic Fragments*, Berlin / Boston, Walter de Gruyter: 333–338.
- (2012), *Entre ciencia y maravilla: el género literario de la paradoxografía griega. Monografías de filología griega*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.
- Paley, F. com. (1861), *Epics of Hesiod*, London, Whittaker and Co.
- Palmieri, N. ed. (2003), *Rationnel et irrationnel dans la médecine ancienne et médiévale. Aspects historiques, scientifiques et culturels* Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint-Etienne.
- Parke, H. (1988), *Sibyls and Sibylline Prophecy in Classical Antiquity*, London, Routledge.
- Parkin, T. (2003), *Ancient Society and History Old Age in the Roman World: A Cultural and Social History*, Baltimore, JHU Press.
- (2003), *Old Age in the Roman World: A Cultural and Social History*, Baltimore/London, JHU Press.
- Partenie, C. ed. (2009), *Plato's Myths*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Patera, M. (2014), *Figures grecques de l'épouvante de l'antiquité au présent: Peurs enfantines et adultes*, Leiden, BRILL.
- Pecere, O., Stramaglia, A. ed. (1996), *La letteratura di consumo nel mondo greco-latino. Atti del Convegno Internazionale (Cassino 14-17 settembre 1994)*, Cassino, Università degli studi di Cassino.
- Pépin, J. (1958), *Mythe et allégorie. Les arigines grecques et les contestations judéo-chrétiennes*, Paris, Aubier.
- Petersson, T. (1963), *Cicero: A Biography*, New York, Biblio & Tannen Publishers.
- Petsalis-Diomidis, A. (2010), *Truly Beyond Wonders: Aelius Aristides and the Cult of Asklepios*, Oxford, Oxford University Press.

- Pines, S. (1971), *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its Implications*, Jerusalem, The Israel Academy of Sciences and Humanities.
- Pinheiro, M., Perkins, J., Pervo, R. (2012), *The Ancient Novel and Early Christian and Jewish Narrative: Fictional Intersections*, Groningen, Barkhuis Publishing/Groningen University Library.
- Platt, P. ed. (1999), *Wonders, marvels, and monsters in early modern culture*, Newark/London, University of Delaware Press/Associated University Presses.
- Pomeroy, S. (1975), *Goddesses, Whores, Wives, And Slaves: Women in Classical Antiquity*, New York, Schocken Books.
- Pompanazzi, P. (1929), *Les causes des merveilles de la nature ou les enchantements*, Paris, Rieder.
- Pontalis, J.-B., ed. (1973), *Bisexualité et différence de sexes*, Paris, Galimard.
- Popescu, V. (2009), *Lucian's paradoxa: fiction, aesthetics and identity*, Tese Dout., University of Cincinnati.
- Porrer, S. ed. (2009), *Jacques Lefèvre d'Étaples and the Three Maries Debates*, Geneva, Librairie Droz.
- Poser, H. (1979), *Philosophie und Mythos: ein Kolloquium*, Berlin, Walter de Gruyter.
- Praet, D. (2009), “‘Parrhesia’, ‘asebeia’ en censuur”, *Tetradio* 18: 61-87.
- Preus, A. (1977), “Galen's Criticism of Aristotle's Conception Theory”, *Journal of the History of Biology* 10.1: 65-85.
- Priestley, J. (2014), “Cataloguing the Marvellous: Herodotus and Paradoxography”, in *Herodotus and Hellenistic Culture*, Oxford, Oxford University Press: 75–87.
- Prigent, P. (1978), “Thallos, Phlégon et le Testimonium Flavianum témoins de Jésus?”, in Bruce, F. (ed.), *Paganisme, Judaïsme*,

- Christianisme: Influences et Affrontements dans le Monde Antique*, Paris, Bocard: 329-334.
- Pugliara, M. (2002), *Il mirabile e l'artificio: creature animate e semoventi nel mito e nella tecnica degli antichi*, Roma, L'Erma di Bretschneider.
- Ramon Garcia, D. (2009), *Heraclit el Mitògraf: edició crítica, traducció i comentari*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Rank, O., Richter, G., Lieberman, E. (2004), *The myth of the birth of the hero: a psychological exploration of myth*, Baltimore, JHU Press.
- Raybould, R. (2016), *The Sibyl Series of the Fifteenth Century*, Leiden/ Boston, Brill.
- Redfield, J. (1991), "The Politics of Immortality," in Borgeaud, P. (ed), *Orphisme et Orphée: En l'honneur de Jean Rudhardt*, Genève, Droz: 103-117.
- Reitzenstein, R. (1906), *Hellenistische Wundererzählungen*, Leipzig, B.G. Teubner.
- Renehan, R. (1969), *Greek Textual Criticism: A Reader*, Cambridge, Harvard University Press.
- Renz, U. (2011), "From Philosophy to Criticism of Myth: Cassirer's Concept of Myth", *Synthese* 179.1: 135 - 152.
- Richlin, A. (1993), "Not before Homosexuality: The Materiality of the Cinaedus and the Roman Law against Love between Men", *Journal of the History of Sexuality* 3.4: 523-573.
- Ricoeur, P. (2004), "Logos, Mythos, Stauros", *Philosophy and Theology* 16.2: 229-238.
- Rigg, H. (1941), "Thallus: The Samaritan?", *HTR* 34: 111-119.
- Roessli, J.-M. (2004), "Catalogues de sibylles, recueil(s) de Libri Sibyllini et corpus des Oracula Sibyllina. Remarques sur la for-

- mation et la constitution de quelques collections oraculaires dans les mondes gréco-romain, juif et chrétien”, in Norelli, E. (ed.), *Recueils normatifs et canons dans l'antiquité: perspectives nouvelles sur la formation des canons juif et chrétien dans leur contexte culturel*: actes du colloque organisé dans le cadre du programme plurifacultaire “La Bible à la croisée des savoirs” de l’Université de Genève, 11-12 avril 2002, Université de Genève. Éditions du Zèbre: 11-24.
- Romm, J. (1992), *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction*, Princeton, Princeton University Press.
- Roem, P. (1993), *Pseudo-Dionysius: A Commentary on the Texts and an Introduction to Their Influence*, Oxford University Press.
- Rose, H. (1936), “The Ancient Grief. A Study of Pindar, fr. 133 (Bergk), 127 (Bowra)”, in Bailey, C., Bowra, C., Barber, E., Denniston, J., Page, D. ed. (1956), *Greek Poetry and Life*, Oxford, Clarendon Press: 79-96.
- Routh, M. (1814), *Reliquiae Sacrae*, 2, Oxonii, e. Typographeo Academico.
- Roux, O. (2016), *Monstres: Une histoire générale de la tératologie des origines à nos jours*, Paris, CNRS Éditions via OpenEdition.
- Rudhardt, J. (1992), *Notions fondamentales de la pensée religieuse et actes constitutifs du culte dans la Grèce classique*, Paris, Editions A et J Picard.
- (2002), “Les deux mères de Dionysos, Perséphone et Sémélé, dans les *Hymnes orphiques*”, *RHR* 219.4: 483-501.
- Rzepka, J. (2009), *The Aetolian Elite Warriors and Fifth-Century Roots of the Hellenistic Confederacy*, Warszawa, AKME. Studia Historica.
- Sambursky, S. (1963), *The Physical World of the Greeks*, London, Routledge & Kegan.

- Samson, J. (1989), *White lies: Melville's Narratives of Facts*, Ithaca, Cornell University Press.
- Samuel, A. (1972), *Greek and Roman Chronology: Calendars and Years in Classical Antiquity*, Munich, C.H.Beck.
- Santangelo, F. (2013), *Divination, Prediction and the End of the Roman Republic*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Santoni, A. (2000), *Palefato storie incredibili*, Pisa, ETS. Chicago.
- Sanz Morales, M. (1998), "Las fuentes del opúsculo mitográfico *De Incredibilibus* y un posible testimonio desconocido de Helánico de Lesbos", *Myrtia* 13: 137-150.
- (1999), "Paléfato y la interpretación racionalista del mito: características y antecedentes", *Anuario de estudios filológicos* 22: 403-424.
- Schanz, M., Hosius, C. ed. (1979), *Geschichte der römischen Literatur: bis zum Gesetzgebungswerk des Kaisers Justinian*, München, C.H.Beck.
- Schepens, G., Delcroix, K. (1996), "Ancient paradoxography: origin, evolution, production and reception", in Pecere, O., Stramaglia, A. (eds.), *La letteratura di eprese nel mondo eprelatino*, Cassino, Università degli studi di Cassino: 373-460.
- Schiavone, A. ed. (2003), *Diritto privato romano. Un profilo storico*, Turin, Einaudi.
- Schlesier, R. (1992), "Ritual und Mythos: Zur Anthropologie der Antike heute" in Faber, R., Kytzler, B. (eds.), *Antike heute*, Würzburg: 93-109.
- Schlier, E. (1954), "'Parrhesia'", in Kittel, G. (ed.), *Theol. Wörterbuch zum Neuen Testament vol. V*, Stuttgart, Kohlhammer: 869-884.
- Schmidt, J., Weiss, C. (1744), *Miraculum Terrae Motus Tempore Passionis Christi Subsecutum: Et In Illustri Salana Sub Praesidio*

- Johannis Andreae Schmidii ... Ad D.X. Nov. MDCLXXXIII. Consideratum Ab Autore-Respondente Christophoro Weissio Weissenfelsensi, Helmstadii, ex Officina Schnorriana.*
- Schneiderman, L. (1981), *The Psychology of Myth, Folklore, and Religion*, Chicago, Nelson-Hall.
- Schöll, M. (1824), *Histoire de la littérature grecque profane, depuis son origine jusqu'à la prise de Constantinople par les Turcs, suivie d'un précis de l'histoire de la transplantation de la littérature grecque en Occident*, Paris, Albert Fontemoing.
- Scholten, J. (2000), *The Politics of Plunder: Aitolians and their Koinon in the Early Hellenistic Era, 279-217 B.C.*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press.
- Schraeder, J. (1894), *Palaephatea*, Diss., Berolini, R. Heinrich.
- Scodel, R. ed. (2014), *Between Orality and Literacy: Communication and Adaptation in Antiquity: Orality and Literacy in the Ancient World*, Boston/Leiden, BRILL.
- Sedley, D. (1999), "Lucretius' use and avoidance of Greek", *Proceedings of the British Academy* 93: 227-246.
- Segal, C. (1989), *Orpheus: the myth of the poet*, Baltimore/London, Lhenrichs.
- Segal, R. (1996), *Structuralism in myth: Lévi-Strauss, Barthes, Dumézil, and Propp*, Theories of Myth, 6, New York, Garland Pub.
- (1998), *The Myth and Ritual Theory: An Anthology*, Malden, Massachusetts, Wiley-Blackwell: 143-155.
- (2011), "What is 'Mythic Reality'?", *Zygon* 46.3: 588-592.
- Sellheim, R. (1930), *De Parthenii et Antonini fontium indiculorum auctoribus ...*, Halis Saxonum, Karras Kroeber et Nitschmann.
- Shannon, K. (2013) "Authenticating the Marvellous: Mirabilia in Pliny the Younger, Tacitus and Suetonius", *Working Papers in*

Nervan, Trajanic and Hadrianic Literature 1.9: 1-26.

- Shelburne, W. (1988), *Mythos and Logos in the Thought of Carl Jung: The Theory of the Collective Unconscious in Scientific Perspective*, Albany, SUNY Press.
- Silva Sánchez, T. (1996), *Paradoxógrafos griegos: rarezas y maravillas*, Madrid, Gredos.
- Sluiter, I, Rosen, R. (2004), *Free speech in Classical Antiquity: [Penn-Leiden Colloquium on Ancient Values, June 2002 at the University of Pennsylvania]*, Leiden, BRILL.
- Sordi, M. ed. (1987), *Il confine nel mondo classico*, Milano, Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Sourvinou-Inwood, C. (1981), “To die and enter the House of Hades: Homer, before and after, in Whaley, J. (ed.), *Mirrors of Mortality. Studies in the Social History of Death*, London, Routledge: 15-39.
- Souter, M. (1936). “Zatchlas» in Apuleius”, *JTS* 145: 80.
- Spyridakis, S. (1968), “Zeus Is Dead: Euhemerus and Crete”, *CJ* 63.8: 337-340.
- Stearns, W. (1908), *Fragments from Graeco-Jewish Writers*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Steele, J. (2012), “A Forgotten Episode in the History of the Secular Acceleration: William Whiston, Arthur Ashley Sykes and the Eclipse of Phlegon”, in *Ancient Astronomical Observations and the Study of the Moon’s Motion (1691-1757). Sources and Studies in the History of Mathematics and Physical Sciences*, Boston, Springer: 23-36.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. On Unbelievable Tales*, Wauconda, Bolchazy-Carducci Publishers.
- (2003), “Heraclitus the Paradoxographer: Περὶ Ἀπίστων, ‘On Unbelievable Tales’”, *TAPhA* 133.1: 51-97.

- Stieber, M. (2004), *The Poetics of Appearance in the Attic Korai*, Austin, University of Texas Press.
- Stramaglia, A. (1995), “Sul *Περὶ θαυμασίων* di Flegonte di Tralle: problemi di tradizione, lingua ed esegesi”, *SCO* 45: 191-234.
- (1999), *Res inauditae, incredulae: storie di fantasmi nel mondo greco-latino*, Bari, Levante.
- (2006), “The Textual Transmission of Ancient Fantastic Fiction: Some Case Studies”, in Hömke, N., Baumbach M. (eds.), *Fremde Wirklichkeiten: literarische Phantastik und antike Literatur*. Heidelberg, Winter: 289–310.
- (2011), *Phlegon Trallianus: Opuscula de rebus mirabilibus et de longaevis*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Strózyński, M. (2008), “A Symbolic language of Space in the Myth of Er”, *Symbolae Philologorum Posnaniensium Graecae et Latinae* 18: 129-146.
- Sulimani, I. (2005), “Myth or Reality? A Geographical Examination of Semiramis’ Journey in Diodorus”, *SCI* 24: 45-63.
- Susemihl, F. (1891), *Geschichte der griechischen Litteratur in der Alexandrinerzeit. Erster Band*, Leipzig, B. G. Teubner.
- Swancutt, D. (2007), “Still before Sexuality: “Greek” Androgyny, the Roman Imperial Politics of Masculinity and the Roman Invention of the tribas”, in Penner, T., Stichele, C. (eds.), *Mapping Gender in Ancient Religious Discourses*, Leiden/Boston, BRILL: 11-62.
- Sykes, A. (1732), *A Dissertation on the Eclipse Mentioned by Phlegon. Or, an Enquiry Whether that Eclipse Had Any Relation to the Darkness which Happened at Our Saviour’s Passion*, 4, London, James and John Knapton.
- (1733), *Defence of the Dissertation on the eclipse mentioned by Phlegon*, London .

- (1734), *A Second Defence of the Dissertation Upon the Eclipse Mentioned by Phlegon:: Wherein Mr. Chapman's Objections, and Those of the A. of the Letter to Dr. Sykes, are Particularly Considered*, London, James, John, and Paul Knapton.
- Syme, (1972), "The composition of *The Historia Augusta*: recent theories", *JRS* 62: 123-133.
- Tarn, W., Griffith, G. (1927), *Hellenistic Civilisation*, London, Edward Arnold & Co.
- Temporini, H. (1982), *Politische Geschichte (Provinzen und Randvölker: Sizilien und Sardinien; Italien und Rom; Allgemeines)*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Thatcher, A. (2016), *Redeeming Gender*, Oxford, Oxford University Press.
- Thayer, H. (1988), „The myth of Er“, *History of Philosophy Quarterly* 5.4: 369-384.
- Thomas, J. (2004), "„*Mirabilia*“: tropismes de l’imaginaire antique”, in Bianchi, O. et al. (ed.), *Conceptions et eprésentations de l’extraordinaire dans le monde antique*, Bern/Frankfurt am Main, Lang: 1-13.
- Thomas, L. (1990), *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*, Cambridge/London, Harvard University Press.
- Tillemont, L. (1691), *Histoire des empereurs et des autres princes qui ont régné durant les six premiers siècles de l’Eglise*, Paris, Charles Robustel.
- Torres Guerra, J. (2010), "Modelos de narración breve de la Antigüedad: las Historias increíbles de Paléfato, Heráclito y el Anónimo Vaticano", *Studia Philologica Valentina* 12.9: 139-157.
- Trentin, L. (2011), "Deformity in the Roman Imperial Court", *G&R* 58.2: 195-208.
- Troca Pereira, R. (2009), *Dares da Frígia. Sobre a História da Queda*

- de Tróia*, Mem-Martins, Europa-América.
- (2013a), *A Ditadura de Eros. Assim como no Princípio, Agora e Sempre ... Mi(s):tos de cruor: reflexão diacrónica* (Pós-Dout.), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- (2013b), *AGAMEMNON(ES): ENTRE O MITO E A LITERATURA*, Tese, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra..
- (2013c), “*Ifigénia em Áulide - duas afirmações: blasfémia (vs. deuses) ou realismo (vs. profetas)?*”, *Lexis* 31: 122-137.
- (2014), *Plauto. Comédia do Fantasma Introdutório, Notas, Tradução, Índices e Bibliografia*, São Paulo / Coimbra: Anablume / Imprensa da Universidade de Coimbra.
- (2015a), “*Blasphemy: are Prophets Crooks? An Analysis based on IA 956-958*”, *JGRS* 54.3: 19-40.
- (2015b), “*O Suplício de Cupido em Comentário e Tradução*”. *Clássica* 28.1: 205-216.
- (2016a), *Dictis Cretense. Efeméride da Guerra de Tróia*, Lisboa, Edições Almedina, S.A.
- (2016b), “*Poltergeist: Quem tem medo de φαντάσματα? (Phleg. Mir. 1-3 em consideração)*”, *Revista de Estudios Clásicos* 43.1: 211-232.
- (2016c), “*Sobre Prodígios Escutados; também Paléfato. Heraclito. Anonymus. PERI APISTON (Sobre Fenómenos Inacreditáveis)*”, *Journal of Ancient Philosophy* 10.2: 140-302.
- Trombetta, C., Liguori, G., Bertolotto, M. (2015), *Management of Gender Dysphoria: A Multidisciplinary Approach*, New York, Springer.
- Tuner. F. (1997), *The Homeric Question*, in Morris, I., Powell, B. (eds.), (1997), *A New Companion to Homer*. Leiden, Brill: 123-145.

- Turner, P. ed. (2001), "Agdistis", *Dictionary of Ancient Deities*, 1, Oxford, Oxford University Press.
- Ulrichs, K. (1975), *Forschungen über das Rätsel der mann männlichen Liebe*, New York, Arno Press.
- Vaillant, J. (1701), *Historia Ptolemaeorum Aegypti regum, ad fidem numismatum accomodata*, Amstelaedami, apud G. Gallet.
- Valk, U. (2000), "Ex Ovo Omnia: Where Does the Balto-Finnic Cosmogony Originate? The Etiology of an Etiology", *Oral Tradition* 15: 145-158.
- Vanotti, G. (1981), "Appunti sul De mirabilibus auscultationibus", *GFRS* 4: 83-88.
- (2007), *Aristotele. Racconti meravigliosi. Introduzione, traduzione, note e apparati. Testi a fronte*, Milano, Bompiani.
- Vernant, J.-P. (1980), *Myth & Society in Ancient Greece*, Sussex, Harvester Press.
- Vetta, M. ed. (1995), *Poesia e simposio nella Grecia Antica*, Roma/Bari, Laterza.
- Veyne, P. (1968), "La famille et l'amour sous le Haut-Empire", *Annales E.S.C.* 33: 35-63.
- (1987), "Section on the Roman Empire", in Ariès, P., Duby, G. (eds), *A History of Private Life. From Pagan Rome to Byzantium*, 1, Cambridge, Harvard University Press.
- Vickers, M. (1978), *Greek Symposia*, Oxford, Joint Association of Classical Teachers.
- Von Blumenthal, A. (1942), "Palaiphatos", *RE* 18.2: cols. 2451-2455.
- Von Martels, Z. ed. (1994), *Travel Fact and Travel Fiction. Studies on Fiction, Literary Tradition, Scholarly Discovery and Observation in Travel Writing*, Leiden/New York/Koln, Brill.

- Wace, A., Stubbings, F. eds. (1963), *A Companion to Homer*, London/New York, Macmillan & CO LTD.
- Walker, S. (2001), *Jung and the Jungians (Theories of Myth)*, New York, Routledge.
- Walters, M. (1978), *The Nude Male: A New Perspective*, New York, Paddington Press.
- Wehrli, F. (1892), *Zur Geschichte der allegorischen Deutung Homers im Altertum*, (diss.) Basel.
- (1974), *Die Schule des Aristoteles*, 1–10, Basel-Stuttgart, Schwaber & Co.
- Wenskus, O., Daston, L. (2000), “Paradoxographoi”, *Der neue Pauly* 9: 309–314.
- West, M. (1973), *Textual Criticism and Editorial Technique Applicable to Greek and Latin Texts*, Stuttgart, Teubner.
- Westermann, A. ed. (1839), *Paradoxographoi: Scriptores rerum mirabilium graeci. Insunt (Aristotelis) Mirabiles auscultationes; Antigoni, Apollonii, Phlegontis Historiae mirabiles; Michaelis Pselli Lectiones mirabiles; reliquorum eiusdem generis scriptorum deperditorum fragmenta. Accedunt Phlegontis Macrobbii et Olympiadum*, Brunsvigae/Londini, Sumptum Fecit G. Westermann/Apud Black et Armstrong.
- Westmoreland, P. (2007), *Ancient Greek Beliefs*, San Ysidro, California.
- Whiston, W. (1732), *The Testimony of Phlegon Vindicated, Or, An Account of the Great Darkness and Earthquake at Our Savior's Passion Described by Phlegon: Including All the Testimonies, Both Heathen and Christian, in the Very Words of the Original Authors During the First Six Centuries of Christianity: with Proper Observations on Those Testimonies*, London, Fletcher Gyles.
- (1734), *A Reply to Dr. Sykes's Defence of his Dissertation on the*

- Eclipse mentioned by Phlegon. S. dessen : Six Dissertation*, Loud., printed for J. Whiston at Mr. Boyte's Head in Fleet-Street.
- Whitmarsh, T. (2013), *Beyond the Second Sophistic: Adventures in Greek Postclassicism*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press: 11-34.
- Williams, C. (1999), *Roman Homosexualities. Ideology of Masculinity in Classical Antiquity*, Oxford, Oxford University Press.
- Williams, J., Schwab, M., Brauer, A. (2012), "An Early First-Century Earthquake in the Dead Sea", *International Geology Review* 54.10: 1219-1228.
- Wilmot, S. (1733), *Phlegon's Testimony Shewn to Relate to the Darkness which Happened at Our Saviour's Passion: In a Letter to Dr. Sykes*, London, Knaptons, W. Innys, T. Astley, and J. Crownfield in St. Paul's Church-Yard.
- Winiarczyk, M. (2013), *The "Sacred History" of Euhemerus of Messene*, Berlin/New York, De Gruyter
- Winkler, J. (1990), *The Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece*, New York/London, Routledge.
- Wipprecht, F. (1892), *Quaestiones Palaephataeae*, Bonn, typ. Caroli Georgi Typogr.
- (1902), *Zur entwicklung der rationalistischen mythendeutung bei den Griechen*, Tübingen, H. Laupp Jr.
- Wittkower, R. (1942), "Marvels of the East. A study in the history of monsters", *JWI* 5: 159-197.
- Woolf, G. (2010), *Tales of the Barbarians: Ethnography and Empire in the Roman West*, Chichester, John Wiley & Sons.
- Worthington, I. ed. (2010), *A Companion to Greek Rhetoric*, Chichester, Wiley-Blackwell.
- Zeitlin, F. ed. (1991), *Mortals and Immortals*, Princeton, Princeton University Press.

- Ziegler, K. (1949), "Paradoxographoi", in Pauly, A. *et al.* (ed.), *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaften* Altertumswissenschaft, Stuttgart, J.B. Metzler: 18.3: 1137–1166
- Zwierlein, A. (2011), "Male Pregnancies, Virgin Births, Monsters of the Mind: Early Modern Melancholia and (Cross-)Gendered Constructions of Creativity", in Middeke M., Wald C. (eds), *The Literature of Melancholia*, London, Palgrave Macmillan: 35-49.

INDEX NOMINVM

Autores e textos citados; figuras mitológicas [mit.]; nomes geográficos: locais, rios, montanhas, construções [top.]; patronímicos [patr.]; nomes de povos / culturas [etn.]; epíteto [epit.]

A

- Abdera [top.] - 55
Acárnia [top.] - 76
Acílio Glábrio - 56, 125
Acrópole do Peloponeso [top.] - 159
Acusilau - 18 n.18
Adão - 105
Addison - 31 n.51, 39 n.70
Admeto [mit.] - 66, 68 n.149
Adriano - 21 n.28, 22, 23, 28
n.44, 43-46, 53 n.107, 56, 57,
57 n.115, 108, 110, 143, 152
África [top.] - 17 n.15, 31 n.55, 54
n.109, 59 n.122, 84 n.182
Afrodite [mit.] - 73 n.159, 91
n.196,
Afrodite Pânfla [mit.] - 82 n.176
Afrodite, Templo de [top.] - 54,
101, 139
Afrodito [mit.] - 91 n.196
54, 101, 139
Agamémnon [mit.] - 61 n.123
Agápio
História do Mundo
10 - 27 n.42
Agatárquides de Cnido
(*Agatharch.*) - 17 n.16
Acerca do Mar Eritreu, De mari
Erythraeo
7 - 68 n.149
Acontecimentos da Ásia, Τῶν
κατὰ τὴν Ἀσίαν - 9 - 16 n.12,
57, 151
Acontecimentos da Europa, Τῶν
κατὰ τὴν Εὐρώπην - 16 n.12
Compêndio de Escritores de
Maravilhas, Ἐπιτομὴ τῶν
συγγραφέων θαυμασίων
- 16 n.12
Sobre o Mar Vermelho, Περί τῆς
Ἐρυθρᾶς θαλάσσης - 16
n.12
Sobre ventos, Περί ἀνέμων
[ἀνθρώπων] - 16 n.12
Agatóstenes - 16 n.13
Agdístis [mit.] - 90 n. 195
Agostinho, Sto. (August.)
De Ciuitate Dei (C.D.)
3.15 - 40
3.31 - 92
15.9 - 100 n.215

- Agripa, Sibila - 113
- Agripina - 67 n.143
- Agripina Augusta - 132
- Agripina Augusta, casa de - 53
n.107, 132
- Ájax [mit.] - 69 n.151
- Ajootian - 91 n.196, 99 n.212
- Albácia Sabina - 150
- Albúcio, filho de - 150
- Alceste [mit.] - 66, 68 n.149
- Alcibíades - 43
- Alcipe [mit.] - 86 n.188
- Alderink - 20 n.24, 62 n.127
- Alexandre [Cornélio ?] - 104
*Θαυμασίων συναγωγή, Coleção
de Maravilhas* - 16 n.13
- Alexandre, [filho] de Demétrio -
150
- Alexandre Magno / Grande - 17
- Alexandre, época de - 112
- Alexandre, pai de - 73
- Alexandre, progenitora de - 97
n.208
- Alexandria [top.] - 25, 54, 82, 83,
143
- Alexandria, Biblioteca de [top.] -
17 n.16
- Alexandrino Herófilo - 97
- Allison - 28 n.43
- Almagor - 76 nn.164, 165
- Altizer - 61 n.123
- Alúcio, filho de - 151
- Alúcio Apilutas - 150
- Amazonas [mit.] - 96 n.207
- Âmbato - 150
- América [top.] - 86 n.187
- Amitáon [mit.] - 109
- Amónio
De niium vocabulorum differentia
§216 (BT 56.15–16 Nickau
- 65 n.139
- Anacreonte (Anacr.) - 104, 152
fr. 4 Gentili (=fr. 361 *PMG*) - 57,
152 n.336
- Anderson - 22 n.31, 58 n.121
- André - 91 n.195
- Andronico - 125 n.246
- Anfípole [top.] - 54, 55, 72, 73,
150
- Anfipolitano(s) [etn.] - 72, 150
- Anfitrião - 109, 110,
- Anfitrião, filho de - 160
- Anónimo
Periplus Ponti Euxini - 17 n.15
Sobre Fenómenos Inacreditáveis
(Περὶ ἀπίστων) - 130 n.256
- Anonymus 1733 - 24 n.36
- Antémio de Trales (Anthem.) - 13
n.3
Sobre máquinas fantásticas (Περὶ
παραδόξων μηχανημάτων) -
16 n.13
- Antígono de Caristo (Antig.) - 15
n.8, 60, 143
*Compilação de Histórias
Admiráveis* (*Historiarum
mirabilium collectanea,*
*Ἱστοριῶν παραδόξων
συναγωγή*) - 15 n.10

- Mirabilia, Θαυμάσια (Mir.)* - 15
 n.10, 17 n.15, 59 n.122
 26 - 14 n.5
 60 - 13 n.4, 14 n.5
 110.1 - 143 n.318
- Antígono I da Macedónia - 76
 n.166
- Antígono II - 76 n.166
- Antígono, rei - 51, 76 n.164
- Antígono, irmão do rei - 144
- Antímacode Dispôcio - 107
- Antíoco (III?) - 53 n.107, 59, 79
 125, 128
- Antíope [mit.] - 97 n.208
- Antioquia [top.] - 54, 54 n.109,
 94, 109, 131
- Antípatro - 56, 131
- Antípatro, [filha] de - 104, 150
- Antístenes (de Rodes) - 17, 51, 53
 n.107, 59, 60, 79, 125, 125
 n.246
- Antónia Secunda - 150
- (Ps.) Antonino - cf. Elagábalo - 96
 n.206
- Antonino Liberal (Ant. Lib.) - 18
 n.18
- Metamorfoses (Met.)*
 8 - 73 n.159
 16 - 53 n.109
 17 - 93 n.204, 131 n.260
 17.4-5 - 130 n.256
- Antonino Pio - 132
 4º ano - 46
 18º ano - 45 n.90
- Anúbis [mit.] - 87, 142
- Apiano (App.)
Bella Civilia Gall. (BC)
 1.83 - 142 n.311
- Apilocário [top.] - 150
- Ápio, filho de - 150
- Apolo [mit.] - 95, 98 n.212, 100,
 126 n.249, 130, 153 n.338,
 159 n.344
- Apolo Lício [mit.] - 59, 79, 130
- Apolo Lício, Templo e Altar
 [top.] - 111
- Apolo Linceu [mit.] - 59, 79
- Apolo-lobo [mit.] - 97 n.208,
 130 n.252
- Apolo-tartaruga [mit.] - 97
 n.208
- Febo Apolo [mit.] - cf. Febo
- Apolodoro (Apollod.) - 130 n.256
- Bibliotheca (Bibl.)*
 1.3.2 - 64 n.131, 68 n.148
 1.7. 8 - 101
 1.7.8-9 - 138 n.298
 2.7.2 - 109
 3.3.1 - 68 n.149
 3.6.7 - 131 n.251
 3.10.3 - 68 n.149
 3.13.6 - 71 n.155
- Epitome (Epit.)*
 1.20 - 88 n.190
 1.22 - 131 n.260
 3.30 - 68 n.149
- Fragmenta*
 fr. 103 Müller - 57 n.114

- Apolodoro de Atenas 9.29-30 - 69 n.153
Crônicas - 57, 151
 9.31 - 67 n.143
- Apolófanes - 32 n.56
- Apolónio (paradoxógrafo) (Apol-
 lon.) - 51 n.103, 59 n.122, 73
 n.159
Historiae Mirabiles (*Mir.*) - 17
 n.15
 2.2. - 64 n.131
- Apolónio (sofista) - 51 n.103
- Apolónio de Rodes / Ródio (A.R.)
Argonautas, *Argonautica*,
 Ἀργοναυτικά - 15 n.11
 1.26-31 - 68 n.148
 1.151 - 138 n.297
 6.7.3-4 - 13 n.5
História de Cária, Γέγραφε
 Καρικά - 15 n.11
Sobre Orfeu e os seus Ritos, Περὶ
 Ὀρφείως καὶ τῶν τελετῶν
 αὐτοῦ - 15 n.11
- Apolónio de Tiana (Ap. Ty.) - 51
 n.103, 64 n.131
- Apolónio Díscolo (gramático?)
 (A.D.) - 51, 51 n.103, 60, 138
 n.295, 139
 13 - 102
- Apuleio (Apul.)
Florida (*Fl.*)
 19 - 64 n.131
Metamorphoses (*Met.*)
 1.9 - 87 n.188
 2.28 - 61 n.123
 4.28 - 6. 24 - 74 n.160
 8.8 - 69 n.153
- Aquiles - 69 n.152
- Aquiles, sombra de - 69 n.152
- Arábia [top.] - 54, 145
- Arato, mãe de - 97 n.208
- Arcádia [top.] - 67 n.146, 130, 134
 n.279
- Ardaques - 21 n.27
- Ares [mit.] - 75, 99, 111, 120, 126,
 127, 129
- Argantónio - 152
- Arimino (Remini) [top.] - 55
- Aristandro
 Ἱστορίαι θαυμάσιαι, *Recontos*
Maravilhosos - 15 n.11, 59
 n.122
 Παράδοξα γεωργίας, *Campos In-*
críveis - 15 n.11
- Aristeas do Proconneso - 65 n.136
- Aristocles - 16 n.13
- Aristodeme - 96-97 n.208,
- Aristodemo - 159
- Aristófanes (Ar.) - 91 n.196
Pax
 1095 - 113
Ranae (*Ran.*) - 64 n. 131
- Aristófanes-Personagem - 90
 n.195, 98 n.212
- Aristomaco- 159
- (Ps.) Aristóteles (Arist.) - 11,17
 n.16, 19 n.20, 97
Analytica Priora (*APr.*)
 1.27.43b - 51

- 1.30.46a - 51
De Generatione Animalium
 (GA)
 769b.13-25 - 88 n.190
 775a - 96 n.207
 767b - 77, 77 n.169, 84 n.180
 97 - 113
Historia Animalium (HA)
 7.4.30 - 144 n.319
 8.14 - 53 n.109
 9 - 14 n.5
Metaphysica (Metaph.)
 1.982b -19
 1.984b - 99 n.212
Meteorologica (Met.)
 367.b.2 - 26 n.69
Mirabilia / De mirabilibus
auscultationibus, Sobre os
Prodígios Escutados (Περὶ
 θαυμασιῶν ἀκουσμάτων)
 (Mir.) - 59 n.122
 78 - 145 n.326
 80 - 83 n.179
Physiognomonica (Phgn.) - 85
 n.185
Politica Pol.
 7.13.3 = 1.332b - 100 n.214
Problemata (Pr.)
 954a 34-38 - 113
 Aristóxeno - 125 n.246
 Armada de Tigrano e Mitrídates
 - 108
 Arnóbio - 42
 Arquelau de Quersoneso
Epigrammata de mirabilibus,
 Περὶ τῶν θαυμασιῶν - 15
 n.10, 59 n.122
Seres de natureza peculiar,
 Ἰδιοφυή - 15 n.10
 Arquíloco (Archil.)
 fr. 122 W - 13 n.4
 fr. 122.1-2 W - 8
 fr. 294W - 90 n.195
 Árria - 68 n.149
 Arrideu - 72, 74
 Arrúncio - 150
 Ártemis [mit.] - 91 n.196
 Ártemis, caverna / gruta [top.] -
 54, 138
 Ártemis, Sibila - 113
 Asclepiades - 75 n.162
 Asclépio - 20 n. 24, 64 n.131, 68
 n.149, 97 n.208
 Asclépio-dragão - 97 n.208
 Ash - 14 n.6
 Ásia [top.] - 17 n.15, 66 n.140,
 127, 128, 130, 139
 Ásia Menor [top.] - 22, 79, 113,
 139 n.302
 Ásia Menor, cidades da [top.] - 14
 n.8, 54, 101, 102
 Astéria [mit.] - 97 n.208
 Astéria-codorniz [mit.] - 97 n.208
 Astícoso, filha de - 150
 Átalo, filhos de - 128
 Atena [mit.] - 82 n.176, 124, 127,
 129
 Atena, povo de - 124
 Atenágoras - 42

- De Resurrectione Mortuorum* -
30 n.51
- Atenas [top.] - 54, 131-133, 140-
143,
- Ateneu (Ath.)
- Deipnosophistai*,
Δειπνοσοφισταί - 18 n.17
- 6.88 - 17 n.15
- 7.118 - 17 n.15
- 13.55 - 17 n.15
- 13.89 - 17 n.15
- Ateniense(s) [etn] - 38, 56, 140
- Atenodoro (filósofo) - 59 n.122,
- Atenodoro (pirata) - 108
- Ática [top.] - 91 n.196
- Atílio Serrano - 89 n.193
- Átis [mit.] - 90 n.195
- Átrax [mit.] - 93 n.204
- Atun [mit.] - 82 n.176
- Augusto (César) - 21 n.28, 53
n.108, 84 n.182, 85 n.185
- Augusto, sobrinha de - 86 n. 186
- Augusta [top.] - 107
- Aulo Gélio (Gell.)
- Noctes Atticae* - 18 n.17
- 1.19.1- 112
- 9.4 - 18 n.17
- 9.4.15 - 92
- Aulo Licínio Nerva Silaniano -
56, 142
- Ausónio (Aus.)
- Cupido Crucificado* - 67 n.147
- Austin, N. - 82 n.177
- Austin, S. - 29 n.46
- B**
- Babilónia [top.] - 113
- Babilónia, Sibila de - 113
- Baeten - 52 n.105
- Bandinelli - 19 n.23
- Banier - 89 n.191
- Barash - 52 n.104
- Barnes - 19 n.20
- Básci<a> - 150
- Basileia [top.] - 55, 149, 150
- Bast - 48
- Bayle - 44, 44 n.89
- Beagon - 14 n.6
- Bébia Marcela - 150
- Beda
- DTR* 47 - 35 n.66
- Beleia - 55, 149, 151
- Belia - 55, 150
- Beócia [top.] - 121 n.239
- Bergua - 58 n.121
- Bernabé - 62 n.127, 82 n.176,
- Bertolotto - 92 n.198
- Betegh - 91 n.195
- Bianchi, E. - 77 n.169
- Bianchi, U. - 62 n.127
- Bíblia
- 1Co.
- 15:3-5 - 75 n.162
- Amos*
- 8.9 - 36 n.69
- Atos*
- 17:34 - 32 n.56
- Evangelhos apócrifos* - 36 n.69

- Ex.*
12:6 - 29
- Gn.*
5:4-5 - 105
- Jn.*
2:1 - 67 n.147
- Jo.*
6:16-21 - 39 n.76
19:31 - 29
- Lc.*
3:1 - 36
4:25 - 40 n.79
23:44-45 - 31 n.53, 33 n.61,
36 n.69, 40
- Mc.*
15:33 - 29 n.46, 31 n.53, 36
n.69, 40
27:51-53 - 36 n.69
- Mt.*
8:23-27 - 39 n.76
12:49 - 67 n.147
16:16 - 32
19:12 - 90 n.195
24:30 - 40 n.79
27:45 - 31 n.53, 36 n.69, 42
27:51 - 33 n.61, 36
27:51-53 - 29, 36 n.69
27:51-54 - 29 n.45
27:52 - 33 n.61
28:2 - 29 n.45
- Bitínia [top.] - 30 n.50, 31 n.55,
33, 34, 36, 42, 55, 150
- Bitis - 150
- Bloch - 58 n.118
- Blundell - 96 n.207
- Boardman - 91 n. 196
- Boehringer - 29 n.212
- Boissonade - 14 n.5
- Bolo de Mendes
- Χειρόμηκτα, *Remédios Artificiais*
- 15 n.10
- Bolonha [top.] - 55, 149, 149
n.328, 150-152, 196
- Bompaire - 45 n.92
- Bonzes - 150
- Bóreas-cavalo [mit.] - 97 n.208
- Borgeaud - 87 n.189
- Bos - 153 n.339
- Bósporo [Cimeriano] - 54, 101,
108
- Bouché-Leclercq - 106 n.218
- Brauer - 29 n.45, 36 n.68
- Bravo García - 45 n.92
- Bremmer - 20 n.25
- Briareu [mit.] - 138 n.297
- Brillante - 52 n.104
- Brisson - 62 n.127, 64 n.132, 67
n.147, 76 nn.165, 166, 77
n.170, 90 n.195, 91 n.196, 92
n.200, 99 n.212, 121 n.239,
130 nn.256, 257
- Brixelo (Brescello) [top.] - 55, 149,
152
- Brocca - 112 n.231
- Brodersen - 22 n.29, 48, 53 n.106,
59 n.122, 89 n.190
- Brown - 123 n.245
- Bruto - 66 n.140, 69 n.153

- Bryan - 31 n.51
 Bubaste [top.] - 91 n.196
 Buffière - 51 n.102
 Buplago - 53 n.107, 59, 79, 111, 125, 126
 Burgess - 51 n.102
 Búria Licnenis - 105, 151
 Burkert - 19 n.21, 70 n.153, 91 n.196, 106 n.217
 Burma [top] - 86 n.187
 Burriss - 69 n.153
- C**
- Cairo [top.] - 31 n.55
 Calame - 97 n. 208
 Calígula - 85 n.185
 Calímaco de Cirene (Call.) - 60, 130
Hymni
 5.75-136 - 131 n.258
Pinakes - 17 n.16
Seleção de Estranhos Eventos/ Maravilhas (Παραδόξων ἐκλογή/θαυμάσια) - 15 n.10
 Fragmenta
 fr. 576 Pf. - 130 n.255
 fr. 577 Pf - 131 n.259
 Calino (Callin.)
 Fragmenta
 fr. 1.5-8 Diehl - 104
 (Ps.-) Calístenes (Callisth.)
 2.33 - 54 n.109
 22.11.1-4 - 92
- Callebat - 19 n.20
 Calvísio - 34 n.64
 Calvo Ateriano - 91 n.196
 Calvo Martinez - 70 n.154
 Câmalo - 150
 Cameron - 93 n.204
 Campbell - 14 n.6
 Campo de Marte - 154 n.342
 Cânace [mit.] - 97 n.208
 Cancik - 111 n.229
 Canopas - 86 n.186
 Cantarella - 90 nn.193, 195
 Cantolgúnio, filho de - 150
 Capitolino - 111
 Capitólio - 56 n.112, 108, 112
 Capoue (Cápua) [top.] - 89 n.192
 Cardia - 57, 76 n.164
 Cária [top.] - 22, 91 n.196
 Caristo - 72
 Carito - 74, 117-119
 Carrier - 29 n.46, 30 n.49, 36 n.69
 Cartagines(es) [etn.] - 54, 141
 Casa estafilina - 19 n.21
 Casa maronesa - 19 n.21
 Casa toante - 19 n.21
 Casa dos tantálidas - 19 n.21
 Cassandra [mit.] - 79 n.173
 Cássio (Cass.) - 85 n.185
 68.25 - 69 n.153
 Cássio, epicurista- 66 n.140
 Castor [mit.] - 97 n.208
 Catálogo varroniano - 112 n.231
 apud Lact. *Inst. Diu.*, 1.6.7-14

- 113
- Carão, o Antigo (ou Censor) - 22
n.31
- Cátia - 149
- Cautulo (Catul.) - 108
68.51 - 91 n.196
- Cavallo - 13 n.4
- Cavalos de Neseia - 128
- Célio (Cael.)
4.9 - 82 n.177
- Celso (*Cels.*) - 39, 41, 42
De Medicina
2.6.15 - 75 n.162
- Celta(s) [etn.] - 128
- Céltio - 150
- Céltio, filho de - 151
- Cêncreas - 73 n.159
- Ceneu (de Lápita) [mit.] - 93
n.204, 131, 131 n.260
- Cénide - 131
- Cénis [mit.] - 93, 93 n.204, 131
n.260
- Centouro(s) - cf. Hipocentouro(s)
- 9, 58, 60, 88, 88 n.190, 89,
145
- Ceprizo, filho de - 150
- Cerco de Amiso - 108
- Cereónia Verecunda - 151
- Ceres [mit.] - 92, 97 n.208
- Cesélio Ciro - 149
- Cesénio Peto - 56, 141
- Céu - 34, 37, 81 n.174, 124
- Chabot - 30 n.50
- Chapman - 24 n.37, 49 n.99
- Charles - 25 n.38
- Chaudon - 133 n.275
- China [top.] - 34 n.62
- Chipre [top.] - 91 n.196
- Chronicon Paschale, Crónica Pascal*
- 39
- Chronicum Alexandrinum* - 39
- Chronicum Constantinopolitanum*
- 39
- Cibele [mit.] - 90 n.195
- Cícero (Cic.) - 14 n.6
Admiranda, A Propósito de
Maravilhas - 14 n.6
De Oratore (De Or.)
2.239 - 86
Divinatio (Div.)
1.27 - 69 n.153
Natura Deorum (N.D.)
1.36-37 - 19 n.22
3.39-40 - 19 n.22
Pro Caecina (Caec.)
28 - 105
Pro Cluentio (Clu.)
103 - 105
- CIL* 1(2) 1004 - 86 n.186
- Cila, filha de - 150
- Cilene, Montanha [top.] - 93, 130
- Ciméria [top.] - 54, 101, 113, 141
- Ciméria, Sibila de - 113
- Cipião, mãe de - 97 n.208
- Cipião Africano - 79
- Circe [mit.] - 70 n.154
- Cirene [mit.] - 97 n.208

- Cirene [top.] - 15 n.10
- Ciro - 108, 149
- Citas [etn.] - 84 n.182
- Cláudio - 56, 85 n.185, 88 n.190, 111, 132
- Cláudio Eliano (Ael.)
De Natura Animalium (Περὶ ζῴων ἰδιότητος) - 16 n.13
- Clearco - 60, 130
- Clemente de Alexandria (Clem. Al.)
Protrepticus (*Protr.*)
 4.54.3 - 19 n.21
Stromateis (*Strom.*)
 1.145-146 - 35 n.66
- Cleodeu, filho de - 159
- Cléon - 49 n.98
- Cleónico de Pisa, filho de - 159
- Cleóstenes - 159
- Clésipo - 86 n.186
- Clímene [mit.] - 109
- Clinton - 31 n.54, 133 n.273
- Clitarco - 15 n.8
- Clitemnestra [mit.] - 69 n.153, 96 n.207, 97 n.208, 117 n.233
- Clodia Ptesta - 151
- Cobb - 81 n.174
- Cocnânia Musa - 105, 151
- Codex uetustissimus Heidelbergensis Palatinus Graecus* 398 (P) - 17 n.15
 fl. 216r - 45, 58
 fls. 11r-16v: Anónimo, *Periplus Ponti Euxini* - 17 n.15
 fls. 30v-40r: Flávio Arriano, *Periplus Ponti Euxini* - 17 n.15
 fls. 40v-54v: Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei* - 17 n.15
 fls. 55r-56r: Hanáo de Cartago, *Periplus* - 17 n.15
 fls. 56v-59v: Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis* - 17 n.15
 fls. 216r-230r (Περὶ Θαυμασίων) - 46
 fls. 216r-236r - 17 n.15, 45
 fls. 230r-234v (Περὶ Μακροβίων) - 46
 fls. 234v-236r (Περὶ τῶν Ὀλυμπίων) - 46
Codex Vaticanus Graecus 305 Cohen - 130 n.256
- Cóio do Bósforo - 108
- Collobert - 68 n.147
- Cómodo - 85 n.185
- Comparetti - 62 n.127
- Conímbriga - 55, 151 n.330
- Conimbrigesia - 55, 150-151
- Cónon - 18 n.18
 45.3 - 68 n.148
- Cónon (arconte) - 56, 143
- Constantino (imperador) - 54 n.109
- Constantino Porfirogénito (Constant. Porphyrog.)
De Thematibus (*Them.*)
 2. 12 - 108

- Córdoba - 69 n.149
 Core [mit.] - 92
 Core, mãe de [mit.] - 134
 Córigo - 159
 Corinto [top.] - 73 n.159
 Cornélia (Ímola ?) [top.] - 55, 149, 151, 152
 Cornélio Galiciano - 88
 Cornélio Galicano, esposa de - 53 n.107, 142
 Corsiolo [top.] - 55, 152
 Coto [mit.] - 138 n.297
 Crátero (Crater.) - 60
 fr. 18 Muller - 144 n.324
 Crátero, irmão - 50, 144
 Crátero, marido - 72
 Crawford - 76 n.165
 Creme [top.] - 107
 Creste - 104, 150
 Creta, Ilha de [top.] - 65 n.136, 99 n.213, 108
 Cretenses [etn.] - 101, 106
 Creuzer - 93 n.202
 Críson - 150
 Crisóstomo - 42
 Crisandade - 30, 38
 [Judaico-]Cristão(s) [etn.] - 5, 9, 12, 20 n.24, 21 n.28, 23, 25 n.38, 27, 30, 34 n.62, 35, 39, 42, 42 n.81, 43, 61, 63, 68, 90
 Cristo - 9, 24, 24 n.35, 25-27, 27 nn.41, 42, 28 n.44, 29 n.45, 30 n.51, 32, 32 n.56, 33- 35, 35 nn.64-66, 36, 36 n.69, 37, 39-43, 67, 67 n.147, 75 n.162, 107
 Crónida [epit.] - 90 n.195, 126
 Cronos [mit.] - 63, 82 n.176, 97 n.208, 109
 Ctesébio - 54, 57, 104, 151
 Ctésias de Cnido - 15 n.8
 Cuartero - 159 n.343
 Cumas [top.] - 95, 113
 Cumas, Sibila de - 113, 137 n.293
 Cumeia [top.] - 136
 Cupido [mit.] - 67 n.147, 74 n.160
 Cupido, Sonho de - 67 n.147
 Cúrtio Rufo - 59 n.122
 Cusinia Mosque - 151
- ## D
- Dalmácia [top.] - 54, 138
 Damascio de Alexandria - 16 n.13, 20
Acerca de Acontecimentos Incríveis - 16 n.13
Acerca de Incríveis Recontos de Demónios - 16 n.13
Sobre Inacreditáveis Aspetos Naturais - 16 n.13
Sobre Inacreditáveis histórias de Almas aparecidas após a Morte - 16 n.13
 Damastes - 104
 Dânao [mit.] - 84, 144, 144 n.320
 Darbo-Peschanski - 50 n.100
 Dárdano, filha de - 112
 Dario - 14 n.8, 66
 Dasen - 85 n.183
 Daston - 13 n.1, 90 n.195

- Dawson - 24 n.37
- De Jong - 63 n.130
- Décimo Júnio Silano Torquato - 56, 132
- Decles de Messene - 110, 161
- Dédalo *Eécion* [mit.] - 128
- Deímaco - 17 n.15
- Dejanira, filho de [mit.] - 159
- Delcourt - 90 n.195
- Delcroix - 13 n.5, 20 n.26
- Délfico(s) [etn.] - 110
- Delfos [top.] - 113, 123, 126, 126 n.250, 159, 160
- Delfos, Oráculo - 59, 80, 110
- Delfos, Sibila(s) de - 113
- Délios [etn.] - 109
- Delos [top.] - 108, 109
- Deméter [mit.] - 92, 94, 134-136
- Deméter-égua [mit.] - 97 n.208
- Demétrio, filho de - 150
- Demócrito de Abdera - 103-105, 151
- Demófilo - 56
- Demóstenes (D.)
46.16 - 96 n.207
258 - 62
- Demóstrato - 117, 119
- Demóstrato, casa de - 120
- Demóstrato, filha de - 72
- Demóstrato (arconte) - 56, 142
- Demy - 25 n.38
- Depo - 107
- Destino [mit.] - 19, 59, 78, 80, 89 n.193, 95, 101, 106, 123, 124, 134, 152
- Destrée - 68 n.147
- Deus - 25 n.38
- Deusas Sírias - 91 n.196
- Diana [mit.] - 91 n.196
- Dicearco - 60, 130
fr. 37 Wherli - 130 n.254
fr. 38 Wehrli - 131 n.259
- Díctis Cretense - 101, 139 n.301
- Dido [mit.] - 65, 69 n.151
- Diels - 56 n.112, 94 n.205
- Digesta
5.4.3 - 144 n.319
34.5.7 - 144 n.319
46.3.36 - 144 n.319
- Dillon - 67 n.147
- Dimetes [mit.] - 74 n.160, 118 n.235
- Dinastia de Ptolomeu - 19 n.21
- Dingwall - 77 n.168
- Dinófilo - 142
- Dio Cássio (D.C.) - 22
Historia Romana - 44
55.93 - 36 n.69
58.27.1 - 58 n.120
71.9 - 25 n.38
80.13.2 - 96 n.206
80.16.1-5 - 82 n.177
80.16.7 - 96 n.206
- Diodoro (Diod.)
4.14 - 109
- Diodoro Sículo (D.S.) - 109
1.25 - 64 n.131

- 1.69 - 13 n.4
 4.25.2 - 68 n.148
 4.6.5 - 91 n.196
 4.69.4-5 - 88 n.190
 4.70.1 - 88 n.190
 32.10.2-9 - 92
 Diófanes - 16 n.12
 Diógenes Laércio (D.L.)
 prlg. 9 - 63 n.130
 1.10.111 - 105
 6.46 - 82 n.177
 9.43 - 103
 (Ps.-) Dionísio Areopagita
Epíst.
 7 - 32 n.56
 ΠΟΥΛΚΑΡΠΩΙ ΙΕΡΑΡΧΗΗ Heil-
 -Ritter - 42
 268 - 32 n.56
 1081a - 32 n.56
Scholia
schol. apud Dionys. Areop.
 4.425 - 40
 Dionísio de Halicarnasso (D.H.)
Antiquitates Romanae
 4.62.4 - 112
 Dionísio Petávio
De Doctrina Temp.
 12.21 - 43 n.83
 Dionisodoro - 132
 Diónisos [mit.] - 19 n.21, 43 n.83,
 62 n.127, 63, 68 n.149, 82
 n.176, 90 n.195, 132
 Dionosoro - 56
 Dióscoros [mit.] - 66, 68 n.149
 Diosierita [top.] - 107
 Diótima [mit.] - 83, 99 n.212
 D'Ippolito - 13 n.1
 Dispõncio, cidades de [top.] - 108
 Disponto [mit.] - 108
 Diza, filho de - 150
 Dizasto, filho de - 150
 Docúrio - 105, 150, 151
 Dodds - 13 n.1, 66 n.142
 Domiciano César - 56, 142
 Dória, Invasão - 109
 Doroszevska - 133 n.267
 Doroteu de Hielopólis - 60, 82,
 143 n.314
Hypomema - 51
Reminiscências - 143
 Douglas - 52 n.106
 Dover - 82 n.177
 Dowden - 19 n.21
 Dríope [mit.] - 97 n.208
 Dúris de Samos - 15 n.8
 Dutsch - 85 n.184
- E**
- Éaco [mit.] - 97 n.208
 Edelstein - 17 n.14
 Edésio - 150
 Edmonds - 91 n.195
 Efésio(s) [etn.] - 70 n.155
 Éfeso [top.] - 51, 53 n.107, 54, 58,
 76, 112, 121, 125
 Efiates [mit.] - 98 n.212
 Éforo [de Cime] - 104

- Ephippos*, Ἐφίππος - 15 n.9
 Egina [mit.] - 97 n.208
 Egipano(s) [etn.] - 54 n.109
 Egito [mit.] - 84, 144, 144 n.320
 Egito, irmão de [mit.] - 144 n.322
 Egito [top.] - 53 n.109, 54, 96
 n.208, 113, 140, 143, 144
 n.320, 145
 Egito, prefeito do - 145
 Egito, Sibila do - 113
 Elagábalo - 96 n.206
 Elateia [top.] - 54, 125
 Elato - 131
 Elatos [mit.] - 93 n.204
 Elbonde, cidades de [top.] - 109
 Eleia [top.] - 109
 Eletra [mit.] - 117 n.233
 *Eleu - 107
 Eliano (Ael.)
 Acerca de Características dos Ani-
 mais, Περί ζώων ιδιότητος -
 16 n.13
 De Natura Animalium (NA) -
 16 n.13
 13.21 - 54 n.109
 Varia Historia (VH)
 12.35 - 113
 Eliano(s) [etn.] - 159, 160, 160 n.346
 Pais Elianos - 160
 Élio Esparciano (?) - 43, 44 n.87
 Alexander Severus
 34.2-4 - 86 n.86
 Commodus
 11.1 - 85 n.185
 Heliogab.
 29.3 - 86 n.186
 Scriptores Historiae Augustae
 (*SHA*) - 43, 86 n.86
 1 - 44
 1.16.1 - 44
 Vita Hadriani, Vida de Adriano
 - 45
 16.1 - 43
 Vita Severi
 20 - 43 n.85
 Élis [top.] - 109
 Empédocles (Emp.)
 fr. 57-61D-K - 84 n.180
 Empusa [mit.] - 73 n.159
 Endimion [mit.] - 109
 Endsjø - 31 n.51
 Eneias [mit.] - 65
 Eneias de Gaza
 Theophrastus - 69 n.149
 Énios, zonz dos [top.] - 128
 Enómao [mit.] - 160
 Epicuro (Epicur.) - 64 n.134
 apud D.L. 10.124-126 - 61
 n.124
 Epidauro [top.] - 54
 Epifânio
 Panarion
 51.23 35 n.66
 Epimedes [mit.] - 109
 Epiménides de Creta - 65 n.136,
 106
 Epirota(s) [etn.] - 70 n.155, 76
 n.164, 127

- Er [mit.] - 64 n.131, 65 n.136, 67 n.147
- Era Cristã - 17 n.13
- (Ps.-) Eratóstenes (Eratosth.) - 18 n.18
- Καταστερισμοί, Catasterismi (Cat.)*
- 1.6D - 68 n.149
- 24 - 68 n.148
- Erínias [mit.] - 69 n.153
- Erínia-cavalo - 97 n.208
- Eritreia [top.] - 55, 106, 111, 113, 152
- Eritreia, Sibila(s) de - 55, 106, 111, 113, 152
- Ernesti - 89 n.190
- Eros* [mit.] - 87, 96 n.208, 99 n.212
- Escáliger - 39
- Animadv. in Euseb. Chron:* 185 - 46
- Animadv. in Euseb. p.* 186a - 42 n.82
- Escílax de Carianda - 15 n.8
- Escirtos [etn.] - 108
- Escoridiscos [etn.] - 108
- Esmirna [top.] - 54
- Esmirna, bispo de - 81 n.174
- Esmírneo(s) [etn.] - 132
- Esopo (Aesop.) - 87 n.188
- Esparta [top.] - 77 n.167
- Espartano(s) [etn.] - 110
- Esporo - 96 n.206
- Espúrio
- Espúrio, filha de - 149
- Espúrio, filho de - 149
- Ésquilo (A.)
- Agamemnon (Ag.)*
- 11 - 96 n.207
- 177 - 63
- 788 - 73 n.159
- 928929 - 63
- 1072-1330 - 79 n.173
- Choephoroi (Ch.)*
- 549-550 - 69 n.153
- **Cressae* - 68 n.149
- Eumenides (Eu.)*
- 94-139 - 69 n.153
- 723-728 - 68 n.149
- Persae (Pers.)*
- 354 - 69 n.153
- 681-693 - 66
- Fragmenta
- fr. 116-120 *TrGF* - 68 n.149
- fr. 228 Radt - 62 n.127
- Ésquines (Aeschin.)
- Contra Ctesifonte*
- 72.14 - 13 n.4
- 111 - 84 n.180
- Estado Romano - 111
- Estáfilo - 19 n.21
- Estéfano de Bizâncio (St. Byz.) - 107-109
- Περὶ Πολέων - 107
- Estesícoro (Stesich.)
- fr. 219 PMG - 69 n.153
- Estesícoro (filósofo?) - 18 n.19

- Estêvão de Bizâncio
Ethnica - 41 n.80
 Estrabão (Str.) - 109
 Estratão de Lâmpsaco (Strat.) -
 125 n.246
*Acerca de animais cuja existên-
 cia se questiona*, Περὶ τῶν
 ἀπορουμένων ζώων - 15
 n.9
Sobre animais em mitos, Περὶ
 τῶν μυθολογουμένων
 ζώων - 15 n.9
 7.3.6 - 84 n.182
 8 - 110, 110 n.223
 8.3.30 - 109
 8.3.33 - 109
 13.4.5 - 13 n.4
 16.4.22-24 - 84 n.182
AP 12.236 90 n.195
 Etete [mit.] - 94, 133
 Eteto [mit.] - 94, 133
 Etióπια [top.] - 84 n.182
 Etólia [top.] - 53 n.107, 54, 58, 76,
 76 n.165, 80, 121, 121 n.239,
 127
 Etólio(s) [etn.] - 70 n.155, 71, 76,
 76 nn.164, 165, 121, 124, 125
 Etósia [top.] - 55, 149
 Eulímene [mit.] - 74 n.160
 Êumaco - 60
Descrição Geográfica/Periétese
 de Cartago (Περιήγησις) -
 51, 141
 Fragmenta
 fr. 2 Müller - 141 n.304
 Euménides [mit.] - 75, 111, 120
 Eurásia [top.] - 86 n.187
 Eurídice [mit.] - 64 n.131, 68
 n.149
 Eurino - 70 n.155, 71, 74
 Eurípides (E.)
Alcestis (Alc.) - 66
 357-362 - 68 n.149
Andromache (Andr.)
 1271-1272 - 62
Bacchae (Bacch.)
 561-564 - 68 n.148
Electra (El.)
 1056 - 117 n.233
Hecuba (Hec.)
 35-41 - 69 n.152
Iphigenia Aulidensis (IA)
 520-521 - 61 n.123
 956-958 - 61 n.123
 1211-1214 - 68 n.148
Orestes (Or.)
 618 - 69 n.153
 Fragmenta
 fr. 638 Kannicht - 63 n.129
 fr. 833 Kannicht - 63, 63
 n.129
 fr. 964 Nauck - 68 n.149
 fr. 996 Nauck - 85 n.185
 Eurípon, filho de - 159
 Eurirroo [mit.] - 144
 Europa [mit.] - 97 n.208, 113, 144
 Europa [top.] - 16 n.12, 126-128
 Europa, Sibila - 113

- Eusébio [Pânfilo] de
 Cesareia(Eus.) - 9, 25, 32, 34,
 34 n.64, 39, 41, 43, 107
apud Sykes - 34 n.63
Chronicon (Chron.)
 1.190-194 - 110 n.223
 203.1 - 107
*Historiae Ecclesiae, Historia Ec-
 clesiastica*
 1.10.1-2 - 35-36
 1.4.15 - 81 n.174
 5.5 - 25 n.38
*Pamphili Praeparationis Evan-
 gelicae*
 4.17 - 23
- Eustácio (Eust.)
*Commentarii ad Homeri Ili-
 dem et Odysseam (ad Hom.)*
 p. 372 - 53 n.109
 p. 631
 p.1702
Od.
 4.450 - 130 n.256
 10.494 - 130 n.257
- Euxino, Mar [top.] - 141 n.305
- Evans, E. - 85 n.185
- Evans, R. - 84 n.182
- Evário
Hist. Eccl. 1.20-21 - 109
- Evémero [mit.] - 18 n.18, 19 n.21
- Eveno, filha de [mit.] - 100
- Evero, filho de - 130
- Evope [mit.] - 118 n.235
- F**
- Fabrcio
 4.15.7 - 44 n.87
- Faenza [top.] 55
- Fanes [mit.] - 90 n.195
- Faraone - 70 n.153
- Fasti Siculi* - 39
- Fausto - 57 n.115, 105, 152
- Favência [top.] - 55, 149, 151
- Favorino - 92, 92 n.197
- Febo [mit.] - 136
- Febo Apolo - 130, 138, 154
- Febo Péan - 136
 Santuário de Febo - 123
- Fedro (Phaedr.) - 108
 4.15-16 - 82 n.177
 5.1 - 82 n.177
- Felton - 77 n.168
- Ferécides - 18 n.18
- Ferrini - 13 n.4
- Festa - 89 n.190
- Festival Olímpico - 159, 160
- Festugière - 71 n.155
- Fidência [top.] - 150
- Fidiculânio - 105
- Filarco - 15 n.8
- Filínion - 72-74, 117-119
- Filipe [II da Macedónia] - 53
 n.107, 72-74
- Filipos [top.] - 55, 71, 150
- Fílira [mit.] - 97 n.208
- Filo de Bizâncio
De septem orbis spectaculis - 17

- n.15
- Filócoro - 91 n.196
- Filodemo (Phld.)
De pietate
 131 - 68 n.149
Sign. (περὶ σημείων καὶ σημειώσεων)
 4 De Lacy - 133 n.268, 139 n.201
- Fílon de Heracleia
Περὶ θαυμασίων, Sobre Maravilhas - 15 n.10, 59 n.122
- Filópono - 9, 25, 36
De officio mundi 2.21 - 36
- Filostéfano Cireneu
Περὶ παραδόξων ποταμῶν, A respeito de Rios Maravilhosos - 15 n.10
- Filostórgio - 22 n.28
História Eclesiástica 1.1 - 22 n.28
- Filóstrato (Philostr.)
Her.
 2.7-11 - 68 n.149
Vita Apollonii
 3.38 - 69 n.153
 4.25 - 73 nn.158, 159
 6.27 - 54 n.109
Vitae Sophistarum (VS)
 489 - 92
- Filótis - 94, 132
- Finley - 85 n.183
- Fisher - 39 n.76
- Fito - 106 n.217
- (Ps.-) Flávio Arriano
Periplus maris Erythraei 17 n.15
Periplus Ponti Euxini - 17 n.15
- Flávio Estílico - 112
- Flávio Josefo - 36
- Flégon de Trales (cf. Traliano) - 3, 5, 6, 9, 11, 12, 16 n.12, 17 n.15, 21, 21 n.27, 21-22 n.28, 22, 22 n.31, 23, 24, 24 n.35, 25, 26, 26 n.39, 27, 27 nn.41, 42, 28, 28 n.44, 29, 29 n.46, 30, 30 nn.50, 51, 31-33, 35, 35 n.64, 36, 36 n.69, 37, 38, 38 n.70, 39, 40, 40 n.77, 41, 41 n.80, 42-45, 45 n.90, 46, 49, 49 nn.98, 99, 50, 53 n.107, 57 n.115, 58, 60, 61, 70, 71, 73, 74, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 89 n.193, 92, 93, 93 n.201, 94, 96 n.206, 98-103, 105-110, 112, 142 n.311, 144 nn.321, 323
Acerca de Vidas Longas (Περὶ μακροβίων, *Peri Macrobion*) (*Macr.*) - 9, 10, 16 n.13, 21 n.28, 22, 46, 48, 147
 1 - 104, 149
 2 - 54, 57 n.114, 103, 151
 3 - 105, 152
 4 - 57 n.115, 103, 152
 5 - 152
 6.1 (5.2) - 55, 152
 6.2 - 106, 153
 6.3 - 55, 154
Crónicas - 40 n.77

Livro 13 - 25, 26, 26 n.39	461-465 - 94
Livro 14 25, 26, 26 n.39	464 - 94
Cronografias	466-470 - 94
Livro 13 - 41	10A.468 - 47 n.96
<i>Descrição da Sicília</i> (Ἐκφρασις Σικελίας) - 16 n.31, 21 n.28	471-475 - 94
	476 - 94
<i>Építome dos Vencedores Oímpicos</i> (Ἐπιτομὴν ὀλυμπιονικῶν) - 16 n.13, 21-22 n.28	482-483 - 94
	484-486 - 94
	489-492 - 95
<i>Fenómenos Assombrosos</i> (Περὶ θαυμασίων, <i>Mirabilia</i>) (<i>Mir.</i>) - 5, 9, 10, 16 n.13, 22, 46, 48, 57, 61, 115	483-495 - 95
	10B.494 - 47 n.96
#1 - 50, 53 n.107, 54, 111, 117	497-499 - 95
#1-3 - 9, 58, 58 n.117	500-501 - 95
#1-35 - 58	502- 503 - 95
#2 - 51, 53 n.107, 54, 111, 121	504 - 95
#3 - 51, 53 n.107, 54, 56, 111, 125	10B.504 - 47 n.96
#4 - 51, 89 n.193, 93, 110, 130-131	507-510 - 95
#4-10 - 58, 58 n.117, 81	511 - 95
#5 - 54, 92, 93, 110, 131	512-513 - 95
#6 - 54, 56, 92, 94, 111, 131- 132	515 - 95
#7 - 53 n.107, 54, 56, 93, 94, 132-133	516-522 - 95
#8 - 54, 56, 94, 133	523-524 - 95
#9 - 53 n.107, 54, 56, 93, 94, 133	#11 - 51, 54, 100, 101, 138
#10 - 54, 56, 93, 94, 111, 112, 133-137	#11-19 - 58, 58 n.117, 81, 100
445-452 - 94	#12 - 51, 54, 138
453 - 94	#13 - 51, 53 n.107, 101, 102, 111, 138 n.295, 139
	#14 - 51, 53 n.107, 54, 101, 111, 139-140
	#15 - 51, 53, 54, 102, 140
	#16 - 50, 51, 54, 102, 140
	#17 - 51, 54, 101, 103, 140- 141

- #18 - 51, 54, 101, 141, 141
n.306
- #19 - 50, 51, 54, 101, 139
n.301, 141
- #20 - 53, 53 n.107, 56, 89, 141
- #20-31 - 58, 58 n.117, 81
- #21 - 53, 53 n.107, 89, 142
- #22 - 53 n.107, 54, 56, 87, 88,
142
- #23 - 53 n.107, 54, 56, 87, 88,
12
- #24 - 54, 56, 87, 142
- #25 - 53 n.107, 54, 89, 89
n.193, 111, 143
- #26 - 51, 54, 82, 143
- #27 - 54, 56, 83, 143
- #28 - 51, 54, 83, 84, 143
- #28-29 - 54
- #28-31 - 83
- #29 - 53 n.107, 54, 83, 144
- #30 - 51, 84, 144, 144 n.323
- #31 - 84, 144
- #32 - 50, 102, 144
- #32-33 - 58, 58 n.117
- #33 - 51, 53 n.107, 54, 102,
145
- #34 - 54, 88, 145
- #34-35 - 58, 58 n.117
- #35 - 53, 89, 145-146
- Olympicorum et Chronicorum*
13 apud Eusébio, *Chronicon*
1.1 - 32
- Sobre as Olimpíadas*, Περὶ τῶν
Ὀλυμπίων (*Olymp.*) - 9, 10,
22, 46, 157
- 1 - 107
- 8 - 107
- 13 - 30 n.50, 34, 107
- 14 - 107
- 15 - 107
- 24 - 107
- Sobre Festividades dos Romanos*,
Περὶ τῶν παρὰ Ῥωμαίοις
ἐρτῶν - 16 n.13, 21-22 n.28
- Sylloge Olympionicarum et Chroni-
corum*
- Topografia e Onomástica de*
Roma (Περὶ τῶν ἐν Ῥώμῃ
τόπων καὶ ὧν ἐπικέκληται
ὀνομάτων) - 16 n.13, 21-22
n.28
- Fragmenta
- Mir.* 10.440 Diels 31 - 134
n.278
- Mir.* fr. 59 - 144 n.320
- Flélton - 21 n.27
- Fócia [top.] - 125 n.247
- Fócio (Phot.) - 46, 49, 49 n.99,
108
- Bibliotheca (Bibl.)*
- 97 - 49
- 97.2.e - 43 n.86
- 130 - 20
- 250.7 - 69 n.149
- 443b - 69 n.149
- Fórum Romano - 54, 101
- Foucault - 97 n.208
- Fowler - 69 nn.151, 153, 88 n.190,
110 n.226
- Fragmente der griechischen*

<i>Historiker (FGrHist)</i>	16b - 28 n.44
<i>Fragmenta Historicorum Graecorum</i>	16c - 36
	16e - 26
3: 602-608 - 107	86 F4 - 57, 151 n.333
3: 603-604 - 49	115 F75 - 54 n.109
F1 - 110	154 T2 - 57, 151 n.332
F2 - 107	244 F49 - 57, 151 n.331
F3 - 107	256 F1 - 29
F4 - 107, 108	257 F16 - 29
F6 - 108	257 F38 - 106
F7 - 108	257 F40 - 107 n.220
F7a - 108	342 T4 - 144 n.324
F8 - 107	508 F*2 - 125 n.246
F9 - 107	568 F1 = (tom. III, p. 623) -
F10 - 108	144 n.320
F11 - 108	715 F13 - 145 n.325
F12 - 108	715 F13c - 144 n.324
F13 - 108	Franz - 48
F14 - 107	Frates - 108
F15 - 107	Frígia [top.] - 113
F16 - 107	Frígia, Sibila de - 113
F17 - 108	Fritsch - 89 n.190
F18 - 107	Fronton - 150
F19 - 108	Frutiger - 67 n.147
F20 - 108	Fulgêncio (Fulg.)
F21 - 108	2.14 - 88 n.190
F22 - 109	Fúrio - 89 n.193
F23 - 109	Furnita [top.] - 108
F25 - 109	
F26 - 109	
F27 - 109	
F28 - 109	
p. 1165 - 32	
	G
	Gabba - 14 n.6
	Gades, cidadãos de [etn.] - 54
	n.109

- Gager - 20 n.24
 Gaia - 138 n.297, 154
 Gaio - 104
 Gaio, filha de - 149
 Gaio, filho de - 149-151
 Gaio, liberta de - 150, 151
 Gaio, liberto de - 149
 Gaio Amúrio Tiro - 149
 Gaio Cássio Pude - 149
 Gaio Hortênsio Fronto - 149
 Gaio Júlio Poto - 149
 Gaio Lália Tiônio - 151
 Gaio Leldio - 105
 Gaio Lelédio Primo - 151
 Gaio Montiano - 105
 Gaio Nónio Máximo - 149
 Gaio Pompeio Galo - 56, 142
 Gaio Pompúcio - 152, 154
 Gaio Sâmio - 151
 Gaio Tí<c>io Cómune - 149
 Gaio Titoneu - 105
 Gaio Váio Tércio - 149
 Gaio Valério Primo - 149
 Galateia [mit.] - 93 n.204
 Galeno de Pérgamo (Gal.) - 81,
 97, 98
de Usu Partium (UP)
 14.6 - 98 n.209
 Ganimedes [mit.] - 97 n.208
 García Moreno - 19 n.20
 Garland - 84 n.181
 Gaza - 150
 Gaza [top.] - 69 n.149
 Geffcken - 111 n.227
 Gegânia - 86 n.186
 Géminos - 35 n.66
 Gerana [mit.] - 53 n.109
 Gergícia, Sibila - 107
 Gergis [top.] - 107
 Germânia [top.] - 143
 Giannini - 13 n.3, 48
 Giges [mit.] - 138 n.297
 Gill - 53 n.106
 Glaucipe [mit.] - 86 n.188
 Glauco [mit.] - 68 n.149
 Gláucon - 65 n.136
 Glénisson - 45 n.92
 Goethe
*Die Braut von Korinth, A Noiva
 de Corinto* - 75
 Gómez Espelosín - 17 n.15, 19
 n.20
 Gonzalez - 68 n.147
 Goodey - 84 n.181, 86 n.186
 Gordon - 110 n.226
 Grécia [top.] - 22 n.31, 125 n.247
 Grego(s) [etn.] - 5, 7, 11, 12, 14,
 21 n.27, 22, 22 nn.28, 31,
 25, 25 n.38, 26, 32 n.56, 44,
 46, 47, 47 n.94, 48, 49, 57,
 67 n.146, 68 n.149, 76 n.165,
 82 n.176, 90, 105, 107, 109,
 112, 113, 125 n.246, 127,
 135, 136 n.292, 137, 160,
 161
 Griffith - 14 n.5
 Gripari - 73 n.157
 Groneberg - 96 n.206, 99 n.212

- Grotius
De Verit. Rel. Christ.
 1.3.14 - 24 n.35
 Guthrie - 90 n.195, 110 n.226
- H**
- Habermas - 32 n.57
 Hades [mit.] - 63, 68 n.149, 94,
 95, 126, 129, 136
 Hägg 17 n.15
 Haight - 111 n.227
 Halicarnasso [top.] - 91 n.196, 112
 Hall - 29 n.46, 31 n.52
 Halperin - 97 n.208, 99 n.212
 Hammer - 18 n.17
 Hampson - 93 n.203
 Hanão de Cartago
Periplus - 17 n.15
 Hankinson - 106 n.219
 Hansen - 13 n.1, 22 n.28
 Hartog - 50 n.100
 Hawes - 19 n.21
 Heródoto (Hdt.) - 15 n.8, 18 n.18,
 51
 1.1 - 19 n.20
 1.66 - 134 n.279
 1.163.2 - 57, 91 n.196, 152,
 152 n.335
 2.46 - 96-97 n.208
 2.53 - 51 n.102
 2.60 - 91 n.196
 2.143 - 19 n.21
 3.99 - 145 n.325
 4.13-16 - 64 n.131
 4.94-96 - 64 n.131
 4.191.4 - 89 n.191
 5.92g.2 - 66
 7.16b2 - 64 n.134
 7.37 - 36 n.69
 8.138 - 54 n.1 - 09
 Hebreu(s) [etn.] - 29, 113
 Hecateu de Mileto - 15 n.8,19
 n.21
 Genealogias - 18 n.18
 Hefesto [mit.] - 84, 86
 Heirmann - 79 n.173
 Heitor [mit.] - 65
 Helânico - 18 n.18
 Helanódicos [etn.] - 159
 Helena [mit.] - 97 n.208
 Helénico - 104
 Helesponto [top.] - 113, 127, 128
 Helesponto, Sibila de - 113
 Hélio [mit.] - 154
 Heliodoro (Hld.)
Aethiopia
 4.8 - 84 n.180
 Heliogábalo cf. Elagábalo - 96
 n.206
 Heliópolis [top.] - 32 n.56
 Helos [top.] - 160
 Hémon, filho de - 159
 Henrichs - 62 n.129, 78 n.171
 Hera [mit.] - 88 n.190, 94, 95,
 131, 135 n.284, 136, 136
 n.292, 137
 Hera, altar - 155

- Hera, templo(s) de - 137, 154
- Heracleia [top.] - 15 n.10, 59
n.122, 125
- Héracles [mit.] - 68 n.149, 100
n.214, 109, 110, 159, 160
- Héracles, descendente(s) de [mit.]
- 109, 159
- Heraclidas [mit.] - 110 n.223
- Heraclides Lembo
Ἱστοριῶν παραδόξων
συναγωγή, Histórias
Admiráveis - 16 n.12
- Heraclides Põntico
apud Clem. Al., Strom. 1.21.108
- 113
- Heraclito [Paradoxographus] (H)
- 18 n.18
De incredibilibus (Incred.)
Sobre Fenómenos Inacreditáveis,
Περὶ ἀπίστων (ἱστορίων) -
11
3 - 131 n.230
5 - 88 n.190
6 - 130 n.256
- Heraclito de Éfeso (Heraclit.)
apud Plu. Sobre os Oráculos da
Pítia 6 - 112
- Fragmenta
fr. B 62 - 63
fr. 92 D.-K. - 112
- Herão Ateniense
de spectro Polycriti- 71 n.156
fr. 1 M ap. Phleg. *Mir.* 2 - 71
n.156
- Herd - 93 n.203
- Hermafrodita de Antioquia - 94
- Hermafrodito [mit.] - 91 n.196
- Hermafrodito *anasyromenos* [mit.]
- 91 n.196
- Hermes [mit.] - 68 n.149, 75, 91
n.196, 111, 120
- Hermes-bode [mit.] - 97 n.208
- Hermes Ctõnio [mit.] - 75, 120
- Hermodoro de Clazómenas - 65
n.136
- Herodoro - 18 n.18
- Herófila, Sibila - 106 n.217, 113
- Herófilo (Herophil.) - 97
apud Gal. De Semine 2.1 - 98
n.210
- Herói de Ítaca - cf. Ulisses [mit.]
- 70 n.154
- Hesíodo (Hes.) - 14, 51, 51 n.102,
60, 103 n.216, 104, 113, 130
Opera et Dies (Op.)
109-201 - 100 n.215, 102
129 - 100 n.215
Theogonia (Th.)
123 - 81
132-133 - 81
144-145 - 19 n.22
147-153 - 138 n.297
180-181 - 82 n.176
188-200 - 82 n.176
197-199 - 19 n.22
240-264 - 144 n.323
337-370 - 144 n.323
759 - 64 n.135
- Fragmenta

- fr. 87 M-W - 131 n.259, 131
n.260
- fr. 275 M-W - 130 n.253
- fr. 304 M-W - 103 n.216
- Hickman - 77 n.168
- Hierão, filho de
- Hierão de Alexandria (ou de
Éfeso) - 16 n.13, 51, 53 n.107,
58, 70, 76, 76 n.164, 121, 150
- Hieronimo de Córdia - 76 n.164
- Higino (Hyg.) - 18 n.18
Fabulae (*Fab.*)
14.4 - 131 n.260
75 - 130 n.256
136 - 68 n.149
- Hilas - 111
1.35.8 - 138 n.296
- Hilduin de S. Denis
*Areopagita sive Sancti Dionysii
vita* 14 - 32 n.56
- Hilo - 75, 120
- Hilo, filho de - 159
- Hiparco - 72, 74
- Hiperásia [top.] - 107
- Hipérion, filho de [mit.] - 128
- Hipermnestra [mit.] - 93 n.204,
131 n.260
- (Hipo)Centauro(s) [mit.] - 9, 58,
60, 88, 88-89 n.190, 145
- Hipócrates (Hp.)
περὶ παρθενίων (*Virg.*) - 96
n.207
- Hipóstrato - 51, 60, 144, 144
n.320
- Sobre Minos* - 84
- Fragmenta
fr. 1 M - 144 n.320
- Hoffmann - 47 n.97
- Holmes - 64 n.134
- Homero - 47 n.95. 51, 51 n.102,
138
- Honigman - 19 n.21
- Horácio (Hor.)
Carmen Saeculare (*Saec.*)
20-21 - 107
Carmina (*Carm.*)
2.10.5 - 126 n.250
- Hosius - 14 n.6
- Hubbard - 82 n.177
- Huet
Dem. Ev. Prop.
3.8 - 24 n.35
- Humphreys - 31 n.55
- Hymni Homerici* (*h.Hom.*)
hymnus ad Cererem (*h.Cer.*)
11 - 62 n.125
- Hypnos* ('Sono') - 64 n.135
- I
- Íbico (Ibyc.)
fr. 282. 47-48 *PMG* - 104
- Iburobisingésia [top.] - 55, 151
- Icks - 96 n.206
- Idas [mit.] - 100-102, 109, 138
- Ífis [mit.] - 93 n.204
- Ífito - 109, 110, 159, 161
- Ιθαβη

- cap. 3 - 27 n.42
- Iflätün* - 27 n.42
- Iliada (Il.)* - 51 n.102
- 1.357 sq. - 71 n.155
- 1.554 - 47 n.95
- 1.599-600 - 86
- 2.42 - 65 n.139
- 3.5 - 53 n.109
- 9.558-559 - 138 n.297
- 9.558-560 - 51138 n.298
- 16.439-449 - 68 n.149
- 18.35 sq. - 71 n.155
- 18.501 - 50 n.100
- 21.407 - 99
- 23.62 - 79 n.173
- 23.64 - 65
- 23.65-92 - 69 n.152
- 23.486 - 50 n.100
- Ilítia [mit.] - 154
- ILS 6261/CIL 10.5920* - 68 n.149
- ILS 8451/CIL VI 19128 CIL II2/7,*
540 - 69 n.149
- Ímola [top.] - 55
- Índia [top.] - 14-15 n.8, 84 n.182
- Interamnésia [top.] - 55, 150
- Ío [mit.] - 87 n.188
- Ío-vitela - 97 n.208
- Irigoin - 45 n.92
- Isígono
- Ἰπιστᾶ, *Coisas Inacreditáveis* - 16
n.12
- Ísis [mit.] - 64 n.131
- Itália [top.] - 54, 55, 79, 87, 132,
142
- Italianos [etn.] - 149
- Itálico/Italiano [top.] - 41 n.80,
105, 155
- Ixíon [mit.] - 88 n.190
- J**
- Jacob - 13 n.5
- Jacoby - 28 n. 43, 133 n.271
- Jacony - 48
- Jaeger - 61 n.124
- Jamme - 53 n.106
- Janka - 67 n.147
- Jarvis - 27 n.41, 40 n.77
- Jasão - 56, 133
- Jásio [mit.] - 109
- Jeanjean - 32 n.57
- Jensen - 51 n.102
- Jericó [top.] - 29 n.45
- Jerónimo, St. - 9, 32-34, 34 n.64,
35, 35 n.66
- Chronicon 2.5-6* - 32
- Vita S. Pauli Primi Eremitae*
8 = Migne *PL 23:24* - 54
n.109
- Jerónimo de Cardia - 54, 57, 104,
151
- Jerusalém [top.] - 30 n.50, 31 n.55,
32
- Jesus - 26, 26 nn. 39, 40, 33, 35,
36, 36 n.69, 40, 64 n.131
- Jesus, crucificação de - 26
- Jogos Olímpicos - 109, 159-161
- Jogos Seculares - 154

Johnson - 67 n.147, 69 n.149

Johnston - 45 n.90

Jónia [top.] - 14, 113

José - 22 n.28

Judeia [top.] - 29, 31 n.55, 36, 40,
42

Judeu - 27

Judeu(s) [etn.] - 22 n.28, 30 n.50,
36

Júlia - 86 n. 186

Júlia Modestina - 105, 152

Juliano, ano

74^o - 34 n.64

Júlio Africano (Afric.) - 30, 30
n.49, 31, 36 n.69, 39, 56

apud Eus. *P. E.* 10.10 - 107-
108

apud Hieronymum in Daniel
9 - 35 n. 66

Chronographiae, *Cronografias*
- 41

18.1(2) - 28

Κεστοί, *Kestoi* - 16 n.13

Júlio Obsequente - 57 n.116, 77
n.167

Liber Prodigiorum (LP) - 17
n.13, 142 n.311

14 - 89 n.192

25 - 89 n.193

Júpiter [mit.] - 25 n.38

Juvenal (Juv.) - 22 n.31

2.117-142 - 96 n.206

6.366-78 - 90 n.195

9.130-134a - 82 n.177

K

Kalkmann - 87 n.188

Karttunen - 15 n.8

Kavrus-Hoffmann - 45 n.92

Kayan/Padaung, Tribo [etn.] - 86
n.187

Keller - 48, 58 n.117

Kennedy - 40 n.77

Kent - 93 n.203

Kepler - 34 n.64

Keuls - 97 n.208

Kim - 53 n.106

King - 98 n.209

Kingsley - 20 n.24

Kirk - 52 n.106

König - 22 n.31, 110 n.224

Kowalzig - 57 n.116

Krenkel - 92 n.199

Kubitschek - 57 n.113

L

Lacedemónio(s) [etn.] - 159, 160

Lactâncio (Lact.)

Diu. Inst.

1.5 - 90 n.195

1.6.7-14 - 113

4.10 - 35 n.66

6.8-12 - 55 n.111 -

Laes - 84 nn.181, 182, 86 n.186

Lago Maiotis [etn.] - 141

- Lahode - 38 n.70
 Laio Sâmio - 105
 Lâmia (de Corinto) [mit.] - 73
 n.159
 Lançon - 32 n.57
 Lang- 111 n.228
 Lange - 58 n.60
 Langer - 19 n.21
 Langlois, Victor - 21 n.27
 Lanza - 29 n.122
 Laodamia [mit.] - 68 n.149
 Laodiceia da Síria - 54, 133
 Lápita [top.] - 93 n.204
 Lapitas, terra dos [top.] - 54, 131
 Laqueur - 81 n.175, 93 n.203
 Lardner - 24 n.35, 26 n.40, 32
 n.56, 46 n.93
 Lateiner - 20 n.24
 Latinos [etn.] - 154, 155
 Lauth - 39, 39 n.75
 Lauth, Iohannes Jacobus - 39
 Leão, Delfim - 12
 Leda [mit.] - 97 n.208
 Lefèvre
De Triduo Christi - 39
 Liguori - 92 n.198
 Lei Romana, *Digest of Justinian
 sobre nascimentos múltiplos* -
 144 n.319
 Leitao - 83 n.178
 Leno [top.] - 108
 Leroy - 45 n.92
 Lete [top.] - 65 n.136
 Leto, filho de - 153, 153
 Leto, templo de [top.] - 93 n.204
 Leucipo [mit.] - 74 n.160, 3 n.204,
 131 n.260
 Levino - 91 n.196
 Lévi-Strauss - 52 n.106
 Líbia [top.] - 54 n.109, 89 n.191,
 108, 113
 Líbia, Sibila de - 113
*Libri de Vita Hadriani Imp.: ab
 ipso Imperatore scripta et sub
 Phlegontis nomine edita* - 44
 n.87
Libri Fatales - 112
Libri Sibyllini, Livros Sibilinos -
 56 n.112, 89 n.193, 112, 112
 n.231
 Liceu, Escola - 17 n.16, 19 n.20
 Lício(s) [etn.] - 73 n.159
 Licurgo [mit.] - 110, 134 n.279,
 159
 Lídia [top.] - 11, 15n8, 22
 Lieberman - 53 n.106
 Lincoln - 53 n.106
 Linforth - 68 n.149
 Lisímaco
*θηβαικὰ παράδοξα, Maravilhas
 Tebanas* - 15 n.11
 Lisipo - 100 n.214
 Lívia Ática - 151
 Lloyd - 19 n.20
 Lívio (Liv.) - 49 n.98, 90
Ab Vrbe Condita
 1.56.5 - 77
 3.58.11 - 69
 6.37.12 - 111

- 6.37.15 - 111
 22.53.6 - 79
 24.10.6-13 - 92
 27.11.4-5 - 92
 27.11.5 - 87 n.188
 27.11. 6 - 90 n.193
 27.37.5 - 90.193
 28-33 - 57 n.116
 31.12.6-8c - 142 n.310
 31.12.7 - 90 n.193
 43.13.677
- Lócrio(s) [etn.] - 121, 124
- Longino Cássio
Subl.
 44.5 - 85
- Longo - 45 n.92, 59 n.122
- Louis - 77 n.169
- Lua - 29, 30 n.49, 40, 40 n.77,
 98 n.212
- Lua 14 - 29
- Luciano (Luc.)
Demonax (Demon.)
 13 - 92 n.197
Dialogi Deorum (DDeor.) - 88
 n.190
 3 Macleod - 91 n.196
 2 Macleod - 97 n.208
Dialogi Mortuorum (DMort.)
 23 Fowler - 69 n.151
 28.1-2 - 69 n.149
 29 - 69
Eunuchus (Eun.)
 7 - 92 n.197
- Macrobii (Macr.)* - 103 n.216
 4 - 103
 18 - 103
 22 - 57 n.114
Pharsalia
 1.568 - 65 n.137
 1.569 - 65 n.137
Philopseudes (Philops.)
 15 - 65 n.138
 30-31 - 66
Pseudologista (Pseudol.)
 21- 69 n.150
*Verae Historiae (VH), Ἀληθῆ
 διηγήματα, Histórias
 Verdadeiras* - 16 n.13
- Lúcio - 152
 Lúcio, filha de - 152
 Lúcio, filho de - 149, 151, 152
 Lúcio, liberta de - 149, 152
 Lúcio, liberto de - 104, 149, 152
 Lúcio Acílio Marcelo - 149
 Lúcio Antísti{c}o Sotérico - 152
 <Lúcio> Cesénio Peto - 141
 Lúcio Cornélio - 105, 149
 Lúcio Cusonio - 149
 Lúcio Doroteu - 105
 Lúcio Élio Doroteu - 152
 Lúcio Fidiclânio [Nepos] - 104,
 150
 Lúcio Gamínio - 149
 Lúcio Gláucio Vero - 149
 Lúcio Lâmia Eliano - 56, 133
 Lúcio Licínio Palo - 149

- Lúcio Terêncio - 103, 152
 Lúcio Valério Flaco - 56, 59, 79, 125
 Lúcio Vetio - 149
 Lúcio Vetústio Segundo - 149
 Lúcios - 103, 104
 Luck - 0 n.153
 Lucrécio (Lucr.) - 17 n.13
 4.30-41 - 64 n.134
 4.49-53 - 64 n.134
 5.724 - 64 n.134
 5.837-854 - 84 n.180
 5.878-891 - 88 n.190
 Luculo - 108
Ludi Saeculares - 107
 Lusitânia [top.] 55, 150
 Luzzi - 45 n.92
 Licofronte (Lyc.)
 1468 - 112
 Fragmenta
 fr.178 - 71 n.155
- M**
- Macates - 54, 72, 75 n.161, 117, 118, 120
 MacBain - 58 n.118
 Macedónia [top.] - 53 n.107, 55, 71, 73, 76 n.166, 144 n.324, 150
 Macedónio [etn.] - 150
 Macrino - 56, 133
 Macróbio (Macr.)
 Saturnalia
 2.5.10 - 967 n.208
 3.8 - 98 n.212
 3.8.2 - 91 n.196
 3.8.2-3 - 91 n.196
 7 - 18 n.17
 Macrosiris - 101, 103, 141
 Madsen - 58 n.120
 Maggi - 64 n.134
 Magirus - 44, 44 n.88
 Magnani - 15 n.8
 Maier - 31 n.55
 Malalas - 9, 25, 37-39
 Chronographia
 10.101d (O310) - 37
 Mantinea [top.] - 76 n.165, 99 n.212
 Mântis - 150
 Marcial (Mart.)
 Epigrammata (Ep.)
 5.49 - 85 n.185
 6.57 - 85 n.185
 10.83 - 85 n.185
 Marco - 36 n.69, 104
 Marco, filho de - 149-152
 Marco, liberto de - 149
 Marco Acílio - 149
 Marco Antonino - 47 n.94
 Marco António - 149
 Marco Aurélio - 25 n.38
 Marco Aurélio Antonino Pio - 96 n.206
 Marco Fúlbio Flaco - 56, 133
 Marco Nirélio - 149

- Marco Plautio Hipseu - 56, 133
 Marco Pompónio Severo - 151
 Marco Talpio Vitalis - 149
 Marco Terêncio Álbio - 149
 Marco Vestino Ático - 56, 142
 Marco Vilónio Severo - 149
 Marco Vinício - 56, 132
 Marcos - 103
 Marcovich - 29 n.46
 Mariev - 64 n.133
 Marincola - 50 n.100
 Máron [mit.] - 19 n.21
 Marpessa [mit.] - 100, 101
 Marpesso, Sibila - 113
 Martin - 18 n.17
Martírio de Policarpo (Mart. Pol.)
 - 81 n.174
 9.1 - 81 n.174
 Matthäus - 18 n.17
 Mattiussi - 19 n.21
 Matyszak - 32 n.56
 Máximo - 40
 apud Sykes - 40 n.77
 McGing - 79 n.172, 111 n.227
 Meandro, Rio [top.] - 54, 131
 Meandrópole [top.] - 109
 Mediterrâneo [top.] - 14
 Medusa [mit.] - 97 n.208
 Megástenes (Megasth.) - 17 n.15,
 51, 60, 145
 fr. 24 Muller - 145 n.325
 Melanto [mit.] - 97 n.208
Memoriae - 44
 Menécrates - 19 n.21
 Menelau [mit.] - 61 n.123
 Menipo - 73 n.159
 Meótiis, Mar [top.] - 54
 Merkelbach - 14 n.5
 Messene [top.] - 54, 104, 138, 161
 Messeno(s) [etn.] - 138
 Metelo, ataque de - 108
 Meurse - 48
 Meursio (Meursius) - 14 n.7, 47,
 48
 Mevânia [top.] - 54, 132
 Mianmar [top.] - 86 n.187
 Miévis - 29 n.46
 Migne - 33 n.59, 54 n.109
 Miguel - 30 n.50
 Miller - 18 n.19
 Minotauro [mit.] - 97 n.208
 Mioni - 45 n.92
 Mirsilo
Λεσβιακά, Lesbiaka - 15 n.10
 Moiras [mit.] - 154
 Moisés de Corene
 História da Arménia
 2.13 - 21 n.27
 Mommsen - 57 n.113
 Money - 93 n.203
 Mónimo
 Θαυμασιών συναγωγή, Coleção
 de Contos Fantásticos - 15
 n.10, 59 n.122
 Morford - 153 n.339
 Morgan - 99 n.212

Morte - cf. *Thanatos*
 Morto, Mar [top.] - 29 n.45
 Mosshammer - 32 n.56, 39 n.71
 Mucântio, filho de - 150
 Mucaso, filho de - 150
 Muciano (Muc.)
 Mirabilia - 14 n.6
 Mudry - 20 n.24, 70 n.153
 Mueller - 19 n.20
 Mulher de Mantineia - 99 n.212
 Müller - 48
 Munância Prócula - 105, 152
 Munson - 50 n.100
 Murdock - 31 n.55
 Murmólice [mit.] - 73 n.159
 Musso - 45 n.92
 Muzaco - 150
 Myers - 91 n.196

N

Nagy - 51 n.102
 Nápoles [top.] - 141 n.304
 Nash - 23 n.34
 Náucratis [top.] - 127
 Naumáquio - 70 n.155, 76 n.164
 Nearco - 15 n.8
 Néfele [mit.] - 88 n.190
 Neleu [mit.] - 109
 Némesis-gansa [mit.] - 97 n.208
 Némethy - 19 n.21
 Neocesaría [top.] - 107
 Neoplatónico (cf. Proclo) - 71

Neptuno [mit.]
 Neptuno-carneiro [mit.] - 97 n.208
 Neptuno-cavalo [mit.] - 97 n.208
 Neptuno-touro [mit.] - 97 n.208
 Nereidas [mit.] - 54 n.109
 Nero - 22 n.31, 53 n.107, 56, 64 n.131, 67 n.143, 85 n.185, 96 n.206, 97 n.208, 101, 141
 Nero, época de - 84 n.182
 Neso, filha de [mit.] - 112
 Nestle - 52 n.106
 Newton - 31 n.55
 Nicandro (Nic.)
 Met.
 2 - 93 n.204
 Niceia [top.] - 27 n.42, 30 n.50, 33, 34, 36, 42
 Niceu [mit.] - 110 n.223
 Nícias - 49 n.98
 Nicodemo - 36 n.69
 Nicolau Damasceno ((de Damasco) - 17 n.16
 Compilação de Costumes, Ἐθῶν συναγωγή - 16 n.12
 História Universal, Ἱστορία καθολικὴ - 16 n.12
 Recolha de usos e costumes admiráveis, Παραδόξων ἔθῶν συναγωγή, - 16 n.12
 Nicomédia [top.] - 55, 150
 Nicópolis [top.] - 71
 Nilo [top.] 91 n.196
 Nilo, filha de [mit.] - 144
 Nilo, filhas de [mit.] - 84

- Ninfa(s) [mit.] - 88 n.190, 91
n.196, 138
- Ninfodoro de Siracusa
Périplos, *Περίπλοι* - 15 n.11, 17
n.15
Sobre as Maravilhas na Sicília, *Περὶ τῶν ἐν Συκελίᾳ θαυμαζομένων* - 15 n.11,
17 n.15
- Nisíbis [top.] - 108
- Nítr<i>a [top.] 54, 140
- Nothaft - 32 n.56
- O
- Obsequente
Liber Prodigiorum /
Liber de prodigiis (LP) - 17
n.3, 57 n.116, 77 n.167, 12
n.311
14 - 89 n.192
25 - 89 n.193
- Odisseia (Od.)* - 51 n.102
2.283 - 70 n.154
5.306-321- 98 n.212
10.516-540 - 70 n.154
10.571-572 - 70 n.154
11.49-50 - 70 n.154
11.98-99 - 70 n.154
11.141-155 - 70 n.154
11.228-234 - 70 n.154
11.219-222 - 20 n.24
11.390 - 70 n.154
11.577 - 99
- Scholía (schol.)*
12.301 - 17 n.15
- Ogden - 70 n.153, 73 n.158
- Ogg - 32 n.58
- Olímpia [top.] - 109, 110, 159, 160
n.346, 161
- Olimpiadas - 30 n.50, 31, 36, 38,
45, 46, 50, 110, 159, 161
1^a - 108
3^a
(ano 4) - 30 n.50
4^a - 107
7^a - 161
8^a - 107
45^a - 108
48^a - 108
74^a
(ano 4) - 42 n.82
140^a - 108
167^a - 29 n.46
174^a - 108
181^a - 41 n.80, 108
198^a
(ano 2) - 37
201^a - 35
202^a - 33, 34 n.64, 35, 41
(ano 1) - 29 n.47, 35, 35 n.64
(ano 2) - 28 n.44
(ano 3) - 35
(ano 4) - 34, 34 n.64, 35-37,
107
229^a - 21 n.28, 46
- Olimpieu - 108
- Onesícrito - 15 n.8

- Opiano (Opp.) 463 - 63
Halieutica (H.)
 5.4-7 - 62, 62 n.127
- Oracula sibyllina*, Oráculos Sibilinos - 112
- Oráculo de Delfos - 59, 80, 110
- Oráculo Pítio - 112
- Orestes [mit.] - 69 n.153
- Orfeu [mit.] - 15 n.11, 68 n.149
- Orfismo - 20 n.24, 68, 97 n.208, 123 n.245
- Orígenes Adamâncio - 9, 25, 26, 26 n.40, 35 n.65, 39, 40, 42
- Op. Ed. Ben. t. 3:* 923 - 40 n.77
- Philocal.*
 1 - 35 n.65
- Contra Celsum (Cels.)*
 2.14 - 25 n.39, 26, 27 n.41, 107
 2.33 - 27
 2.55 - 64 n.131
 2.59 - 27, 42
 3.24 - 64 n.131
 5.61 - 112
 7.53 - 112
- Oríon [mit.] - 99 n.213
- Ormerod - 108 n.221
- Oronte [top.] - 109
- Orphica (Orph.)*
 9.4 - 98 n.212
- Argonautica (A.)*
 15 - 90 n.195
- Orphica Fragmenta (OF)*
 320 - 62 n.127
- Ortísia [top.] - 55, 150
- Osíris [mit.] - 68 n.149
- Osmun - 89 n.190
- Óstia [top.] - 109
- Oto [mit.] - 98 n.212, 99 n.213
- Ovídio (Ov.) - 18 n.8
- Fasti (Fast.)*
 2.19-28 - 69 n.153
 3.291-326 - 54 n.109
 4.227 - 90 n.195
 4.240 - 90 n.195
- Metamorphoses (Met.)*
 1.89-150 - 102
 3.316-339 - 130 n.256
 4.285-388 - 91 n.196
 9.665-796 - 93 n.204
 11.41-46 - 68 n.148
 12.189-209 - 131 n.260
 12.190 - 93 n.204
 12.459-532 - 131 n.260
 15 - 13 n.13
- Owen - 45 n.90
- Óxilo [mit.] - 109

P

- Pá [mit.] - 87 n.189, 97 n.208
- Paixão de Cristo (Salvador), *Passus Christi* - 9, 24, 32, 32 n.56, 33-35, 35 n.66, 36, 39, 42, 43
- Pajón Leyra - 13 n.4, 17 n.15, 21 n.27
- Palas [mit.] - 126

- Palatinus Graecus (Pal. Gr.)* 398 - 17 n.15, 45
- Paléfato (Palaeph.) - 11, 18 n.18, 52, 68n.149
- Περὶ ἀπίστων (ἱστορίων), Sobre Fenómenos Inacreditáveis* - 52 n.106
- praef. - 52 n.106
- 1 - 19 n.22
- 1-2 - 52 n.106
- 3 - 52 n.106
- 4 - 52 n.106
- 5 - 52 n.106
- 6-9 - 52 n.106
- 7 - 19 n.22
- 9 - 19 n.22, 52 n.106
- 10 - 52 n.106, 131 n.260
- 13 - 52 n.106
- 15 - 19 n.22, 52 n.106
- 16 - 52 n.106
- 18 - 52 n.106
- 19 - 19 n.22, 52 n.106
- 20 - 19 n.22, 52 n.106
- 21 - 52 n.106
- 22 - 52 n.106
- 23 - 52 n.106
- 24 - 19 n.22, 52 n.106
- 26 - 52 n.106, 64 n.131
- 27 - 52 n.106
- 28 - 52 n.106
- 30 - 52 n.106
- 31 - 52 n.106
- 33 - 52 n.106
- 34 - 52 n.106
- 37 - 52 n.106
- 38 - 52 n.106
- 39 - 52 n.106
- 40 - 52 n.106
- 41-42 - 52 n.106
- 43 - 52 n.106
- 45 - 52 n.106
- Pales*, Festival Romano de - 69 n.153
- Palestina [top.] - 38 n.70
- Paley - 82 n.176
- Palmieri - 98 n.209
- Pandaia [mit.] - 145 n.325
- Pândia [top.] - 54, 102
- Pandora [mit.] - 82 n.176
- Papiro de Derveni (fr. 8 Bernabé) - 82 n.176
- Paradoxógrafo Vaticano 31
- Περὶ Ἀπίστων, Sobre Contos Inacreditáveis* - 130 n.256
- Paradoxographus Florentinus* 218 - 17 n.7
- Paricopóle [top.] - 55, 150
- Paricopolitano [etn.] - 150
- Park - 90 n.195
- Parke - 79 n.172, 111 n.227
- Parma [top.] - 55, 149-151
- Parménides (Parmen.)
fr. 13 Diels - 99 n.212
fr. B18.231-240 - 92 n.199
- Partenie - 67 n.147
- Parténio 18 n.18
- Ἐρωτικὰ Παθήματα* - 74 n.160
2 - 74 n.160

- 5 - 74 n.160
 17 - 74 n.160
 31 - 74 n.160
 35 - 74 n.160
- Parto(s) [etn.]
 Partos, rei dos - 21 n.27, 108
- Páscoa [Judaica] - 29, 30 nn.49, 50, 31
- Pasífae [mit.] - 87 n.189, 97 n.208
- Passio Perpetuae et Felicitatis (Pass. Perp.)*
 10.7 - 81 n.174
- Patera - 20 n.24
- Patro - 108
- Pátroclo [mit.] - 69 n.152, 79 n.173
- Patrologia Graeca (PGR)*
 32 F1 - 121 n.238
- Patrologia Latina (PL)*
 106: 33 - 32 n.56
- Pausânias (Paus)
 1.4.5 - 54 n.109
 1.19.2 - 91 n.196
 1.32.4 - 65 n.137
 1.35.7 - 138 n.296
 2.21.6-7 54 n.109
 3.13.1-2 - 138 n.297
 4.14 - 97 n.208
 5.6.5 - 110 n.225
 5.7.4 - 109
 5.7.6 - 109
 5.7.7 - 110 n.223
 5.8.1 - 109
- 5.20.1 - 159 n.345
 6.5.1 - 100 n.214
 6.6.8 - 69 n.153
 6.6.11 - 65, 65 n.138
 6.20.6 - 220 n.225
 7.10 - 90 n.195
 9.23 - 69 n.152
 9.38.5 - 65 n.138
 10.12.1 - 113
 17.11-12 - 90 n.195
 18.1 - 64 n.135
- Pecere - 14 n.6, 20 n.26
- Pedro - 26, 26 n.40, 40
- Peiso [mit.] - 110, 159, 160
- Pélia [top.] - 54, 72
- Pélias [mit.] - 109
- Pélio, filho de - 150
- Pélion, Monte [top.] - 88 n.190
- Peloponésio(s) [etn.] - 110, 159, 160
- Peloponeso [top.] - 110 n.223, 159
- Peloponeso, Habitantes do [etn.] - 160
- Pélops [mit.] - 109, 110, 159, 160, 160 n.346
- Pélops, filho de [mit.] - 108
- Penélope [mit.] - 87 n.189, 97 n.208
- Peneu [mit.] - 109
- Peónia [top.] - 108
- Pépin - 19 n.20
- Pérez Largacha - 17 n.15
- Periandro [mit.] - 74 n.160
- Período Helenístico - 14 n.5, 15

- n.10, 18 n.18
- Período Imperial Romano - 16, 87, 95
- Período Medieval - 41 n.80, 70 n.155
- Período Trajânico e Adriânico - 57
- Perkins - 58 n.121
- Perpétua, Sonho de [mit.] - 81 n.174
- Perria - 45 n.92
- Persa [etn.] - 108
- Perséfone [mit.] - 92, 94, 97 n.208, 130, 134, 135 n.286, 136
- Pérsia [top.] - 15 n.8, 113
- Pérsia, Sibila de - 113
- Pervo - 58 n.121
- Petersson - 14 n.6
- Petílio Rufo - cf. <Quinto> Petílio Rufo - 56
- †Petro†, filho de - 152
- Petrónia - 149
- Petrónio (Petron.)
62 - 20 n.24, 66 n.141
- Petsalis-Diomidis - 20 n.24
- Phléton (Phlégon) - 21 n.27
- Picência [top.] - 109
- Pigmeus [etn.] - 53 n.109, 84 n.182
- Píndaro (Pi.)
I.
7.42 - 62
O.
1.82 - 62, 68 n.149
1.90-93 - 160 n.346
- 2.14 - 110
3 - 110
10 -109, 110, 110 n.223
11 -110
- P.*
2.21-48 - 88 n.190
- Fragmenta
fr. 133 Page - 64
- Scholía* (schol.)
schol. Pi. O. 3.35 Boeckh - 109
- Pines - 27 n.42
- Pinheiro - 58 n.121
- Pisa [top.] - 107, 159
- Píteas de Messala 17 n.15
- Pítia - 110-112, 126, 159, 160
- Pito [top.] - 126
- Placência [top.] - 55, 149, 150
- Platão (Pl.) - 27 n.42, 52 n.105, 65 n.136, 67 n.147, 71
- Apologia* (*Ap.*)
29a-b - 62 n.128
- Charmides* (*Chrm.*)
156d - 64 n.131
- Cratylus* (*Cra.*)
400c - 153 n.339
- Gorgias* (*Grg.*)
493a - 63 n.129
- Leges* (*Lg.*)
1.636c - 99 n.212
- Meno* (*Men.*)
81b - 20 n.24, 62, 62 n.126
- Phaedo* (*Phaed.*)

- 65b - 63
 78b-84b - 64 n.132
 81d - 69
Respublica (R.)
 [1.]334c - 73 n.159
 378d - 19 n.22
 [2.]381e - 67 n.144
 472a - 13 n.4
 514a-517a - 64
 514b-e - 65
 [10.]614-10.621- 64 n.131,
 65 n.136, 67 n.147
 [10.]621b - 65 n.136
Symposium (Smp.) - 18 n.17
 189d-e - 90 n.195, 98-99
 n.212
 190b - 98 n.212
 190c-e - 98 n.122
 191a-c - 99 n.212
 191d - 98 n.212
 192a - 99 n.212
 204b1-c5 - 99 n.212
 205d-e - 99 n.212
 206a-e - 99 n.212
 209b8 - 99 n.212
Theaetetus (Tht.)
 160e-161a - 77 n.167
Theages (Thg.)
 124d - 112, 113
Timaeus (Ti.)
 71e-72b - 112
Scholía (schol.)
schol. Phaedr. 244b - 113
 Platt 77 n.168
 Plauto (Pl.)
Mostellaria (Most.), *Comédia do Fantasma* - n.77 n.168
 497-504 - 66, 67
 Plínio, o Antigo (Plin.) - 14 n.6,
 57 n.116, 59 n.122, 64 n.131,
 75 n.162, 91, 99 n.213
Historia Naturalis (HN) - 57
 2.5.17 - 66, 68 n.149
 2.195 - 36 n.69
 2.230 - 17 n.13
 3.66 - 103
 5.8 - 54 n.109
 6.22.6 - 145 n.325
 6.23.76 - 144 n.324
 6.181 - 84 n.182
 6.184 - 84 n.182
 7.3.33-34 - 83 n.179
 7.3.34 - 86 n.188, 142 n.311
 7.3.35 - 145 n.326
 7.4.36 - 133 n.272
 7.9 - 84 n.182
 7.16.73 - 102
 7.16-18 - 84 n.182
 7.27 - 59 n.122
 7.35 - 88 n.190
 7.36 - 92
 7.49 - 104
 7.49.162-164 - 103
 7.50 - 103
 7.53 (52)
 7.75 - 86 n.186

- 7.81 - 88 n.190
 7.153-164 - 103 n.216
 7.202 - 88 n.190
 8.64[42] - 96-97 n.208
 9.4 - 54 n.109
 10.2.5 - 58 n.120
 11.109.262 - 96 n.207
 11.262 - 92
 25.5.14 - 64 n.131
 31.12 - 14 n.6
 31.17-19 - 14 n.6
 34.6 - 86 n.186
 Plutão [mit.] - 135, 136
 Plutão, esposa de 135 n.286
 Plutarco (Plu.) - 44, 66
Moralia (Mor.)
Aemilius Paulus (Aem.)
 17.71 - 36 n.69
Brutus (Brut.)
 36.3-37.2 - 66 n.140
 36.4 - 69 n.153
 37.1 - 65
 37.2 - 66
Cimon (Cim.)
 1.6 - 65 n.138, 66
De Curiositate
 10 [520c] - 77 n.167
 520c - 77 n.167, 86 n.187
De fluviis, Περί ποταμῶν καὶ ὀρῶν ἑπωνημίας καὶ τῶν ἐν αὐτοῖς εὕρισκομένων -
 16 n.13
De gloria Atheniensium
 348a-b - 42 n.105
De Herodoti malignitate
 855b - 49 n.98
De Pythiae oraculis (De Pyth. Or.)
 6 [397a] - 112
 404e - 112, 152 n.337
De sera numinis vindicta
 563b-568 - 65 n.136
De sollertia animalium
 973e-974a - 66 n.142
Lycurgus (Lyc.)
 16.1 - 77 n.167
Numa (Num.)
 15.3-4 - 54 n.109
Pelopidas (Pel.)
 31.3 - 36 n.69
Quaestiones conviviales - 18
 n.17
 726a - 86 n.186
 8.8.3 [729c] - 67 n.146
Sulla (Sull.)
 27 - 53 n.109
Tes.
 15.2 - 85 n.185
Poetae Melici Graeci (PMG)
 361 - 57
 Pola Donata - 105, 152
 Polemo
Phys.
 2.1.192 - 81, 93 n.201
 Polemo Fisiognomónico (Polem. Phgn.)

- 1.210 - 85 n.185
- Pólemon
- Sobre os Rios, Περί ποταμῶν* - 15 n.11
- Acerca de Rios Fantásticos na Sicília, Περί τῶν ἐν Συκελίας θαυμαζομένων ποταμῶν* - 15 n.11
- Polésia [top.] - 55, 149
- Pólia Pola - 149
- Políbio (Plb.)
- 3.47 - 13 n.4
- Bibliotheca Diodori in Historiis Thallis et Castoris* - 108
- Policarpo - 81 n.174
- Polícrito - 59, 70 n.155, 71, 75, 76 n.164, 77-79, 92, 111, 121
- Polícrito, filho de - 76, 92
- Polícrito de Cálío - 76, 76 n.165
- Poliénio (Polyaen.)
- Strateg.*
- 1.3.4 - 145 n.325
- Poliido [mit.] - 68 n.149
- Polimela [mit.] - 74 n.160
- Políxena [mit.] - 69 n.152
- Pólux [mit.] - 97 n.208
- Pomeroy - 90 n.194
- Pompanazzi - 39 n.74
- Pôncio Pilatos - 24 n.35
- Pontalis - 91 n.196
- Ponto [top.] - 55, 101, 139, 150
- Popescu - 69 n.149
- Pórcio Catão - 56, 59, 79, 125
- Porrer - 39 n.73
- Poser - 52 n.106
- Posídon [mit.] - 93 n.204, 101, 131, 131 n.260
- Posídon-carneiro - 97 n.208
- Posídon-cavalo - 97 n.208
- Posídon-delfim - 97 n.208
- Posídon-pássaro - 97 n.208
- Posídon, Santuário de - 76 n.165
- POxy 2082 - 108
- Praxónides, filho de [mit.] - 159
- Pretório Palatino [top.] - 152
- Preus - 98 n.211
- Priestley - 89 n.190
- Prigent - 30 n.48
- Pritane, filho de - 159
- Procles, filho de - 159
- Proclo (Procl.) - 70, 70 n.155, 72, 74, 76
- in Platonis Rempublicam commentarii, (in R.)*
- 2.113.22 sq. - 65 n.136
- 2.115 - 76 n.164
2. 116 Kroll - 71
- 2.133.8-15 Kroll - 64
- Pródico de Ceos - 18 n.18
- Propércio (Prop.)
- 3.2.3-4 - 68 n.148
- Proponte [top.] - 128
- Prosérpina [mit.] - 69 n.152, 135
- Protágoras - 18 n.18
- Γεωγραφία τῆς οἰκουμένης, Geografia*
- 1.6 - 16 n.13

Protesilau [mit.] - 68 n.149
 Psámate-foca [mit.] - 97 n.218
 Pselo
 *Sobre maravilhas escutadas, Περί
 παραδόξων ἀκουσμάτων* -
 16 n.13
 72-74 - 20 n.24
 Psique [mit.] - 74 n.160
 Públio - 104
 Públio, filha de - 150
 Públio, filho de - 149, 150, 152
 Públio, general - 79, 111, 127, 129,
 130
 Públio, liberta de - 151
 Públio, liberto de - 151
 Públio Cornélio Cipião - 56, 143
 Públio Decénio Demóstenes - 149
 Públio †Quisêncio† Efirion - 151
 Públio Élio Adriano - 22
 Públio Élio Flégon - 22
 Públio [Fúlbio] Frix - 104, 149
 Públio Névio - 149
 Públio Petrónio Turpiliano - 56,
 141
 Públios - 103
 Pugliara - 13 n.4
 Pulcro - 53 n.107, 101, 139
 Pulidamante de Escotusa - 100
 n.214

Q

Quinto (Quint.)
 Institutio Oratoria (Inst.)

6.3.7 - 86
 Quinto, filho de - 149-151
 Quinto Cássio Rufo - 150
 Quinto Cornélio - 151
 Quinto Ha{s}tério Antonino - 56,
 132
 Quinto Lucrécio Primo - 150
 <Quinto> Petílio Rufo - 56, 142
 Quinto Vélio - 150
 Quinto Verânio - 56, 142
 Quinto Volúσιο Saturnino - 56,
 143
 Quíron-égua [mit.] - 97 n.208

R

Ragusa, J[oão Stojkovič] de - 45
 n.92
 Ramon Garcia - 89 n.190
 Rank - 53 n.106
 Ravena [top.] - 55, 149, 152
 Raybould - 111 n.227
 Récio Tauro - 53 n.10787, 88
 Récio Tauro, criada da esposa de
 - 142
 Redfield - 62 n.125
 Reggio [top.] - 55
 Régio [top.] - 18 n.18, 54, 55, 90
 n.193, 101, 139, 150-152
 Reitzenstein - 17 n.15
 Remini [top.] - 55
 Renehan - 29 n.46
 Renz - 89 n.190
 Richlin - 82 n.177

- Richter - 53 n.106
- Ricoeur - 53 n.106
- Rigg - 29 n.46
- Rodes [top.] 15 n.11, 54, 125
n.246, 140
- Roessli - 112 n.230
- Roma [top.] - 21-22 n.28, 22 n.31,
54, 79, 87, 89, 93, 96 n.208,
103, 108, 111, 112, 125, 127,
128, 132, 133, 134 n.279,
139, 141, 142, 143, 145
- Romano(s) [etn.] - 5, 11, 12, 14
n.6, 16 n.13, 21-22 n.28, 25
n.38, 44, 46 n.94, 53 n.107,
54, 54 n.109, 56, 60, 68 n.149,
69 n.153, 74 n.160, 79, 80, 85
n.186, 86 n.187, 87, 90 n.194,
92, 95, 96 n.207, 103, 104,
112, 125, 126, 126 n.250,
129, 139, 143, 144 n.319, 154
- Romano, Estado - 111
- Romano, Fórum - 54, 101
- Romano, Império - 22 n.28, 23
- Romano, Período Imperial - 87,
95
- Romm - 14 n.6, 85 n.183
- Rorem - 32 n.56
- Rose - 62 n.128, 84 n.181, 86
n.186
- Rosen - 117 n.233
- Routh - 29 n.46, 31 n.52
- Roux - 77 n.170
- Rudhardt - 23 n.32, 62 n.127
- Rufo de Filipos - 71
- Rzepka - 76 n.165
- S**
- Sabe, Sibila - 113
- Sabina [top.] - 55, 152
- Saecularia* - 154
- Sálmacis, Ninfa [mit.] - 91 n.196
- Salvador - cf. *Cristo, Jesus* - 27, 29,
33
- Sálvia Varena - 150
- Sambursky -17 n.15
- Samos [top.] - 15 n.8, 113
- Samos, Sibila de - 113
- Samson - 22 n.29
- Samuel - 32 n.58
- Santangelo - 94 n.205
- Santoni - 22 n.29
- Sanz Morales - 51 n.101 89 n.190
- Sardanápalo - cf. Elagábalo -
96206
- Sardenha [top.] - 113
- Sardenha, Sibila de - 113
- Sarpédon [mit.] - 68 n.149
- Sarque - 150
- Sátiros [etn.] - 53-54 n.109
- Sauna [top.] - 54, 145
- Schanz - 14 n.6
- Schepens - 13 n.5, 20 n.26
- Schiavone - 90 n.194
- Schlesier - 68 n.149
- Schlier - 117 n.233
- Schmidt - 39 n.72
- Schneiderman - 52 n.106
- Schöll - 22 n.29
- Scholten - 76 n.165

- Schraeder - 19 n.22
 Schwab - 29 n.45, 36 n.68
 Scodel - 53 n.106
 Sedley - 64 n.134
 Segal, C. - 68 n.149
 Segal, R. - 53 n.106, 67 n.146
 Segunda Sofística Romana - 22 n.31
 Sellheim - 45 n.92
 Semíramis [mit.] - 96 n.208
 Semónides (Semon.)
 fr. 7 Bergk 1-2 - 96 n.207
 Senado - 85 n.185, 105, 134
 Séneca *Maior* (Sen.)
 Controversiae (*Con.*)
 7.4.7 - 82 n.177
 Séneca *Minor* (Sen.) - 17 n.13
 Apocolocyntosis (*Apoc.*)
 5.1-3 - 85 n.185
 Epistulae (*Ep.*)
 20.122.7 - 92 n.199
 Quaestiones Naturales (*NQ*)
 6.8.3 - 84 n.182
 Thyestes (*Thy.*) - 77 n.168
 Serpente Equidna [mit.] - 97 n.208
 Sérvio (Serv.)
 A.
 3.444 - 137 n.293
 6.286 88 n.190
 6.448 93 n.204
 Sexto, filha de - 150, 152
 Sexto, filho de - 149, 151
 Sexto Carmínio Hipseu - 133
 Sexto Carmínio Valério - 133 n.271
 Sexto Carmínio Vetero - 56, 133
 Sexto Névio - 105, 151
 Shannon - 17 n.15
 Shearin - 64 n.134
 Shelburne - 52 n.106
 Síbaris [mit.] 73 n.159
 Sibila - 55 n.111, 95, 103, 112, 112 n.231, 154
 Sicília [top.] - 15 n.11, 16 n.13, 17 n.15, 21 n.28, 101
 Sicília, cidades de [top.] - 54, 107, 139
 Sila - 54 n.109, 137 n.294
 Sila, época de - 142 n.311
 Sileno [mit.] - 54 n.109
 Silva Sánchez - 13 n.1
 Simónides (Simon.)
 fr. 121 Diehl - 104
 Sinatruces - 108
 Sincelo - 28, 31, 39
 Ecloga Chronographica
 324, D, ex Eusebio - 107
 391 - 28 n.44
 394 - 34 n.63
 Sinferonte - 94, 133
 Sinferusa - 94, 133
 Sinope [top.] - 51, 55, 108, 141
 Sinópio(s) [etn.] - 150
 Sipretes [mit.] - 131 n.260
 Siqueu [mit.] - 65
 Siracusanos [etn.] - 128

- Síria [top.] - 54, 91 n.196, 125, 128, 133
- Sírio(s) [etn.] - 30 n.50, 53 n.107
- Sísifo [mit.] - 68 n.149
- Sissaz - 48
- Skinner - 76 nn.164, 165
- Sluiter - 117 n.233
- Sócrates - 65 n.136
- Sófocles (S.)
Oedipus Tyrannus (OT)
15281530 - 63
- Sol - 27 n.42, 29, 30 n.50, 31 n.53, 33, 34, 37, 38, 40 n.77, 42, 98 n.212, 107, 127, 154,
- Solino
1.91 - 139 n.301
- Sonho - 65
- Soos, filho de - 159
- Sordi - 19 n.20
- Sósimo
Vita Noua
2.1 - 107 n.220
- Sotion - 16 n.13
- Sourvinou-Inwood - 62 n.125
- Souter - 61 n.123
- Spyridakis - 19 n.21
- Stearns - 21 n.27
- Steele - 24 n.36
- Stern - 89 n.190
- Stieber - 135 n.287
- Stock - 64 n.133
- Stragmalia - 13 n.2, 14 n.6, 20 n.26, 45, 45 n.90, 47, 48, 58 nn.117, 119, 59 n.122, 107
- Strózyński - 64 n.133, 65 n.136, 67 n.147
- Stubbings - 51 n.102
- Suda - 23, 39
α2634 - 101
φ 4 - 92 n.197
φ527 - 21, 49, 50
- Suetónio (Suet.) - 44
Augustus (Aug.)
6 - 66
72 - 53 n.108
80.1 - 85 n.185
83 - 84 n.182
Caligula (Calig.)
22.1 - 85 n.185
32.2 - 85 n.185
50.1 - 85 n.185
Domitianus (Dom.)
18.2 - 85 n.185
Galba (Galb.)
21.1 - 85 n.185
Iulius (Jul.)
45.2 - 85 n.185
Nero (Ner.)
28-29 - 96 n.206
29 - 97 n.208
34 - 67 n.143
51 - 85 n.185
57 - 64 n.131
Tiberius (Tib.)
60 - 85 n.185
68 - 85 n.85
Vitellius (Vit.)

- 17 - 85 n.185
 Sulimani - 53 n.106
 Suter - 85 n.184
 Swancutt - 91 n.195
 Sykes - 24 n.37, 34 nn.62-64, 35
 nn.64, 67, 39, 40 nn.77, 78,
 42 n.82, 49 n.99
 Syme - 86 n.186
- T**
- Taciano (Tat.) - 42
Oratio ad Graecos (Or.)
 33.15-17 - 86 n.188
- Tácito (Tac.) - 44
Annales (Ann.)
 6.12.1 - 111
 6.12.3 - 111
 6.28 - 58 n.120, 145 n.326
Historiae (Hist.)
 1.2 - 64 n.131
 2.8 - 64 n.131
- Taigeto (*Apothetai*), Monte [top.]
 - 77 n.167
- Talo - 29 n.46, 30, 31
Histórias
 3 - 36 n.69
- Tânato [mit.] - 68 n.149
- Tanetana [top.] - 55, 151
- Tânfió - 151
- Tântalo [mit.] - 19 n.21
- Tarn - 14 n.5
- Tarquínio - 112
- Tarracina [top.] - 41 n.80
- Tártaro [mit.] - 63
- Tartésios [etn.] - 55, 152
- Tauro [top.] - 128
- Teágenes de Régio - 18 n.18
- Temesa [top.] - 69 n.153
- Temporini - 45 n.92
- Teófane-carneiro [mit.] - 97 n.208
- Teofrasto (Thphr.) - 17 n.16, 19
 n.20, 125 n.246
*Sobre animais que aparecem em
 grupos, Περί τῶν ἀθρόως
 φαινόμενων ζώων* - 15 n.9
Characteres (Char.)
 16.1-2 - 20 n.24, 66
- Teopompo de Quios (Theopomp.
 Hist.) - 60, 104
Philippika
 8 - 54 n.109
- Teopompo de Sinope
*Acerca dos Sismos [no Bósforo de
 Ciméria]* - 141
Thaumasias, Θαυμάσια - 15 n.9
Teosofia de Tübingen - 112 n.231
- Terbécia [top.] - 107
- Terento [top.] - 154 n.342
- Térina [top.] - 109
- Termópilas [top.] - 53 n.107, 54,
 125
- Terra [mit.] - 90 n.195
- Terracina [top.] - 108
- Tertuliano (Tert.)
ad Judaeos
 8 - 35 n.66
Apologeticum (Apol.)

- 5 - 25 n.38
 21 - 24 n.35
 21.18-20 24 n.36
De resurrectionis carnis / De resurrectione mortuorum - 31 n.51
 Tespésio de Soloi - 65 n.136
 Tessália [top.] - 54
 Tessalónica [top.] - 71
Thanatos ('Morte') [mit.] - 64 n.135
 Thatcher - 93 n.203
 Thayer - 67 n.147
 Thomas - 13 n.1, 98 n.210
Thyestes umbra [mit.] - 77 n.168
 Tiano(a,s) [etn.] - 55, 150
 Tibério César - 26, 16 n.39, 28 n.44, 29, 34, 37, 38, 40 n.77, 53 n.107, 101, 102, 111, 139
 15º ano - 29 n.47, 35, 35 n.66, 36
 16º ano - 35 n.66
 18º ano - 33, 34
 19º ano - 33 n.66, 34
 Tibério Cláudio Jasão Magno - 133 n.273
 Tibério Nero - 53 n.107, 102, 111
 Tibre, Rio [top.] - 54, 89, 143, 154
 Tíbur [top.] - 113
 Tíbur, Sibila de - 113
 Tíc{o}, filho de - 149
 Tífon [mit.] - 97 n.208
 Tillemont - 22 n.30, 43 n.84, 75 n.163
 Timeu - 15 n.8
 Timon, filha] de - 150
 Tirésias [mit.] - 92, 93, 93 n.204, 130, 130 n.256, 131, 131 n.261
 Tirteu (Tyrt.)
 fr. 6.7.1-2 Diehl - 104
 fr. 9.32-34 Diehl - 104
 Titãs [mit.] - 78 n.171
 Títio (Gigante) [mit.] - 99
 Tito - 104, 150, 151
 Tito (Imperador) - 103
 Tito, filho de - 150, 151
 Tito, liberto de - 151
 Tito António - 105, 150, 151
 Tito Camúrio Tércio - 150
 Tito Cotina Crisanto - 151
 Tito Curtílio Mância - 56, 143
 Tito Emílio - 149
 Tito Erúsio Pólio - 150
 Tito Estatílio Tauro (Corvino) - 56, 132
 Tito Numério - 150
 Tito Petrónio - 150
 Tito Purénio Tutus - 152
 Tito Sérvio Segundo - 150
 Tito Sextio Africano - 56, 143
 Tito Veterânio - 150
 Tito Vibio Talbio - 149
 Títos - 103
 Toante, casa [mit.] - 19 n.21
 Toas [mit.] - 19 n.21
 Tobias Magirus - 44, 44 n.88

- Tono, filho de - 150
- Torres Guerra - 89 n.190
- Trácio(s) [etn.] - 128
- Trajano - 53 n.107, 56, 57, 83, 143, 144
- Trales [top.] - 3,-5, 11, 13 n.3, 16 n.13, 21, 21 n.28, 38 n.70, 41 n.80, 45, 115, 147, 157
- Traliano [etn.] - 5, 9, 12, 17 n.15, 21 n.28, 25, 27, 27 n.42, 30 n.50, 31, 38, 39, 41, 41 n.80, 42, 45, 46, 49, 56, 58, 71, 87, 89, 92, 93, 105, 109
- Tranião - 77 n.168
- Trasiló - 141
- Trasimedes - 70 n.154
- Traslo - 56
- Trentin - 84 n.182, 86 nn.186, 187
- Trento [top.] - 54, 142
- Triário - 109
- Tríbadas [etn.] - 96 n.207
- Tribos Africanas [etn.] - 86 n.187
- Triburtina [top.] - 113
- Tridentino [etn.] - 87
- Trináquia [top.] - 127
- Tritão (-ões) - 54 n.109
- Troca Pereira - 3-5, 11, 13, 19 n.21, 51 n.102, 61 n.123, 68 n.147, 77 n.168, 89 n.190, 90 n.193, 91 n.195, 130 n.256
- Trófilo - 16 n.13
- Troia [top.] - 68 n.149
- Troia, queda de - 29 n.46,
- Troiano(s) [etn.] - 95, 137
- Trombetta - 92 n.198
- Tucídides (Th.) - 15 n.8
5.49 - 110
- Tuner - 51 n.102
- Turélia Forense - 150
- Turner - 91 n.195
- Tutankamon - 86 n.187
- Tuzin - 123 n.245
- Tzetzes
ad Lyc.
811 - 68 n.149
Historiarum variarum chiliades
(H.)
2.151 - 13 n.3
7.10-48 - 88 n.190
7.621-760 - 18 n.17
- U**
- Ulisses [mit.] - 69 n.153, 70 n.154
- Ulrichs - 13 n.16
- Universidade de Heidelberg - 17 n.15
- Ūr.s.y.w.s. [filósofo] - 30 n.50
- Úrano [mit.] - 63, 82 n.176
- V**
- Vaillant - 19 n.21
- Valério Máximo (V. Max.)
9.1.3 - 96 n.207
- Valésio, Seguidores de - 90 n.195
- Valk - 90 n.195
- Vallejo Girvés -17 n.15

- Vanotti - 14 n.7, 59 n.122
- Varrão
Logistorici: Gallus Fundanius de Admirandis vel De Imaginibus de Forma Philosophiae - 14 n.6
- Veleia - 55
- Veleia [top.] - 149
- Velitra [top.] - 108
- Vénus [mit.] - 91 n.196
- Vernant - 23 n.32
- Vespasiano - 103
- Vetta - 18 n.17
- Veyne - 82 n.177, 86 n.186
- Vickers - 18 n.17
- Vinício - 35 n.66
- Virgílio (Verg.) - 108
Aeneis (A.)
 1.353-356 - 65
 2.270-279 - 65
 4.450-476 - 69 n.151
Georgica (G.)
 2.47.478-480 - 36 n.69
- Virgínia - 69
- Vitêlio - 85 n.185
- Vitrúvio
 8.3.4 - 17 n.13
 8.3.12 - 17 n.13
 8.3.14 - 17 n.13
 8.3.17 - 17 n.13
- Von Blumenthal - 89 n.190
- Vopisco
- Saturnino
 7 - 21 n.28
- Vóssio
Harm. Ev. 1. z, cap. X - 40 n.79
- W
- Wace - 51 n.102
- Wadi Ze'elim - 29 n.45
- Waddington - 31 n.55
- Walker - 53 n.106
- Walters - 110 n.225
- Wehrli - 19 n.20, 125 n.246, 131 n.259
- Weiss - 39, 39 n.72
- Wenskus - 13 n.1
- West - 29 n.46, 31 n.52
- Westermann - 48, 59 n.122
- Westmoreland - 61 n.123
- Whiston - 24 n.37, 35 n.64, 39
- Whitmarsh - 22 n.31
- Williams - 29 n.45, 36 n.68, 143 n.316
- Wilmot - 24 n.37
- Winiarczyk - 19 n.21
- Winkler - 91 n.195, 97 n.208
- Wipprecht - 18 n.19, 19 n.22
- Wiseman - 53 n.106
- Wittkower - 18 n.17
- Wolf - 51 n.102
- Woolf - 84 n.182
- Worthington - 117 n.233

X

- Xamanismo - 65
 Xanto da Lídia - 15 n.8
 Xenófanes de Cólofon - 18 n.18,
 106
 DK 21 B 20 - 106
 Xenofonte (X.) - 104
Anabasis (An.)
 1.2.13 - 54 n.109
Institutio Cyri Cyropaedia
(Cyr.)
 4.3.19-20 - 88 n.190
 Xifilino
apud Sykes 1732: 77g - 42 n.82
 Xilandro - 46, 48

Z

- Zagreu [mit.] - 62 n.127, 63, 78
 n.171
 Zalmoxis - 64 n.131
 Zatchlas - 61 n.123
 Zecedente - 150
 Zeitlin - 62 n.127, 97 n.208
 Zenão - 17
 Zeus [mit.] - 68 n.49, 82 n.176, 88
 n.190, 90 n.195, 94, 96 n.207,
 97 n.208, 98 n.212, 101, 109,
 126 n.248, 127, 131, 131
 n.259, 154, 160
 Zeus-águia - 97 n.208
 Zeus *Alexikakos* - 111, 132
 Zeus/Anfitrião - 109, 110
 Zeus *Apotropaios* - 59, 80, 126
 Zeus-cisne - 97 n.208

- Zeus Crónida - 126
 Zeus-fogo - 97 n.208
 Zeus-sátiro - 97 n.208
 Zeus-serpente - 97 n.208
 Zeus-touro - 97 n.208
 Zeus *Xenios* - 75, 111, 120
 Zeus, filho de - 109
 Ziegler - 13 n.1
 Zwierlein - 83 n.178

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquílides. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
54. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
55. Reina Marisol Troca Pereira: *Flégon de Trales Phlegon of Tralles. História, Histórias e Paradoxografia: Opera Omnia*, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).

Autor clássico tardio de expressão grega, Flégon Trales ganhou notoriedade reconhecida por séculos, através de obra mormente perdida para a hodiernidade, à exceção de alguns fragmentos e secções de *Sobre Maravilhas*, *Acerca de Vidas Longas* e *Sobre as Olimpíadas*. Poderia constituir apenas mais um legado a acrescentar a tantos outros. Porém, a escrita de Flégon mostra-se enriquecedora, permitindo assistir a notas orientais; à assimilação cultural empreendida pelos dominadores militares romanos; à vivência e ao valor de elementos tradicionais pagãos num paradigma judaico-cristão que em certos casos demonstra a apropriação indevida e abusiva de afirmações do historiador traliano. Os temas poderão simplesmente entender-se como matéria leviana de gosto popular, marcada pela exploração de temáticas grotescas e assombrosas. Porém, uma exegese distinta proporcionará uma elevação dos *opuscula* do Taliano, se entendidos como invólucros enigmáticos de realidades sociais com atualidade então e agora.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

